

MICHELE NEGRINI

**A MORTE EM HORÁRIO NOBRE: A ESPETACULARIZAÇÃO DA
NOTÍCIA NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO**

Tese apresentada como requisito para
obtenção do grau de Doutor, pelo Programa
de Pós-Graduação em Comunicação Social
da Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Beatriz Dornelles

Porto Alegre,
Março de 2010.

N392m Negrini, Michele

A morte em horário nobre: a espetacularização da notícia no telejornalismo brasileiro/ Michele Negrini. - Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.
248 f.

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, 2010.

1. Telejornalismo 2. Morte 3. Comunicação 4. Jornal Nacional (Programa de televisão) 5. Jornal da Band (Programa de televisão) I. Dornelles, Beatriz II. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social III. Título

CDU: 070.431:654.197

Michele Negrini

**A MORTE EM HORÁRIO NOBRE: A ESPETACULARIZAÇÃO DA
NOTÍCIA NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO**

Tese apresentada como requisito para
obtenção do grau de Doutor, pelo Programa
de Pós-Graduação em Comunicação Social
da Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Porto Alegre, 29 de março de 2010.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alfredo Vizeu Pereira Júnior/UFPE

Prof. Dr. Flávio Camargo Porcello/UFRGS

Prof. Dr. Leomar Brustolin/PUCRS

Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt/PUCRS

Prof. Dra. Beatriz Dornelles/ PUCRS

Porto Alegre,
Março de 2010

***Com muito carinho:
aos meus pais.***

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter sido luz nas circunstâncias difíceis deste trabalho.

Aos meus pais, Darci e Terezinha, pelo amor, carinho, dedicação e estímulo.

À minha orientadora Beatriz Dornelles, pela amizade e pelas orientações.

Aos professores Antônio Hohlfeldt e Leomar Brustolin, pelas contribuições no momento da qualificação.

Às amigas Cynthia Correa e Silvana Dalmaso, pelas instigantes reflexões e inspirações, que foram fundamentais para a finalização desta pesquisa.

Aos amigos Alexandre Augusti, Eliana Cogoy e Roberta Brandalise, pela amizade sincera e pela divisão das muitas angústias surgidas ao longo deste estudo.

Aos tios Arli e Helenita e à prima Gabriela, pela amizade e pela acolhida em sua casa, em Porto Alegre.

Aos professores do curso de Jornalismo da Unipampa, em especial às amigas Carlida Emerim, Joseline Pippi e Mara Ribeiro, pelo apoio constante.

RESUMO

A morte é uma temática permeada por complexidades e as significações que assume para os homens são distintas. Desta forma, a manifestação da finitude humana no espaço televisivo oferece uma riqueza de possibilidades para investigações acadêmicas. As reportagens que abordam a morte no Jornal Nacional e no Jornal da Band são o foco desta pesquisa, que busca verificar que caracterização os dois telejornais dão à temática da finitude humana, na perspectiva do contexto da cultura das sociedades ocidentais contemporâneas. Preocupamo-nos também com a observação da caracterização dos mortos que tiveram espaço no jornalismo televisivo e na reflexão sobre a postura dos dois telejornais diante de pautas sobre a morte. A partir do suporte metodológico da Análise do Discurso de Linha Francesa, analisamos o funcionamento discursivo dos dois telejornais. O *corpus* de pesquisa foi composto por seis edições do Jornal Nacional e seis edições do Jornal da Band, as quais foram ao ar no período de 20 a 25 de outubro de 2008. Estiveram sob o olhar deste estudo todos os casos de morte apresentados nos telejornais que compõem o *corpus*. As edições têm como caso principal a cobertura da morte da adolescente Eloá Pimentel, que foi mantida em cativeiro por mais de cem horas, pelo ex-namorado, Lindemberg Alves, em Santo André – São Paulo, e foi alvejada por ele no desfecho do seqüestro, no dia 18 de outubro de 2008. Entre as nossas conclusões, ganha destaque a constatação de que a construção do discurso sobre a morte no Jornal Nacional e no Jornal da Band está abarcada na espetacularização, e que o telejornalismo tem se configurado como um espaço público para o choro da morte.

Palavras-chave: Telejornalismo. Espetacularização. Morte. Jornal Nacional. Jornal da Band.

ABSTRACT

Death is a theme full of difficulties and the meanings differ to men in general. This way, the manifestation of human finitude on TV offers a lot of possibilities to academic investigations. The reports that address death in *Jornal Nacional* and in *Jornal da Band* are the focus for this research, that seeks to verify the characterization that each newscast give to the theme of human finitude, viewing the context of the culture of contemporary Western societies. Also worried about observation of the characterization of the dead people that had room in television journalism and the reflection on the attitude of the two newscasts unrehearsed on the death. From the methodological support from the Analysis Discourse of French Line, it was analyzed the discursive functioning of the two newscasts. The body of research was composed of six issues of *Jornal Nacional* and six issues of *Jornal da Band* in which were broadcasted in the period from October 20th to 25th, 2008. All cases of death presented on the evening news that make up the corpus were under the gaze of this study. The issues have as the main case the coverage of the death of the teenager Eloá Pimentel that was kept in captivity for more than a hundred hours by her ex-boyfriend, Lindemberg Alves, in *Santo André – São Paulo* and she was targeted by the outcome of the kidnapping, in October 18th, 2008. Among our conclusions, the highlight is the finding that the construction of speech about death on *Jornal Nacional* and *Jornal da Band* is embraced in spectacle, and that the telejournalism has been marked as a public space for the cry of death.

Keywords: Newscast. Spectacularization. Death. *Jornal Nacional*. *Jornal da Band*.

LISTA DE SIGLAS

JN - Jornal Nacional

JB – Jornal da Band

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:	Imagem de Maria Augusta, receptora do coração de Eloá	143
Figura 2:	Imagem do enterro de Eloá Pimentel	146
Figura 3:	Imagem de mensagem de despedida à adolescente morta.....	146
Figura 4:	Imagem de fila para o velório de Eloá Pimentel	149
Figura 5:	Imagem de multidão no funeral de Eloá Pimentel	150
Figura 6:	Imagem do transplante dos pulmões de Eloá em garota de 18 anos	156
Figura 7:	Imagem de Maria Augusta (receptora do coração de Eloá)	157
Figura 8:	Imagem da multidão no funeral de Eloá	159
Figura 9:	Imagem da concentração de público no enterro da adolescente	159
Figura 10:	Imagem de Lindemberg Alves com Eloá – durante o sequestro de Santo André	164
Figura 11:	Imagem de Lindemberg Alves rendido pela polícia.....	164
Figura 12:	Imagem do velório de Eloá	196
Figura 13:	Imagem do velório de Eloá	197
Figura 14:	Imagem do velório de Eloá	197
Figura 15:	Imagem do velório de Eloá	197
Figura 16:	Imagem de abraço entre a mãe e o irmão de Eloá Pimentel	198
Figura 17:	Imagens de jovens emocionados no enterro de Eloá	199
Figura 18:	Imagem do enterro de Arthur Sendas	200

Figura 19: Imagem do velório da adolescente assassinada por Lindemberg Alves	202
Figura 20: Imagem do velório da adolescente assassinada por Lindemberg Alves.....	203
Figura 21: Imagem do velório da adolescente assassinada por Lindemberg Alves	203
Figura 22: Imagem do velório da adolescente assassinada por Lindemberg Alves	203
Figura 23: Imagem de amigas de Eloá emocionadas em seu funeral.....	204
Figura 24: Imagem de momento de emoção da irmã de Arthur Sendas.....	205

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	A MORTE.....	17
2.1	ASPECTOS HISTÓRICOS.....	21
2.2	A MORTE NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	37
2.3	O HOMEM PERANTE A MORTE	43
2.4	DO LUTO AO INDIVIDUALISMO	51
2.5	A MORTE NA MÍDIA	60
3	DISCUSSÕES SOBRE O CAMPO JORNALÍSTICO.....	65
3.1	REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS.....	65
3.2	TELEVISÃO: LAÇO ENTRE OS PÚBLICOS.....	84
3.3	TELEVISÃO: ESPAÇO DE VISIBILIDADE.....	94
3.4	O ESPETÁCULO NO TELEJORNALISMO.....	101
4	OS DISCURSOS DO JORNAL NACIONAL E DO JORNAL DA BAND.....	114
4.1	ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA COMO REFERÊNCIA.....	114
4.1.1	Interdiscurso e memória	121
4.1.2	Condições de produção do discurso	122
4.2	O JORNAL NACIONAL	124
4.3	O JORNAL DA BAND	129
4.4	APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	130
4.5	<i>CORPUS</i> DISCURSIVO	133

5	A ESPETACULARIZAÇÃO DA MORTE: EM BUSCA DE CONSTATAÇÕES EMPÍRICAS.....	137
5.1	ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	138
5.1.1	A marca do espetáculo: construindo o cenário da morte	140
5.1.2	Os convidados a morrerem no telejornalismo	168
5.1.3	A lógica maniqueísta: morto virtuoso X criminoso mau	174
5.1.4	O risco de morte: a sociedade em perigo.....	189
5.1.5	O telejornal como um palco para o choro da morte e para a demonstração de sofrimentos	193
5.1.6	A amenização da dor	207
5.1.7	A responsabilidade do Estado.....	212
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	228
	REFERÊNCIAS.....	236

1 INTRODUÇÃO

A televisão é um meio de comunicação que, além dar ao público a possibilidade de entretenimento, de ser fonte de notícias e, também, de conhecimento, pode apresentar-se como uma forma de laço (WOLTON, 1996) entre as pessoas, proporcionando a elas assuntos para que interajam no cotidiano.

A TV tem destaque entre os veículos de comunicação, tendo em vista que ela geralmente ocupa um lugar especial nas residências das pessoas e tem espaço no cotidiano do público. Para Rezende (2000, p.31): “Inegavelmente, a TV é o principal veículo de comunicação do sistema de comunicação de massa brasileiro”. Na atualidade, ela tem passado por constantes mudanças na programação e na forma de focar os conteúdos apresentados, que implicam na exaltação da espetacularização no contexto televisivo. Esta espetacularização é um ingrediente presente, inclusive, na grade de jornalismo de muitas emissoras, as quais, mesmo que de forma sutil, apresentam programas *shows* como forma de sedução do público.

Um conjunto de elementos, como exploração das emoções e especulações sobre a vida particular das pessoas envolvidas nos casos apresentados, misturados com itens do jornalismo ocupam constantemente o espaço do jornalismo televisivo. Falar na união entre jornalismo e espetacularização remete à postura de muitos telejornais, como o Jornal Nacional e o Jornal da Band, frente a eventos que envolvem temas polêmicos, como a morte.

O Jornal Nacional e o Jornal da Band são telejornais de credibilidade no cenário nacional e, cada um com suas peculiaridades, possuem configurações que os tornam objetos interessantes e singulares para estudos. Estamos tratando de telejornais de referência e com respaldo entre o público, mas que, ao tratar da morte, acabam recorrendo a recursos espetaculares.

A morte é uma temática dotada de complexidades. Ela é um assunto cujas reflexões, hipóteses e argumentos, fora do campo biológico, têm especificidades das características de cada cultura e, também, do período histórico em que vai ocorrer. Concepções sobre a mortalidade também podem ser influenciadas por crenças religiosas. A morte é uma temática estrutural para o homem, pois ele só se entende a partir do reconhecimento de sua condição de mortal (SIMMEL, 1998). Os seres

humanos são a única espécie que tem a consciência da morte (RODRIGUES, 1983) e a certeza da finitude no decorrer de sua existência. Diante disso, as formas de viver são delineadas pelo conhecimento acerca do fim da vida.

A finitude humana é um assunto considerado interdito nas sociedades ocidentais urbanas da atualidade (ARIÈS, 2003). Apesar disso, a temática da morte tem evidente espaço nos meios de comunicação. Mouillaud (2002a), fazendo referência ao jornalismo impresso, aponta que a morte faz parte da pauta cotidiana do jornalismo e que diferentes tipos de mortos ocupam as páginas dos jornais, como: os mortos de serviço, que compõem a necrologia; os mortos acidentais; os mortos dos conflitos, das guerras e das revoluções, que passam a fazer parte da história; e o Grande Morto, que se destaca pelo seu nome, pela sua fama.

A morte já foi nosso objeto de estudos na dissertação de mestrado, apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde pesquisamos mais especificamente como ela era abordada no extinto Linha Direta, da Rede Globo, e como era trabalhada a imagem dos criminosos e vítimas no programa. Naquele trabalho, chegamos a algumas conclusões, como a importância do tratamento “diferenciado” para a morte nos meios de comunicação, dependendo da cultura onde ela estiver inserida. Abordar a morte precisa ir além da simples transmissão detalhada de imagens violentas e com ingredientes espetaculares. É tratar de um elemento que, muitas vezes, é de difícil aceitação e que inspira estudos mais aprofundados.

O resultado da dissertação deu respaldo para que novos questionamentos fossem levantados e para a pontuação de novos itens interessantes para pesquisa acerca da temática da apresentação da morte no jornalismo. Entre eles, destacam-se a forma com que programas de telejornalismo de referência, como o Jornal Nacional e o Jornal da Band, “trabalham” a morte. A escolha dos dois telejornais deu-se pelo fato deles serem bastante conhecidos nacionalmente e irem ao ar no horário nobre.

Dentro destas interessantes perspectivas midiáticas, que são o Jornal Nacional e o Jornal da Band, a proposta desta pesquisa é verificar, utilizando o suporte da Análise do Discurso de linha francesa, a forma como a morte é apresentada no jornalismo televisivo. O objetivo geral deste estudo é analisar os elementos que foram enquadrados para a construção do discurso da morte e para a

caracterização dos mortos no Jornal Nacional e no Jornal da Band. A partir deste recorte, destacam-se os objetivos específicos:

- Mapear as marcas discursivas que instituem sentidos sobre a morte nas falas dos diversos locutores dos dois telejornais;
- Estabelecer o perfil de quem é convocado a morrer na televisão, a partir de um olhar comparativo entre o jornal Nacional e o Jornal da Band;
- Verificar se há um comportamento padrão do telejornalismo ao apresentar a morte, levando-se em conta as teorias da notícia;
- Apontar quais seriam os principais critérios a serem adotados para uma cobertura da morte no telejornalismo, considerando as características da cultura ocidental e da teoria jornalística.

Estes objetivos foram focados na solução do problema: O jornalismo televisivo explora excessivamente as emoções de pessoas impactadas pela ocorrência da morte. De que forma as emoções dos cidadãos comuns são exploradas? Existe alguma forma, a partir das teorias da notícia e da comunicação, que possa impedir esse tipo de exploração da morte? Ou seria necessária a mobilização da sociedade? O que pode ser feito? Que lógicas discursivas e enunciativas se sobressaem nos dois telejornais no momento em que a morte é apresentada? Quais são os principais sentidos instituídos sobre a morte no Jornal Nacional e no Jornal da Band? De que forma a instituição telejornalística participa da configuração desses sentidos?

O trabalho está organizado em seis capítulos. Depois desta breve introdução, que é o primeiro, temos o capítulo dois, no qual são apresentadas reflexões sobre a morte, que perpassam temas como aspectos históricos sobre a finitude humana no ocidente, a morte na sociedade brasileira, as atitudes do homem perante a morte e a apresentação da morte na mídia. As discussões sobre a morte têm suporte em autores como: Edgar Morin, Philippe Áries, Elisabeth Kübler-Ross, George Simmel e Mauro Koury.

No terceiro capítulo, discutimos o campo jornalístico, percorrendo temas como objetividade jornalística, critérios de noticiabilidade e teorias da notícia. A televisão é debatida neste capítulo: é abordada a perspectiva da televisão como um laço social; da TV como um espaço de visibilidade para a morte; e são apresentadas reflexões sobre a espetacularização no espaço do jornalismo televisivo.

A Análise do Discurso, que é a proposta metodológica desta pesquisa, é conceituada no quarto capítulo, onde também são aprofundados alguns conceitos referentes ao assunto. Neste capítulo, também são apresentadas algumas reflexões sobre as trajetórias do Jornal Nacional e do Jornal da Band, objetos deste estudo.

No quinto capítulo, apresentamos a análise de seis edições do Jornal Nacional e de seis edições do Jornal da Band, as quais foram ao ar no período de 20 a 25 de outubro de 2008. O caso de morte de destaque nesse período foi o assassinato da adolescente Eloá Pimentel, que foi seqüestrada pelo ex-namorado – em Santo André (SP), ficou mantida em cativeiro por mais de cem horas e foi alvejada por ele no desfecho do seqüestro. E o sexto capítulo apresenta as considerações finais.

Apesar de já existirem estudos sobre programas televisivos e também sobre o Jornal Nacional e o Jornal da Band, não foi encontrada nenhuma pesquisa nos mecanismos de busca especializados¹ com o enfoque que estamos propondo. O esforço dessa investigação se justifica pela importância de discutir a divulgação da morte, de forma espetacularizada, no jornalismo televisivo, levando-se em conta o contexto cultural atual em relação à temática. A televisão, ao transmitir a morte, quebra com o parâmetro cultural das sociedades ocidentais atuais, de que a morte é interdita e, desta forma, acaba se constituindo em um espaço público para o choro da morte.

¹ Foi consultado o banco de teses e de dissertações da Capes.

2 A MORTE

A morte é um elemento estrutural para o entendimento do homem, pois o ser humano só se reconhece a partir da aceitação de sua finitude. A vida está estreitamente ligada à significação que se atribui à morte. A consciência da própria finitude é constitutiva do ser humano. A concepção que o homem tem sobre a vida e sobre a morte fazem parte de um único comportamento fundamental. Com o reconhecimento da morte, a vida se torna mais plena, a consciência do fim embasa um olhar diferenciado sobre o presente, dando forma à vida. A adaptação à idéia de morte oferece bases para a vivência. Mesmo que algumas pessoas visualizem a morte como algo sombrio, que seja sinônimo de trevas, a morte está intimamente ligada à vida (SIMMEL, 1998).

Pode-se ver claramente a significação da morte como criadora de forma. Ela não se contenta com limitar nossa vida, quer dizer, dar-lhe forma à hora do desenlace; ao contrário, a morte é para a nossa vida um fator de forma, que vai matizar todos os seus conteúdos, fixando-lhe inclusive os limites. A morte exerce a sua ação sobre cada um dos seus conteúdos e dos seus momentos; a qualidade e a forma de cada um deles seriam outras se lhes fosse possível sobrepor-se a esse limite imanente (SIMMEL, 1998, p. 178-179).

O homem precisa ser entendido na sua totalidade. E é na totalidade do ser que a morte deve ser analisada. A morte não pode ser vista desvinculada de um contexto de vida e como um acontecimento isolado (NODARI, 2007). A morte é um eixo norteador das culturas ao longo da história. Segundo Castells (1999), o tempo na sociedade e na vida é medido pela morte. É ela que estabelece o tempo cronológico da vida do homem.

Brustolin (2007) diz que não é possível, para o homem, enxergar a morte apenas como o fim das funções fisiológicas, como sendo a negação da vida ou o fim do sujeito. Como o ser humano tem consciência de sua finitude, ele tem consciência de suas limitações e age de forma a construir a sua vida e a se constituir, não se deixando guiar apenas por impulsos biológicos.

Falar da morte é falar de vida. Não se pode pensar em viver sem tratar do morrer. A vida e a morte estão intimamente conectadas. Presente e futuro nos fascinam tanto, porque queremos vislumbrar as conquistas e realizações, quanto nos atemorizam a frustração, o limite e o fim (BRUSTOLIN, 2007, p. 7).

A relação que os seres humanos têm com a idéia de sua finitude é indispensável para que toda a sua vivência seja delineada e é fundamental para que todas as outras determinações da vivência sejam articuladas (DASTUR, 2002). A morte é fundadora para o viver. É ela que faz com que vida tenha sentido. Ter consciência da morte é o principal fator que diferencia o ser humano dos outros animais e que o caracteriza como tal (RODRIGUES, 1983).

Os outros animais, como não possuem capacidade de se reconhecerem como indivíduos, não conseguem ter a consciência de sua finitude (RODRIGUES, 1983). A consciência da morte é uma das maiores conquistas construtivas do homem, ela dá bases para constituição do homem. Conforme a reflexão de Morin (1988, p. 16-17):

A morte situa-se exatamente na charneira bioantropológica. É a característica mais humana, mais cultural, do anthropos. Mas se, nas suas atitudes e crenças perante a morte, o homem se distingue mais nitidamente dos outros seres vivos, é aí mesmo que ele exprime o que a vida tem de mais fundamental. Não tanto o querer viver, o que é um pleonasma, mas o próprio sistema de viver.

O ser humano está aberto ao mundo pelo fato de saber que há uma finitude para a sua vida. A existência do homem está fundamentada no seu fim. Dastur (2002) salienta que é só existindo que somos testemunhas da morte, mesmo que estejamos em constante luta contra ela, que queiramos vencê-la a todo o momento e que, para isso, utilizemos um arsenal de técnicas avançadas. A autora ressalta a importância da morte para a existência humana, dizendo que o existir não é nada mais que o dom que a morte, em sua onipotência, presenteia ao homem, sendo que a morte nunca é abalada pelo trabalho humano de tentar retardá-la ou vencê-la.

A consciência da morte é um elemento conflituoso para os seres humanos, mas fundamental para o entendimento de sua essência. É através da consciência da morte que o homem tem a noção de sua transitoriedade e dos limites de sua existência (FREIRE, 2006).

Como os humanos constituem a única espécie que tem a consciência da morte (RODRIGUES, 1983), a sua essência está associada às suas crenças sobre a finitude. As formas de viver têm amplas relações com o fim. Dastur (2002) salienta que o conhecimento que as pessoas apresentam do próprio fim é que torna possível a relação que os humanos têm com a própria mortalidade. O morrer não é apenas uma determinação exterior da existência, um acidente, mas um atributo essencial do homem. Para a pensadora, o conhecimento do homem acerca de sua finitude é tão fundamental para a sua essência como a linguagem, o pensamento e o riso, e a humanidade só alcança a consciência de si mesma através do enfrentamento da morte.

É no momento da morte que o homem se revela ao mundo. É nas atitudes diante do momento derradeiro da vida que o ser humano evidencia as suas diferenças em relação aos outros seres vivos. A morte é a imagem do homem; e quando ele for observá-la, vai identificar a si próprio. Desta forma, o homem e a morte estão tão interligados, que tentar separá-los é um desejo louco (MORIN, 1988).

Bayard (1996) polemiza dizendo que como nenhum homem vivo “passou” pela morte, ninguém tem conhecimento para falar dela com autoridade, analisá-la ou defini-la. Tudo fica no campo das suposições. Mesmo assim, todos temem o momento derradeiro da vida.

Para Chiavenato (1998), a morte é o tema mais delicado e controverso da história cultural da humanidade. Morin (2005a) salienta que é na morte que se dá a maior ruptura entre o espírito humano e o mundo biológico. “Na morte, encontram-se, chocam-se, ligam-se o espírito, a consciência, a racionalidade e o mito” (MORIN, 2005a, p. 45). O autor ressalta que é na morte que o homem constrói o entendimento de si.

O momento em que o homem se dá conta que vai morrer é fundamental para a preservação da cultura. Com a consciência da morte, o homem tem a preocupação de transmissão e de conservação de todo o seu patrimônio cultural. A morte leva à difusão de hábitos, costumes e conhecimentos, que são passados

entre gerações. Assim, na medida em que o ser humano entende que vai morrer, ele busca a permanência de sua cultura e acaba dando um sentido mais consistente para a sua vida. Dastur (2002) ressalta que toda cultura acaba sendo uma cultura da morte.

A morte é encarada diferentemente, de acordo com os pontos de vista das sociedades onde ocorre e dos indivíduos que a presenciam. Rodrigues (1983) salienta a importância da morte para o desenvolvimento da história de determinadas culturas:

Seja do ponto de vista dos seus estilos particulares de acontecer aos indivíduos, seja do ponto de vista de sua rejeição pelas práticas e crenças, seja sob o ângulo de sua apropriação pelos sistemas de poder, a morte é um produto da história. Ao mesmo tempo, a história, tanto quanto produto da vida dos homens em sociedade, é resultado da morte deles. As sociedades se reproduzem porque seus membros morrem (RODRIGUES, 1983, p. 115).

É traço marcante da cultura ocidental a característica da conservação da vida e de banimento da morte. Tais sociedades priorizam apagar a ideia de que o homem possa ser mortal, de que ele tenha fim, e preferem sempre exaltar a permanência da vivência. Rodrigues (1983) ressalta que esta reafirmação insistente da a-mortalidade do homem, por parte destas sociedades, na verdade, ocasiona a criação da morte verdadeira, da morte profunda. Para o autor, é pela negação da finitude do homem que a cultura ocidental criou e enraizou a morte.

Freud (1996) sustenta a ideia de que a morte é o resultado necessário da vida, que cada um deve à natureza uma morte e que deve pagar esta dívida. Assim, a morte adquire uma posição natural, inegável e inevitável. Mas, o homem tenta, de todas as formas, eliminar a morte de seu viver, tenta silenciá-la e negá-la. Na análise do autor, para o homem, é impossível imaginar a sua própria morte, e ele prefere ver a finitude humana no patamar de espectador.

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

O posicionamento do homem diante da finitude humana está relacionado com a sociedade e com a cultura que está vinculado. O espaço, a localização geográfica e a religiosidade são aspectos importantes na determinação dos modos do ser humano agir diante da morte. Neste trabalho, vamos nos deter nas atitudes das sociedades ocidentais diante da finitude humana. Loureiro (1998, p. 92) reflete as diferenciações existentes nas atitudes das pessoas diante do fim da vida:

As atitudes diante da morte dependem das relações que os homens mantinham uns com os outros e com a natureza, do seu apego a bens e de sua religião. No passar inexorável do tempo, as relações entre os homens modificam-se e as imagens que o homem faz da vida e da morte se diferenciam (LOUREIRO, 1998, p. 92).

Ocorreram mudanças, no decorrer do processo histórico, nas atitudes das sociedades ocidentais diante da doença e da morte. Essas alterações se deram de forma lenta e gradual. Ao observar-se o comportamento das pessoas diante da finitude humana no decorrer da história, as diferenciações nos modos de agir se tornam salientes.

Segundo Morin (1988), não existe praticamente qualquer grupo arcaico, por mais primitivo que seja, que abandone os seus mortos sem a realização de rituais. Ele acrescenta que a etnologia mostra que os mortos sempre foram ou são alvos de crenças que correspondem à lógica de sua sobrevivência.

Já nos vocabulários mais arcaicos, a morte é tratada como um sinônimo de vida, como um mito. Ela é referenciada como um sono, como uma viagem, como um acidente, uma doença, um malefício, como uma entrada para a morada dos antepassados (MORIN, 1988).

Esta imortalidade pressupõe, contudo, não a ignorância da morte, mas, pelo contrário, o reconhecimento da sua chegada. Se a morte, como estado, está assimilada à vida, pois que repleta de metáforas de vida, ela é, quando sobrevém, tomada precisamente como mudança de estado, um “qualquer

coisa” que modifica a ordem normal da vida. Reconhece-se que o morto já não é um vivo vulgar, pois é transportado e tratado de acordo com ritos especiais, enterrado ou queimado. Portanto, existe uma consciência realista da morte incluída no dado pré-histórico e etnológico da imortalidade: não a consciência da “essência” da morte, que essa nunca foi conhecida e não o será jamais, pois a morte não tem “ser”, não deixa por isso de ser real, ela acontece [...] (MORIN, 1988, p. 26).

Chiavenato (1998) ressalta que os primeiros túmulos conhecidos são de aproximadamente 35 mil anos antes de Cristo. “[...] o *Homo sapiens* enterrava seus mortos sentados, os braços envolvendo os tornozelos. É provável, no entanto, que bem antes disso já existisse a preocupação com o destino da morte” (CHIAVENATO, 1998, p. 12, grifo do autor). O autor acrescenta que quatro tipos de processos funerários são mais notórios desde que o homem começou a ter a preocupação em dar destino aos cadáveres²: o da pedra tumular³, o do enterro⁴, o do dessecamento⁵ e o da cremação⁶.

Os homens das sociedades primitivas enxergavam a finitude humana como um acidente. A vida era considerada inabalável e só iria acabar através de um fenômeno não-natural. E a morte só iria ocorrer se fosse provocada por alguém ou por alguma coisa. A morte era interpretada como fruto de magia e de feitiçaria, que era realizada pelos inimigos. Mas, eles acreditavam que o homem não era mortal, que ele permanecia (no totem) ou que voltava reencarnado. Este aspecto foi assimilado por muitas religiões – assim apareceu o conceito de alma imortal. Manifestações da antiga literatura egípcia negavam a possibilidade de morte; a única morte admitida era a dos inimigos. Mas, de forma ampla, a visão era a da possibilidade da alma reencarnar ou descansar (CHIAVENATO, 1998).

² Chiavenato (1998) salienta que a atenção dada aos cadáveres é reflexo total das idéias, dos preconceitos e dos costumes vigentes em uma época em relação aos homens mortos.

³ Chiavenato (1998) reflete sobre a pedra tumular: “A pedra tumular talvez fosse usada para impedir que o morto voltasse ao mundo dos vivos: sobre o defunto jogava-se uma pedra grande o suficiente para esmagá-lo contra o solo”. (CHIAVENATO, 1998, p. 12).

⁴ De acordo com Chiavenato (1998): “Já no enterro colocavam-se os mortos dentro de uma cova, cobrindo-a com terra ou com pedras” (CHIAVENATO, 1998, p. 12).

⁵ Para Chiavenato (1998): “No processo de dessecamento deixava-se o morto sobre uma palafita, exposto ao ar, que secava o cadáver, e aos abutres, que comiam a sua carne” (CHIAVENATO, 1998, p. 12).

⁶ Chiavenato (1998) explica a cremação: “No processo de cremação, o corpo transformava-se em cinzas” (CHIAVENATO, 1998, p. 12).

É comum às religiões antigas a adoração aos antepassados. O culto aos mortos estabelecia vínculos com eles. As famílias dos falecidos os respeitavam e pediam bênçãos e graças. A reverência aos que morreram era uma característica forte das religiões do Império Romano.

[...] os mortos nunca desapareciam, mas transmutavam-se em espíritos e comunicavam-se com os vivos. O culto aos mortos, em todas as religiões antigas, foi um componente do sistema de dominação política, e, de certa forma, esses traços essenciais e comuns permanecem em todas as religiões modernas: sua base é o medo e a incompreensão da morte (CHIAVENATO, 1998, p. 14).

Os gregos antigos acreditavam na vida após a morte. Desta forma, não se preocupavam em tratar os cadáveres e não demonstravam ter medo do fim da vida. A maioria dos gregos da antiguidade acreditava que os mortos iam para um lugar chamado Hades, uma região sem luz, debaixo da terra, que não tem semelhanças com a perspectiva atual de céu e de inferno (CHIAVENATO, 1998).

Escritos atribuídos a Homero esclarecem que no Hades existiam os Campos Elíseos, um local que deixava os falecidos com paz e com tranquilidade, e o Tártaro, que funcionava como uma espécie de prisão. Ir para os Campos Elíseos ou para o Tártaro expressava uma escolha dos deuses e não prestígio ou castigo aos mortos (CHIAVENATO, 1998).

Na Idade Média (compreendido entre o século V e o século XV), a visão sobre a morte compreendia principalmente a uma combinação entre crenças tradicionais e rituais lentamente cristianizados da morte “domada” (terminologia de Philippe Ariès), as angústias da morte de “si” (o medo do conhecido “juízo final”, onde era decidido se a alma ia para o céu, inferno ou purgatório) e, também, pelas dores da morte de outro, que compreendia a preocupação vinculada com a sorte no além das almas de amigos e conhecidos.

Ariès (2003) explica a “morte domada” como sendo aquela que dava aviso prévio, por meios naturais ou por convicção íntima. O homem era senhor absoluto de sua morte e de todas as circunstâncias que a cercavam. A morte era uma cerimônia pública e organizada. O quarto do moribundo ficava cheio de gente. As pessoas que sabiam que iam morrer tomavam os procedimentos normais do período

para os momentos finais da vida e aguardavam o fim. Entre as atitudes realizadas no momento derradeiro estavam a despedida das coisas queridas, a reconciliação com todos os que cercavam o moribundo no seu quarto, a tentativa de redimir-se dos pecados, pedindo perdão a Deus, e a intervenção do sacerdote, através da absolvição sacramental e da extrema-unção. Quando se aproximava o momento final, os presentes no quarto do doente recitavam orações para o agonizante. Ao contrário do que possa parecer, a assistência coletiva ao moribundo, por parte de toda a comunidade, não fazia parte das exigências da igreja católica. Os padres esclarecidos tentaram, antes dos médicos, por fim à “verdadeira festa” que se tornou o momento da morte.

O grande sono da morte começa antecipadamente. Logo que observam os primeiros sinais de morte, as pessoas se preparam para recebê-la como se se preparassem para dormir. É no leito que se morre como é no leito que se dorme. Mas o sono desta noite tem um caráter ritual. À espera da morte, o indivíduo se deita com o olhar voltado para o céu, corpo na direção do oriente, mãos cruzadas sobre o peito, numa posição que a estátua fúnebre fixará até os nossos olhares. Faz sua profissão de fé, confessa seus pecados, pede perdão às pessoas que o circundam, ordena que sejam reparados os males que porventura tivesse cometido, pede a Deus que proteja os sobreviventes, escolhe sua sepultura, faz em voz alta seu testamento (que passará a ser escrito por uma autoridade a partir do século XII). Até essa época e ainda por alguns séculos, o moribundo preside a sua morte, diante de uma assistência calma que contribui para que tudo ocorra bem (RODRIGUES, 1983, p. 117).

Logo após o falecimento, os familiares tomavam providências já conhecidas do círculo social, como fechar janelas, acender velas, aspergir a casa com água benta, cobrir os aparelhos e parar os relógios. Os sinos da igreja entoavam. O corpo do defunto recebia alguns cuidados especiais, como banho, tratamento de unhas e cabelos, além de ser vestido e coberto pela mortalha. No enterro, o defunto era acompanhado pelos seus conhecidos, que o carregavam em sua última viagem, até a igreja. Na igreja, eram realizados os ritos de purificação e encomendação. De lá, o morto era levado ao cemitério, seu último “lar”. As manifestações de luto eram evidentes entre os parentes dos falecidos.

Falar em morte domada é remeter-se a uma morte esperada, familiar, pública, e que conta com a organização do próprio moribundo (ARIÉS, 2003). O doente conhecia o protocolo que deveria seguir no momento derradeiro de sua vida.

Caso esquecesse, seria lembrado pelos presentes. A presença de parentes, amigos e vizinhos era fundamental. A espera pela morte era tranqüila e não havia dramaticidade neste tempo de aguardo.

O papel principal cabia ao próprio moribundo; este presidia e praticamente não tropeçava, pois sabia como se comportar, com tal freqüência havia sido em outras ocasiões testemunha de cenas semelhantes. Chamava um de cada vez, seus pais, familiares e empregados [...]. Dizia-lhes adeus, pedia-lhes perdão e dava-lhes sua benção. Investido de uma autoridade soberana pela aproximação da morte, [...] o moribundo dava ordens e fazia recomendações, mesmo quando se tratava de uma moça muito jovem, quase uma criança (ARIÈS, 2003, p. 234).

A boa morte é aquela anunciada, que se dá com a prática de rituais e que ocorre com tempo para o moribundo se arrepender dos seus pecados e se preparar para se encontrar com Deus. A morte súbita é considerada maldita e infame nesse período histórico, pois não permitia que o homem se arrependesse de seus pecados e não deixava o moribundo se preparar para o momento do encontro com Deus. Na Idade Média, também é considerada “feia” a morte sem testemunhas e sem as cerimônias finais, que não pode ser contemplada por parentes e amigos do morto e pela comunidade onde ele vivia (ARIÈS, 2003).

O homem cristão tem receios da morte súbita porque ela lhe priva do recebimento dos santos sacramentos. No pensamento cristão, a doença é um momento de provação para o homem, ela é querida por Deus e é uma oportunidade de castigo e purificação. A doença corporal vai proporcionar saúde à alma. Outra visão dos cristãos é de que a doença é obra do diabo, necessitando ser eliminada por meio da extrema unção⁷.

Rodrigues (1983) salienta a morte repentina, a morte de condenados, de suicidas e de desviantes de conduta, como sendo exemplos de mortes consideradas “não felizes”. O autor acrescenta que, na época medieval, recusavam-se atenções religiosas aos condenados e, muitas vezes, já se considerava que eles estariam no inferno. Corpos de supliciados poderiam ficar pendurados e expostos até a

⁷ A extrema unção é um dos sete sacramentos pregados pela Igreja Católica. Bayard (1996) explica o sacramento dizendo que purifica o corpo e a alma do doente, eliminando as suas impurezas – que foram administradas depois da confissão e da comunhão.

putrefação. O corpo do suicida poderia ser jogado para fora do cemitério. Já um traidor poderia ser esquartejado e depois ser jogado aos cães.

Elias (2001) critica a visão romântica de Ariès sobre morte no período medieval, bem como sua parcialidade sobre o assunto, dizendo que o pesquisador francês se restringe a dar amplas “pinceladas” sobre a história da morte nesta época, não oferecendo as explicações necessárias para o entendimento da visibilidade da mortalidade. Na concepção de Elias, o pensamento de Ariès é “ingênuo”, quando ele tenta transmitir a idéia de que, na Antigüidade, as pessoas morriam de forma calma e serena. Elias (2001) opina dizendo que o certo é que a morte era tratada com mais abertura e freqüência que na atualidade, mas não se pode descartar que ela fosse dolorosa, que as pessoas a temessem e que tivessem dúvidas quanto a algumas questões relacionadas ao destino da alma. O grande conforto dos moribundos, no passado, era o fato de estarem cercados por outras pessoas nos momentos derradeiros da vida. Se formos fazer uma comparação com o século XXI, a morte, no período medieval, era mais familiar para a sociedade, menos oculta e mais presente em todo o círculo da sociedade, mas isso não significa que fosse mais tranqüila, sem sofrimentos:

Em resumo, a vida na sociedade medieval era mais curta; os perigos, menos controláveis; a morte, muitas vezes, mais dolorosa; o sentido da culpa e o medo da punição depois da morte, a doutrina oficial. Porém, em todos os casos, a participação dos outros na morte de um indivíduo era muito mais comum (ELIAS, 2001, p. 23).

A morte, para o homem que vivia na primeira fase da Idade Média, era familiar, na concepção de Ariès (2003). Entretanto, para os que viveram na segunda fase deste período histórico, a partir dos séculos XI e XII, as formas de ver a finitude humana passaram a ter pequenas alterações. Não significam novas atitudes diante da morte, que cheguem a substituir as práticas funerárias vigentes no período, mas pequenas modificações que darão um sentido mais pessoal à morte. Trata-se da preocupação com a morte de “si mesmo”.

Ariès (2003) relaciona a preocupação da morte de “si mesmo” com uma concepção individualizada da destinação da alma. A morte familiar, domada,

implicava na crença de uma concepção coletiva da destinação e a aceitação das coisas que a vida proporcionava.

A autoridade religiosa e material do clero e da igreja sobre os fiéis aumentou de forma considerável depois do ano 1000. Tal influência passou aos fiéis uma moral baseada nas noções de pecado, penitência e de salvação, que culminou, no fim do século XII, no nascimento do purgatório. Até então, os cristãos esperavam a salvação da alma com a condição de sofrer após a morte castigos que variavam de acordo com os seus méritos pessoais e com os sufrágios dos vivos (missas, preces e esmolas). Com a existência do purgatório, começou a haver a possibilidade do arrependimento dos pecados no momento da morte e da purificação no além (SCHMITT, 1999).

Assim, é marcada a importância do “momento do falecimento” em detrimento de “uma vida de boas obras”. Os cemitérios passam a ser localizados nas proximidades das igrejas para que os corpos dos mortos fiquem próximos dos santos, os quais podem ajudar na purificação (ROTTENSTEIN, 2003).

As formas de agir diante da finitude humana foram mudando, de forma lenta e gradual, no decorrer do processo histórico. Na Idade Média, o acompanhamento da morte no leito do moribundo era comum e costumeiro. Os sobreviventes demonstravam dor, mas esta não era insuportável e nem inconsolável, porque havia a visão de que a morte não era uma ruptura radical entre a vida do aqui e o além, e sim, a passagem de um momento para o outro. Os moribundos morriam na expectativa de acordar em um paraíso. Nas proximidades do século XV, começa a ser dado um sentido dramático à morte no leito, o que pode ser ligado às mudanças nas concepções de morte e de vida. Questões como desenvolvimento da individualização, aparecimento de uma consciência especial da bibliografia individual, dúvidas sobre a imortalidade e incerteza sobre a salvação, começaram a ser levadas em consideração (RODRIGUES, 1983).

O sentimento de individualização em relação à morte teve no século XV o período de maior ênfase. Com as descobertas científicas e com o surgimento de novas idéias, começaram a ocorrer questionamentos aos dogmas da Igreja, os quais foram fundamentais para a modificação da passividade acerca da visão sobre a morte. Quando os homens começaram a refletir sobre o seu destino, sem tantas interferências religiosas, começaram a pensar que teriam a possibilidade de modificar seu destino em relação ao céu ou ao inferno. Os maus poderiam se

arrependem de seus pecados no leito de morte e mudam o seu destino na eternidade. A individualização da morte, nesta perspectiva, significa que o moribundo tem a possibilidade de fazer uma série de atos que poderão interferir no seu futuro eterno (CHIAVENATO, 1998).

A partir do século XVII, o moribundo passa a dividir a responsabilidade das cerimônias de sua morte com a família. Esta apropriação familiar da morte atingirá o seu apogeu nos inícios do século XX. A morte no leito é “menos pública” e o moribundo tem em sua volta somente pessoas bem amigas e com relações bem próximas à sua família. Os representantes da comunidade e os desconhecidos não integram mais a grande cena da morte.

Com o decorrer do tempo, a morte foi deixando de ser um fenômeno comum ao convívio familiar para tornar-se objeto de interdição. No decorrer do século XIX, a morte passa a ser um acontecimento abominável e desprezível, embora, atraente e fascinante (RODRIGUES, 1983), chegando a romper o andamento cotidiano da vida das pessoas.

Na segunda metade do século XIX, o moribundo começa a ser poupado da gravidade do seu caso. As pessoas que dão assistência aos doentes ocultam deles a sua verdadeira situação. No momento em que o moribundo deveria ser informado de seu problema, os parentes não têm mais a coragem para dizer a verdade. Sinais que possam demonstrar ao doente o seu real estado começam a ser ocultados. O padre, normalmente, só é chamado ao leito do moribundo quando este já perdeu a consciência ou já está morto.

A morte, que foi um fenômeno presente no cotidiano das sociedades medievais, passa a ser um tema interdito nas sociedades ocidentais do século XX, tornando-se tema de vergonha. Rottenstein (2003) salienta que, com a chegada da era industrial, há um desenvolvimento científico e tecnológico que influencia na percepção do homem acerca de si mesmo. Os progressos da medicina “alteram” os limites da morte, fazendo com que o homem tenha a possibilidade de lutar contra as doenças que podem o levar à finitude. A sociedade começa a ter dificuldades em lidar com a morte, a qual passa a ser vista como um objeto de interdição.

Entre as décadas de 1930 e 1950, se dá a mudança do local de ocorrência da morte. Deixa de ser comum o acontecimento de mortes familiares. Elas vão ocorrer no hospital, onde há vários recursos técnicos que não estão disponíveis em casa. Entre os motivos do deslocamento dos moribundos para os hospitais, estão o

avanço da medicina, o desaparecimento da figura do médico de família e a especialização dos hospitais.

A morte no hospital não é mais ocasião de uma cerimônia ritualística presidida pelo moribundo em meio à assembléia de seus parentes e amigos, a qual tantas vezes mencionamos. A morte é um fenômeno técnico causado pela parada dos cuidados, ou seja, de maneira mais ou menos declarada, por decisão do médico e da equipe hospitalar. Inclusive, na maioria dos casos, há muito o moribundo perdeu a consciência. A morte foi dividida, parcelada numa série de pequenas etapas dentre as quais, definitivamente, não se sabe qual a verdadeira morte, aquela em que se perdeu a consciência ou aquela em que perdeu a respiração... Todas essas pequenas mortes silenciosas substituíram e apagaram a grande ação dramática da morte, e ninguém mais tem forças ou paciência de esperar durante semanas um momento que perdeu parte de seus sentidos (ARIÈS, 2003, p. 86).

Nos hospitais, a morte deixa de ter o caráter público, que esteve presente em longo período da história das sociedades ocidentais. Os “donos da morte”, dos seus momentos e das circunstâncias em que ela ocorre, nas sociedades ocidentais atuais, são os médicos e as equipes hospitalares. O moribundo perde a sua individualidade e se transforma em um número entre tantos doentes que se encontram no hospital. Nesse cenário, a morte passa a ser um ato técnico, desprovido de sensações que possam perturbar e mobilizar o círculo social. Há uma ênfase em uma morte que não perturbe e que possa ser tolerada pelos sobreviventes, não causando embaraços e nem emoções excessivas. As emoções precisam ser evitadas, tanto na cena hospitalar, como na sociedade. A morte é chorada em âmbito privado. E os hospitais, nesse contexto, adquirem a função de “locais sociais”, com a função de administrar a saúde e os momentos derradeiros da vida dos indivíduos.

Assim se tornou a grande cena da morte, que havia mudado tão pouco durante os séculos, senão milênios. Os ritos funerários também se modificaram. [...] na região da morte nova e moderna, procura-se reduzir ao mínimo decente as operações inevitáveis, destinadas a fazer desaparecer o corpo. Antes de tudo, é importante que a sociedade, a vizinhança, os amigos, os colegas e as crianças se apercebam no mínimo possível de que a morte aconteceu. Se algumas formalidades são mantidas, e se uma cerimônia ainda marca a partida, devem permanecer discretas e evitar todo pretexto a uma emoção qualquer – assim, as condolências à família são agora suprimidas no final dos serviços de enterro. As manifestações

aparentes de luto são condenadas e desaparecem. Não se usam mais roupas escuras, não se adota mais uma aparência diferente daquela de todos os outros dias (ARIÈS, 2003, p. 87).

Os hospitais se tornaram locais de abrigo daqueles que sentem dor e daqueles que estão com doenças que podem perturbar a felicidade da sociedade. O sofrimento vai ficar escondido e não poderá obscurecer e perturbar a imagem de felicidade e de bem-estar que a sociedade moderna tenta imprimir a seus integrantes. A dor e a morte são grandes inimigas do homem e de sua felicidade. Na medida em que os hospitais se tornaram locais apropriados para que as pessoas possam sentir dor e ter os seus momentos derradeiros, o enfrentamento da problemática da dor é retirado da responsabilidade do indivíduo. Em nossas sociedades, não há mais sentido em sentir dor e em se ver o sofrimento. É tarefa médica tentar impedir a ocorrência da morte. Rodrigues (1983) salienta que a partir do momento em que o organismo é considerado como uma espécie mecânica funcional, as peças “estragadas” podem ser imediatamente substituídas, o que supõe, teoricamente, certa imortalidade do ponto de vista funcional. “O hospital é o lugar onde se sofre e se elimina a dor, assim como é o lugar onde se morre e se elimina a morte” (RODRIGUES, 1983, p. 223).

Com o deslocamento da morte para o hospital, nem a família nem o moribundo são mais senhores absolutos da morte. A família se distanciou da cena da morte. O moribundo, na maioria das vezes, torna-se alienado sobre o seu próprio fim e entrega seu destino ao cuidado de médicos e de máquinas. O homem perdeu o domínio sobre a sua própria morte e ficou desprovido do direito de saber que a finitude está próxima. Para o afastamento da idéia da morte dentro dos hospitais, geralmente os pacientes são colocados em quartos privativos ou semiprivativos, não tendo a oportunidade de ter contato com outros moribundos ou a perspectiva da morte presente em seus horizontes (RODRIGUES, 1983).

Kübler-Ross⁸ (2008) situa que a solidão proporcionada pela transferência da morte para os hospitais é um fator que leva as pessoas a fugirem de encarar a morte

⁸ A autora fez uma pesquisa, junto com um grupo de estudantes, sobre a morte e o morrer através de entrevistas com doentes em estado terminal. No estudo, Kübler-Ross (2008) verificou que um paciente em estado grave passa por vários estágios. O primeiro estágio é o da negação. A maior parte dos doentes estudados pela autora, ao tomar conhecimento de sua doença, demonstrou não aceitá-la. Alguns pacientes chegam a procurar outros médicos e a fazer novos exames em busca de uma resposta satisfatória. O segundo estágio é o da raiva. Kübler-Ross salienta que quando os

de forma tranqüila. Morrer se tornou muito triste, solitário e desumano. “Morrer é um ato tão solitário e impessoal porque o paciente não raro é removido de seu ambiente familiar e levado às pressas para uma sala de emergência” (KÜBLER-ROSS, 2008, p. 12). A autora faz uma crítica à cultura de negação da morte presente nos hospitais. Ela salienta que o ser humano precisa refletir sobre a morte antes que ela bata à sua porta:

Creio que deveríamos criar o hábito de pensar na morte e no morrer, de vez em quando, antes que tenhamos de nos defrontar com eles na vida. Se não fizermos assim, o diagnóstico de câncer, no seio da família, irá nos lembrar brutalmente de nosso próprio fim. Portanto, pode ser uma benção aproveitar o tempo da doença para refletir sobre a morte e o morrer em relação a nós mesmos, independentemente de o paciente encontrar a morte ou ter a vida prolongada (KÜBLER-ROSS, 2008, p. 33).

Pesquisas feitas por Kübler-Ross (2008) apontam que, geralmente, os pacientes que têm necessidade de recusar a morte são cuidados por médicos que negam o assunto. Já os que são capazes de falar sobre a temática são assistidos por profissionais que falam sobre as doenças terminais e sobre a finitude humana. Assim, a necessidade de negação da morte do paciente está relacionada com a necessidade de negação do próprio médico.

A maneira como a notícia da doença vai ser dada ao doente também é decisiva para a aceitação. Kübler-Ross (2008) ressalta que a forma como uma notícia dolorosa é compartilhada com o paciente deve ser simples para que seja ponderada. A negação é comum entre os que recebem as informações de forma prematura ou abrupta por desconhecidos, sem serem preparados para o que vão saber. A negação também é comum nos primeiros estágios da doença.

pacientes não conseguem mais sustentar a negação para a sua doença, surge a raiva e indagações, como “por que eu?”, são freqüentes. O terceiro estágio é o da barganha. A autora explica que o paciente geralmente tenta barganhar com Deus. É oferecido algo, como orações ou bom comportamento, pedindo em troca mais um dia de vida, ou menos dor. O quarto estágio é o da depressão. Quando o paciente não pode mais negar a doença e percebe que está bastante debilitado, o sentimento de revolta dá lugar a um vazio, a um sentimento de grande perda. O quinto estágio é o da aceitação. A autora conclui que um paciente que já passou pelas fases anteriores e que conta com ajuda para passar por elas, chega à fase da aceitação. Ele não vai mais ter raiva do seu destino e vai aceitar com serenidade a idéia de que seu fim está próximo. Kübler-Ross ressalta que a esperança de que o seu problema poderá ter uma resolução acompanha os pacientes durante todas as fases. “Ouvindo os nossos pacientes em fase terminal, o que sempre nos impressionou foi que até mesmo os mais conformados, os mais realistas, deixavam aberta a possibilidade de alguma cura [...]” (KÜBLER-ROSS, 2008, p. 144).

Kübler-Ross (2008) enfatiza que os pacientes em fase terminal têm necessidades de atenção, as quais podem ser atendidas se a equipe que os cerca tiver tempo para sentar e descobrir quais são. O paciente moribundo requer um trabalho de maturidade. “Temos de examinar detalhadamente nossa posição diante da morte e do morrer, antes de nos sentarmos tranquilos e sem ansiedade ao lado de um paciente em fase terminal” (KÜBLER-ROSS, 2008, p. 275). A autora assinala que aqueles que ficarem ao lado de um paciente moribundo em estado terminal sabem que não se trata de um momento assustador, mas de um cessar do funcionamento das funções vitais. O interromper das funções básicas do corpo humano pode ser comparado a uma estrela cadente, que vai perdendo o brilho entre as outras milhares que restaram no céu.

Com esse ritual obsessivo de negação da morte e do afastamento dela do convívio social, os moribundos são cada vez menos livres para decidir sobre a sua própria finitude e ter a liberdade de renunciar ou não à vida. O destino dos moribundos está completamente entregue às mãos dos médicos, os quais se apropriam cada vez mais do destino de seus pacientes. Tendo a obrigação de curar, os médicos tendem a entregar os moribundos às máquinas e tentar mantê-los vivos por tempo indeterminado (RODRIGUES, 1983).

Ao fim de um longo processo de individualização, o indivíduo foi levado ao hospital. No hospital, ele perde sua individualidade e se transforma em um número, fragmenta-se em órgãos que têm existências independentes; ele se descobre objeto de uma linguagem que não compreende, referente de uma língua que não é a mesma da vida cotidiana. Passa a ser gerido por máquinas que não conhece e que não pode controlar: tubos que penetram pelas narinas, pelos braços, pelos orifícios intestinais, pela boca; máquinas que fazem respirar, que purificam o sangue, que alimentam diretamente, que controlam as batidas do coração e o trabalho das células cerebrais; aparelhos que imobilizam ou fazem movimentar os membros... Neste novo palco, a morte se transforma em fenômeno técnico que o médico decreta quando resolve desligar os instrumentos: passa a ser um processo regulável que ocorre sucessivas de frustrações, isto é, por pequenas derrotas que o poder médico vai sofrendo à medida que o tempo passa (RODRIGUES, 1983, p. 190).

Para evitar o sofrimento causado pela morte, o homem das sociedades ocidentais atuais tem optado por fazer de conta que ela não existe no cotidiano e tratar os fatos que cercam a finitude humana em segredo. Nas sociedades

ocidentais de hoje, morre-se quase que de forma escondida, o que é o resultado da dificuldade em se admitir completamente a morte daqueles a quem se ama. Tenta-se minimizar os rituais diante da morte, tomando-se apenas as atitudes essenciais para o sepultamento. As cerimônias devem ser discretas e sem a manifestação de excessivas emoções. A morte considerada “boa” nos dias atuais era vista como maldita do passado. A “boa” morte é aquela que se dá de forma discreta (ARIÈS, 2003).

Mas o século XX modificou completamente essas práticas de descarregamento de lágrimas, gritos e lacerações que terminavam pelo domínio do cheio coletivo sobre o vazio individual. A expressão de dor foi proibida, sobretudo a fim de poupar dela a coletividade; o luto foi abandonado à iniciativa individual e considerado quase uma agressão contra a comunidade (progressivamente passa a ser de bom tom guardar o luto como um segredo individual). Do indivíduo enlutado, espera-se que seja capaz de exibir sempre um rosto sereno, e não demonstrar dor transforma-se em signo de equilíbrio emocional (RODRIGUES, 1983, p. 186).

Os cortejos funerários dos séculos XX e XXI são discretos, quase imperceptíveis⁹. Os carros fúnebres, normalmente, não despertam mais a atenção do público e os enterros se dão de forma a não atrapalhar o andamento do cotidiano das pessoas. Os automóveis que acompanham o morto se misturam em meio a todos os outros e o carro fúnebre tem identificações discretas. Também, desaparecem as condolências, as visitas às famílias dos mortos e as últimas homenagens.

A regra em nossa sociedade é a neutralização dos ritos funerários e a ocultação de tudo o que diga respeito à morte. Veremos que os dois fenômenos estão associados estreitamente: porque nossa civilização nega a morte, não pode suportar sua ritualização; e inversamente, por não possuir os necessários instrumentos rituais para enfrentá-la, a civilização ocidental moderna é obrigada a banir a morte e a negá-la por todos os meios (RODRIGUES, 1983, p. 187).

⁹ Bayard (1996) explica que para a mentalidade europeia cristã o corpo, após a morte, deve voltar à terra. Há uma espécie de desinteresse pelo cadáver devido à crença de que a ressurreição se dá no plano espiritual.

Como salienta Rodrigues (1993), as sociedades ocidentais estão inseridas em um ciclo de negação da finitude humana. A hipótese do autor é de que a supressão da presença da morte no cotidiano não está ligada a sensibilidades individuais das pessoas diretamente atingidas por um óbito, mas por uma coerção social, que obedece a princípios políticos oriundos de nossa cultura. As sociedades levam as pessoas a não ter mais padrões de comportamento diante da finitude humana e a ter dificuldades em se relacionar com o fim da vida.

Destruindo a idéia de morte, o(s) poder(es) do Ocidente erigem a vida em (falso) valor supremo e decretam a biografia individual como padrão de avaliação definitivo. Pela porta aberta do banimento da noção da morte e da postulação de que tudo é vida, o Ocidente inventa a morte verdadeira, o precipício definitivo, o não-tempo, o não-lugar, o não-pensamento, a não-lembrança... Se a morte não existe, se só existe vida, como o Ocidente quer fazer crer a seus membros, toda a ação Ocidental sobre o mundo passa como sendo produção de vida, criação e progresso: seu caráter arrasadoramente destrutivo poderá passar despercebido, a sociedade de "consumação" e destruição poderá esconder-se atrás do mito da sociedade de consumo, de conservação e de "progresso" (RODRIGUES, 1983, p. 207).

Na concepção de Rodrigues (1983), estamos todos anestesiados e alienados sobre a finitude humana, pois a nossa sociedade trabalha com a ocultação dos traços da morte do cotidiano. A morte, o moribundo e o cadáver são ocultados. Ritos e sepulturas são simplificados. Os traços espetaculares da ocorrência da morte não são mais de fácil identificação. Prevalece, no ocidente, a idéia suprema de conservação da vida.

Ariès (2003) aponta que se sente tentado a admitir que o interdito que se abate sobre a morte, na atualidade, é uma característica estrutural da civilização contemporânea. Assim, o distanciamento da temática da finitude humana dos círculos de convívio está ligado à prioridade do bem-estar e do consumo dos modelos das sociedades industriais. O pensador francês ressalta que a recusa da morte teve resistência em localidades onde subsistem formas de mentalidade mais arcaicas e, também, nos países católicos, como França e Itália, ou protestantes, como a Escócia presbiteriana. Nos locais onde a recusa da morte não penetrou, ainda são realizadas práticas românticas frente à finitude humana, como o culto aos mortos e aos cemitérios. Tais sociedades, na concepção do autor, estão fadadas a

ter que se adaptar aos modelos impostos pelo modelo das sociedades futuras, tendo que aderir, assim, ao esvaziamento dos valores da morte.

Analisando a ocultação da morte no decorrer da história das sociedades ocidentais, Ariès (2003) faz uma analogia entre os temas morte e sexo:

Antigamente, dizia-se às crianças que se nascia dentro de um repolho, mas elas assistiam à grande cena das despedidas, à cabeceira do moribundo. Hoje, são iniciadas desde a mais tenra idade na fisiologia do amor, mas quando não vêem mais o avô e se surpreendem, alguém lhes diz que ele repousa num belo jardim de flores [...]. Quanto mais a sociedade relaxava seus cerceamentos vitorianos ao sexo, mais rejeitava as coisas da morte (ARIÈS, 2003, p. 89).

Maranhão (1998, p. 9), seguindo a linha de pensamento de Ariès (2003), discute a representação da morte e a transformação do olhar social, no decorrer do processo histórico, em relação a ela, fazendo referência ao sexo : “[...] à medida que a interdição em torno do sexo foi se relaxando, a morte foi se tornando um tema proibido, uma coisa inominável”. Na atualidade, a morte é vista como um tabu em algumas culturas; nesta mesma perspectiva o sexo era visto no passado.

Nos tempos antigos, as crianças não tinham conhecimentos sobre assuntos sexuais, mas eram presenças certas em quartos de moribundos. Na atualidade, cedo, os “pequenos”¹⁰ têm noções sobre sexo, mas são ocultados da morte.

A obscenidade não reside mais nas alusões às coisas referentes ao início da vida, mas sim aos fatos relacionados com o seu fim. Uma verdadeira inversão. Atualmente, existe a preocupação de iniciar as crianças desde muito cedo nos “mistérios da vida”: mecanismo do sexo, concepção, nascimento e, não tardará muito também nos métodos de contracepção. Porém, se oculta sistematicamente das crianças a morte e os mortos, guardando silêncio diante de suas interrogações, da mesma maneira que se fazia antes quando perguntavam como é que os bebês vinham ao mundo. Antigamente se dizia às crianças que elas tinham sido trazidas pela

¹⁰ Kübler-Ross (2008) ressalta que, na atualidade, as crianças, na maioria das vezes, são esquecidas quando o tema tratado é a morte. Poucas são as pessoas que se sentem à vontade para falar com os “pequenos” sobre a finitude humana. A autora acrescenta que as crianças têm conceitos próprios, que são interessantes para se entender o que pensam sobre a finitude humana. Quando o assunto é a morte de um dos pais, as crianças têm reações diferentes. Elas vão de um afastamento silencioso a uma demonstração de choro compulsiva. Pode ocorrer que uma criança, ao perder um dos pais, sinta a culpa pela morte. Também pode acontecer a aceitação da separação de forma calma e serena, ficando a sensação de que o falecido vai fazer uma viagem temporária (KÜBLER-ROSS, 2008).

cegonha, ou mesmo que elas haviam nascido de um pé de couve, mas elas assistiam, ao pé da cama dos moribundos, às solenes cenas de despedida. Hoje, recebem desde a mais tenra idade informações sobre a fisiologia do amor, mas quando se surpreendem com o desaparecimento do avô, alguém lhes diz: “Vovô foi fazer uma longa viagem”, ou: “Está descansando num bonito jardim”. As crianças já não nascem em couves, porém, os velhos desaparecem entre as flores (MARANHÃO, 1998, p. 9 – 10).

Ao falar sobre a morte e o sexo, Ruffié (1988) assinala que eles estão ligados à evolução dos seres vivos e com a sua adaptação às exigências do meio. Assim, a sexualidade, como um princípio reprodutivo, precisa ser seguida pelo envelhecimento e pela morte, pois é desta maneira que as características dos que se reproduziram vão ser transmitidas aos descendentes.

[...] a sexualidade e a morte que acompanha asseguram a evolução. Elas são dotadas de uma dinâmica que, por si só, permitiu um progresso crescente. Sem elas ainda estaríamos no estágio da bactéria. No máximo nos teríamos tornado pequenas algas azuis como as cianófitas, que podem viver com ou sem oxigênio; entretanto nenhuma forma complexa teria surgido e o *Homo sapiens* nunca teria feito a sua aparição ao término dessa longa marcha. “*Somos filhos do sexo e da morte*” (RUFFIÉ, 1988, p. 15, grifo do autor).

Monteiro (2002) evidencia que para Freud, o homem é mobilizado por dois instintos, que são opostos entre si: uma pulsão construtiva, erótica ou Eros, e uma pulsão destrutiva, de morte ou Tânatos. A autora salienta que a atuação de Tânatos é inversa à atuação de Eros, e que tanto um como o outro podem direcionar o seu poder de ação tanto para os indivíduos como para a coletividade. Como momentos da presença de Tânatos, da pulsão de morte, na coletividade, Monteiro (2002) salienta os ataques ocorridos em 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos: “Se por um lado o acontecido indignava por significar a barbárie de ceifar vidas humanas civis, na rotina diária em seu ambiente de trabalho [...], também havia ‘uma espécie de gozo inconfessável, sinistro’” (MONTEIRO, 2002, p. 35-36).

Diz Monteiro (2002) que não devemos pensar que no cotidiano humano existe somente uma pulsão do bem e outra do mal. “Ambas estão imbricadas a serviço do homem e são responsáveis pela perpetuação da espécie e renovação da vida” (MONTEIRO, 2002, p. 38). O ser humano é complexo porque nele agem a

pulsão de vida (sexualidade) e a pulsão de morte. E o homem só é um ser com ampla complexidade por nele agirem ambas as pulsões. A autora salienta que Freud vê como uma tentativa de banir as guerras e, também, a morte, a estimulação da atuação do Eros, que é o antagonista de Tânatos.

2.2 A MORTE NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Estudos e discussões feitos por pesquisadores europeus, como Philippe Ariès, sobre a cultura da morte nas sociedades ocidentais, são válidos para se entender as atitudes dos homens perante a morte no Brasil urbano. Koury (2003, p. 37) explica o porquê dos ritos funerários brasileiros terem herança européia:

Pelo legado europeu e de seu embate com outras culturas presentes, como a africana e a indígena, que influenciou a formação dos países desde a colônia, e as relações estabelecidas internacionalmente após sua independência. Bem como as instituições internacionais, como as igrejas, principalmente a católica, presentes na conformação do pensamento ocidental no seu veio judaico-cristão, e as idéias e ideais culturais, estéticos, acadêmicos, científicos e tecnológicos do Ocidente, que influenciaram os embates presentes na configuração e consolidação de um pensamento nacional. É impossível, assim, buscar uma compreensão de um pensamento brasileiro e das atitudes de sua população, sem situar a história de sua singular formação social a nível internacional, especificamente ligado à cultura européia.

Koury (2003) situa que, até meados do século XIX, a morte, no Brasil urbano, era vista como uma espécie de rito de passagem entre a vida física e a “eternidade”. Com esse pensamento, os homens, guiados pelas suas crenças religiosas, tinham sua postura em relação ao morrer com foco na busca de um bom lugar na vida eterna. O autor salienta que, no imaginário cristão católico, desde a Idade Média, a noção de boa morte era baseada na estrutura de troca, na qual os valores simbólicos eram tidos como inseparáveis dos bens materiais envolvidos. DaMatta (1997) concorda com Koury sobre a perspectiva da morte, na cultura brasileira, ser vista como uma passagem a outro mundo, como uma metáfora de subida ou de descida. Fica evidente, no pensamento de DaMatta, a idéia de que,

ainda na atualidade, no Brasil, a morte é vista como uma passagem, como uma ida para um outro local.

Na lógica de que os mortos estão em outro “plano”, que passam a um outro nível, os vivos acabam tendo obrigações com eles, como a comemoração de aniversários de batismo e de morte. “Vivemos em um universo onde os vivos têm relações permanentes com os mortos e as almas voltam sistematicamente para pedir e ajudar, para dar lições de humildade cristã aos vivos, mostrando sua assustadora realidade” (DAMATTA, 1997, p. 146).

DaMatta (1997) explica que a morte, na sociedade brasileira, é um elo da rede de relações pessoais do falecido para a preservação de sua memória. Os mortos se transformam em pessoas exemplares, dotadas de qualidades, que precisam ter os nomes zelados. O morto acaba sendo uma figura de orientação para os vivos.

Os mortos, como estamos vendo, são uma peça crítica na dinâmica deste universo social. São entidades tipicamente relacionais e, como tal, demandam atenção e reverência. Por tudo isso, podemos entender por que no Brasil a morte mata, mas os mortos não morrem (DAMATTA, 1997, p. 158).

Como já mencionado anteriormente, os ritos de morte predominantes, na sociedade brasileira, assemelham-se aos da maior parte dos países do Ocidente. Koury (2003) explica que, no Brasil, até o século XIX, quando era “sentida” a proximidade da morte por parte de um indivíduo, ele juntava seus familiares, parentes e amigos, além de outras pessoas desconhecidas, que transitavam pelas proximidades de sua residência, em seu quarto, e realizava as cerimônias de despedida, fazendo uma retrospectiva de sua vida. No quarto do moribundo se davam os julgamentos, os quais eram essenciais para se conseguir a vida eterna.

Os ritos funerários, realizados na sociedade brasileira até o século XIX, demonstram a realidade de uma sociedade com valores sobre o fim da vida pouco individualistas. Koury (2003) indica que a privatização da morte e do morrer foi se instalando, principalmente, nos centros urbanos, aos poucos, com a separação da idéia de destino do cadáver e do destino da alma.

A partir da segunda metade do século XIX, principalmente devido ao aumento do contingente populacional no Brasil, a morte e o morrer começam a ser vistos de forma diferente pela população urbana brasileira. Há uma reconfiguração nos valores acerca da finitude humana, ficando evidente um distanciamento nas práticas e nos costumes, que até então se davam com acompanhamento público. Os novos costumes são marcados por uma maior brevidade entre o momento da morte e o sepultamento (KOURY, 2003). O medo do “fim da vida” é evidenciado por Koury (2003) como sendo um dos fatores que compromete o prosseguimento das velhas práticas e faz com que mudanças comecem a ser impostas nos centros urbanos.

Inicia, assim, o processo de interdição da morte na sociedade urbana brasileira e nas regiões “mais desenvolvidas” do país. Ficar doente deixa de ser um presságio para a ocorrência de uma boa morte e da chegada do “Reino dos Céus” e passa a ser uma ameaça de finitude. Esse risco precisa ser combatido, principalmente com o auxílio da medicina, que tem por finalidade fazer com que a morte seja banida (KOURY, 2003).

As transformações no perfil social e econômico da sociedade brasileira, no século XX, foram influências determinantes nos hábitos comportamentais da população. Nos anos de 1970 e 1980, as experiências de individualismo no comportamento do povo brasileiro foram salientes (KOURY, 2003).

Diferente das análises realizadas para a Europa por Elias e Ariès, no Brasil o processo de individualização e perda de referências e valores comunitários vividos pela classe média urbana é recente e vertical. O que parece criar uma ambivalência de sentimentos entre esta parcela de habitantes, tanto na defesa de uma atitude radical individualista, quanto na defesa de padrões de um passado recente perdido. Muitas vezes ficando em um meio termo, perigoso, de não saber como agir em determinadas situações concretas. Se na Europa as formas de comportamento e mudanças no costume funerário chocaram Ariès, com o ritmo acelerado que tomou a partir de 1950, no Brasil, pelo rompimento agressivo com que foi realizado, de uma passagem brusca de uma solidariedade rural para uma solidariedade urbana em moldes competitivos a partir de 1970, acelerando-se nas décadas seguintes, o caminho por que se processou o rompimento de valores culturais entre a classe média parece ter ampliado, ainda mais, o grau de ambivalência e embaraço do homem comum de classe média urbana, quando comparado ao mesmo homem europeu (KOURY, 2003, p.72-73).

A individualização das relações encontra-se em desenvolvimento na sociedade brasileira, e tal forma de relacionamento entre as pessoas marca todas as relações e demarca os traços da cultura. A preponderância do individualismo acaba fazendo com que as formas de se relacionar das pessoas fiquem completamente alteradas. Nestas mudanças de formas de relacionamentos, inclui-se o olhar da população sobre a finitude humana, o qual se mostra dotado de ambigüidades. “[...] desde o final do século XIX vem ocorrendo uma diminuição da demonstração ativa de sentimentos no momento do trespasse do morto ou do sofrimento causado nos entes queridos que ficam” (KOURY, 2003, p. 86).

Assim, para Koury (2003), o morrer e a morte vêm sendo retirados progressivamente do cenário público urbano brasileiro. Questões de sanidade vêm sendo pregadas, principalmente por médicos, o que tornou inviável o contato direto com a “morte”, como se fazia no passado. A presença de inúmeras pessoas no quarto dos moribundos passou a ser vista como algo fora dos padrões considerados higiênicos. As cerimônias fúnebres, como velórios e enterros, começaram a se dar de forma mais breve.

Com a interdição da morte, o hospital acaba sendo um local de refúgio dos moribundos, um local de mortes limpas e higiênicas, porém solitárias. A morte deixa de ser um problema de “caráter humanitário” e passa a ser de caráter técnico. No patamar técnico, os pacientes recebem cuidados sofisticados, os quais são eficazes na tentativa de prolongamento da vida (MARTINS, 1983). Assim, o moribundo não tem mais autonomia sobre a sua morte; ele pode ser considerado um alienado acerca dos processos que envolvem a sua finitude e dos significados do “morrer”.

As demonstrações de sofrimento perante o público, na sociedade brasileira, foram utilizadas até cerca dos anos de 1960. Com a modernização brasileira, na década de 1970, e com o êxodo rural, ocorrem mudanças nos hábitos da população brasileira, o que se reflete nas atitudes perante a finitude humana. A objetivação nas relações fez com que houvesse a necessidade do autocontrole por parte do indivíduo. Os rituais perante a morte são abreviados e as demonstrações públicas de sofrimentos não são bem aceitas (KOURY, 2003).

Martins (1983a) salienta que a interdição à morte é intensa nos locais mais desenvolvidos do Brasil, mas que há diferenças nas concepções de morte entre as populações do território do país:

O tema morte é um tema interdito, banido, nos centros urbanos e nas regiões “mais cultas” e desenvolvidas da sociedade brasileira. Sobre a morte pesa o silêncio civilizado, a diferença aparente, a atitude racional e prática que remove rapidamente da vida o peso dos mortos. Só nas regiões distantes e “atrasadas”, entre caboclos e indígenas, ou nas fissuras das cidades, das favelas e dos subúrbios, entre negros e mestiços, subsistem rebeldes ritos funerários, concepções de morte radicalmente opostas à nossa morte branca e civilizada. São concepções de morte que encerram outras concepções de vida. Ali, a morte invade a vida (MARTINS, 1983a, p. 9).

As diferenças nas visões acerca da morte no Brasil podem ser evidenciadas quando Martins (1983a) explica que para os negros do candomblé a morte está relacionada com a vida. Os índios Tapirapé não visualizam um morto fora do contexto de sua casa – o sepultamento se dá no local onde o falecido vivia. Queiroz (1983) relata que em um bairro rural, localizado no estado de São Paulo, chamado Ivaporunduva, a notícia da morte de um morador é rapidamente disseminada por todo o povoado e por povoados vizinhos. Após a ocorrência de uma morte, as pessoas da comunidade interrompem o trabalho. Muitos se dirigem à casa do falecido, ficando lá até a saída do morto para sepultamento. Para os presentes na casa do morto, são servidos café e alimentos. Os mantimentos são oferecidos por parentes próximos da pessoa que acabou de morrer, livrando a família de tais preocupações.

Martins (1983b) relata que em muitos lugares do sertão brasileiro, ao se tratar da vida, não se pode deixar de tratar da morte. Elas andam juntas, apesar de serem opostas. Há uma complexidade e uma variedade nos ritos fúnebres realizados pelas pessoas que vivem na roça. Para muitos moradores das comunidades interioranas, há um tempo certo para a vida natural e a morte tem o período determinado para acontecer. O tempo certo para morrer chega para aqueles que já não têm mais estrutura para trabalhar, que estão com idade avançada e que já consideram ter cumprido a sua missão. “As pessoas não podem, ou não devem, morrer nem *antes* nem *depois*. A hora da morte deve ser a hora que é *destinada* à morte” (MARTINS, 1983b, p. 259, grifo do autor).

Os índios Bororo, de Mato Grosso, têm tradição de realização de ritos funerários bastante específicos e curiosos. Novaes (1983) salienta que o funeral é o ritual mais importante vivido pela sociedade Bororo. A autora cita que a primeira fase

dos ritos funerários da tribo se inicia no momento da morte de uma pessoa e se estende até o enterro definitivo de seus ossos, os quais vão estar devidamente “decorados”. Tal processo pode demorar meses, pois necessita da espera da decomposição do corpo para que possa ocorrer a ornamentação dos ossos. O enterro do corpo de um Bororo ocorre em uma cova rasa. Tal cova é regada diariamente para que o processo de decomposição do corpo ocorra mais rápido. Durante o período da decomposição, vários rituais fúnebres são realizados pelos índios. Esses rituais mobilizam grande parte da sociedade Bororo.

Viertler (1983) acrescenta que também fazem parte dos rituais dos enterros desses índios práticas como danças, cantos, refeições comunitárias e destruição de pertences dos mortos. No ritual do funeral de um Bororó leva-se ao extremo a prática de representação dos mortos pelos vivos. Cada pessoa que morre é representada por três sobreviventes. Um representante vai ser encarregado de dançar em homenagem ao falecido, lavar e enfeitar os seus ossos, além de caçar um animal, que tem por finalidade liberar do luto os parentes do morto. O morto também vai receber uma “mãe” e um “pai” ritual, os quais vão assumir funções no cerimonial, como cantar, chorar e até cortar o próprio corpo em memória do falecido. O primeiro representante vai assumir funções vitalícias, que seriam desempenhadas pelo morto junto à comunidade, além de ter que cuidar do seu casal de “pais” rituais. Os rituais funerários Bororo geram famílias rituais, que vão se respeitar ao longo da vida em nome dos falecidos. Os parentes rituais se respeitam mais que os parentes comuns, tendo a obrigação de nunca brigar e de se oferecer recursos materiais e espirituais nobres, formando focos de coesão social nas aldeias. O deslocamento dos pais ou de filhos virtuais para pontos afastados do território tribal não implica na perda das relações.

A dominação dos brancos no território Bororo proporcionou mudanças nos costumes da tribo. Houve alterações nos regimes de trabalho, o que dificultou, por exemplo, a realização de caçadas mais prolongadas em locais mais afastados. Os recursos para a realização de determinadas cerimônias ficaram mais escassos. Tal situação provoca algumas rupturas nas relações tribais. As relações provindas de relações mortuárias, entre pais e filhos rituais, também passam por algumas dificuldades de consolidação. Mas, apesar das dificuldades e precariedades que os Bororo enfrentam na atualidade, continuam os complexos costumes funerários, que

passam por algumas adaptações em relação aos recursos materiais e humanos neles utilizados.

Vidal (1983) relata que os índios Kayapó não fazem grandes cerimônias rituais diante da morte de um dos seus componentes. Estes índios têm medo de morrer e, no decorrer da vida, não se conformam com o envelhecimento. Para eles, de maneira geral, as causas do envelhecimento e da morte são o ódio, o espírito de vingança, o feitiço e o ciúme causado pelo desejo sexual.

Quando morre um Kayapó, ele é colocado em uma esteira, chorado e tem o seu corpo pintado por mulheres, as quais são parentes do defunto. São feitos rituais de danças para o morto. No caso da morte de um homem, outros homens dançam em frente à casa do falecido. Se uma mulher morre, outras mulheres dançam. Esses índios acreditam na existência de aldeias de mortos, onde eles vivem como os vivos. Neste lugar, as pessoas que foram parentes, enquanto vivas, vão se reencontrando. Os enterros ocorrem em cemitérios. Faz parte do costume dos Kayapó fazer vários enterros sucessivos. Eles têm o hábito de desenterrarem os mortos, lavarem os ossos e pintarem. Os Kayapó vão juntando em casa os ossos de parentes, que serão enterrados em uma mesma cova em cestos de palha.

No Brasil, com a diversidade cultural entre as regiões, as concepções diante da morte são heterogêneas. Mas, o entendimento mais corrente é a dos centros urbanos, onde a morte é banida do cotidiano. DaMatta (1997) salienta que nestes locais é comum as pessoas falarem dos mortos, mas não da morte, o que demonstra que a maior parte da população, de forma sutil, tenta negar a mortalidade, somente fazendo remissão à memória de seus falecidos.

2.3 O HOMEM PERANTE A MORTE

Na atualidade, além da negação da morte do outro, é característica a atitude do homem de negar a própria morte. A finitude humana não é cogitada no cotidiano e as pessoas vivem de forma a parecer que ela não existe. Oliva-Augusto (1995) salienta que um mecanismo de negação da morte nas sociedades atuais é o “fazer passar a vida”. Loureiro (1998) acrescenta que, por estarmos submersos na vida, em atividades cotidianas, corriqueiras para nós, eliminamos, quase por completo, a

idéia da morte, principalmente a de nossa morte. O homem, no decorrer de seu cotidiano, na maioria das vezes, vive como se a morte não estivesse presente nas suas relações.

No inconsciente de uma pessoa, a morte nunca é viável quando se trata da sua própria morte. É complicado para o ser humano tratar do seu próprio fim. Kübler-Ross salienta que o ser humano é imortal em seu inconsciente, o que faz que não admita a perspectiva de sua finitude. “É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para a nossa vida na terra e, se a vida tiver um fim, este será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance” (KÜBLER-ROSS, 2008, p. 6).

Freire (2006) discute a perspectiva de que o homem deseja superar a sua finitude: “O homem deseja superar a morte, por isso constrói estas projeções. Pensar na morte como uma passagem, como uma etapa, significa negá-la como fim implacável da vida”. (FREIRE, 2006, p.28). A autora acrescenta que algumas mudanças na compreensão do papel do indivíduo nas sociedades modernas contribuíram para uma maneira diferenciada de negar a morte. “Não são mais as projeções da idéia de continuidade em um plano metafísico que asseguram a amenização para o enfrentamento da morte. Negar a mortalidade, atualmente, é viver como se ela não existisse” (FREIRE, 2006, p. 28).

Oliva-Augusto (1995) destaca que a consciência do homem de sua finitude e o reconhecimento da temporalidade como dimensão irreversível remetem à noção do individualismo diante da morte. Na medida em que o homem tem consciência que vai morrer, quer aproveitar o tempo e se focar no seu bem estar. A perspectiva da existência de um limite para a vida aponta para a necessidade de vivência plena e com realizações.

O grande problema para os seres humanos não é a morte, mas o reconhecimento de sua existência e de que ela vai chegar (ELIAS, 2001). Mesmo sabendo da sua condição humana de finito e mortal, e de suas limitações diante da grandiosidade da morte, o ser humano tem dificuldades em aceitar a idéia de ter que “partir”. Daí, tenta criar formas de manutenção da existência. A consciência da morte é fator primeiro da negação da morte. As pessoas, ao se relacionarem com a idéia de sua finitude, ficam expostas a toda a sua fragilidade. A morte é um fato que foge do controle do homem e que é indissociável de sua existência. A impotência humana, diante do fim, é motivo de causa de temor, que só vai ser estabilizado com

a atribuição de uma significação de continuidade e de prolongamento da existência humana à morte. Os significados atribuídos à finitude humana vão se dar principalmente no plano de cada cultura, que tem seus códigos e sua organização. As representações religiosas também influenciam na formação de concepções sobre o fim da vida (FREIRE, 2006).

Na concepção de Becker (1976), a idéia da morte e o temor a ela são fatores que perseguem o homem no período de sua existência. A idéia da finitude é um dos pontos precípuos de incentivo da atividade humana destinada a evitar a fatalidade da morte e a vencê-la, tentando impedir que ela se sobreponha como o destino final do homem. O autor aponta como um dos maiores descobrimentos do pensamento moderno a idéia de que, de todas as coisas que impelem o homem, uma das principais é o terror da morte.

A morte é um fator inquietante para o homem na modernidade. A transitoriedade da vida, a necessidade de aproveitamento do tempo e a necessidade de dar significados à existência fazem com que a idéia de morte seja afastada do âmbito social. Essa ausência de reflexão sobre o fim da vida e a necessidade de aproveitamento máximo de cada momento do cotidiano são motivos de isolamento e de falta de afetividade nas sociedades (FREIRE, 2006). Não há mais espaço para a demonstração das emoções e para o manifesto de solidariedade com os que perderam alguém próximo. Na modernidade, a vida precisa ocorrer de forma com que o cotidiano não seja perturbado com possíveis reflexões sobre o fim. Também não há espaço para a demonstração da dor da perda de alguém perante o grupo social. O sentimento de dor é afastado para que a sociedade não seja incomodada e envolvida com os problemas da finitude. Morin (1988) explica que tal dor só vai existir se a individualidade do morto for reconhecida, se o morto tiver uma proximidade familiar, um caráter de intimidade, se for amado ou respeitado, se ele for único.

A aparente falta de solidariedade das sociedades modernas mais desenvolvidas demonstra que as pessoas estão voltadas principalmente para si. Oliva-Augusto (1995) situa que as pessoas pensam em si próprias, como sendo seres individuais e independentes, vendo-se separadas das outras por uma espécie de muro invisível. Para a autora, na medida em que o homem começa a se ver como individual e independente, desassociado daqueles com que convive, a sua vida vai ficando desprovida de qualquer sentido. E, no momento em que a vida perde o

sentido, não há significações para a morte, e são buscados os mais diversos mecanismos para tentar negá-la e isolá-la.

O reconhecimento da supremacia da morte e dos seus significados; a angústia com o fato de que a morte é a única experiência social que não pode ser vencida; a visão da morte como uma questão isolada, são pontos que remetem a questões modernas ligadas ao individualismo. É a presença do individualismo na sociedade que faz com que a morte seja encarada como um problema. É esse credo individualista que ajuda a interpretar algumas atitudes diante da finitude humana, como no caso dos Estados Unidos onde, em alguns casos, os cadáveres são maquiados para serem colocados nos caixões. A maquiagem dos mortos leva à demonstração de que eles estariam apenas repousando (DAMATTA, 1997).

Castells (1999, p. 478) analisa a negação da morte:

Tem sido exorcizada nos ritos para acalmar os vivos, aceita como resignação dos serenos, suavizada nas comemorações dos simples, combatida com o desespero dos românticos, mas nunca contestada. É uma característica distintiva de nossa cultura, a tentativa de banir a morte de nossa vida.

O homem tenta tirar a imagem de que vai morrer do seu cotidiano, pois a morte é mais forte que ele e foge do seu controle. Morin (1988) afirma que é a individualidade humana que tenta negar a morte, elaborando o mito da imortalidade. A consciência da morte não nasce com o homem, mas é adquirida no decorrer da existência.

Na tentativa de negação da morte e de sustentação de sua imortalidade, o homem vive com a perspectiva constante da afirmação incondicional da vida e da derrota da finitude. A presença do simbolismo, presente nas Sagradas Escrituras, de que Jesus Cristo venceu a morte, ancora o cotidiano dos que seguem a doutrina cristã. O homem acredita que o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó é o Deus dos vivos, e não o Deus dos Mortos (DASTUR, 2002). Becker (1976, p. 30) acrescenta: “O grande triunfo da Páscoa é o alegre brado ‘Cristo Ressuscitou!’, um eco da mesma alegria que os devotos dos cultos de mistério interpretavam em suas cerimônias da vitória sobre a morte”.

Morin (1988) aponta a morte como um “elemento” que vai desafiar a condição de indivíduo do homem. Desta forma, para o pensador francês, o horror à morte está relacionado à perda da individualidade:

O horror da morte é, portanto, a emoção, o sentimento ou a consciência da perda da individualidade. Emoção-choque, de dor, de terror ou de horror. Sentimento que é o de uma ruptura, de um mal, de uma catástrofe, isto é, sentimento traumático. Consciência, enfim, de um vazio, de um vácuo, que se cava onde havia plenitude individual, isto é, consciência traumática (MORIN, 1988, p. 32).

A idéia da perda da individualidade é, para o homem, um complexo traumático, que guia todos os traumas que a morte gera entre as pessoas. A morte é uma forma violenta de negação à individualidade. Assim, a individualidade que se revolta contra a morte é uma individualidade que tenta se afirmar sobre ela e a nega. A morte gera traumatismos porque o indivíduo animal é cego à sua finitude, não tem consciência nata sobre a temática e não faz reflexões sobre o seu fim (MORIN, 1988).

Devido ao caráter único da morte, ela é motivo de questionamentos do homem, que a nutre com suas riquezas e com as suas aspirações. Mas a morte, com a sua supremacia sobre os humanos, tem o poder de derrubar qualquer desejo ou sonho, mostrando-se sempre suprema. A vontade de ultrapassar a morte é um reflexo das vontades humanas de vencer a natureza (MORIN, 1988).

Há uma obsessão de sobrevivência por parte do homem, a qual, muitas vezes, se sobrepõe aos interesses humanos pela própria vida. Tal preocupação com a sobrevivência está relacionada à obsessão em conservar a individualidade para além da morte, o que demonstra que o horror à morte está ligado ao sentimento e à consciência da perda da individualidade (MORIN, 1988).

Refletindo-se sobre a ampla vontade de sobrevivência do homem, é constatável uma lacuna no seu comportamento: o homicídio. Morin (1988) salienta que cometer um assassinato é um ato essencialmente humano e que o homem é o único animal que mata o seu semelhante sem nenhuma função vital. Na concepção do autor, o homicídio é a valorização da individualidade em detrimento do instinto de proteção da espécie.

Morin (1988) define o homicídio como a satisfação de um desejo de matar. Neste caso, há uma volúpia, um desprezo, um sadismo, um ódio, que traduzem uma saliência do matador em detrimento dos interesses comuns de toda a espécie. O autor acrescenta que o homicídio não é somente a concretização do desejo de matar, mas também a satisfação de matar um homem, o que significa a afirmação pela destruição de alguém. O homicídio é uma contradição ao princípio do horror à morte e da sua negação. “A decadência dos instintos de proteção específica e a irrupção orgulhosa da individualidade implicam, portanto, o barbarismo, isto é, o homicídio” (MORIN, 1988, p. 66).

Outra lacuna no comportamento do homem, como ser negador da morte, é o suicídio¹¹. Bayard (1996) explica o suicídio como um crime contra a pessoa humana, como uma forma de dar-se à morte, de encerrar o destino, de por fim à vida de forma voluntária. O suicídio pode se dar por razões que variam de acordo com mentalidades, épocas e regiões. As discussões sobre a temática do suicídio variam muito em cada cultura. No ocidente, por influência da Igreja Católica Romana, desde o século V, a justiça não aceita o suicídio. No passado, o clero chegou a fazer a recusa de sepulturas de suicidas em terras cristãs. Os bens das pessoas que se tiravam a vida eram confiscados em benefício do rei. Ocorreram tribunais para julgar processos contra mortos por terem se suicidado (BAYARD, 1996). Na concepção de Bayard (1996), o suicídio, que é uma morte prematura em relação ao ciclo da vida normalmente previsto, retarda o processo de evolução do homem.

A impotência diante da morte é um fator que faz com que o homem viva como se ela só ocorresse distante do seu convívio. A certeza da morte existe, mas está mascarada pela idéia que os homens têm de sua imortalidade. O ser humano tem consciência de sua finitude, mas, ao mesmo tempo, ilude-se com a idéia de ser imortal; prefere ficar com perspectiva da morte como uma passagem para manter a fantasia.

Por outro lado, é dessa fundamental impotência que ele tenta escapar quando pretende ver na morte um “acidente” que acontece certamente ‘todos os dias’ mas somente com os outros, e quando ele identifica de maneira inautêntica o morrer com o simples falecimento. Pois, fazendo da

¹¹ Bayard (1996) menciona que o suicídio é mais comum, estatisticamente, entre as pessoas mais evoluídas do que entre as mais rudes. O grau cultural pode levar a uma pessoa a se revoltar contra o “peso” do destino e a questionar a sua própria existência.

morte um acontecimento que lhe sobreviria do exterior e que lhe aconteceria a partir do mundo, o Dasein se arma de uma segurança contra ela, desde que, enquanto ela não está ali, ele pode se acreditar imortal. É dessa imortalidade provisória que vivemos a princípio e o mais das vezes, o que implica que a vida humana não pode se estender largamente a não ser na medida em que ela se esquiva da morte e em que é capaz de transformar em acontecimento futuro aquilo que é o próprio fundamento da existência (DASTUR, 2002, p. 76).

A morte de um indivíduo, em uma sociedade, não é um acontecimento isolado. O desaparecimento de um componente do sistema social supõe uma crise na estrutura e na organização de todo o sistema (RODRIGUES, 1983). A pessoa que faleceu fazia parte de um grupo e tinha afinidades.

Toda essa preocupação social em afastar a morte supõe, evidentemente, uma certa consciência realista do desaparecimento dos indivíduos e dos perigos sociológicos que este desaparecimento provoca. Não basta à sociedade produzir explicações e tabus que afastem a morte: é preciso ainda que ela tome decisões efetivas para assegurar sua continuidade *contra* e *através* do desaparecimento de seus membros (RODRIGUES, 1983, p. 75).

A morte de um indivíduo faz com que haja a necessidade de uma reestruturação nas relações sociais do grupo em que ele fazia parte. Um vácuo é deixado. Assim, o reforço da solidariedade entre as pessoas que ficaram para que ocorra o preenchimento do “vazio” deixado pelo indivíduo que faleceu é preciso. A necessidade de reestruturação social, as dificuldades e os sofrimentos, gerados pela morte, são alguns dos motivos que fazem com que ela seja negada pelas pessoas (RODRIGUES, 1983).

Na lógica da negação da finitude humana, Castells (1999) salienta que, quando a morte ocorre, ela se dá como uma mudança temporária na tela de espectadores distraídos. O homem tem a impressão de que cada um é o primeiro a morrer e, também, o último, o que tornaria a morte uma experiência única.

Com efeito, embora conhecendo a morte, embora traumatizados pela morte, embora privados dos nossos mortos amados, embora certos de nossa morte, vivemos igualmente cegos à morte, como se os nossos parentes, os nossos amigos e nós próprios não tivéssemos nunca de morrer. O fato de aderir à atividade vital elimina todas as idéias de morte, e a vida humana

comporta uma parte enorme de despreocupação pela morte; a morte está freqüentemente ausente do campo da consciência que, aderindo ao presente, afasta tudo o que não for o presente, e, nesse plano, o homem é inevidente um animal, isto é, dotado de vida. Nessa perspectiva, a participação na vida simplesmente vivida implica em si mesma uma cegueira à morte (MORIN, 1988, p. 60).

Morin (1988, p.293) relaciona a morte com o envelhecimento: “A experiência do envelhecer [...] é como uma pressão do passado que aumenta, enquanto diminui a possibilidade de futuro”. A velhice é um momento em que os homens se defrontam com a proximidade da finitude e tentam fugir dela. Ruffié (1988) assinala que apesar do homem ter vontade de desviar a morte, isso não é biológico, pois a supressão da morte teria que estar relacionada a dos nascimentos.

Elias (2001) analisa a exclusão dos moribundos do convívio das sociedades modernas. O autor ressalta que, em nossos dias, há um desconforto sentido pelos vivos na presença de moribundos e que o convívio com uma pessoa moribunda abala as fantasias defensivas em relação à própria morte. “O amor de si sussurra que elas são imortais: o contato muito próximo com moribundos ameaça o sonho acalentado” (ELIAS, 2001, p. 17).

Há um tabu nas civilizações em relação à expressão de sentimentos espontâneos que possam perturbar o convívio social. Falar dos moribundos pode fazer com que os vivos tenham a impressão da morte ser contagiosa e ameaçadora, o que leva, mesmo que de forma involuntária, ao afastamento dos moribundos. Os moribundos, nessa lógica, são vistos como ameaçadores para a felicidade social e banidos do convívio pelo individualismo das pessoas (ELIAS, 2001).

O afastamento dos vivos em relação aos moribundos e o silêncio que gradualmente os envolve continuam depois que chega o fim. Isso pode ser visto, por exemplo, no tratamento dos cadáveres e no cuidado com as sepulturas. As duas atividades saíram das mãos da família, parentes e amigos e passaram para especialistas remunerados. A memória da pessoa morta pode continuar acesa; os corpos mortos e as sepulturas perderam significação. A *Pietà* de Michelangelo, a mãe em prantos com o corpo de seu filho, continua compreensível como obra de arte, mas dificilmente imaginável como situação real (ELIAS, 2001, p. 37).

Nas sociedades antigas, onde a maioria das pessoas vivia em vilarejos e se ocupava com atividades mais ligadas ao meio rural, os velhos e os moribundos eram tratados pela família. Com o decorrer da história, a grande mudança foi na “razão” humana – as pessoas se tornaram mais racionais. A racionalização aponta para o aumento do conhecimento social orientado para as coisas e para os fatos. Tal conhecimento dá ao homem bases e segurança. As atitudes que hoje são demonstradas pelos indivíduos diante dos moribundos e da finitude humana são reflexos da sociedade atual. Em nenhum outro momento da história as pessoas tiveram tanta preocupação em silenciar a morte e em fazer com que os procedimentos diante dela sejam higiênicos (ELIAS, 2001).

O homem, com o progresso da ciência e do conhecimento biológico, conseguiu aumentar a sua expectativa de vida, mas não a transposição da morte. O que demonstra que o controle humano sobre a natureza é limitado e que ela ainda é soberana. Desta forma, a morte apresenta-se como um dos grandes perigos biossociais na vida humana; ela é deixada nos bastidores da vida social. Os moribundos também são deixados nos bastidores (ELIAS, 2001). Os moribundos são levados aos hospitais para passarem os momentos finais, o que faz com que a morte ocorra à margem, de forma fria e distante, e não perturbe o cotidiano das pessoas.

2.4 DO LUTO AO INDIVIDUALISMO

No período da Alta Idade Média, os guerreiros prostravam-se diante dos corpos de seus amigos falecidos e mostravam seus sentimentos de forma exagerada diante deles. Já a partir do século XIII, as manifestações de luto são marcadas pela presença das carpideiras. Testamentos do século XVI e XVII registram que os cortejos tinham a presença de figurantes, os quais eram comparáveis à presença das carpideiras (ARIÈS, 2003).

Do período que compreendia o fim da Idade Média até o século XVIII, o luto tinha dupla finalidade. A primeira era a de levar a família do morto a manifestar a dor pela perda de alguém próximo – tal dor nem sempre estava sendo sentida. A segunda era ajudar os que sobreviveram a enfrentar o sofrimento excessivo. No

período do luto, parentes, vizinhos e amigos iam visitar os enlutados e estes poderiam liberar as suas tristezas e emoções, sem que suas expressões fossem além de limites fixados pela aceitação da sociedade (ARIÈS, 2003).

O tipo de luto praticado no século XIX na atualidade é visto como exagerado. O luto desta época se dava com um desenrolar fora do comum. Choros, desmaios, desfalecimentos e jejuns faziam parte dos rituais deste período da história. O exagerado luto do século XIX significava que as pessoas que viveram neste período tinham mais dificuldade em aceitar a morte e em conviver com a temática do que as que viveram em tempos anteriores. Neste período, a morte temida é a morte do outro, não a própria morte (ARIÈS, 2003).

O sentimento demasiado de luto do século XIX é que dá origem ao culto moderno dos túmulos e dos cemitérios. Ariès (2003) situa o culto aos túmulos e aos cemitérios como sendo um fenômeno religioso, próprio da época contemporânea. O autor acrescenta que o culto aos túmulos, praticado nos séculos XIX e XX, não está relacionado aos cultos antigos, pré-cristãos, dos mortos, e nem com a manutenção dessas práticas. Nos séculos XIX e XX, cultivam-se hábitos como ir aos cemitérios colocar flores nos túmulos – assim, são cultivadas as lembranças dos que morreram.

Ariès (2003) traça um perfil do desenvolvimento do luto, de forma resumida, no decorrer do processo histórico:

Se fosse possível traçar uma curva do luto, teríamos uma primeira fase aguda, de espontaneidade aberta e violenta, até o século XIII aproximadamente; depois uma fase longa de ritualização até o século XVIII e ainda, no século XIX, um período de exaltado “dolorismo”, de manifestação dramática e mitológica fúnebre. É possível que o paroxismo do luto no século XIX esteja relacionado com sua proibição no século XX, assim como a morte suja do pós-guerra, de Remarque a Sartre e a Genet, aprecia com o negativo da morte nobre do Romantismo (ARIÈS, 2003, p. 250).

Aponta Ariès que os hábitos de luto pouco se alteraram do século XIX até a primeira Guerra Mundial. Entre 1930 e 1950, período em que ocorre o deslocamento da morte de casa para os hospitais, vai ocorrer uma mudança nos costumes e práticas diante da finitude humana. Nesse contexto, está incluída uma mudança da postura da sociedade diante do luto.

Passa a não ser comum pessoas demonstrarem explicitamente o que estão sentindo pela morte de um familiar. A demonstração de dor perante os outros já não é mais motivo de sensibilização, mas de perturbação da ordem social. É a família quem tem que dar o amparo aos próprios membros.

Hoje, à necessidade milenar do luto, mais ou menos espontâneo ou imposto segundo as épocas, sucedeu, em meados do século XX, sua interdição. Durante o espaço de uma geração, a situação foi invertida: o que era comandado pela consciência individual ou pela vontade geral é, a partir de então, proibido; o que era proibido, é hoje recomendado. Não convém mais anunciar seu próprio sofrimento e nem mesmo demonstrar o estar sentindo (ARIÈS, 2003, p. 250-251).

O grupo social não dá mais sustentação às pessoas que estão sofrendo a perda de alguém próximo. O luto passa a ser solitário. Com o esvaziamento dos valores da morte, o hábito de visitação aos cemitérios enfraqueceu, principalmente nos países onde a revolução dos hábitos diante da finitude humana foi radical. Com o enfraquecimento do simbolismo dos cemitérios, a cremação surge como uma alternativa de sepultamento. Ariès (2003) salienta que a principal motivação da cremação é que ela é a maneira mais adequada para fazer desaparecer tudo o que pode restar do corpo da pessoa que faleceu; a cremação elimina os vestígios da morte, é uma garantia da existência da racionalidade.

Ao refletir sobre o luto, Chiavenato (1998, p.64) relata que a sua prática começou a ser abandonada em meados da década de 1950. O autor assinala que nesta época as sociedades industrializadas deixaram o luto de lado e começaram a ter novos costumes diante da morte.

De lá para cá, cada vez mais, quem perde um parente, amante ou amigo deixa de emitir sinais de dor, não lança apelos de socorro nem pede conforto sentimental. Vive-se isoladamente a dor. Durante o luto, era comum as pessoas se solidarizarem e demonstrarem carinho. Hoje, o fim do luto ostensivo contribui para aumentar o sentimento de angústia e isolamento.

É claro que mesmo condicionadas pelas formas do morrer, as pessoas sentem dor sincera. Mas já não há o costume de, com o luto, avisar que estamos sofrendo – aquela antiga roupa ou tarja preta era um pedido de solidariedade: confortem-me. Isso acabou.

As civilizações antigas eram mais compreensivas que as atuais com os sentimentos das pessoas que estavam sofrendo devido à perda de alguém próximo. Como causa do esvaziamento dos ritos perante a morte, pode-se apontar a necessidade de se manter a felicidade coletiva, evitando as formas que possam causar tristeza para a sociedade. O interdito de algumas manifestações, diante da morte, deu-se após um período de vários séculos de culto à morte, a qual era um espetáculo público amplamente apreciado.

Hoje, com a economia dos gestos e dos sentimentos, como noções fundantes do “processo civilizador” da modernidade (ELIAS, 1993), a exacerbação do sofrimento no luto perde lugar social e torna-se individual. O sofrimento público transforma-se em inadequação. É a melancolia que dá lugar ao luto. Os enlutados agora sofrem sozinhos, não demonstrando para a sociedade os seus sentimentos. O luto pela perda de uma pessoa próxima foi abdicado em nome da sobriedade de comportamento. Kübler-Ross (2008) salienta que entre os parentes dos mortos um vazio é sentido após o funeral. E é neste momento que os familiares precisam de pessoas para conversar, principalmente de alguém que teve contato com o falecido para lembrar os bons momentos vividos por ele.

No período de prática do luto, a sociedade impunha às famílias dos mortos um tempo de reclusão, que tinha como objetivo fazer com que os sobreviventes resguardassem a sua dor do mundo e também impedir que esquecessem rapidamente do falecido (ARIÈS, 2003). Na atualidade, com a interiorização do sofrimento, o trabalho do luto foi atravessado por razões de conveniência social e pelo enaltecimento do individualismo. A dor de um enlutado não faz mais parte das preocupações coletivas e o sofrimento precisa ser um processo discreto.

O luto saiu de moda nas sociedades ocidentais sem que fosse levado em consideração que ele tinha funções sociais e que trazia benefícios. As sociedades individualistas não dão mais amparo aos seus membros no momento da finitude humana. Foi necessário cortar qualquer vestígio da morte do cotidiano para que os vivos não fossem atormentados com a possível idéia da finitude:

[...] o luto está saindo de moda em nossas sociedades, tanto como reação contra a hipocrisia social tradicional quanto como filosofia realista de sobrevivência. No entanto, psicanalistas e antropólogos demonstram as

funções sociais e os benefícios individuais do ritual e do sentimento de luto. Mas a privação do luto é o preço a pagar para alcançar a eternidade em nossa existência mediante a rejeição da morte (CASTELLS, 1999, p. 480).

Freire (2006) salienta que é importante o entendimento de como a morte e o luto são tratados em uma sociedade onde o individualismo vigora. A autora enfoca que, a partir da individualização da dor, os ritos de despedida tornam-se mais superficiais, com as expressões de sofrimento minimizadas. A morte interdita das sociedades atuais leva à individualização dos sentimentos diante da finitude humana. A falta de reflexões sobre o fim da vida tem relação direta com o individualismo e a exigência de aproveitamento do tempo.

Louis-Vincent Thomas, introduzindo Bayard (1996), explica que os ritos funerários são rodeados de simbolismo. Eles estão relacionados com o tratamento concedido ao defunto e com a preocupação em honrá-lo e em tratá-lo como se não tivesse morrido. Mas, os funerais realizados na atualidade são vazios de ritos, com conteúdos empobrecidos. A palavra cerimonial é mais adequada do que a ritual para os enterros de hoje. Bayard (1996) acrescenta que nas sociedades de consumo as cerimônias fúnebres são bastante discretas ou até esquecidas. O autor é incisivo ao dizer que a “nova fórmula” de acompanhamento dos moribundos é ridícula se for comparada aos costumes da antiguidade.

Seria necessário reaprendermos a nos reconciliar com a morte, reintroduzindo-a em nossa vida com nova perspectiva, como sabiam fazer nossos antepassados das civilizações arcaicas, os quais tinham mais bom senso do que nós, unindo-se aos grandes ciclos da natureza, simplesmente vivendo envolvidos no sagrado (BAYARD, 1996, p. 140).

Na sociedade moderna, onde o individualismo é preponderante, não há mais espaço para a demonstração pública dos sentimentos. O contato com os mortos é deixado em segundo plano, da mesma forma que a sociedade não se preocupa mais com os enlutados. O homem está mais voltado para si e para as suas atividades do que preocupado em dar uma sustentação para o grupo social. Dastur (2002) situa que a experimentação do luto, pela perda de um ente querido, vai remeter o ser humano à experiência de sua própria morte, vai fazer com que ele viva

a morte, com que ele se dê conta da fragilidade de sua individualidade, âmbito que dá bases para que o luto não tenha aceitação nas sociedades atuais.

No contexto atual, o sofrimento causado pela perda de um parente tornou-se um problema particular, referente apenas àquele que perdeu, às famílias do falecido. Se a sociedade der espaço para a manifestação do luto, ela vai estar abrindo margens para a fragilização da individualidade dos seus membros; para que eles fiquem suscetíveis de refletir sobre a sua própria finitude e para que eles sejam condenados a ser incomodados com a sensação da mortalidade estar cercando, estar batendo à porta. A finitude é um fenômeno real, basta o homem dar uma pequena brecha, que ela se faz presente.

Na perspectiva de que a sociedade atual não “aceita” o luto, estar enlutado é estar inadequado aos padrões sociais vigentes, é estar relembrando que o homem é finito e que passa por sofrimentos diante do processo da finitude. O luto faz com que o homem reflita sobre as suas limitações:

É então quando a morte, através do luto, apresenta-se não apenas como uma experiência social, coletiva, mas também individual, privativa – pois refere-se à consciência que o homem tem de si e de suas limitações, e ainda à sua dor pela partida do próximo. Este sentimento de aflição provocado pelo luto desdobra-se numa série de conseqüências sociais [...] (FREIRE, 2006, p. 50).

Koury (2003) explica que o distanciamento em relação aos ritos de morte e aos mortos tem sido a tendência da nova sensibilidade que tem se formado no Brasil urbano atual. O autor trabalha com a hipótese de que a morte e sua relação com o mundo dos vivos, na sociedade brasileira atual, transparecem a noção de terem sido capturadas por códigos individualistas, ao invés de demonstrarem traços de sociabilidade relacional. Tornam-se estranhas, neste contexto, as manifestações públicas de dor e a demonstração de sofrimentos. No passado, era vigente o hábito de se fazerem rituais como missas de corpo presente, cultos e missas de sétimo, trigésimo e um ano de falecimento. Tais hábitos, hoje, parecem ter perdido espaço na sociedade individualista. Mesmo que se mantenha a realização dos ritos, são abandonados os gestos de expressão de sofrimento perante o público.

Refletindo o caso brasileiro, Koury (2003) também aponta o individualismo como um fator para o esvaziamento dos valores do luto na sociedade atual. O autor ressalta que houve um impedimento tácito às manifestações de expressões de sentimentos no momento da finitude humana. Nas relações vividas nas sociedades brasileiras da atualidade, a reprovação às práticas do luto se manifesta como tendência explícita. Não há lugar para o acolhimento dos enlutados e nem para manifestações de sofrimento perante o público. A sociedade não serve mais como suporte.

Há um mascaramento da dor da perda para que o bem-estar social não seja perturbado, para que o cotidiano da sociedade não seja atrapalhado com a idéia da finitude humana. A expressão pública de dor e de tristeza é escamoteada para os bastidores da vida social e, assim, a individualidade humana não fica ferida com a agonia do sofrimento dos outros e com a lembrança da própria morte.

No conjunto das relações pessoais, a tendência atual é a de reprovação tácita ao luto expresso publicamente, como se a dor causada pelo sofrimento pessoal de uma perda contaminasse os outros com a presença da morte. O sofrimento e o processo de introjeção do morto em si, que compõem o trabalho do luto, situam-se cada vez mais, como subjetividade e como uma espécie de império da memória pessoal do enlutado (KOURY, 2003, p. 196).

No contexto atual, no Brasil urbano, as atitudes predominantes perante a morte se caracterizam pela negação das práticas relacionais e pela emergência do individualismo. As atitudes do homem perante a finitude humana não enfatizam mais os processos integrativos, a solidariedade, o acolhimento aos enlutados. Fica evidente que o final da vida, no Brasil urbano atual, é marcado por atos de discrição. As emoções sociais ficam restritas ao âmbito privado. Não há mais lugar para elas no espaço público.

Koury (2003) reitera que a tônica moderna do luto, no Brasil urbano, é o reflexo de um caminho completamente marcado pela individualização. São traços da experiência do luto praticado na atualidade no Brasil urbano a indiferença, o fingimento de que a morte e o sofrimento não existem, além da banalidade em relação ao trato da morte. Os processos de sofrimento da perda são jogados para a

intimidade do sujeito enlutado, que sofre a tristeza sozinho ou acompanhado apenas de seus familiares e das pessoas mais próximas de sua família.

É traço automático nas relações sociais no Brasil atual o interdito às manifestações públicas de sofrimento pela perda de alguém querido e, também, às demonstrações de solidariedade. A lógica da solidão perante a morte está disseminada, e as sociedades não dão mais amparo emocional para os sujeitos enlutados. Assim, as práticas relacionais, no Brasil urbano atual, estão se sustentando com bases individualistas (KOURY, 2003).

O individualismo no Brasil parece vir se constituindo através do controle social dos processos de individuação. As emoções tidas como fundamento do indivíduo enquanto instância privada são apropriadas socialmente como expressões de desejo e tratadas como relações mercantis próprias ao consumo, ou como questões específicas do individual. A pulverização da pessoa vem se fazendo através da fragmentação de papéis sociais e da tendência para uma radicalização do individualismo nas relações sociais (KOURY, 2003, p. 200).

Koury (2003) salienta que é a ambigüidade nas relações e nos sentimentos expressos a marca das relações de sociabilidade do Brasil do século XXI. A discrição perante a morte começou a vigorar no país desde o final do século XIX, quando a morte e o morrer começaram a ser retirados gradualmente da cena pública. O autor aponta que algumas tradições perante a morte, como a realização de velórios longos e dialogar com os mortos, mesmo que em fase de declínio, foram praticadas até meados dos anos 60 do século XX entre os habitantes dos espaços urbanos brasileiros.

Sébastien Charles, introduzindo o pensamento de Lipovetsky (2004b), diz que a pós-modernidade é o momento histórico em que os elementos institucionais que freavam as manifestações do indivíduo e a sua emancipação desapareceram. O pensador enfoca que o consumo das massas e os valores que ele veicula, como o hedonismo, são elementos responsáveis pela passagem da modernidade à pós-modernidade, que pode ser remetida à segunda metade do século XX.

A mutação de valores identificada por Charles se aproxima cronologicamente do período de negação mais intensa à presença da morte e ao cultivo de rituais perante a finitude humana. Na medida em que o homem começa a

se preocupar mais com a sua realização pessoal, a presença da morte, no seu meio, pode ser um fator incômodo, pois vai remeter ao pensamento da sua própria morte. Lipovetsky (2004a) salienta que a entrada das sociedades na era do consumo é um fator que leva ao enaltecimento dos valores individuais, à busca do prazer e da satisfação íntima. O hiperindividualismo¹² persegue a maximização dos ganhos do homem na maior parte das esferas de sua vida, como na sexualidade, na religião e na política. Então, o individualismo diante da morte do outro é uma maneira do homem se defender do pensamento de sua própria finitude e de escamotear o seu sofrimento.

Morin (2005a) diz que o desenvolvimento do individualismo, o qual é fruto do pensamento, da consciência e da reflexão, não deve levar à redução do ser humano apenas à individualidade. O ser humano está envolto em um contexto e se define como pertencente à tríade indivíduo/sociedade/espécie; o indivíduo é um termo que forma o conjunto da tríade e cada um dos termos contém os outros. O autor associa a relação entre os elementos da tríade com a complexidade humana:

Indivíduo, sociedade e espécie são, assim, antagônicos e complementares. Imbricados, não estão realmente atrelados; há a perplexidade da morte entre o indivíduo efêmero e a espécie permanente; há o antagonismo do egocentrismo e do sociocentrismo. Cada um dos termos dessa trindade é irreduzível, ainda que dependa dos outros. Isso constitui a base da complexidade humana (MORIN, 2005a, p. 52).

Apesar da relação entre os três elementos, o indivíduo pós-moderno está mais voltado para si do que para a sociedade e para a espécie. Ele almeja viver plenamente a sua vida, prezando por finalidades individuais, como o amor, a felicidade, o bem-estar, o conhecimento, o poder e a aventura. A partir da ênfase aos valores individuais, Morin (2005b) salienta a necessidade de uma religação entre os elementos da tríade indivíduo/sociedade/espécie. O grande problema ético contemporâneo se situa na ênfase do individualismo em detrimento do espírito

¹² Lipovetsky (2004b) refere-se ao momento atual como a sociedade hipermoderna, onde há uma maximização dos valores da modernidade. O autor explica que o homem da sociedade hipermoderna é hiperindividualista, sendo muito mais voltado para si, dono da sua existência e tendo menos proteção da sociedade como um todo e das instituições.

comunitário. Tal idéia pode ser evidenciada na observação da morte, no decorrer da história, onde fica visível o abandono da solidariedade com o grupo e, principalmente, com aqueles que estão sofrendo pela perda de alguém próximo. A dor do outro não é mais uma questão que pertence à sociedade como um todo e, sim, ao âmbito privado. O prazer de cada indivíduo se sobrepõe à necessidade de observação dos sentimentos alheios. É o hedonismo preponderando sobre a solidariedade.

Como forma de religação, Morin (2005b, p. 2002) aponta o amor como experiência fundamental entre os seres humanos: “Amor é também coragem. Ele nos permite viver na incerteza e na inquietude. É remédio para angústia, resposta para a morte e o consolo”.

2.5 A MORTE NA MÍDIA

Rodrigues (1983, p. 229) polemiza a idéia de que as sociedades atuais são negadoras da morte, fazendo uma alusão à constante apresentação da finitude humana nos meios de comunicação:

Não obstante nossa argumentação, tudo o que estamos dizendo poderia ser aparentemente contestado se ligássemos um aparelho de televisão. Este simples gesto poderia, à primeira vista, demolir todas as acusações de ocultação e negação da morte, dirigidas contra nossa cultura. Um gesto tão simples, que talvez tenha esta função de demolição como um dos seus deveres ocultos: como afirmar que existe todo um esforço social para escondê-la, como sustentar que só pode ser descrita através de eufemismos, como declarar que a educação das nossas crianças ignora a realidade da morte, como dizer que nossa sociedade quer expulsá-la, se os nossos jornais relatam e dissecam dezenas de mortes diariamente, se ela exerce fascínio e é ambicionada mercadoria jornalística [...].

Para Rodrigues (1983), as mídias alastram a impressão de um grande barulho e de uma intensidade ao se falar sobre a morte. O autor faz questionamentos sobre que tipos de morte são apresentados nos meios de comunicação e conclui que são simplesmente mortes que ocorrem sobre a tela da

televisão ou sobre um papel de jornal, mas que elas são incapazes de perturbar o ritmo da vida cotidiana. Tais mortes não levam o homem a pensar na decomposição humana, não o deixam frente a reflexões sobre a sua existência e não transformam as relações sociais. “São mortes excepcionais, pouco prováveis, violentas, acidentais, catastróficas, criminosas, ou que atingem pessoas importantes e excepcionais. Em suma: não são mortes” (RODRIGUES, 1983, p. 229).

O morto que é retratado nos meios de comunicação é desconhecido da maior parte dos espectadores, um estranho, não passa de uma pessoa qualquer. Para o público, o morto apresentado na mídia não atinge diretamente o seu cotidiano e não causa problemas à sua individualidade – a distância não permite a concretização da morte e deixa-a no âmbito dos acontecimentos inatingíveis. A tragédia é esquecida com a mesma facilidade com que entrou nas casas dos públicos. Não existe proximidade que faça com que haja um desgaste na relação entre o homem e a morte midiática; tal relação ocorre com distanciamento.

Pelo contrário, Morin (1997) explica que o homem sacia os seus desejos de sadismo, os quais são reprimidos pela ordem social, contemplando a morte nos meios de comunicação. Os desejos de crueldade e os assassinatos reprimidos pela ordem social podem ser personificados através dos *fait divers*¹³ apresentados na mídia. Conforme as palavras de Morin (1997, p. 114, grifo do autor):

À proliferação das violências imaginárias se acrescenta a vedetização das violências que explodem na periferia da vida cotidiana sob formas de acidentes, catástrofes, crimes. A imprensa da cultura de massa abre suas colunas para os *faits variados*, isto é, para os acontecimentos contingentes que só se justificam por seu valor emocional.

Para o autor, através da cena midiática, o homem vivencia, com toda a segurança, a experiência da insegurança; presencia passivamente a guerra, vivencia passivamente a experiência do homicídio e “sofre” inofensivamente a experiência da morte. A violência na mídia não existe somente pela necessidade do

¹³ Dejavite (2001) salienta que o termo *fait divers*, que foi introduzido Barthes, significa fatos diversos, que estão relacionados a escândalos, curiosidades e bizarrices. Morin (1997) reflete *fait divers* nos meios de comunicação: “A imprensa da cultura de massa abre suas colunas para os *faits variados*, isto é, para os acontecimentos contingentes que só se justificam por seu valor emocional” (MORIN, 1997, p. 114, grifo do autor).

homem de fazer a experiência do homicídio, mas pela sua necessidade de viver a morte, de conhecê-la. “Os grandes criminosos são, portanto, literalmente, os bodes expiatórios da coletividade” (MORIN, 1997, p. 115).

A presença de *fait divers* no espaço da imprensa se justifica pelo valor emocional que eles têm para os espectadores. Vivenciando os crimes, as tragédias e a morte através da mídia, os espectadores encontram os seus sonhos menos conscientes. As estruturas dos fatos variados estão relacionadas com as estruturas do imaginário do homem (MORIN, 1997).

O escancaramento da morte na cena midiática, na opinião de Rodrigues (1983), não passa da confirmação do tabu da morte. O autor diz que o que os meios de comunicação fazem não passa da venda para cada espectador dos seus sentimentos mais íntimos, que estão reprimidos no fundo de cada alma.

Dando a impressão de dizer o que não pode ser dito, os *media* dão a seus espectadores a impressão de sentir o que não pode ser sentido e, em lugar das perguntas sem respostas que toda morte comporta, oferecem respostas para as quais não houve perguntas – respostas que não se destinam a silenciar toda indagação, a abolir antecipadamente toda reflexão sobre o evento terminal da existência humana e sobre essa existência mesma. Por detrás desse rumor silenciante, mais uma porta se abre, pela qual a morte poderá ser integrada ao circuito econômico do lucro, colocando-se em vitrines, transformando-se em apelo para a venda das mercadorias da indústria cultural (RODRIGUES, 1983, p. 230).

Castells (1999) concorda com as idéias de Rodrigues (1983) quanto à lógica de que a apresentação excessiva da morte, na cena midiática, serve para reforçar o escamoteamento dela da sociedade. De acordo com o pensamento de Castells (1999), é tendência predominante das sociedades ocidentais o apagamento da morte do convívio social e fazer com que ela se torne inexpressiva pela sua repetição na cena midiática – sempre na forma da morte do outro. O homem contempla a morte do outro nos meios de comunicação e se distancia da sua própria morte. A sua própria morte acaba ficando no campo do inesperado.

A morte do outro se apresenta para o homem como uma possibilidade de experimentação da morte em vida. É a possibilidade de testar a morte sem estar tratando da própria morte (KOVÁCS, 1992). A possibilidade que o homem tem de se deparar, nos meios de comunicação, com o outro morrendo faz com que ele tenha a

sua individualidade fortalecida. O ser humano, ao contemplar a derrocada do outro, realiza a sua necessidade de passar por experiências de morte durante o seu viver e, ainda, sai como soberano na lógica de que é eterno durante a sua existência.

Para Barbosa (2004), na contemporaneidade há uma nova forma de ver a morte e essa representação é guiada pelos meios de comunicação. Os meios, na concepção da autora, mostram como devem ser os rituais diante da morte, os lugares de preservação da lembrança e os aspectos que devem ser levados em consideração em relação à finitude. Eles levam a morte até as casas dos espectadores, mesmo que a morte seja proibida nesse ambiente, e constroem o imaginário da morte, fazendo com que ela se torne pública.

Como já foi exposto neste trabalho, durante a Idade Média ocorriam mortes públicas, que eram antecedidas por reuniões de grande número de pessoas no quarto dos moribundos para presenciarem as últimas lamentações. Na contemporaneidade, como os rituais de morte são interditados pela sociedade, não há mais espaço para muitas lamentações e despedidas sobre a morte de um parente que faleceu. Assim, a experiência da morte se dá na cena pública através da contemplação da morte do outro. A morte ganha formato de espetáculo midiático.

Na mídia não há mais leito, não há mais sofrimento. Os rituais ganham espaço com seu caráter mais dramático e excessivo. A vivência da morte, no espaço privado e tranquilo do leito, dá espaço à contemplação do espetáculo midiático. Perante a cena da mídia, a comoção é aceita e permitida. É permitido chorar, não só pelas pessoas próximas, mas pelo desconhecido.

No mundo contemporâneo, marcado pelo individualismo, a morte deixa de ser gradativamente familiar e próxima, para ser cada vez mais a morte do outro. [...] Diante da cena midiática é espetáculo banal, mesmo que os gestos ritualizados devam ser dramáticos. O que importa são os instantes que antecedem ao desfecho previsível. Seja a crueldade, o assassinato frio e calculista, seja a doença interminável. Ambos interrompem uma trajetória (BARBOSA, 2004, p. 3).

Barbosa (2004) salienta que a televisão, nas suas transmissões cotidianas, constrói duas perspectivas de mortos: o morto comum, que é objeto da violência corriqueira, e o morto notável, que teve a sua vida dotada de atos evidentes. A

autora enfatiza que são as mortes de pessoas notáveis que aparecem como objetos das cerimônias da televisão. É destacada como espetáculo midiático a trajetória do morto quando era vivo, sendo mostrada como algo exemplar, que merece ser lembrada e cultuada. É característica do discurso midiático o enaltecimento das características “positivas” do grande morto, a ponto de torná-lo um herói diante do público, o que pode causar identificação.

A morte de alguém comum, para ganhar espaço midiático, tem que ser uma morte fortuita, uma ruptura, que tenha aspectos que possam tocar na intimidade do ser humano. A morte midiática não é corriqueira, ela é imprevisível, violenta e tem que significar uma ruptura.

No caso da morte violenta, a mídia explora o espetáculo da brutalidade que ocasiona a morte. Diante de um quadro de guerra urbana e de desigualdade social, que leva cotidianamente à proliferação da morte, os meios de comunicação têm um conjunto de elementos a sua disposição para construção de um espetáculo (BARBOSA, 2004). Toda a violência, que vai ocasionar a morte, passa a fazer parte do enredo midiático.

Os meios de comunicação dão aos espectadores a oportunidade de fazer a experiência da morte no cotidiano. Tal experiência tem a garantia de ser distante, de não bater momentaneamente à porta de quem a contempla, de não perturbar, o que faz dela perfeita. A apresentação da morte na cena midiática oportuniza ao público a discussão de um tema que lhe é ao mesmo tempo caro e maldito, que lhe causa sensações boas e ruins; uma verdadeira polêmica para histórica. Nada melhor para o homem que acessar a morte através do jornal ou pela televisão, assim ela fica longe de seu cotidiano.

Como mencionado antes, os mortos dos meios de comunicação são pessoas distantes do cotidiano dos espectadores. Ou são as super estrelas, os grandes mortos, que fazem parte do mundo dos sonhos, ou são pessoas que morreram em situações incomuns, mas são desconhecidos, anônimos, distantes. O sujeito, ao ver essas mortes, fica fortalecido; sai mais forte como indivíduo; foi o outro que foi atingido pela finitude humana. O consumo da morte na mídia faz uma mediação entre o homem e algumas das angústias que cercam a sua vivência. Consumir a morte na mídia vai muito além da simples contemplação de veiculações de meios de comunicação; é uma forma encontrada pelo espectador para “trabalhar” com um tema delicado e polêmico.

3 DISCUSSÕES SOBRE O CAMPO JORNALÍSTICO

O percurso teórico deste capítulo começa com a perspectiva de traçar uma base sobre o campo jornalístico, que vai dar sustentação ao olhar que vamos dar sobre a televisão. Para introduzir a discussão sobre a televisão e sobre o jornalismo televisivo, bem como sobre temáticas que perpassam a reflexão da apresentação da morte no telejornalismo, é pertinente fazermos um debate sobre questões-chaves do campo jornalístico, pois entendemos que elas embasam toda a prática da produção da notícia televisiva. Assim, vamos apresentar primeiramente discussões sobre o jornalismo e sobre peculiaridades que delimitam a sua prática cotidiana, como critérios de noticiabilidade e rotinas produtivas. Entendemos que para compreender o discurso do telejornalismo sobre a morte é fundamental discorrer sobre tais aspectos.

O decorrer do capítulo é constituído por ponderações mais específicas acerca da TV, abarcando aspectos como: a televisão como um laço social (WOLTON, 1996); a visibilidade (MARTIN-BARBERO E REY (2004); GOMES (2004); MAIA (2002)) e a espetacularização no telejornalismo ((SZPACENKOPF, 2003); DEBORD (1997)).

3.1 REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

É comum, na atualidade, dar-se ênfase ao poder das mídias e também denunciá-las como prepotentes, perversas e perigosas aos espectadores (TRAQUINA, 2003). É pertinente dizer que tais críticas, muitas vezes, têm cunho político, mas não pode ser ignorado que o campo jornalístico é atravessado por relações de poder e que os jornalistas têm papel ativo no processo de construção das notícias, de definição do foco dos assuntos que vão fazer parte da pauta social e de construção do real.

O trabalho jornalístico é condicionado a esferas de poder, mas o jornalismo, devido a sua abrangência e a sua autonomia relativa, também exerce poder. Da mesma forma, os profissionais que trabalham com jornalismo têm poder na

sociedade, pois participam do processo de construção da notícia, são agentes ativos na construção da realidade (TRAQUINA, 2004).

O campo jornalístico se constituiu no século XIX em um contexto em que existiam jornais que apresentavam ao público preferencialmente notícias, com foco sensacionalista, e jornais que traziam propostas de análises e comentários. A distinção principal entre os dois tipos de jornais se fazia pela presença da objetividade nos jornais que traziam análises e comentários (BOURDIEU, 1997).

O campo jornalístico ganhou forças em um período em que ocorreu o desenvolvimento do capitalismo e de outros processos, como a industrialização, urbanização, educação em massa, progresso tecnológico e a emergência da imprensa como “mass media”. O jornalismo tornou-se, simultaneamente, um negócio e um integrante fundamental da democracia (TRAQUINA, 2005).

Traquina (2004, p. 27) elenca três fatores primordiais para a existência do campo jornalístico:

[...] a existência de um “campo” implica a existência de 1) um número ilimitado de “jogadores”, isto é, agentes sociais que querem mobilizar o jornalismo como recurso para as suas estratégias de comunicação; 2) um *enjeu* ou prêmio que os “jogadores” disputam, nomeadamente as notícias; 3) um grupo especializado, isto é, profissionais do campo, que reivindicam possuir um monopólio de conhecimentos ou saberes especializados, nomeadamente o que é notícia e a sua construção.

Mazzarino (2007) situa o campo jornalístico como um espaço social onde interagem sujeitos que atuam como fontes de determinado acontecimento, produtores de notícias, detentores das estruturas organizacionais onde as informações são produzidas e receptores dos produtos jornalísticos. Na sociedade, o campo jornalístico é parte de um sistema complexo de interação entre diversos campos sociais. A autora acrescenta que, nas sociedades contemporâneas, o campo jornalístico é alvo de ações estratégicas de diversos agentes sociais, os quais objetivam a relação entre as suas necessidades de acontecimentos com as dos profissionais do meio jornalístico.

O campo jornalístico é caracterizado por Vizeu e Correia (2008) como um lugar relevante e central na construção social da realidade. Os autores citam a idéia de Pierre Bourdieu (1997) de que os jornalistas têm óculos especiais, que os fazem

ver algumas coisas em detrimento de outras, no momento em que vão olhar para a realidade. Ou seja, os jornalistas selecionam e constroem a realidade no momento em que estão fazendo a cobertura de um acontecimento.

Ao refletir sobre o campo jornalístico contemporâneo, Traquina (2004) aponta que dois pólos se destacam como dominantes: o pólo econômico e o pólo ideológico. Faz parte do pensamento do autor que no pólo ideológico o jornalismo atua como um serviço público que fornece informações importantes para a vida das sociedades, para que os cidadãos possam se defender de abusos de poder. Já no pólo econômico, o jornalismo faz parte de um negócio e as notícias são vistas como mercadorias, que têm como finalidade proporcionar lucros às empresas jornalísticas. Ele ressalta que, para os jornalistas, o pólo negativo é o econômico, o qual vincula o jornalismo aos valores comerciais e dá ênfase à venda de jornais, deixando de lado os valores associados à ideologia profissional.

Sobre o campo jornalístico, Bourdieu (1997) salienta que ele contribui para o reforço do “comercial” em detrimento do “puro”, entre os outros campos, e que ele se organiza de acordo com uma estrutura homóloga a dos outros campos, dando muito mais peso ao comercial. O autor acrescenta que, da mesma forma que campos como o político, o econômico e o científico, o campo jornalístico está sujeito aos vereditos do mercado, podendo ter sanções da clientela e dos índices de audiência. Os jornalistas que ocupam posições mais elevadas no veículo de comunicação, dependente do mercado, são os mais propensos a adotar como modo de seleção das pautas a serem veiculadas o critério “índice de audiência”¹⁴. São os mais jovens e menos estabelecidos na carreira que, geralmente, se opõem às exigências do setor comercial no campo jornalístico.

Falando da influência do mercado na decisão do que é veiculado nos meios de comunicação, Bourdieu (1997) ressalta que produtos como o sexo, o drama e o crime sempre fizeram vender. Angrimani Sobrinho (1995) caracteriza a violência e o sexo como “faces da mesma moeda”.

O pólo econômico e o pólo ideológico têm muitas tensões, as quais, segundo Traquina (2004), são permanentes, insolúveis e intensas:

¹⁴ Bourdieu (1997) explica que a concorrência pelo mercado, por elevados índices de audiência, tende a formar uma concorrência pela notícia mais nova, pelo furo jornalístico. Muitos dos furos publicados estão fadados a serem ignorados pelo público e a serem percebidos só pelos concorrentes. A concorrência estimula a vigilância constante ao trabalho da concorrência, para que seus fracassos sejam aproveitados e para que seus sucessos sejam contrapostos.

Num pano de fundo desta tensão, os diversos “jogadores” tentam mobilizar, para as suas estratégias comunicacionais, os seus acontecimentos, os seus assuntos, ou as suas idéias e valores. São “promotores” que avançam as suas “necessidades de acontecimentos”. Interagem com os profissionais do campo jornalístico, os jornalistas, que, em última instância, decidem, em interação com outros jornalistas, o que é notícia, qual é a sua importância, e como é definida. Nessas interações, os jornalistas atuam como agentes que têm as suas próprias “necessidades de acontecimentos”, ou não há o imperativo de “fechar” a edição do jornal ou começar o noticiário principal do dia a tempo? (TRAQUINA, 2004, p. 28).

Adriano Duarte Rodrigues (1993) define acontecimento jornalístico como tudo aquilo que irrompe a superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fatos que ocorrem no cotidiano¹⁵. “Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização” (RODRIGUES, 1993, p. 27). De acordo com o autor, o acontecimento é imprevisível e ocorre de forma accidental no decorrer do cotidiano:

O acontecimento jornalístico é, por conseguinte, um acontecimento de natureza especial, distinguindo-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades, sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência. Neste sentido, faz parte de um conjunto relativamente restrito que pertence a um universo muito vasto (RODRIGUES, 1993, p. 27).

Diariamente, no mundo, ocorre uma diversidade de eventos, mas a mídia não tem espaço para veicular todos eles. A partir disso, há espaço para questionamentos, como: “O que um fato precisa ter para ser escolhido e ganhar as páginas da imprensa ou as telas da TV? Afinal de contas, *o que é notícia?*” (MOTTA,

¹⁵ Para Rodrigues (1993) há três tipos de registros de notabilidade dos fatos em especial: 1- o registro do excesso é a ocorrência do funcionamento anormal da norma, a emergência escandalosa de marcas excessivas do funcionamento normal dos corpos; 2- o registro de *falha* é a ocorrência da insuficiência do funcionamento normal e regular dos corpos; 3 – o registro de *inversão* pode ser exemplificado com a teoria jornalística que narra o fato de um homem morder um cão.

2002a, p. 307). Definir o que é notícia é trabalhar com um conceito amplo, que tem diversas significações. Traquina (1993, p. 169) reflete: “As notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)”. HALL et al. (1993) inserem a idéia de complexidade ao processo definido por Traquina. Para os autores, as notícias vão ser o produto final de um processo complexo, o qual tem início numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com categorias que são socialmente construídas.

Silva (1985, p. 35) faz uma reflexão sobre as notícias apresentadas no telejornalismo: “[...] qual o conceito de notícia para o telejornalismo? Que ele difere, na prática, do conceito de notícia para o jornal impresso, não há dúvida”. O autor salienta que entre os fatores apontados por estudiosos da comunicação como importantes para determinarem a noticiabilidade no jornalismo televisivo estão o interesse humano e a carga conflitual. Ele acrescenta também que a possibilidade de receber boa ilustração visual é um ponto importante para que determinado assunto seja incluído na pauta do telejornal; e que há uma tendência para a apresentação de assuntos que são pitorescos, triviais e que são úteis. O conteúdo crítico de um assunto pode ser fator de sua eliminação da pauta do telejornal em determinado contexto.

Ao fazer um comparativo entre notícias de jornal impresso e de televisão, Paul Weaver (1993) caracteriza notícia como um gênero, um modo distinto de escrever e de relatar experiências. Entre as semelhanças entre as notícias de televisão e de jornal impresso apontadas pelo autor está a perspectiva de que os dois veículos se focam na cobertura de relatos de acontecimentos atuais. Outra semelhança destacada por Weaver é que tanto as notícias de jornal como as de televisão são relatos melodramáticos¹⁶ de assuntos da atualidade; e que as notícias para jornalismo impresso e para telejornalismo também têm como similaridade a

¹⁶ Sousa Júnior (2006) diz que o noticiário utiliza elementos do melodrama, os quais ele se apropria das telenovelas. Silva e Braga (2007) salientam que o melodrama apresenta, em sua narrativa, componentes que foram herança da tragédia, como o uso da peripécia e do reconhecimento. Tais elementos, na estrutura da telenovela brasileira atual, se mostram fundamentais na construção da trama. As autoras evidenciam a estrutura narrativa, a construção de personagens e a representação de situações cotidianas como características melodramáticas. Diniz (2009) explica o melodrama como a tragédia recriada. “A forma melodramática apropria-se de parte dos princípios das obras gregas, desde o desenvolvimento, estrutura, até temáticas calcadas no conflito do bem e do mal” (DINIZ, 2009, p. 46-47).

utilização dos mesmos temas, fórmulas, e símbolos na construção de linhas de ação dramática que dão significado e identidade aos acontecimentos.

Como diferença marcante entre as notícias de jornalismo impresso e de telejornalismo, Weaver aponta a questão estrutural. Segundo ele, em comparação com as notícias de jornal impresso, as de TV são muito mais coerentemente organizadas e coesas. “Esta diferença está associada ao fato de a televisão estar organizada e apresentada no tempo, enquanto a edição de jornal está apenas organizada no espaço” (WEAVER, 1993, p. 297). O autor acrescenta que a diferença estrutural se torna mais marcante quando se fala no noticiário de televisão como um todo e nas edições de jornal impresso. Como os impressos se organizam em função do espaço, trazem um número maior de “estórias”. Enquanto que os telejornais são estruturados em decorrência do tempo que vão ficar no ar; o que faz que apresentem discursos mais organizados.

Vizeu e Correia (2008) reiteram que o processo de produção de notícias é extremamente complexo, envolvendo desde a captação, elaboração/redação/edição, até uma audiência interativa. Os pesquisadores salientam que no processo de produção da notícia estão envolvidos momentos de contextualização e de descontextualização. “É o resultado da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens, da enunciação jornalística e das práticas jornalísticas” (VIZEU; CORREIA, 2008, p.13).

É consenso entre os estudiosos do jornalismo que a notícia é a matéria prima e é a base para o jornalismo. É dela que vão derivar as mais diversas editoriais de um jornal. Os fatos são transformados em notícias pelos meios de comunicação, que formatam e dão significados ao conteúdo que está sendo transmitido. Como os fatos foram “trabalhados” até chegarem ao alcance no público espectador, em forma de notícia, os conteúdos vistos diariamente nos meios de comunicação não são necessariamente o fato real – são a visão dos meios acerca da realidade (SILVA, 1998a).

Na concepção de Wolf (2003, p. 196), a noticiabilidade é formada por um conjunto de requisitos que são exigidos dos acontecimentos para que adquiram caráter público:

[...] a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias.

Para poder adquirir o estatuto de notícia, o acontecimento precisa passar pelo “aval” dos valores-notícia¹⁷, os quais fornecem critérios nas práticas cotidianas do jornalismo que permitem aos membros de uma redação selecionar o que vai ser noticiado e o que vai receber destaque dentre tal seleção.

A decisão de comunicar algo implica, ao mesmo tempo, a decisão de omissão de outras coisas que ocorreram. O que foi divulgado não é a única parte significativa, pois implica o escamoteamento de outras informações. A seletividade e o controle têm significativa importância nos processos de comunicação que são organizados pela indústria cultural. O conteúdo que vai ser publicado ou que vai ser suprimido depende de situações específicas e de critérios específicos (MOTTA, 2002b).

Ao refletir sobre o processo de produção de notícias (*newsmaking*), Traquina (1993) infere que as decisões tomadas pelo jornalista, em tal processo, só podem ser compreendidas se ele for colocado no contexto da organização que trabalha. Nessa lógica, a postura organizacional aparece como norteadora das deliberações dos profissionais das redações¹⁸. Breed (1993) complementa, dizendo

¹⁷ Os valores-notícia são aspectos fundamentais da cultura profissional do jornalista. A previsibilidade do esquema geral das notícias ocorre devido à existência dos critérios de noticiabilidade, os quais são compartilhados pelos membros da tribo jornalística. Os critérios de noticiabilidade podem ser conceituados como o conjunto de valores-notícia que decidem se determinado fato pode se tornar notícia ou não, isto é, se pode ser uma matéria noticiável ao público (TRAQUINA, 2005). Motta (2002a) situa que os valores-notícia operacionalizam as práticas dos jornalistas nas redações, sugerindo o que deve ser selecionado para ser noticiado e o que deve ser omitido. Estes valores funcionam como regras práticas, as quais guiam os procedimentos profissionais dentro das redações. Os critérios de noticiabilidade funcionam entre os jornalistas como regras de forma mais ou menos objetivas na hora de selecionar e apresentar os fatos.

¹⁸ Soloski (1993) diz que o profissionalismo é um método eficiente de que as organizações jornalísticas se utilizam para controlar o comportamento de repórteres e editores. Mas as organizações jornalísticas não podem se valer só de normas para controlar o comportamento dos profissionais. Então, para limitar o comportamento dos jornalistas, as organizações têm desenvolvido regras-políticas editoriais. Para Traquina (1993), as notícias refletem os constrangimentos organizacionais que os jornalistas estão submetidos. Breed (1993) salienta que, numa democracia plena, o ideal seria que não existisse nenhum controle sobre a produção de notícias. Os únicos controles que se evidenciariam seriam a natureza do acontecimento e a habilidade do repórter para o descrever. Mas, na prática, é sabido que os proprietários dos veículos de comunicação estabelecem normas, as quais geralmente são seguidas pelos membros das redações.

que um jornal não precisa ter um programa de formação para ensinar novos jornalistas acerca de sua política editorial, ela é aprendida por “osmose”.

Os jornalistas compartilham de um *ethos*, que conduz o trabalho jornalístico e orienta os membros da comunidade sobre o seu papel social de guardião dos cidadãos. Falando-se na prática do “jornalismo ideal”, os membros da comunidade são tidos como completamente comprometidos com a verdade, desvinculados de relações de poder e como pessoas que agem de forma a buscar informações para serem levadas à opinião pública, estando em constante vigilância para defender a democracia (TRAQUINA, 2004). O pensamento da prática de um “jornalismo ideal” faz parte, em alguns casos, do imaginário social, mas é pertinente ressaltar que há restrições acerca desse olhar sobre o jornalismo. Nem sempre as pessoas confiam cegamente nas informações jornalísticas e o jornalismo, na maioria das vezes, tem vinculações com as estruturas de poder da empresa que o veicula. Traquina (2004) salienta que ser jornalista implica a crença em um conjunto de valores; a liberdade de imprensa é o primeiro deles. A liberdade está no centro da relação entre a imprensa e a democracia. A credibilidade e a associação com a verdade também são salientadas pelo autor como primordiais para a prática do jornalismo.

O trabalho do jornalismo é cercado de mitos perante a sociedade, e a noção principal para essa mitificação é a idéia do “comunicador desinteressado”, visto como um observador neutro, desligado dos acontecimentos e cuidadoso para não emitir suas opiniões pessoais no momento em que faz a redação de um texto jornalístico. Esta concepção é marcada por dois momentos históricos. O primeiro surge em meados do século XIX, o jornalismo informativo, com a perspectiva de separação de fatos e opiniões. E o segundo momento é do século XX, com o desenvolvimento do conceito de “objetividade”, nos anos 1920 e 1930, nos Estados Unidos (TRAQUINA, 1993).

O valor “objetividade” é um dos mais polêmicos quando se discute jornalismo. O tema divide os pesquisadores da área quanto a sua possibilidade de aplicabilidade na rotina cotidiana dos meios de comunicação, levando-se em consideração que a produção de notícias é um processo dotado de complexidades.

A perspectiva de que a objetividade jornalística resulte em uma divulgação completamente imparcial¹⁹ dos fatos é bastante questionável. Tal posição implica

¹⁹ Hackett (1993) salienta que parcialidade, ou o que geralmente se aceita como seu oposto, a objetividade, são conceitos que, na maioria das vezes, estão associados ao papel político ou

que jornalistas e mídias sejam observadores independentes, completamente desvinculáveis da realidade social que eles estão noticiando; que a verdade depende da neutralidade do jornalista em relação ao fato que está fazendo cobertura; que os meios de comunicação, se utilizados corretamente, são completamente neutros, garantindo a neutralidade das mensagens. Diversos argumentos têm sido lançados contra a posição da completa objetividade jornalística. Primeiramente, os investigadores da produção jornalística refutam a idéia das notícias serem um espelho da realidade. Também, para alguns críticos, a linguagem não pode funcionar como um modo direto de transmissão de significados – no processo de produção textual estão em jogo o contexto em que a linguagem foi empregada e a avaliação do jornalista acerca dos fatos que está registrando (HACKETT, 1993).

Discutindo a polêmica em torno da objetividade jornalística, Traquina (2004) aponta a sua origem na dicotomia entre objetividade e subjetividade. O autor explica que, se no final dos anos 1800, os jornalistas raramente duvidavam da possibilidade de escrever de acordo com a realidade, já nos anos de 1930 começaram a polemizar sobre o tema e perceber que a subjetividade se fazia presente no momento da redação. Traquina (1993)²⁰ ressalta que, hoje em dia, a ideologia da objetividade reforça um “empirismo ingênuo” ainda existente no campo jornalístico, onde as notícias são vistas como um espelho dos acontecimentos do mundo real e o jornalista é um espectador dos acontecimentos e os transmite fielmente.

No contexto da complexidade do mundo, para Silva (1998a), falar em objetividade jornalística é referir-se a uma meta que é um mito. O importante é que o leitor consiga distinguir o que é notícia e o que é opinião no jornalismo e, para isso, o relato deve ser imparcial, fidedigno, exato, preciso e quase neutro. Mas é quase impossível a realização de um relato jornalístico com tais características, o que faz

ideológico dos meios de comunicação. O autor salienta que a maioria das definições considera a parcialidade noticiosa como a intrusão da opinião do repórter ou da empresa jornalística em um relato que é pretensamente factual. A parcialidade tem dois momentos, os quais geram polêmicas: - a falta de equilíbrio entre pontos de vista concorrentes; - a distorção tendenciosa da realidade. O equilíbrio e a uniformidade presentes na cobertura noticiosa são os pontos mais comuns levados em consideração nos estudos de parcialidade. A adoção destes critérios é clássica, porque parâmetros mais adequados nem sempre estão disponíveis, e porque são critérios legalmente consagrados. Breed (1993) diz que a parcialidade não significa necessariamente prevaricação. Ela envolve omissão de informações, a seleção diferencial, ou a colocação preferencial, o destaque de um item favorável à orientação política do jornal, a omissão de um item desfavorável em uma página inferior etc.

²⁰ O autor questiona a idéia de notícia como espelho da realidade e defende que as notícias carregam formas literárias e narrativas utilizadas pelos jornalistas para organizar o acontecimento.

com que se admita a subjetividade no relato da notícia. Nos jornais, chega diariamente grande quantidade de informações, as quais precisam passar por processos de seleção relacionados com critérios de noticiabilidade e com critérios pessoais de jornalistas – os modos de seleção evidenciam que nem sempre a objetividade é o fator que mais conta. “Como se sabe pela experiência histórica, a objetividade jornalística [...] é um meta-mito, uma quase ficção [...]” (SILVA, 1998a, p. 27).

Motta (2003) discute que manuais de redação jornalística trazem a idéia de que as notícias devem ser relatos objetivos, não devem apresentar a opinião e o ponto de vista de quem escreve e não deveriam levar à sugestão de efeitos de sentidos além do conteúdo que está explícito. O autor pondera que é preciso observar com mais cautela o processo de comunicação jornalística.

Apesar das notícias serem conteúdos manifestos, elas deixam sentidos em aberto para que o leitor possa complementar e produzir as suas próprias significações. Assim, as análises pragmáticas da comunicação jornalística precisam levar em consideração que as notícias são elaboradas com o intuito de serem um relato objetivo da realidade, mas que há sentidos que vão se manifestar no momento da leitura (MOTTA, 2003).

Implícita ou explicitamente o universo mítico habita de maneira contraditória a linguagem jornalística e estimula interpretações diversas, às vezes, para muito além do sentido apenas informativo pretendido. A notícia é uma linguagem particularmente suscetível às interpretações sutis porque lida com o delito, o conflito, o acidental, trabalha com a emoção e sua leitura gera tensões porque nos conta sempre algo extraordinário, e o faz tendencialmente de forma dramática, salientando as rupturas ou o lado negativo das coisas. Por mais histórico que o jornalismo pretenda ser, a sua linguagem estará sempre sujeita a interpretações lógicas e míticas, ora tendendo para um, ora para outro lado, de acordo com as circunstâncias de sua produção ou de sua recepção (MOTTA, 2003, p. 10).

Falar em objetividade, no jornalismo, não é negar a subjetividade, mas é recorrer a uma série de procedimentos utilizados pelos membros da comunidade jornalística para assegurar a sua credibilidade (TRAQUINA, 2004). Tuchman (1993) aponta a objetividade como um ritual estratégico utilizado pelos jornalistas para defesa e resguardo contra os riscos da profissão, como para defesa contra pressões

contínuas que recebem de seus superiores e processos de difamação. “Os jornalistas lutam contra estas pressões ao realçar a ‘objetividade’, argumentando que os perigos podem ser minimizados se eles seguirem as estratégias de trabalho que identificam com as notícias objetivas” (TUCHMAN, 1993, p. 78).

A noção de objetividade dos jornalistas, para Tuchman (1993), é influenciada por alguns fatores, como: a forma, as relações organizacionais e o conteúdo. A forma é tratada como os atributos das notícias e dos jornais que exemplificam os processos noticiosos, como o uso das aspas. O conteúdo está relacionado às noções da realidade social que os jornalistas consideram como adquiridas. O conteúdo também tem vinculações com as relações organizacionais dos jornalistas, pois as relações dos profissionais na organização levam a um delineamento do conteúdo.

A objetividade jornalística pode ser relacionada à pluralidade de versões na cobertura de um fato. Para Melo (2006), o jornalista, quando assume o papel de um agente social, ocupa a função de mediador entre os fatos, o interesse público e a cidadania. Assim, o resgate à objetividade jornalística tem o significado de busca de novos padrões de expressão jornalística, gerando a possibilidade de transmissão de versões diferentes dos fatos. “Todo o acontecimento envolve múltiplas variáveis, distintas motivações: é necessário desvendá-lo completamente, mostrando ao cidadão sua fisionomia integral” (MELO, 2006, p. 49). O autor acrescenta:

Objetividade no jornalismo contemporâneo implica em *pluralidade* de observação e de relato. O que se desdobra em pluralidade de fontes, de canais e de núcleos receptores. Em síntese: corresponde a assegurar que os acontecimentos sejam captados e reproduzidos sob diferentes ângulos, gerando distintas versões, honestamente registradas pelos seus protagonistas privilegiados – os jornalistas profissionais (MELO, 2006, p. 49).

Na concepção de Melo (2006), a questão da objetividade não está ultrapassada, como falam alguns pesquisadores. O tema é complexo, controverso e polêmico, mas pertinente quando se fala em jornalismo. Para o autor, ao falar de objetividade, não se pretende que a narração exclua o testemunho do jornalista, mas que o jornalista exponha as opiniões e os dados que apurou sobre o fato que está fazendo a cobertura.

A objetividade nas sociedades democráticas só vai ocorrer se houver a segurança da apresentação de uma pluralidade de canais de expressão jornalística, que vão dar lugar para que diferentes fontes de informação tenham espaço para transmitir suas opiniões sobre o acontecimento jornalístico. A objetividade jornalística dá ao espectador a oportunidade de comparar os mais distintos relatos e privilegiar a versão que considera mais coerente (MELO, 2006). O autor (2006, p. 51) reflete as suas considerações sobre a objetividade: “Dessa maneira, a objetividade deixa de ser dogma e se torna utopia. E como tal pode servir como dínamo das sociedades democráticas, tornando-as transparentes, visíveis nas suas contradições, abertas à intervenção da cidadania”.

Para Barros Filho (1995), a objetividade tem sido vista no jornalismo como uma questão referente à ética, mas, muitas vezes, acaba sendo impossível ser concretizada. O autor acrescenta que “cultura do simulacro”, técnicas de “construção verossímil” e “efeito real” são expressões utilizadas para falar da aparência de objetividade na mídia.

[...] Observa-se nas últimas duas décadas um progressivo isolamento formal das matérias opinativas (editoriais e artigos assinados) em páginas específicas do jornal. Esse isolamento coloca em destaque, dá a ver a “objetividade” (aparente) dos demais artigos. Se a opinião está formalmente marcada, é porque o restante é distinto, não é opinativo, não é subjetivamente marcado, é “simplesmente informativo” (BARROS FILHO, 1995, p. 64).

Entre as diversas teorias do jornalismo, desenvolvidas na atualidade, as que se mostram mais pertinentes para explicar a estruturação das notícias sobre a morte no jornalismo televisivo, que, na maioria das vezes, é apresentada de forma espetacularizada, são: *a teoria interacionista, a teoria construcionista e a teoria organizacional*.

A teoria organizacional desloca as responsabilidades sobre a produção jornalística, do nível individual para um nível mais amplo, o da organização. Na perspectiva da teoria organizacional, o jornalista leva mais em consideração os constrangimentos organizacionais sobre sua atividade profissional cotidiana do que seus princípios individuais (TRAQUINA, 2004).

A ênfase da teoria organizacional está numa cultura da organização e não na visão individual de cada profissional acerca das práticas do jornalismo. Breed (1993) identifica seis razões que podem justificar o conformismo de jornalistas com a política editorial²¹ do veículo de comunicação que trabalham: 1- a autoridade institucional e as sanções que podem receber; 2- os sentimentos de obrigação e de estima para com os superiores; 3- as aspirações de crescimento no contexto organizacional; 4- a ausência de grupos de lealdade em conflitos; 5- o prazer da atividade jornalística; 6- as notícias tornam-se um valor (o jornalista se foca na busca da notícia e acaba se afastando do seu interesse pela objetividade para não ter conflitos com a orientação política do veículo que trabalha).

Na teoria organizacional, as notícias vão ser o resultado de processos de interação que ocorrem dentro da empresa jornalística. O jornalista tem consciência de que seu trabalho é supervisionado por uma estrutura organizacional dentro da empresa e que os superiores têm poderes de decisão sobre o seu trabalho. Desta forma, o jornalista acaba se antecipando e trabalhando de acordo com as expectativas de seus superiores, para evitar que os textos sejam retocados e que haja repreensões. Na lógica da teoria organizacional, o trabalho dos jornalistas é influenciado pelos meios de que a organização dispõe. Esta teoria marca a importância do fator econômico na atividade jornalística (TRAQUINA, 2004). Pena (2008) salienta que, pela teoria organizacional, o trabalho jornalístico está completamente vinculado com os “meios” utilizados pela organização que está inserido. Nesta condição, o fator econômico é o que mais condiciona o trabalho.

O jornalismo é um negócio. E, como tal, busca o lucro. Por isso, a organização está fundamentalmente voltada para o balanço contábil. As receitas devem superar as despesas. Do contrário, haverá a falência da empresa e seus funcionários ficarão desempregados. Então, qual será o setor mais importante de uma empresa jornalística? Fácil: é o comercial. Esse setor é o responsável pela captação de anúncios para sustentar o jornal. E eles interferem diretamente na produção das notícias (PENA, 2008, p. 135-136).

²¹ Na opinião de Breed (1993), cada jornal tem uma política editorial definida. Mesmo que não seja admitida. Mas, a orientação política de um veículo é disfarçada, pois existem normas éticas no jornalismo. “Nenhum executivo está disposto a arriscar sofrer humilhações por ser acusado de dar ordens para distorcer uma notícia” (BREED, 1993, p. 153).

No telejornalismo, mesmo que o espaço destinado à publicidade seja o dos intervalos comerciais, são priorizadas reportagens que chamem a atenção do maior número de espectadores. Bons índices de audiência significam elevadas receitas publicitárias (PENA, 2008).

No caso da cobertura de eventos que envolvam mortes, nos quais, na maioria das vezes, são abordados detalhes espetaculares dos casos, como a exploração de choros e gritos frente às câmeras, a elevação dos índices de audiência da emissora e o conseqüente aumento dos lucros para a organização jornalística são explicações plausíveis para a realização deste tipo de cobertura por parte dos jornalistas. Na maioria das vezes, se o repórter fosse observar os seus padrões éticos e levar em consideração os seus conhecimentos técnicos sobre a profissão, teria uma postura mais voltada para os acontecimentos jornalísticos do que para as emoções dos envolvidos nos casos. Desta forma, a teoria organizacional se faz pertinente para explicar a apresentação espetacularizada da morte no jornalismo televisivo.

A teoria construcionista, como o próprio nome diz, parte da lógica da notícia como construção. Ela rejeita a lógica da notícia como distorção ou da notícia como um espelho da realidade. A linha de raciocínio da teoria construcionista se ancora em diversos pontos. Primeiramente, é impossível haver uma diferenciação entre a realidade e os *mídias* noticiosos que vão refletir essa realidade, porque as notícias vão atuar na construção da própria realidade. Outro ponto a ser elencado pela linha que considera a notícia como construção é que a linguagem não pode funcionar como uma transmissora direta de significados relativos ao acontecimento, pois é impossível uma linguagem ser neutra. Um terceiro ponto é que os *mídias* estruturam a representação que vão fazer dos acontecimentos levando em consideração diversos fatores, como aspectos organizativos do trabalho jornalísticos, limitações oferecidas pelo orçamento e a forma imprevisível como se dá o acontecimento (TRAQUINA, 2004). Na concepção de Traquina (2004), os jornalistas resistem à idéia de notícia como construção, mesmo fazendo referências às notícias como *estórias*.

Traquina (2004) explica que, segundo a teoria interacionista, as notícias são o resultado de um processo complexo de interação entre agentes sociais, como: jornalistas e fontes; jornalistas e sociedade; os membros da comunidade profissional. Na lógica da teoria interacionista, as notícias se dão como resultado do

processo de produção, que é constituído pela percepção, seleção, de acordo com critérios de noticiabilidade, e transformação dos acontecimentos em um produto a ser veiculado ao público. Nesse contexto, o fator tempo se apresenta como determinante na rotina de trabalho dos jornalistas (TRAQUINA, 2004).

A notícia, vista sob o ponto de vista do tempo, é altamente perecível e deteriorável; o seu valor de utilização baixa com o passar do tempo, conforme o veículo que vai ser veiculada. A noção de atualidade no jornalismo varia de acordo com o mercado para o qual as notícias vão ser produzidas. O imediatismo é uma idéia importante para o jornalismo televisivo. Está relacionado com o tempo que decorre entre a ocorrência de um evento e a sua transmissão ao público. A transmissão ao vivo, em que uma equipe de reportagem está na cena do acontecimento, enquanto ele ocorre, e faz a transmissão imediata ao telespectador, é o clássico exemplo do imediatismo (SCHLESINGER, 1993).

Os valores-notícia funcionam como filtros, no momento em que os jornalistas vão tomar decisões acerca do que é noticiável ou não. No caso do telejornalismo, com base nos critérios de noticiabilidade empregados, as histórias têm várias durações, o que concede um valor temporal à história. Os valores temporais dão uma seqüência à história e fixam-lhe uma duração particular. A duração concedida a uma notícia vai demonstrar a sua importância e a sua noticiabilidade (SCHLESINGER, 1993).

Ao observarmos a apresentação da morte no telejornalismo, onde ocorre a exploração dos ângulos mais espetaculares da finitude humana frente às câmeras, entende-se que um conjunto de fatores leva a estas exposições. Tais fatores são compostos desde a ação pessoal dos jornalistas, a ideologia das empresas, até a interação dos agentes sociais. A produção de uma cena espetacular, que tem a morte como tema, é complexa e envolve uma diversidade de pontos.

Rejeitando a teoria do espelho e criticando a “empiricismo ingênuo” dos jornalistas, a teoria interacionista defende que os jornalistas não são simples observadores passivos mas participantes ativos na construção da realidade. As notícias devem ser encaradas como o resultado de um processo de interação social. As notícias são uma construção social onde a natureza da realidade é uma das condições, mas só uma que ajuda a moldar as notícias. As notícias também refletem 1) a “realidade”, os aspectos manifestos do acontecimento; 2) os constrangimentos organizacionais, que poderão incluir a intervenção direta do(s) proprietário(s), e os imperativos econômicos; 3) as narrativas que governam

o que os jornalistas escrevem; 4) as rotinas que orientam o trabalho e que condicionam toda a atividade jornalística; 5) os valores-notícias dos jornalistas; e 6) as identidades das fontes de informação com quem falam (TRAQUINA, 2004, p. 204).

A morte é um tema que tem ampla significação entre as pessoas. Tratando-se das sociedades ocidentais atuais, que são consideradas negadoras da idéia da finitude humana, a transmissão midiática da morte mexe com elementos que são “caros” para os espectadores. Traquina (2005) aponta a morte como um valor-notícia importante no jornalismo. O autor explica os valores-notícia como sendo elementos básicos da cultura jornalística, que são partilhados por essa comunidade.

A morte é um valor-notícia fundamental para essa comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos écrans da televisão. No seu estudo antropológico dos correspondentes de guerra em El Salvador, Mark Pedeltyouve faz um fotojornalista explicar o tipo de fotos que a hierarquia do jornal quer: “Assassinatos, bombardeamentos, funerais, e conferências de imprensa. Aquilo que combina com as melhores ‘estórias’. Conta que a pergunta mais freqüente do seu chefe é ‘Quantos corpos?’” (TRAQUINA, 2005, p. 79).

Referindo-se ao jornalismo impresso, Mouillaud (2002a) salienta que diferentes “locais” são atribuídos à morte no jornalismo cotidiano, e que há diferentes tipos de mortos nas páginas dos jornais, como: os mortos de serviço, que compõem a necrologia; os mortos acidentais; os mortos dos conflitos, das guerras e das revoluções, que passam a fazer parte da história; e o Grande Morto, que se destaca pelo seu nome, pela sua fama.

A comunicação de massa, através de suas leis próprias, tem a morte em sua pauta diária. A morte é apresentada na mídia de acordo com normas editoriais que tratam de subordinar as singularidades da morte do sujeito ao esquema-padrão do veículo em que vai ser veiculada. A consequência imediata se dá no fato de submeter este acontecimento macabro à capacidade dos sistemas de enunciação midiáticos. Nestas circunstâncias, diferentes mortes são levadas diariamente aos diferentes espaços midiáticos. São construídos registros sobre a morte em diversas seções, edições ou módulos dos processos discursivos da comunicação de massa.

O tratamento dado ao morto e o espaço dado à cobertura do caso vão depender de uma hierarquia que se dá conforme a importância que o morto goza no interior do sistema social (FAUSTO NETO, 1991). “Ricos, pobres, pessoas, indivíduos, ‘olimpianos’ de diferentes matizes, funcionam como espécie de insumos da ‘economia discursiva’ da comunicação, segundo as diferenças que caracterizam os múltiplos sistemas de operação” (FAUSTO NETO, 1991, p. 15).

Quando falamos em um estudo comparativo da forma como a morte é apresentada em dois telejornais (Jornal da Band (JB) e Jornal Nacional (JN) – objetos de estudos desta pesquisa), é pertinente ressaltar a lógica da mídia agendar os conteúdos que apresenta, baseando-se na agenda da própria mídia. Como diz Silva (2001, p. 175): “[...] a mídia fala dela mesma; a mídia pauta-se por outros veículos da mídia; a mídia saiu do acontecimento para entrar no culto à personalidade”. Esta idéia remete a uma reflexão sobre a hipótese do *agenda-setting*.

As pessoas agendam seus assuntos e suas conversas em função do que a mídia veicula. É o que sustenta a hipótese do *agenda-setting*. Trata-se de umas das formas possíveis de incidência da mídia sobre o público. É um tipo de efeito social da mídia. É a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá (BARROS FILHO, 1995, p. 169).

A idéia de uma possível afinidade entre a agenda midiática e a pública foi indicada, por Walter Lippmann (2008), na década de 20, do século XX. Em 1972, MacCombs e Shaw (apud KUNCZIK, 2002), ao fazerem um estudo empírico para analisar a capacidade de agendamento dos mídias na campanha presidencial dos Estados Unidos de 1968, encontraram um alto grau de relação entre a agenda midiática e a agenda do público. Traquina (1995) ressaltava que quando se trata de agendamento, a agenda midiática focada é a do campo jornalístico.

Shaw (apud WOLF, 2003) explica que a hipótese do agendamento sustenta que, conseqüência da ação dos meios de comunicação, o público vai ter consciência ou ignorar, dar atenção ou descuidar, enfatizar ou negligenciar alguns elementos que são específicos da cena pública. As pessoas têm a tendência de incluir ou de

tirar de seus conhecimentos os temas que são incluídos ou excluídos da pauta da mídia.

O agendamento, na concepção de Kunczik (2002), implica que os meios de comunicação de massa vão determinar os assuntos importantes em determinado momento. Brum (2003) caracteriza o *agenda-setting* como um tipo de efeito social da mídia que inclui a seleção de notícias, sobre as quais o público vai falar e discutir. É a hipótese de que as pessoas pautam seus assuntos e conversas com as informações transmitidas pela mídia. Para a autora, a essência desta idéia não está longe da realidade, pois vivemos diariamente em meio a uma grande quantidade de informação. Dentre elas, damos mais ênfase a algumas, como as que aparecem em capas de jornais, revistas e telejornais. Wolf (2003, p. 145) acrescenta:

[...] a hipótese salienta a variedade existente entre a quantidade de informações, conhecimentos e interpretações da realidade social, apreendidas pelos meios de comunicação de massa, e as experiências de “primeira mão”, pessoal e diretamente vividas pelos indivíduos.

A hipótese do *agenda-setting* postula algumas idéias acerca da presença da mídia na vida dos indivíduos e o seu impacto, mesmo que não se dê de forma imediata sobre eles. Para Wolf (2003, p. 146), o impacto da mídia sobre os espectadores se dá em dois níveis: “a. a ‘ordem do dia’ dos temas, argumentos, problemas, presentes na agenda da mídia; b. a hierarquia de importância e de periodicidade com que esses elementos estão dispostos na ‘ordem do dia’”. Shaw (apud WOLF, 2003) salienta que a forma como um indivíduo hierarquiza um acontecimento ou um tema público está relacionada com a avaliação sobre os mesmos problemas realizada pela mídia; o autor acrescenta que tal constatação vai se dar se a agenda dos meios de comunicação de massa for medida por um período longo, levando-se em consideração os efeitos cumulativos.

Wolf (2003) assinala que há uma complexidade intrínseca à temática do agendamento. Ele sustenta que a hipótese é mais um núcleo de ocasiões e conhecimentos parciais, suscetível de ser ulteriormente articulado em uma teoria geral acerca das mediações simbólicas e dos efeitos praticados pela mídia sobre o

público espectador e sobre a realidade, do que um paradigma de pesquisa definido e estável.

O procedimento mais comum em pesquisas de agendamento é uma comparação entre a agenda da mídia e a agenda do público. É feita uma comparação entre uma medida dos conteúdos dos meios de comunicação com uma medida dos conhecimentos dos destinatários. O aspecto mais polêmico para uma articulação satisfatória da hipótese está relacionado ao momento de “passagem” de uma agenda para outra. Provar a importância de um argumento com base no número de vezes que ele é mencionado tem mais relações com o resultado de um procedimento metodológico do que com uma reflexão teórica mais aprofundada sobre o assunto. Algumas das numerosas variáveis envolvidas na pesquisa, como o tipo de público-alvo escolhido, acabam se tornando mais relevantes que as outras, em análises para a comprovação de uma hipótese tão complexa como a do agendamento (WOLF, 2003).

Coutinho (2005) aponta que pesquisadores da teoria do *agenda-setting* chamam a atenção para a relação existente entre as agendas. Como estamos tratando no estudo comparativo da representação da morte em dois telejornais, é pertinente enfatizar que a agenda dos meios de comunicação pode ser influenciada por outras agendas, como a da política, das assessorias de imprensa e até mesmo pela agenda da própria mídia.

Ao estudar quem agenda a mídia, Barros Filho (1995, p. 189) salienta que “o primeiro agente externo ao meio que incide sobre a seleção temática e, portanto, contribui no agendamento de um meio específico são os outros meios de difusão”. O autor aponta como termômetro de verificação da pauta recíproca de dois meios: as coincidências temáticas e a consonância (semelhança de abordagem a um mesmo tema). Ele acrescenta que a homogeneidade de conteúdo é acentuada pela dependência das mesmas fontes, inclusive das agências internacionais.

3.2 TELEVISÃO: LAÇO ENTRE OS PÚBLICOS

Para discutirmos a marcante presença do telejornalismo na sociedade atual e a sua inserção no cotidiano do público espectador, é pertinente perpassarmos sobre diversos pontos que delineiam a reflexão sobre a importância da televisão. Nossas argumentações teóricas começam com discussão sobre a importância adquirida pela televisão no cotidiano dos públicos e sobre o encantamento gerado por ela. Também vamos refletir sobre como o veículo pode servir como um laço social - usando termo empregado por Dominique Wolton. A televisão se consolidou como um dos principais meios de comunicação das sociedades atuais. Através dela, os espectadores têm possibilidade de acesso a informações, cultura e entretenimento, legitimados pela imagem.

Vamos apresentar a discussão da televisão como um laço entre os públicos seguindo o viés da morte. Tanto seguindo a lógica de Wolton (1996), de que a televisão é uma forma de laço social, ou de Martin-Barbero e Rey (2004), de que o veículo é um local de encontro, é válido inserir a perspectiva de que se formou uma grande teia para o choro coletivo da morte. Da mesma forma que ocorria no Período Medieval, a morte continua sendo pública e espetacular – mesmo que, na atualidade, estejamos vivendo em período de morte interdita. Como na cultura atual os rituais de morte são simplificados no cotidiano, são feitos cerimoniais discretos diante do fim da vida e não há mais os espetáculos de despedida, o público tem a oportunidade de contemplação da finitude humana através dos meios de comunicação. Como já discutimos anteriormente, as mortes na cena midiática são distantes e incapazes de perturbar o cotidiano. Elas, na maioria das vezes, não levam o ser humano a refletir sobre a sua condição de finito.

A programação televisiva tem o poder de nortear conversas cotidianas do público, de direcionar os horários das pessoas - algumas mudam seus compromissos em virtude de determinada programação na TV -, e de fazer com que famílias se reúnam durante várias horas em frente ao aparelho. A televisão está completamente inserida na vida cotidiana e serve como um forte laço social.

Fechine (2006) salienta que a TV consegue fazer a articulação entre o individual e o coletivo, sincronizando o cotidiano das pessoas com o de grupos sociais bem mais amplos: “Produz, com isso, um sentido de ‘estar com’ que se

manifesta pela co-presença que a similaridade da programação (todos vendo a mesma coisa) e a simultaneidade da transmissão (ao mesmo tempo) propiciam” (FECHINE, 2006, p. 1-2). A televisão proporciona uma espécie de encontro de pessoas que não se conhecem, que nunca vão estar juntas, mas que têm a oportunidade de serem espectadoras da mesma programação, de contemplar as mesmas imagens, de rir ou de chorar frente ao mesmo espetáculo.

Na atualidade há um sentido maior na lógica do viver com as mídias. A presença da televisão no cotidiano das pessoas tem significados que vão além do que é produzido por programas e pela programação que os leva ao ar; tais sentidos não dependem da relação cognitiva do espectador com o que ele contempla na tela; eles se dão na experiência individual do sujeito que é seduzido, esteticamente, pela tela (FECHINE, 2006). As pessoas, muitas vezes, têm momentos do dia que são associados à contemplação da televisão, o que nem sempre depende da programação que está sendo transmitida. A televisão tem papéis diversificados, como de “companhia” dentro de casa, lazer e distração.

A TV é um veículo que fascina o grande público. Dá possibilidades aos indivíduos de obterem novidades, de se entreterem e de terem uma compreensão diversificada do mundo. É um meio de comunicação com ampla inserção entre públicos distintos e heterogêneos, podendo ser uma forma de laço entre eles.

Ela é, ao mesmo tempo, uma formidável abertura para o mundo, o principal instrumento de informação e de divertimento da maior parte da população e, provavelmente, o mais igualitário e o mais democrático. Ela é também um instrumento de libertação, pois cada um se serve dele como quer, sem ter que prestar contas a ninguém: essa participação à distância, livre e sem restrições, reforça o sentimento de igualdade que ela busca e ilustra o seu papel de laço social (WOLTON, 1996, p. 65).

Concordamos com a hipótese central da crítica de Wolton (1996) de que a televisão tem duas dimensões indissociáveis, as quais são complementares e simétricas: - uma dimensão é técnica e ligada à imagem; - a outra dimensão é social, ligada ao *status* de meio de massa. O autor salienta que a técnica refere-se à produção e à difusão de imagens relevantes de gêneros diferentes. E a dimensão social está ligada à recepção de massa em condições sociais e culturais diferenciadas. Para refletir a apresentação da morte no jornalismo televisivo, as duas

dimensões enumeradas por Wolton são importantes. Como diz o autor: “[...] o milagre da televisão é esse encontro de imagens estandardizadas, apesar de polissêmicas, e de condições de recepção que criam uma outra polissemia, ligadas ao contexto cultural e político da recepção” (WOLTON, 1996, p. 77). Diferentes públicos assistem às mesmas imagens televisivas, mas os sentidos produzidos são diferenciados, dependendo do contexto em que o receptor está inserido.

A televisão é um sistema complexo, o qual não pode ser concebido apenas como um mero transmissor de imagens. Se a pensarmos apenas como imagem, estaremos deixando de lado toda a estrutura de trabalho físico e ideológico ligada à produção de programas televisivos e desconsiderando toda a importância dos conteúdos transmitidos para a vida do telespectador. O cotidiano das pessoas, muitas vezes, é moldado pelos horários da programação do veículo. Muitos deixam de fazer atividades em determinados horários, para que seja possível acompanhar os seus programas prediletos. “[...] a programação televisiva funciona, para muitas pessoas, como um marcador de tempo, um relógio, que serve para definir horários para compromissos profissionais e sociais (depois da novela das oito, antes do *Fantástico* etc.)” (REZENDE, 2000, p. 32). Rezende (2000) destaca que a importância da televisão na vida das sociedades vai muito além do papel de definidora de tempo; ela tem influências sobre os modos de produção cultural.

Falando sobre a presença da televisão no cotidiano, Martin-Barbero e Rey (2004) destacam que há exacerbadas críticas negativas em relação ao papel da televisão na vida dos espectadores e que alguns críticos acusam a TV de absorver e hipnotizar o público, além de terem um “mau-olhado” sobre ela. Os autores acrescentam que o olhar maniqueísta sobre determinado meio de comunicação só faz com que sejam desvalorizados todos os desafios culturais que oferecem. Eles refletem sobre a televisão:

[...] a televisão tem muito menos de instrumento de ócio e de diversão do que de cenário cotidiano das mais secretas perversões do social e também da constituição de imaginários coletivos, a partir dos quais as pessoas se reconhecem e representam o que têm direito de esperar e desejar (MARTIN-BARBERO E REY, 2004, p. 26).

Para Martin-Barbero e Rey (2004), em nenhuma outra mídia as contradições da modernidade latino-americana se destacam quanto na televisão. A TV tem deslocado do rádio o papel decisivo de conexão e mediação entre realidades distintas, como o mundo expressivo-simbólico do rural e a estrutura técnica racional, típica do ambiente das cidades. Os autores salientam a importância da televisão no contexto da América Latina:

São a debilidade de nossas sociedades civis, os extensos lodaçais políticos e uma profunda esquizofrenia cultural nas elites as causas que alimentam cotidianamente a desmedida capacidade de representação adquirida pela televisão. Trata-se de uma capacidade de interpelação, que não pode ser confundida com os *ratings* de audiência. Não porque a quantidade de tempo dedicado à televisão não conte, mas porque o peso político e cultural da televisão não é mensurável no contato direto e imediato, podendo ser avaliado somente em termos de mediação social lograda por suas imagens (MARTIN-BARBERO E REY, 2004, p. 39-40).

Em tempos de destaques da imagem, Martin-Barbero e Rey (2004) dizem ser impossível se ter conhecimento do que a TV faz com o público espectador se forem desconhecidas as demandas sociais e culturais que as pessoas fazem em relação à televisão. Os autores acrescentam que no contexto da América Latina, a representação da modernidade está acessível ao grande público através do meio televisivo.

Na conjuntura dos anos de 1950 a 1970, Wolton (1996) explica que a televisão de massa tinha um papel de laço social em um contexto de plena transformação. Já na atualidade, a TV generalista atua como laço social²² no sentido de preservar um princípio geral de comunicação num contexto social que tem como característica o individualismo. O autor defende a idéia de que o veículo constitui uma formidável forma de abertura para o mundo e o laço social de uma comunidade nacional:

²² Segundo Wolton (1996), a noção de laço social é bastante complexa. “Formulada por Durkheim e pela escola francesa de sociologia numa perspectiva mais institucional do que cultural – com uma destacada interpretação do papel da religião como laço social – ela foi, em seguida, utilizada e ampliada pela antropologia e pela antropologia cultural” (WOLTON, 1996, p. 123).

Em que a televisão constitui o laço social? No fato de que o espectador, ao assistir à televisão, agrega-se a esse público potencialmente imenso e anônimo que a assiste simultaneamente, estabelecendo assim, como ele, uma espécie de laço invisível. É uma espécie de *common knowledge*, um duplo laço e uma antecipação cruzada. “Assisto a um programa e sei que outra pessoa o assiste também, e também sabe que eu estou assistindo a ele”. Trata-se, portanto, de uma espécie de laço especular e silencioso (WOLTON, 1996, p. 124).

Há um segundo sentido para a idéia de laço social criado pela televisão. A TV é um “local” onde o público se espelha e a sociedade vê uma representação de si mesma. E ao dar a possibilidade à sociedade de refletir-se, a televisão não cria apenas uma imagem e uma representação, mas gera um laço entre todos aqueles que a assistem simultaneamente. A televisão temática pode ser uma forma de laço entre a sociedade, mas é na forma generalista que essa característica se evidencia mais nitidamente (WOLTON, 1996).

A televisão reúne indivíduos e públicos distintos diante de uma mesma programação, tornando-se uma espécie de elo entre eles. A TV torna-se, assim, um instrumento de comunicação entre o público. Ela pauta assuntos cotidianos das pessoas dentro de suas casas e, também, delas com a sociedade (WOLTON, 1996). A televisão se destaca como veículo capaz de fazer a ligação entre os indivíduos:

A força da televisão está no religamento dos níveis da experiência individual e da coletiva. Ela é a única atividade a fazer a ligação igualitária entre ricos e pobres, jovens e velhos, rurais e urbanos, entre os cultos e menos cultos. Todo mundo assiste à televisão e fala sobre ela. Qual outra atividade é, hoje, tão transversal? Se a televisão não existisse, muita gente sonharia em inventar um instrumento capaz de reunir todos os públicos. Isso é o que é a unidade teórica da televisão (WOLTON, 1996, p. 16).

Como o foco deste trabalho é a discussão da apresentação da morte no jornalismo televisivo, é pertinente contextualizar que transmissões televisivas de mortes que tiveram repercussão entre as pessoas podem exemplificar a perspectiva de laço social da televisão. Também podemos considerar a TV como um laço entre os públicos para chorar a morte. Através da televisão, a finitude humana é contemplada em conjunto, por um grande grupo, em forma de grande ritual,

podendo lembrar o que ocorria na Idade Média, quando a morte era considerada domada e os quartos dos moribundos eram tomados por muita gente.

As “grandes mortes²³”, que normalmente ocupam espaço considerável das transmissões televisivas, geralmente causam impacto no público e são motivos de comoção geral. Nesse caso, elas são a ilustração de que a televisão é uma forma de laço social entre as diferentes classes sociais.

Fatos de destaque midiático podem ilustrar tal discussão: a morte do piloto Ayrton Senna²⁴ e o seqüestro na cidade de Santo André²⁵. Nesses dois casos é possível considerar as mortes como um acontecimento jornalístico, segundo a definição de Adriano Duarte Rodrigues, a qual já foi discutida anteriormente. Elas ocorrem de forma imprevisível, fogem a normalidade dos fatos cotidianos e causam considerável impacto. Desta forma, ganham espaço destacado no meio televisivo. Claro que não vamos levar a fundo a discussão da morte como acontecimento, pois este não é um dos eixos centrais desta pesquisa.

No caso da morte de Senna, o acidente ocorreu sob os focos das câmeras de TVs do mundo inteiro e, a partir daquele momento, grande parte do público interessado em Fórmula 1 passou a acompanhar o drama do piloto. Com o falecimento de Senna, houve uma corrida, tanto por parte da imprensa como por parte do público, para que os mínimos detalhes não fossem perdidos. O funeral do piloto teve dimensões espetaculares, levando milhares de pessoas às ruas de São Paulo. Cada momento foi detalhadamente mostrado pela tela da televisão. Os espectadores tiveram a oportunidade de presenciar desde as lágrimas da família até as manifestações do público que se espalhava pelas ruas da capital paulista.

No caso do seqüestro de Santo André, a televisão teve atuação polêmica. Alguns canais chegaram a realizar entrevista com o seqüestrador pelo telefone celular dele. O episódio teve um desfecho trágico, com a morte da refém, e a

²³ Estão sendo considerando “grandes mortes” aquelas que ganharam acentuada repercussão na cena midiática, como grandes acidentes - que ocasionaram mortes, a morte de pessoas famosas, a morte proveniente de seqüestros ou de qualquer tipo de caso que foi bastante comentado pela mídia.

²⁴ O piloto brasileiro morreu, no dia 1 de maio de 1994, em acidente no Grande Prêmio de San Marino de Fórmula 1. O funeral gerou mobilização nacional e teve retrospecto significativo na mídia.

²⁵ Neste caso, Lindemberg Alves manteve a ex-namorada Eloá Cristina Pimentel como refém por mais de 100 horas. O desfecho do caso resultou na morte de Eloá, no dia 18 de outubro de 2008, em virtude de ter sido alvejada por Lindemberg.

comoção proporcionada pela repercussão midiática foi tão grande que o enterro teve público comparado ao de um funeral de um olimpiano²⁶.

Nos dois casos, a televisão se tornou um laço entre o público para a contemplação e para o choro da morte, que teve ampla visibilidade e foi espetacularizada. Podendo-se resgatar a perspectiva apontada anteriormente de Angrimani Sobrinho de que a morte acaba se tornando momento de uma festa.

A força da televisão como laço social é proveniente do seu caráter ao mesmo tempo ligeiramente restritivo, lúdico, livre e espetacular. Ao atuar como laço social, o veículo difere do papel de instituições como a escola, o exército e a igreja. Participa da problemática do laço social de forma mais sutil, pois oferece ao público atividades mais livres que, na maioria das vezes, estão vinculadas ao lazer. O rádio também se apresenta como uma forma de laço social, levando como vantagens sobre a televisão o seu caráter mais familiar, banal e cotidiano, mas tendo a desvantagem de não poder transmitir informações imagéticas. Há uma vinculação direta entre a noção de grande público e a função da televisão de estabelecer laços sociais (WOLTON, 1996).

A televisão só pode desempenhar o papel de laço social quando se tratar de uma TV de grande público, que tenha grande alcance, que seja de massa. Se não for assim, o vínculo social gerado por ela será bem mais limitado. Desta forma, a televisão generalista é a mais adequada para proporcionar a relação entre o particular e o geral (WOLTON, 1996).

No Brasil, a televisão, principalmente a generalista, pela variedade de sua programação e pelo público diversificado que a acompanha, constitui um fator forte de integração entre a sociedade, tornando-se laço social. A Rede Globo, por exemplo, ocupa um espaço consolidado no cotidiano dos espectadores. Ela tem em sua grade programas estabelecidos, que acabam fazendo parte da rotina do público, como as telenovelas e o Jornal Nacional, um dos objetos de análise deste estudo.

Ao analisar a importância da televisão no contexto social brasileiro, Rezende (2004) salienta que ela é inegavelmente o principal veículo de comunicação do país. O autor acrescenta que a significação deste meio de comunicação para o Brasil tem ligações com a má distribuição de renda, com a concentração de propriedade entre

²⁶ Morin (1997) comenta que os olímpianos são os heróis do espetáculo, do jogo, do esporte. São as vedetes. Para o autor, a imprensa de massa mergulha nos fatos da vida privada dos olímpianos buscando elementos que possam atrair o grande público.

as emissoras, com o baixo nível educacional da população, com o regime totalitário das décadas de 1960 e 1970, com a imposição de uma homogeneidade cultural e até mesmo com a alta qualidade da teledramaturgia no país. Rezende salienta que no Brasil, a televisão acaba sendo a única forma de acesso a notícias e ao entretenimento para grande parte da população. Bucci (2004c) acrescenta que a televisão tem reinado absoluto no contexto brasileiro e que o país se comunica e se reconhece através dela.

Ele [Brasil] se estende de trás para diante: começa lá onde chegam a luz dos holofotes e as objetivas das câmeras; depois prossegue, assim de marcha à ré, passa por nós e nos ultrapassa, terminando às nossas costas, onde se desmancha a luminescência que sai dos televisores. O resto é escuridão. O que invisível para as objetivas da TV não faz parte do espaço público brasileiro. O que não é iluminado pelo jorro multicolorido dos monitores ainda não foi integrado a ele (BUCCI, 2000, p. 11).

Os números provam a importância da televisão para o público brasileiro. De 1994 até 2004, no Brasil, foram comprados mais de 40 milhões de aparelhos de televisão. Tal quantificação é superior ao número total de aparelhos de TV comprados desde o início das transmissões no país, em 1950, até a implantação do Plano Real. As classes média e alta têm 100% como índice de aparelhos em casa. Na classe emergente, o índice é de 96%, e, na classe pobre, é de 87%. No ano de 2002, existiam mais de 60 milhões de aparelhos de televisão no Brasil, sendo ela uma das únicas fontes de informação no cotidiano de seu público (PORCELLO, 2008).

Em um contexto como o brasileiro, em que a televisão é um meio de comunicação tão presente na vida do público, ela pode ocupar a posição de referencial de integração nacional, reforçando a idéia de laço social que estamos discutindo no decorrer deste trabalho. Na opinião de Bucci (2004a), “o lugar da TV” pode ser considerado como o novo espaço público ou como uma esfera pública expandida. Ela se tornou, a partir da década de 1960, uma espécie de suporte dos discursos que levou a identidade brasileira para o Brasil.

A televisão brasileira apresenta o sucesso e o papel de integração nacional de uma grande televisão, coopera com a valorização da identidade nacional – que é

uma das funções da televisão generalista. A grande diferença da televisão brasileira em relação às televisões européias é que se trata de uma televisão privada (WOLTON, 1996). Grande parte da tradição da televisão no Brasil está vinculada à hegemonia da Rede Globo. Wolton destaca a Globo como um dos símbolos da população brasileira, cuja força no país é dirigida a todas as camadas da população. A emissora teve papel importante na evolução da sociedade brasileira, mostrando-se como um elemento de cultura de massa no contexto nacional. O papel exercido por ela, no cenário televisivo brasileiro, é comparado ao das TVs públicas na Europa, acrescenta o autor.

Segundo Wolton, a televisão brasileira apresenta três pontos principais de discordância em relação à televisão européia, que são o domínio do privado, receber influência do modelo norte-americano e apresentar disparidades econômicas e disparidades culturais. O autor aponta que a TV é fator de identidade cultural, de integração social e de modernização. O papel de laço social desempenhado pela televisão é possível, no Brasil, devido ao veículo ser acompanhado por todas as classes sociais e, também, por ser um espelho da identidade do país. “*Vemos aqui a tripla função da televisão generalista = laço social + modernização + identidade nacional*” (WOLTON, 1996, p. 156, grifo do autor).

O Jornal Nacional, principal telejornal da Rede Globo, pode ser tomado para ilustrar a perspectiva de Dominique Wolton da tripla função da televisão generalista. Ele tem credibilidade entre os espectadores de todas as classes sociais, que é respaldada pelo casal de apresentadores William Bonner e Fátima Bernardes; faz parte da rotina diária de um amplo e diversificado público, podendo ser uma forma de geração de laços entre diferentes pessoas; e é um elemento de identificação entre os brasileiros quando se fala em telejornalismo.

Falando sobre a missão da televisão, Wolton (2003) aponta a união de indivíduos e públicos que estão separados nas sociedades e, também, oferecer a estes indivíduos a possibilidade de participação em uma atividade coletiva. O ponto importante da presença da televisão na sociedade é proporcionar ao público assuntos para falar. A televisão serve como um formidável laço entre os indivíduos, os quais comentam entre si os assuntos que foram mostrados na tela. Tem o papel de pautar os assuntos entre as pessoas, o que faz dela um vínculo importante e indispensável em uma sociedade que tende ao individualismo. “Ela é a única atividade que faz a ligação igualitária entre os ricos e os pobres, os jovens e os mais

velhos, os moradores rurais e os urbanos, os cultivados e os nem tanto” (WOLTON, 2003, p.72).

Na lógica da televisão como um meio gerador de laço social, que proporciona integração cultural, Martin-Barbero e Rey (2004) situam as potencialidades do veículo de produzir mesclas entre o global, o nacional e o local, além de produzir a circulação de informações de forma globalizada. Os autores salientam que a televisão faz uma combinação de textos criados pela indústria transnacional com melodramas nacionais e locais, sendo que tais textos estão dotados de efeitos de hibridação, nos quais estão conectados diferentes tipos de relatos, desejos, aspirações e de interesses. A circulação de informações, produzida pela televisão, proporciona a produção de processos de socialização mais abertos e abrangentes que no passado. Martin-Barbero e Rey (2004, p. 73-74) analisam a função de socialização da televisão (no contexto colombiano):

A significação social das mídias está mudando. Junto com a sua capacidade de representar o social e construir a atualidade, persiste sua função socializadora e de formação das culturas políticas. Entrelaçadas com a história das sociedades modernas, as mídias, além de “mostrar” como vão ocorrendo as mudanças, as acompanham. Em um país como a Colômbia, a televisão testemunha, em sua própria evolução, as transições de uma sociedade “paroquial” a uma sociedade moderna, isto é, de uma sociedade homogênea e unificada a uma mais plural, heterogênea, laicizada e fragmentada. Essa dissolução pode ser percebida na supressão de alguns gêneros ou no fortalecimento de outros, nas adaptações tecnológicas que, além de ampliar coberturas, modificam relações das audiências com a televisão, permitem o acesso de outros setores sociais, esmigalham as limitações de expressão.

É pertinente o “casamento” das reflexões de Dominique Wolton sobre a televisão como um meio que vai além das transmissões imagéticas, que proporciona a geração de laços sociais, com as idéias de Martin-Barbero e Rey de que a televisão tem potencialidades de produção de ligações entre o global, o nacional e o local, e que a circulação de informações televisivas proporciona processos de socialização muito mais abertos e muito mais abrangentes. É comum nas idéias dos autores a perspectiva de geração, pela televisão, de elo entre os públicos e entre as culturas. Tais idéias podem ser utilizadas nas reflexões sobre transmissões de coberturas de mortes.

A abrangência da televisão permite um interessante movimento em torno da contemplação da morte. O caso do cantor Michael Jackson²⁷ pode ser utilizado para ilustrar esta discussão. Após o falecimento do astro musical, o mundo concentrou-se nos meios de comunicação para acompanhar os principais detalhes do acontecimento. E a televisão proporcionou que imagens do funeral chegassem até as casas das pessoas. O mundo presenciou a filha de Michael chorando pelo pai e astros da música fazendo homenagens a Jackson pela tela da televisão. Neste exemplo, a TV pode ser avaliada como um “ponto” onde o público se une, mesmo separado fisicamente, para chorar a morte.

3.3 TELEVISÃO: ESPAÇO DE VISIBILIDADE

Martin-Barbero e Rey (2004) destacam que a imagem, desde o princípio, foi ao mesmo tempo um meio de expressão, de comunicação e, também, de adivinhação e iniciação, de encantamento e de cura.

Estamos inseridos em um tempo em que tudo converge para a imagem e para a visibilidade. A mídia televisiva é um espaço com potencialidades para tudo mostrar, para tudo levar aos olhos dos espectadores. Ela tem o poder de tornar fatos e pessoas visíveis e de construir imagens. Nesta lógica, a visibilidade midiática emerge como uma alternativa para legitimação de verdades e como um meio de trazer ao público questões ocultas. Por outro lado, surgem tentativas de utilização da visibilidade proporcionada pelo espaço televisivo para projeção individual e para destaque na cena pública.

Na atualidade, a televisão (especialmente no telejornalismo) tem se mostrado como um espaço de visibilidade para a temática da morte. O exacerbado destaque dado à finitude humana nos telejornais dá respaldo para discussões acerca de vários pontos, como espetacularização, poder e vigilância.

Os telejornais são espaços onde há oportunidade de visibilidade diante do grande público; assemelham-se à lógica de um palco, onde o que é exibido pode ser visto por muitos. Maia (2002) ressalta a importância da visibilidade midiática, não

²⁷ O cantor Michael Jackson, considerado rei do pop, morreu no dia 25 de junho de 2009, em Los Angeles, após sofrer uma parada cardíaca. (Fonte: Portal G1)

como um fim em si, mas para instigar um processo de interação e de interlocução entre os atores sociais, colaborando para a criação de debates públicos na sociedade.

É pertinente ressaltar, como já discutimos anteriormente, que a morte, na atualidade, é considerada interdita no cotidiano das sociedades urbanas ocidentais. A temática não é mais tão discutida no dia-a-dia como na antiguidade; e os ritos diante do fim da vida são muito discretos. Assim, na medida em que o telejornalismo dá espaço para fatos que envolvem a morte, vai trazer para a pauta social a temática do fim da vida e fazer com que algo que, em alguns momentos, estava quase oculto, venha para reflexão do público. O telejornalismo assume o papel de dar visibilidade à morte e de trazer para o debate um tema considerado embargado nos dias atuais.

Berger (2002) salienta que a estranheza que pode ser verificada na mídia gira em torno da espetacularização, da banalização, da saturação e da constatação de que a informação não é unicamente uma tradução do mundo e uma circulação de acontecimentos, mas que ela publiciza o real desejado. “Assim, não só o acontecimento cria a notícia, como se estruturou o pensamento sobre a natureza da imprensa, como a notícia cria o acontecimento” (BERGER, 2002, p. 280). Para a autora, assistimos a eventos que são produzidos com o intuito específico de se tornarem notícias, ou seja, são delineados com um enredo espetacular para poder ter espaço na mídia.

A partir das observações da autora, acerca da presença do espetacular nos meios de comunicação, é coerente ressaltar que mesmo que a mídia dê visibilidade à finitude humana, trazendo para o cotidiano um assunto muitas vezes oculto, a morte que tem espaço nos meios de comunicação é uma morte excepcional, que choca, que envolve determinadas situações de catástrofe ou pessoas famosas. É uma morte espetacularizada, dotada de detalhes que podem chamar a atenção do público.

No cotidiano ocorrem diversas mortes, mas para estarem entre as notícias que farão parte do telejornal da noite ou do impresso do dia seguinte, precisam ter “um detalhe a mais”, que possibilite que sejam consideradas acontecimentos jornalísticos. Por isso, não é todo tipo de morte que ganha espaço na pauta midiática. Grandes mortes, de foco espetacular, e mortes acidentais têm destaque nos meios de comunicação. Pode-se exemplificar novamente com a cobertura à

morte do cantor Michael Jackson. Neste caso, a mídia esteve bastante presente e ressaltou detalhes íntimos do fato ao público. Foram feitas especulações sobre destino da herança do astro musical; sobre quem ficaria com a guarda dos filhos; discussões sobre problemas internos na família Jackson; sobre a sexualidade do cantor morto; sobre a sua relação com suas ex-mulheres. Enfim, questões da vida privada da família tiveram visibilidade e serviram como roteiro para um grande espetáculo midiático.

A mídia tem poder de produzir sentidos, levá-los ao mundo e legitimá-los, dando visibilidade a determinados fenômenos. A visibilidade também é uma forma de poder específica; a presença da mídia conduz ou ofusca a ocorrência de determinados acontecimentos. Bucci (2004a) concorda com Berger (2002) na discussão sobre o poder da televisão e das amplas dimensões alcançadas pela visibilidade proporcionada por ela. O autor diz que, fora das luzes da TV, não há vida; que o que não é visível, não existe e que, quando não há visibilidade, não há cidadania.

Kehl (2004c, p. 142) questiona o tipo de comportamento das sociedades contemporâneas em relação aos padrões de privacidade: “Como classificar uma sociedade comandada pela lógica do capital, cujos membros obedecem a uma ética bizarra que tem como valor supremo a visibilidade?”. Nas sociedades atuais, onde a televisão é um elemento de colonização do imaginário, os limites entre o público e o privado ficaram muito flexíveis. A autora sugere como uma possível explicação para a inversão nas relações entre o público e o privado o fato de estarmos inseridos em um contexto social regulado majoritariamente pelo espetáculo.

Na sociedade do espetáculo, o impacto midiático dos eventos é tão mais importante do que seu papel na história ou suas conseqüências políticas, que adquire autonomia sobre todos os outros aspectos envolvidos em um acontecimento. Até mesmo o fato de que os acontecimentos são engendrados pelos homens, únicos agentes da história (ainda que não detenham o controle sobre ela), é apagado diante da sua dimensão espetacular (KEHL, 2004c, p. 142).

Na sociedade do espetáculo, os “locais” de visibilidade são diferenciados. A arena de visibilidade política tem seu foco deslocado do foro onde os homens tomam as decisões e dos palanques para os telejornais. Neste contexto, a fama

tornou-se tão ou mais importante que a cidadania. Além de a exibição ser um fator que produz efeitos, produz laços sociais, enquanto que o engajamento político pode não ter tantos resultados (KEHL, 2004c).

Kehl (2004c), refletindo sobre a forma exagerada com que as pessoas se expõem nos *reality shows* televisivos – deixando de lado qualquer parâmetro de privacidade em busca de alguns minutos de fama - como o famoso “Big Brother Brasil”, questiona sobre o lugar que a visibilidade atingiu no mundo contemporâneo, permitindo que as pessoas façam qualquer coisa para consegui-la.

Em reflexão sobre visibilidade, Gomes (2003) diz que tornar visível é mostrar o mundo do ponto de vista que ele deve ser visto, o que é disciplinar. Nesse contexto, a autora associa a visibilidade nas mídias com as idéias de Michel Foucault, desenvolvidas na obra *Vigiar e Punir*, sobre as táticas de majoração de poder. Foucault (2004), ao explicar o Panóptico²⁸, evidencia que quem está submetido à vigilância e está consciente disso, ficará atento às limitações que tem:

Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores. Para isso, é ao mesmo tempo excessivo e muito pouco que o prisioneiro seja observado sem cessar por um vigia: muito pouco, pois o essencial é que ele se saiba vigiado; excessivo, porque ele não tem necessidade de sê-lo efetivamente. Por isso, Bentham colocou o princípio de que o poder deveria ser visível e inverificável. Visível: sem cessar o detento terá diante dos olhos a alta silhueta da torre central de onde é espionado. Inverificável: o detento nunca deve saber se está sendo observado; mas deve ter certeza de que sempre pode sê-lo (FOUCAULT, 2004, p. 166-167).

Fazendo uma observação das reflexões de Foucault sobre o Panóptico, temos espaço para inferir que é através do seu poder de dar visibilidade aos fatos

²⁸ Foucault (2004) explica que o Panóptico é o sistema prisional traçado por Jeremy Bentham, em 1791, que tem como estrutura uma construção em anel na periferia e, no centro, uma torre. Na torre há um vigia central, que pode observar os prisioneiros da construção periférica sem que eles saibam se estão sendo vigiados ou não. Foucault salienta que o Panóptico induz nos detentos um estado consciente e permanente de vigilância, o que dá bases para o funcionamento do poder.

que as mídias realizam a vigilância. “Por sermos potencialmente vistos, agimos nos conformes” (GOMES, 2004, p. 77). No caso da morte, uma perspectiva trabalhada pelos meios de comunicação é a do risco de morte iminente. Há um trabalho de comoção social para o perigo constante da ocorrência da finitude. E é por conta da visibilidade sobre os casos de morte que os mídias se apresentam como meios de vigilância para o risco de morte que os espectadores estão correndo.

Gomes (2004) complementa afirmando que é por conta da visibilidade que as mídias exercem o papel importante e crucial de promotoras e mantenedoras de valores. O jornalismo, enquanto prática social realizada em condições de produção específica, tem o poder de captar, transformar, produzir e fazer circular acontecimentos na sociedade, interpretando situações e sentimentos que ocorreram no presente.

Continuando as discussões sobre a TV como um espaço de projeção, Martin-Barbero e Rey (2004) opinam dizendo que a visibilidade oferecida pelas mídias, como a televisão, é, na maioria das vezes, paradoxal. Ela não está completamente comprometida com os ideais da transparência, mas está dotada de ambigüidades, como entre informação e desinformação, verdades e artifícios, montagens ritualizadas e espontaneidades. Com base no ponto de vista dos pensadores, é possível retomar uma discussão já abordada, quando, ao refletir sobre as teorias do jornalismo, falamos que acreditamos na superação das notícias como reflexo da realidade. Afinal, há diversos fatores envolvidos no momento de sua divulgação, como o modo de ver o mundo do próprio jornalista e questões organizacionais. Transferindo esse ponto de vista para a discussão da visibilidade na televisão e confrontando com as idéias de Martin-Barbero e Rey de que a visibilidade está dotada de ambigüidades, chega-se aos acontecimentos que são “trabalhados” para que tenham espaço na televisão. Pode-se exemplificar com eventos esportivos, que têm desde os seus horários direcionados para que possam receber a cobertura televisiva. E, também, com acontecimentos repletos de detalhes espetaculares, que são produzidos para ganhar espaço na mídia. Não se pode deixar de pensar que a perspectiva da organização é determinante no momento em que o jornalista vai selecionar os fatos a serem noticiados. Assim, os interesses organizacionais vão ser decisivos na hora em que o profissional for escolher o que vai ter destaque e o que não vai.

Para situar a produção massiva de imagens, o português Rui Cádima (*web*) fala em regime de visibilidade. Ele diz que nesse contexto, as imagens são produzidas em série e a banalização se apresenta como estratégia de fidelização. Desta forma, no pensamento do autor, a imagem tem o seu sentido esvaziado e entra em uma era da insignificância, num jogo de esquecimento (as imagens acabam remetendo somente a si próprias).

As idéias de Cádima são pertinentes para reflexões acerca da espetacularização da morte no telejornalismo. Imagens impregnadas de significados espetaculares, mas com características afins ocupam o espaço dos telejornais na cobertura de determinados acontecimentos. É comum a reprodução do choro, da tragédia, de pessoas demonstrando os sentimentos mais íntimos de um ser humano frente à perda. Para exemplificar, tomamos os acidentes aéreos com o voo 3054 da TAM²⁹ e com o voo 447 da Air France³⁰, os quais comoveram o Brasil. No caso do acidente com o avião da TAM, imagens das chamadas da catástrofe foram levadas inúmeras vezes ao ar pelos telejornais, os sentimentos dos familiares das vítimas foram esmiuçados frente às telas e testemunhas do acidente tiveram espaço para chorar diante de um público imenso. No caso do acidente com o voo 447 da Air France, foram enfocados pelos telejornais vários pontos referentes ao acidente, entre eles: o sofrimento das famílias das vítimas; a expectativa das famílias, das autoridades e do público para o encontro de sobreviventes; tentativas de explicação para o caso; e retrospecto do acidente no mundo. Os dois acidentes tiveram uma cobertura televisiva com foco de exploração muito semelhante, o que pode prezar pela colocação de Cádima de que as imagens são produzidas em série e banalizadas. No acidente com o voo da Air France, pelo fato do avião ter caído no mar, as cenas da tragédia foram restritas, mas foram substituídas por imagens do oceano e de possíveis destroços.

Na medida em que a mídia dá espaço à temática da finitude humana, ela deixa claro ao público que ele corre riscos de morrer. Há um trabalho de comoção

²⁹ O acidente com o Airbus da TAM ocorreu no dia 17 de julho de 2007. Ao pousar no aeroporto de Congonhas (São Paulo), a aeronave não conseguiu frear, atravessou a Avenida Washington Luís e bateu contra um prédio da TAM Express. Houve explosão e incêndio. Cerca de 200 pessoas morreram. (Fonte: Folha Online)

³⁰ O voo 447 da Air France partiu, no dia 31 de maio de 2009, do Rio de Janeiro para Paris e acabou desaparecendo quando sobrevoava o Oceano Atlântico. O voo transportava 228 pessoas. (Fonte: Portal G1).

social por parte dos meios de comunicação. Nesta lógica, os meios de comunicação acabam se transformando em espaços de vigilância sobre a morte e sobre o risco que a população corre de morrer.

A morte e a violência estão entre as temáticas que têm bastante evidência no espaço televisivo e que chamam a atenção do público; que têm destaque garantido na cena midiática, ganhando espaço em audiovisuais como filmes, telejornais, telenovelas e desenhos animados. Bucci (2004b) faz uma comparação entre a cobertura televisiva do suicídio do secretário³¹ da fazenda da Pensilvânia, Budd Dwyer, ocorrido em 1987, e o assassinato, por parte de um policial, de um pedreiro³² de 23 anos, em São Paulo, em 1997. No primeiro caso, mesmo que o suicídio tenha ocorrido em frente às câmeras, o momento exato não foi levado ao ar pelos telejornais. Já no caso do pedreiro, que também teve o seu fim registrado pelas redes de TVs, o momento da morte foi ao ar diversas vezes.

Bucci (2004b), ao analisar o motivo da diferença de tratamento entre as duas mortes pelas redes televisivas, esclarece que a resposta automática seria a de que o secretário é uma autoridade, merecedora de respeito, enquanto o pedreiro, como uma pessoa pobre, não precisaria de tanta consideração. O autor acrescenta uma segunda idéia, referindo-se aos dez anos que separam uma morte da outra:

Eu não quero descartar o raciocínio, mas tenho outro palpite, um pouco menos automático. Em primeiro lugar, é preciso ter em conta que ocorreu um relaxamento nos limites do jornalismo e do entretenimento mundial no que diz respeito à violência. A morte real tornou-se um recurso que requer menos cerimônia da parte dos programadores (BUCCI, 2004b, p. 109).

Reiterando a idéia de Bucci de que tem ocorrido uma flexibilização nos padrões dos “cerimoniais” de apresentação da finitude humana nos mídias, é pertinente salientar que a mídia televisiva tem dado acentuada visibilidade à temática da morte em seu espaço. Podem ser retomados exemplos recentes,

³¹ O secretário, acusado de receber suborno, convocou uma coletiva para a imprensa para alegar inocência – ocasião em que sacou uma arma e atirou contra sua boca em frente às câmeras de TV (BUCCI, 2004b).

³² O pedreiro seqüestrou uma garotinha de dois anos de idade e a manteve como refém, pressionando uma faca contra o seu pescoço. O fato ocorreu no acostamento da rodovia D. Pedro I, a 70 quilômetros de São Paulo. Um dos policiais que tentava resolver o caso sacou uma arma e liquidou o seqüestrador (BUCCI, 2004b).

citados anteriormente, como os acidentes com os vôos 447 da Air France e 3054 da TAM, a morte de Michael Jackson, e o seqüestro na cidade de Santo André, que resultou na morte de Eloá Pimentel. Em todas essas situações, foram esmiuçados detalhes variados e espetaculares. Tais casos ficaram durante vários dias no ar e foram bastante explorados aos olhos dos espectadores. A televisão prezou pela lógica de que a mídia pode ser concebida como um espaço de vigilância do risco de morte.

Evidencia-se a tendência do telejornalismo na atualidade, que é dar visibilidade a fatos violentos e à morte. Ao ligarmos a televisão, vamos ter possibilidades de presenciar a violência e a morte ilustradas de forma espetacular. Nas palavras de Bucci (2004b, p. 109): “A morte é um clipe publicitário, um *must* telejornalístico”.

Quando falamos da cobertura televisiva a pautas polêmicas e, ao mesmo tempo presentes na sociedade brasileira, como violência e morte, a expectativa quanto aos meios de comunicação é a de que sejam instrumentos de vigilância e tenham seu foco na promoção de valores. Na prática do jornalismo cotidiano, nem sempre os meios atuam como mantenedores de valores; muitas vezes, trabalham assuntos polêmicos de forma a destacar o que eles têm de mais espetacular.

3.4 O ESPETÁCULO NO TELEJORNALISMO

Kehl (2004a, p. 43) faz uma relação interessante entre televisão e espetacularização: “A televisão é a mais espetacular tradução da indústria cultural”. É pertinente considerar a espetacularização como uma estratégia dos veículos de comunicação para atrair a atenção do público.

A crescente presença da espetacularização nos meios de comunicação, principalmente na televisão, pode ser considerada uma tendência nos dias atuais. A apresentação de *shows* é mais que um simples modismo; ela já está consolidada, e, na maioria das vezes, sustenta elevados índices de audiência. Na programação televisiva, são comuns os programas que levam ao ar debates sobre questões do cotidiano humano, como a resolução de questões sobre a vida privada de pessoas anônimas – tais questões, muitas vezes, sem relevância para o grande público. No

caso de programas tidos como de jornalismo, é costumeira a apresentação de blocos que acoplam jornalismo com espetacularização.

Partimos da lógica de que o telejornalismo tem natureza espetacular. Quando falamos da morte no jornalismo televisivo, algumas questões surgem acerca do envolvimento da espetacularização em tais coberturas, como: será que a exploração das emoções dos envolvidos nos casos vai ser um diferencial para o veículo de comunicação? Será que vai ter retrospectos positivos entre o público? Vai aumentar a audiência? Não é propósito deste trabalho chegar ao âmbito do estudo da audiência dos telejornais selecionados. Tais questionamentos só estão sendo expostos para fins de ilustração, pois, na medida em que um telejornal leva ao ar os sentimentos mais íntimos de dor de uma pessoa frente à perda de um parente, eles vão produzir sentidos entre o público. Vamos fazer reflexões acerca da espetacularização no telejornalismo para assim compreender um pouco sobre a representação espetacular da morte na televisão.

Canavilhas (2001) salienta que a espetacularização das notícias na televisão é uma consequência do domínio da observação sobre a explicação. A televisão procura prender os espectadores. E dar prioridade à apresentação do insólito, do excepcional e do chocante, que fazem uma excelente composição de um espetáculo midiático, pode ser uma receita padrão para prender os públicos frente à tela.

A espetacularização é uma forma de repassar aos telespectadores as ilusões de que estão acompanhando o fato jornalístico em sua essência:

O espetáculo jornalístico em cena, no telejornal, seria dimensão essencial da ilusão da realidade, já que as cenas representadas em suas notícias seriam percebidas pelo público como reais e autônomas, independentemente de influências do meio (COUTINHO, 2003, p. 62).

O centro de nossa discussão é que o telejornal utiliza o aspecto espetacular como “ferramenta” para sedução do espectador. Podemos estar caindo no senso comum, mas vamos reiterar que acreditamos que a espetacularização está presente no telejornalismo por ser uma forma de atração da audiência, a qual acaba utilizando o telejornal como uma forma de se entreter. Já discutimos anteriormente a teoria organizacional. Foi exposto que na lógica da teoria organizacional as notícias vão

resultar de processos que ocorrem dentro da empresa jornalística. O jornalista é consciente de que seu trabalho está inserido em uma política organizacional e que é supervisionado. Nesta teoria, verifica-se a saliência dos valores econômicos dentro de uma redação. Acreditamos que a espetacularização no jornalismo é fortemente determinada por fatores organizacionais.

A relação da informação espetacularizada com as questões econômicas envolvidas faz parte das reflexões de Canavilhas (2001). Ele salienta que a opção das televisões pela apresentação de informações espetáculo é resultado do fator econômico. Uma programação melhor exige que o veículo de comunicação faça mais investimentos; para isso, é necessário que ocorra a entrada de receitas publicitárias, as quais são frutos de aumentos de audiência. O aumento de audiência, na opinião de Canavilhas, se dá com a apresentação de informações mais apelativas e mais espetaculares.

É exigência do espetáculo que a realidade seja levada para a cena de forma dura, nua e crua. Assim, quanto mais completa, global e natural for o real que o público vai ter acesso, maior será a probabilidade do noticiário de captar audiência. A informação oferecida pela televisão vai ter impacto entre o público com o oferecimento de imagens do mundo mais completas do que aquelas tidas no local do fato. E, o processo de “complementação” da realidade é a espetacularização (CANAVILHAS, 2001). A “alteração” do fato se dá por recortes do que aconteceu, pela seleção de imagens mais chocantes, pela adesão de comentários de jornalistas. No caso da cobertura de mortes, espetacularizar é bastante comum e fácil. A contemplação das tristezas dos que têm ligações com mortos que ganham espaço televisão já é comum para o público; choros e gritos são levados ao ar com frequência.

Nas palavras de Szpacenkopf (2003), o telejornal não é nada mais que um espetáculo formado por informações que são perecíveis, pois as notícias, com o decorrer do tempo podem se tornar obsoletas e sem valor mercadológico. Ele é um espetáculo que tem horário para começar e para ser finalizado, com a função de informar, divertir, além de alertar a audiência, a qual precisa ser mantida. A autora salienta que no espetáculo não há continuidade, o começo e o fim de uma tarefa estão muito próximos. E o telejornal faz parte da lógica do *show*, sendo submetido às leis espetaculares.

O telejornal, mais que o jornalismo impresso, tem de entreter. O tempo todo. Uma nota entediante de 10 segundos é fatal. O telespectador foge. A cor é obrigatória. O movimento é obrigatório. O retumbante é obrigatório. É por isso que o principal critério da notícia é a imagem. Se não há uma imagem impactante, dificilmente o fato merecerá um bom tempo no telejornal. O apresentador do telejornal é outro ingrediente-chave. Ele desenvolve com o telespectador um vínculo de familiaridade como se fosse um ator, um astro. Vivemos em um tempo que jornalistas da TV são celebridades, são símbolos sexuais. Enfim, aqui, como no resto do mundo, o público sente desejo pelo programa do telejornal (BUCCI, 2000, p. 29).

O espetáculo explora os componentes visuais da mensagem, com o objetivo de causar fascinação no público. O formato espetacular, que é próprio das emissões de ficção, mostra-se como uma fórmula capaz de atrair espectadores distintos e diversificados, os quais podem ser unidos pelas emissões televisivas espetaculares.

O espetáculo destina-se basicamente à contemplação, combinando, na produção telejornalística, uma forma que privilegia o aproveitamento de imagens atraentes – muitas vezes desconsiderando o seu real valor jornalístico – com um conjunto de notícias constituído essencialmente de *fait divers* (REZENDE, 2000, p. 25).

O telejornal espetacularizado tem como característica a apresentação exaustiva de imagens que acabam dando a impressão de serem mais reais que a própria realidade que deu origem a elas. O telejornal, geralmente, apresenta uma pauta variada e é um dos destaques dentro da programação televisiva; é um dos elementos de credibilidade de uma emissora de TV. É alimentado por fontes de informação nacionais e internacionais, além de apresentar especificidades que o diferenciam da imprensa escrita e falada, como a apresentação da imagem, que dá uma impressão de completude ao fato, casada com a narração que amplia os sentidos do que foi veiculado via imagem (SZPACENKOPF, 2003).

Szpacenkopf (2003) defende a idéia de que um telejornal pode ser considerado um espetáculo de variedades por apresentar entre os temas de destaque em sua pauta as notícias de sofrimento e de violência. Tal violência, muitas vezes, resulta em morte. A última, independentemente do que a causou, é, na maior parte dos casos, apresentada com um “recorte” espetacular.

Os espetáculos de sofrimento, morte, catástrofes e violência têm presença marcante nos telejornais. Atuais, ainda que repetitivos, habitam excessivamente noticiários, o que em nossa opinião fala mais do que uma questão de banalização. O excesso de violência na mídia deve-se ao fato não só de ela já fazer parte de um de seus agendamentos, mas porque constitui um dos temas que mais interessam ao espectador (SZPACENKOPF, 2003, p. 253).

A violência se mostra como uma temática capaz de mexer com o aparato cognitivo do ser humano, além de ter uma riqueza visual que é considerada um atrativo, agindo como estimulante ao público. Desta forma, é utilizada como um ingrediente fundamental para integrar as atrações da indústria do entretenimento e do jornalismo. O jornalismo reconhece a capacidade da violência de atrair a atenção do público. O desenrolar da tragédia dos outros é tido como uma espécie de espetáculo a ser contemplado (WAINBERG, 2005). Wainberg (2005, p. 30) questiona: “[...] por que, afinal, há um público para a violência simulada (em programas de televisão, revistas em quadrinhos, desenhos infantis, *videogames*, brinquedos, esportes violentos – como o boxe e a luta livre)?”.

Ao contemplar a violência no espaço televisivo, o espectador identifica os seus desejos de destruição e de agressividade (SZPACENKOPF, 2003), os quais não podem ser manifestados devido aos impedimentos da ordem social:

Estar diante da violência, protegido por uma tela, permite a projeção dos desejos destrutivos próprios de cada um, mas também possibilita que cada pessoa se distancie de seu potencial agressivo, por acreditar não ser capaz de cometer tais barbaridades. Violência e horror despertam a atenção (SZPACENKOPF, 2003, p. 210-211).

A linha de explicação apresentada por Szpacenkopf (2003) para o consumo de violência na mídia pode ser relacionada ao esclarecimento dado por Morin (1997) para a contemplação da violência e morte nos espaços midiáticos³³. Os dois autores concordam que o homem sacia os seus desejos destrutivos reprimidos ao contemplar algumas cenas nos meios de comunicação.

³³ Tal explicação foi apresentada no segundo capítulo deste trabalho.

A morte apresentada nos meios de comunicação exerce um encantamento no público. O espetáculo da violência e da morte alivia as tensões do homem, purificando as suas sensações, proporcionando uma espécie de “catarse”, a qual o isola dos seus princípios interiores de ética e dos seus instintos enquanto membro da espécie humana. Aristóteles (1966, p. 75) analisa a tragédia como representação, relacionando-a com o espetáculo. Para o pensador, a tragédia pode manifestar efeitos: “[...] com efeito, todas as tragédias comportam espetáculo, caracteres, mito, melopéia, elocução e pensamento”. Ele complementa:

Porém o elemento mais importante é a trama dos fatos, pois a tragédia não é imitação de homens, mas de ações e de vida, de felicidade [e infelicidade; mas, felicidade] ou infelicidade reside na ação, e a própria finalidade da vida é uma ação, não uma qualidade. Ora os homens possuem tal ou tal qualidade, conformemente ao caráter, mas são bem ou mal-aventurados pelas ações que praticam. Daqui se segue que, na tragédia, não agem as personagens para imitar caracteres, mas assumem caracteres para efetuar certas ações; por isso as ações e o mito constituem a finalidade da tragédia, e a finalidade é de tudo o que mais importa (ARISTÓTELES, 1966, p. 75).

Sobre a tragédia, Aristóteles (1966) aponta que ela não é só imitação de uma ação completa, mas também de casos que provoquem o terror e a piedade. Nesta perspectiva, o autor insere a idéia de catarse como forma de purificação das emoções³⁴.

Refletindo a concepção aristotélica de tragédia, Verlaine Freitas (*Web*) salienta que ela remete à idéia de cultura de massa. O autor diz que, para Aristóteles, a tragédia tem retrospectos teatrais que contêm diversos elementos, como narrativa, coro e personagens. E que seu elemento principal está na piedade e no terror que pode proporcionar ao espectador. O público tem compaixão pelos sentimentos dos personagens da tragédia, tendo, então, uma catarse das emoções.

³⁴ Refletindo a catarse, pode-se inferir, a partir da idéia de Edgar Morin, que os homens satisfazem seus desejos imaginários através dos crimes vistos em programas televisivos, a lei pode ser enfrentada ou ignorada e o desejo do homem pode se concretizar. “Bofetadas, golpes, tumultos, batalhas, guerras, explosões, incêndios, erupções, enchentes assaltam sem cessar os homens pacíficos de nossas cidades, como se o excesso de violência consumido pelo espírito compensasse uma insuficiência da vida vivida” (MORIN, 1997, p. 114). O autor acrescenta: “A catarse é como que digerida no cotidiano, isto quer dizer que o grande tema de sacrifício, ‘eles morrem em meu lugar’, se atenua num ‘são os outros que morrem, e não eu’ (MORIN, 1997, p. 115, grifo do autor).

Os espetáculos de violência e morte são atrativos ao grande público. Szpacenkopf (2003) evidencia que mesmo os que dizem não gostar de violência acabam sendo atraídos por contemplá-la nos meios de comunicação e acabam se interessando por notícias com este conteúdo, “[...] seja porque querem estar informados, seja porque precisam saber o que pode lhes acontecer, seja porque defensivamente podem ver na tela o que poderiam fazer, mas que são os outros que fazem” (SZPACENKOPF, 2003, p. 257).

De acordo com Szpacenkopf (2003), a sedução é fundamental para o consumo de notícias. A autora ressalta que a informação midiática atende a dois objetivos que são contraditórios: o do fazer-saber e o da captação. No caso do objetivo de captar recursos e espectadores, a sedução é uma estratégia muito importante. As notícias sobre violência e as temáticas que giram em torno dela, como a morte, ocupam diariamente os espaços dos telejornais. E quando tais notícias chegam aos espectadores, elas já são o resultado do trabalho de uma equipe de produção, que se empenhou em selecionar o melhor ângulo, o que fosse mais espetacular e sedutor para poder chamar a atenção do público. A edição é um instrumento de poder de uma emissora e é através dela que ocorrem os “recortes” à realidade. No caso da transmissão de acontecimentos ligados à violência e à morte, muitas vezes, as emissoras selecionam os detalhes mais “picantes” do cenário onde o fato ocorreu.

A sedução seduz apavorando. Horroriza e atrai pelo horror. Se existe a banalização da violência, isto só é um ponto favorável para que os limites desta banalização sejam cada vez mais ultrapassados; terão, cada vez mais, que ser distendidos para que a violência continue a seduzir. Com isso, passa a haver a ampliação, a proliferação e a exposição do excesso da violência (SZPACENKOPF, 2003, p. 256).

Para seduzir o público, deixá-lo extasiado com o que presenciou no telejornalismo, a espetacularização é fundamental: “[...] elevando-se os efeitos de magia, de ilusão, de encenação do espetáculo, que vai sempre existir desde que existam espectadores” (SZPACENKOPF, 2003, p. 256).

Martin-Barbero e Rey (2004) ressaltam que é interessante observar a informação espetáculo como sendo aquela que rompe limites, que faz uso de determinados artifícios e desordens para apresentar a realidade.

O espetacular é, assim, o que sai dos trilhos, o que transborda dos cânones preestabelecidos do comportamento. Supõe-se que o espetáculo, ao desordenar, deslegitima, ao passo que a missão do jornalismo seria a de organizar o real, impor uma ordem ao caos do espetáculo, dotar de legitimidade (MARTIN-BARBERO E REY, 2004, p. 103).

Ao definir espetáculo, Requena (1988) salienta que infinidades de atividades podem manter um espetáculo, como uma representação teatral, uma missa, uma apresentação de carnaval, um programa televisivo. Entre as representações que um espetáculo pode ter, vale ressaltar que ele relaciona dois fatores: uma atividade oferecida e um sujeito que contempla. A dialética entre esses dois elementos se materializa na forma de uma relação espetacular, que é definida por Requena como a interação que surge entre a relação de um espectador e de uma exibição que lhe é oferecida.

Apesar de o espetáculo estar na sociedade como um todo na atualidade, a sua manifestação mais contundente está na sua forma midiática. As mídias, como poderosos instrumentos de comunicação de massa, têm estruturas para dar visibilidade a determinadas pessoas, fazer com que se destaquem – independente de suas habilidades anteriores ao momento em que se tornaram visíveis, levar determinados temas à pauta social e calar outros. O olhar da mídia fabrica estrelas de duração efêmera e de prestígio duvidoso, sempre obedecendo às leis seletivas (SZPACENKOPF, 2003).

A espetacularização midiática é discutida pelo crítico Guy Debord³⁵, em *A Sociedade do Espetáculo*. O autor, que se definia como “doutor em nada” e

³⁵ O francês Guy Debord, autor da obra “A Sociedade do Espetáculo”, era um pensador marxista que acreditava que o espetáculo tem poderes de alienação e dominação sobre a sociedade e que a sociedade do espetáculo é aquela em que as ilusões substituíram o natural, o espontâneo e o autêntico da vida humana. Das idéias de Marx, Debord destacava o fetichismo da mercadoria e a alienação. Debord era filósofo, diretor de cinema e escritor; foi influenciado pelo Dadaísmo e pelo Surrealismo. Era um humanista, que tinha preocupações com o cotidiano das cidades e sua provável desestruturação, provocada pelo mundo das imagens. O autor preocupava-se com a idéia da tirania das imagens e da submissão alienante da sociedade aos impérios da mídia.

“pensador radical”, foi um dos fundadores – junto com artistas e escritores de diferentes países, em 1957, na Itália, da Internacional Situacionista, um movimento internacional de cunho artístico e político, que aspirava transformações sociais. Debord acreditava que se deve fazer críticas ao sistema através da criação de “situações significativas”.

Na concepção de Debord (1997), um dos grandes problemas da sociedade é o capitalismo, o qual consegue controlar as classes através do espetáculo. O autor, de pensamento marxista, concentra seu estudo no desenvolvimento de uma crítica radical ao fetichismo da mercadoria, tal como ela se apresenta no seu modo de produção. Um ponto significativo do pensamento debordiano é o da crítica radical contra todo tipo de imagem que possa induzir o homem à passividade e à aceitação dos valores pregados pelo capitalismo.

Fazendo uma reflexão sobre as idéias de Debord (1997) acerca da espetacularização, Freire Filho (2003) salienta que o espetáculo deve ser percebido como um desdobramento da abstração generalizada ligado ao funcionamento do capitalismo. Desta forma, para Debord, o espetáculo está completamente ligado ao sistema capitalista e chegou a um grau de acumulação que se tornou imagem. Na opinião de Debord, o espetáculo está em todo o sistema social. Já na primeira tese da obra *A Sociedade do Espetáculo*, o autor deixa clara sua opinião sobre a contundente presença do espetáculo na sociedade: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação” (DEBORD, 1997, p. 13).

Em discussão sobre o espetáculo, na concepção de Debord (1997), Coelho (2006) o analisa como um elemento de articulação, que estabelece mediações entre as diversas dimensões da realidade social capitalista. O autor acrescenta que Debord tem seu olhar voltado para a presença das imagens nas relações sociais de produção, de troca, de consumo, e, também, nas dimensões superestruturais que justificam essas relações. Coelho promove um debate sobre uma problemática já apontada no decorrer deste estudo: a relação da espetacularização com os lucros. Já falávamos anteriormente que a espetacularização é uma forma de atração de audiência para a televisão.

O espetáculo confirma o caráter mercantil das relações sociais capitalistas; a lógica da separação é um componente essencial das relações sociais capitalistas. O capitalismo é fruto de um processo histórico que separou os trabalhadores dos meios de produção e tornou possível a transformação da força de trabalho em mercadoria. Com essa transformação, o produto do processo de trabalho e o próprio processo de trabalho são separados dos trabalhadores, que deixam de ter qualquer controle social sobre eles (COELHO, 2006, p. 16).

Coelho (2006) explica que em tempos de sociedade do espetáculo, a realidade social foge dos padrões esperados, ela já se manifesta em formato de imagem, que oscila entre um conjunto autônomo e um conjunto separado de ações humanas e, também, entre uma multiplicidade de ações fragmentadas. Debord (1997, p. 14), na tese quatro, definiu sabiamente o espetáculo, fazendo relação com a imagem: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. Nesta passagem, o autor evidencia que as relações estão sendo marcadas pelas aparências, pelas imagens construídas. Na sociedade do espetáculo, o autêntico está sendo substituído pelo teatral, pela encenação.

Dando bases à sua contundente crítica acerca da espetacularização, Debord enfoca que a teatralidade e a representação ocuparam totalmente a vida social. O natural e o autêntico das vivências foram tomados pela ilusão. Ele demonstra que, na sua concepção, as relações entre as pessoas são de aparência, são representações e perderam a autenticidade. As pessoas passaram a assumir papéis no momento em que vão se relacionar com as outras e com a sociedade, indicando que o espetáculo reformulou as relações sociais.

Continuando as reflexões sobre o espetáculo, Debord (1997) aponta que o seu foco está no desenrolar – o meio de um espetáculo é tudo, é nele que o público deve se prender, mesmo que não vá chegar a nenhum lugar específico e que não vá obter nenhuma informação nova. O espetáculo não precisa acrescentar nada, só precisa ter um enredo com detalhes atrativos. Para o autor, o espetáculo existe porque ele é o seu próprio fim: “O caráter fundamentalmente tautológico do espetáculo decorre do simples fato de seus meios serem, ao mesmo tempo, seu fim. É o sol que nunca se põe no império da passividade moderna” (DEBORD, 1997, p. 17).

São perceptíveis, a partir das ponderações de Debord (1997), discussões que são relevantes para analisar a mídia na atualidade. Ele é coerente quando relata que o ser humano tem na visão um sentido forte, o que atesta que a televisão é um veículo com “estrutura” adequada para apresentação de espetáculos.

Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência a *fazer ver* (por diferentes mediações especializadas) o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como um sentido privilegiado da pessoa humana – o que em outras épocas fora o tato; o sentido mais abstrato, e mais sujeito à mistificação, corresponde à abstração generalizada da sociedade atual (DEBORD, 1997, p. 18).

Outros autores, como Requena (1988), também comentam sobre a importância da visão. Requena ressalta que o espetáculo, para cativar o público, precisa ativar os seus sentidos. E o principal sentido para a contemplação de um espetáculo é a visão; é a partir dela que o sujeito se faz um espectador. Os sentidos do gosto, do olfato e do tato exigem proximidade, e uma relação espetacular se dá com a distância entre a apresentação e quem observa. A relação visual e o espetáculo estão presentes nas mais diversas situações de experiências cotidianas das pessoas, como na observação de grandes fotografias publicitárias e na televisão (REQUENA, 1988).

Kehl (2004a) realiza uma comparação entre a “indústria cultural” e a “sociedade do espetáculo”, proposta por Debord (1997). Para a autora, o que ocorreu no caminho da indústria cultural até a sociedade do espetáculo foi um extraordinário desenvolvimento técnico das possibilidades de se manifestar a vida através de imagens, até que chegasse o ponto de se abarcar toda a extensão da vida social. Ela enaltece a televisão como um veículo espetacular:

A televisão tornou-se, desde o pós-guerra até hoje, um emissor de imagens tão onipresente a ponto de ocupar o lugar do imaginário do Outro nas sociedades onde ela impera. As mensagens televisivas, em especial a publicidade, em sua *unidade técnica* oferecem imagens à identificação e enunciados que representam, para o espectador, indicações sobre o desejo do Outro (KEHL, 2004a, p. 46).

A grande marca da atualidade em relação a outros períodos da modernidade é a espetacularização da imagem e os seus efeitos sobre a massa de espectadores, tornando-os uma platéia apta a consumir as subjetividades dos outros. Na sociedade do espetáculo, a mídia produz sujeitos que têm suas necessidades adequadas aos produtos que estão sendo lançados pelo mercado. O público consome imagens espetacularizadas de personagens famosos, como atores, cantores, esportistas e políticos, buscando a singularidade da pessoa que está sendo mostrada. Tal singularidade foi encoberta pelo efeito da espetacularização da imagem (KEHL, 2004b).

Sobre a abrangência do espetáculo, Schwartzberg (1978) trabalha com a idéia de que ele não está apenas na sociedade, mas tomou conta do Estado, do poder. Para o autor, não há mais discussões, argumentações com participação da sociedade. O público limita-se a escolher dentre as opções disponíveis, os produtos oferecidos. Ocorre, então, a manipulação da opinião pública por parte do sistema espetacular. Schwartzberg (1978) apresenta soluções para as problemáticas que descreve. Sustenta a necessidade de haver programas, idéias, debates e argumentações. Deve-se permitir que o povo tome suas próprias decisões, com referência a opções claras e precisas. Excluindo os jogos de cena e as falsas aparências. “O imperativo é que cada qual tenha o direito de se pronunciar livremente sobre o direito coletivo. Com toda a clareza. Em plena luz” (SCHWARTZENBERG, 1978, p. 345). A idéia diz respeito a inventar a democracia permanente, com o objetivo de substituir o Estado Espetáculo.

Ao discutir a exacerbada presença da espetacularização na sociedade, Silva (2007) enfatiza que estamos vivendo o hiperespetáculo. Nele, a contemplação do espetáculo continua, mas é uma apreciação de si mesmo em um outro: “A identificação deve ser total e reversível. Cada um deve poder se imaginar no lugar da estrela ou do objeto de sua admiração e aspirar à condição de famoso” (SILVA, 2007, p. 31). O autor salienta que estamos em um tempo em que o público tem como foco o parecer, o “sorria, que você está sendo filmado”. Neste contexto, o Big Brother atinge o seu clímax como fonte de entretenimento do público. As câmeras

não intimidam mais, apenas registram a vontade de se mostrar que alguns dos membros dos *lifies*³⁶ (*life + movie*) têm, como diria o jornalista Neal Gabler.

A espetacularização no jornalismo televisivo é uma das formas de atrair a atenção do telespectador, atuando na produção de sentidos. Com a propagação da informação de forma espetacularizada, nos encontramos frente a uma forma diferenciada de transmissões, a qual é atrativa e tem retrospecto entre o público. No caso da apresentação da morte no jornalismo de televisão, torná-la espetacular é deixá-la mais urgente e fascinante.

Como já ilustramos no decorrer desta discussão, a apresentação da morte no jornalismo televisivo diversas vezes é dotada de ingredientes que vão muito além da simples apresentação do fato; são levados ao ar os anseios dos parentes dos que morreram; choros e gritos têm espaço nos telejornais; e pessoas emocionadas podem dar seus depoimentos demonstrando seus sentimentos em decorrência do acontecimento da morte. A espetacularização da morte no jornalismo televisivo está relacionada à sua encenação.

³⁶ Segundo Neal Gabler (1999), os noticiários têm se tornado fluxos de *lifies*. “[...] ou seja, vida e filme – inseridos no veículo vida, projetados na tela da vida e exibidos pela mídia tradicional, cada vez mais dependentes do veículo vida” (GABLER, 1999, p. 12). O autor dá alguns exemplos de *lifies*, como o assassinato do jogador de futebol americano O. J. Simpson, a vida e a morte da princesa Diana, a bomba colocada por dissidentes de direita numa repartição federal em Oklahoma City, entre milhares de episódios da vida cotidiana. O jornalista enfatiza que são estes os novos sucessos de bilheteria e que eles têm sucesso garantido entre os espectadores.

4 OS DISCURSOS DO JORNAL NACIONAL E DO JORNAL DA BAND

O público que acompanha diariamente o Jornal Nacional e o Jornal da Band, não raro, vê-se diante de discursos sobre a morte com construção rica e espetacular. Este tipo de abordagem televisiva dá respaldo para abrangentes reflexões.

Geralmente, na cobertura do JN e do JB a eventos de morte com grande repercussão, a vida das pessoas envolvidas nos casos mostrados é revelada para os espectadores dos programas. Emoções são exploradas pelos mais variados ângulos; e sentimentos, como a dor de uma mãe por ter perdido um filho, que foi assassinado de forma brutal, acabam se tornando ingredientes de um espetáculo televisivo.

Estamos diante de dois telejornais considerados de referência, mas que se utilizam, de forma simplista, ao transmitirem matérias relacionadas à finitude humana, de recursos que chamam a atenção do público. Como estamos discutindo a apresentação da morte no telejornalismo, caímos em um tema que é muito delicado para os espectadores e que tem uma complexidade ligada à sua discussão.

Levando em conta que o objeto do trabalho é o discurso midiático sobre a morte, trazemos, para este trabalho, alguns conceitos-chave da Análise de Discurso de linha francesa, teoria escolhida como Metodologia de leitura deste trabalho.

4.1 ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA COMO REFERÊNCIA

A Análise de Discurso de linha francesa (AD) tem como objeto o discurso. Esse, por sua vez, tem seu funcionamento no âmbito das relações entre o lingüístico e o histórico-ideológico. Proposta por Michel Pêcheux, em 1960, essa linha teórica se situa na confluência de três campos de conhecimento – a Lingüística, o Materialismo Histórico e a Teoria do Discurso. Esses são atravessados pela Psicanálise.

A AD permite ao estudioso da linguagem fazer análises dos variados discursos que emergem na sociedade a partir de determinações sociais, políticas e

culturais. O analista de discurso se preocupa com o processo de produção de sentidos, pois o objetivo de uma análise sob esse viés é desvelar os sentidos subjacentes ao sistema lingüístico (ORLANDI, 2001). Sob a perspectiva discursiva, analisam-se discursos em suas condições de produção, a partir do ponto de vista de um sujeito que toma como pressuposto a imagem que constrói de si mesmo, do outro e dos objetos discursivos aos quais se refere (PÊCHEUX, 1997).

Desse modo, para a AD, a palavra proferida não tem um sentido próprio, pois muda de sentido segundo a posição ideológica do sujeito que a profere. Essa posição ideológica se assenta nas formações imaginárias e, assim, não são os sujeitos físicos e nem os seus lugares empíricos que funcionam em um discurso, mas as imagens, as quais são resultantes de projeções. Segundo Orlandi (2007, p.40).

Em toda língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já dito).

Esse mecanismo imaginário produz imagem dos sujeitos e dos objetos do discurso no âmbito de uma conjuntura sócio-histórica. A significação das palavras se dá dentro de um jogo imaginário. No discurso, as imagens são determinadas pelas diferentes posições ocupadas. Desta forma, no processo de análise dos discursos, é possível encontrar um sujeito falando do lugar de outro, ocupando uma posição diferente da sua. No jornalismo, as escolhas dos temas a serem trabalhados para chegarem até o público espectador são determinadas, em grande parte, pela imagem que os produtores da informação têm do público. Quando, por exemplo, a morte é publicada no jornalismo televisivo, já há um público específico imaginado para ela. Machado e Jacks (2001) explicam que o jornalista fala tendo como foco o leitor específico que tem em mente. O autor fala e escreve para um leitor virtual.

No caso específico deste trabalho, pode-se postular que a mídia trabalha com a perspectiva da morte iminente, com o risco de morte. Assim, ao passar as notícias deixa entrever a imagem de que o público-alvo pode estar em perigo. Nesse contexto, o jornalista cumpre um papel de vigilância. A mídia vigia a sociedade que

está com o constante perigo da ocorrência da morte – seja pela existência da violência, seja por acidentes de trânsito ou até por ocorrência de morte natural, desde que seja de forma espetacular.

Orlandi (2007a) ressalta que, na perspectiva da AD, o imaginário faz parte do funcionamento da linguagem. A partir dele, as relações sociais se inscrevem na história, regidas também por relações de poder. A imagem que um sujeito faz de outro não é gratuita, ela é firmada em um conjunto de confrontos entre o simbólico e o político, em processos que ligam discursos e instituições.

Os sujeitos têm uma tendência à interpretação. Diante de um objeto simbólico, dão sentido a ele. Como os sentidos variam de acordo com as condições em que são produzidos, há dispositivos ideológicos de interpretação em todo o sujeito falante. Os sentidos não são soltos, eles são formados pelas condições de produção e são administrados (ORLANDI, 2007b).

Na apresentação da morte no jornalismo televisivo, os sujeitos que falam, interpretam a realidade dos fatos e constroem versões para levar até o espectador. Como afirmado anteriormente, refutamos a idéia de que a notícia transmitida é um espelho da realidade. Acreditamos que o jornalista faz seu recorte sobre o mundo e, a partir daí, transmite seu ponto de vista por meio da notícia.

Ao mesmo tempo, os sujeitos que falam, os jornalistas, têm sua representação do público, interpretam-no. Os sujeitos que leem, no caso o público, têm uma representação daqueles que enunciam na mídia, isto é, interpretam o que os jornalistas enunciam, instituindo sentidos à fala destes sujeitos.

Orlandi (2007b) situa a mídia como um grande evento discursivo do modo de circulação da linguagem. Desta forma, torna-se interessante compreendermos como se dá esse acontecimento de linguagem. A mídia faz com que ocorra uma reorganização do trabalho intelectual e uma nova divisão do trabalho de leitura.

Quando se fala em sujeito, em análise do discurso, está se tratando de um ser social e, também, dotado de inconsciente. Os indivíduos são interpelados pela ideologia em sujeitos, sem se dar conta dessa interpelação. Assim, não há sujeito sem ideologia (INDURSKY, 2000).

Na concepção de Indursky (2000), em *Análise do Discurso*, o sujeito faz uma articulação entre o social (relação com a história) e o inconsciente, que está relacionado ao dizer do outro. “Em outras palavras, o sujeito em *Análise do Discurso* é duplamente afetado: em seu funcionamento psíquico, pelo inconsciente, e em seu

funcionamento social, pela ideologia” (INDURSKY, 2000, p.71). Assim, a forma como a morte é abordada na mídia está associada à representação que a mídia tem do público (quem é o público-alvo ao qual a mídia transmite a morte de forma espetacularizada).

Indursky (1997) contextualiza, a partir de Michel Pêcheux, que o discurso que é produzido por determinado sujeito pressupõe a existência de um determinado destinatário, que se encontra inserido em uma posição social. “Tais lugares estão representados nos processos discursivos a partir de uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem mutuamente, ou seja, a imagem que fazem de seu próprio lugar e do outro” (INDURSKY, 1997, p.54).

Diante dessas questões, podemos dizer que, sob os pressupostos da Análise de Discurso, podemos questionar a idéia de sentido literal e de objetividade da comunicação. De acordo com essa linha teórica, a linguagem não apresenta homogeneidade nem unicidade, isto é, os sentidos podem se alternar. Segundo Mariani,

A literalidade não se constitui o ponto de partida, mas a chegada para a AD, uma vez que é historicamente determinada. Os sentidos, portanto, não são um a priori. Como afirma Pêcheux, o sentido de palavras, expressões, frases e textos deve ser analisado em função do jogo de imagens e da correlação de forças presentes numa dada formação social. Os sentidos das palavras podem mudar conforme a situação em que são usadas e conforme o lugar social ocupado pelo sujeito que fala. Se ninguém diz qualquer coisa de qualquer lugar é porque o lugar de onde se enuncia constitui e limita o dizer (1999, p. 108).

A AD é uma linha de investigação que tem por objeto o discurso, que faz a articulação entre a língua e a história, sendo ele mesmo um “efeito de sentidos”. Estes sentidos já existiam antes do discurso e são enunciados em um momento específico, por determinados sujeitos, em um dado momento histórico. De acordo com Gregolin,

A Análise do Discurso de linha francesa entende o discurso como a materialização do processo enunciativo, cuja materialidade exhibe a articulação da língua com a História. Como consequência, ela propõe uma teoria não-subjetiva, em que o sujeito não é tido como responsável pelo engendramento dos fenômenos discursivos e o sentido é constituído pela

interação entre os interlocutores. Assinala-se assim, a incompletude do sujeito, que adquire completude em sua relação com o outro (2000, p. 19).

O discurso como objeto de pesquisa implica que a Análise de Discurso seja vista como um quadro de referência com conceitos organizados, mas com uma metodologia aberta. O importante não é o que os discursos dizem mas sim “como” eles dizem, “como” significam. Para o entendimento do sentido de um texto, é importante que sejam levados em consideração fatores como o funcionamento discursivo, as lógicas que movimentam o discurso, os elementos que são repetidos e os que são silenciados. Também é importante a observação de onde o discurso analisado tem lugar, que posições de sujeito são ocupadas, a forma de movimentação dos sujeitos nas posições ideologicamente definidas, quem fala e que espaço ocupa.

A Análise de Discurso não é uma forma de leitura, mas uma possibilidade de interpretação, que está vinculada às condições de produção dos discursos. O sentido se dá entre a estabilidade e os equívocos (ORLANDI, 2001). Segundo Orlandi (2001, p. 60),

O princípio dessas práticas de leitura consistiria em levar em conta a relação do que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando “escutar” a presença do não-dito no que é dito: presença produzida por uma ausência necessária. Como só uma parte do dizível é acessível ao sujeito – as diferentes posições dos sujeitos resultam de sua inscrição em diferentes regiões de sentidos (diferentes formações discursivas) – com esta escuta o analista poderá ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de “suas” palavras.

A Análise do Discurso procura compreender a língua fazendo sentido, na relação com as condições de produção. A AD não toma a língua como um sistema abstrato, mas como inserida no mundo, fazendo parte da vida dos homens, isto é, de sujeitos os quais ocupam determinada posição como membros da sociedade (ORLANDI, 2007a).

A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação

que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com o seu dispositivo, deve ser capaz de compreender (ORLANDI, 2007a, p.26).

Não faz parte do papel do analista do discurso interpretar o texto, como faz um hermenêuta, nem descrever um texto. O seu objetivo é explicitar os processos de significação que trabalham o texto, explicitar como se dá a produção de sentidos do texto. A interpretação é uma noção mais ampla que a de leitura. A leitura é uma função da interpretação com características particulares (ORLANDI, 2007b).

Os sentidos de um texto variam conforme as estratégias postas em funcionamento na construção do discurso, a constituição dos sujeitos que falam e dos sujeitos que leem³⁷, o meio em que o texto se materializa e as relações de poder envolvidas.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever (ORLANDI, 2007a, p. 47).

Orlandi (2007a) explica que, se por um lado, a relação dos sujeitos com os sentidos é imprevisível, de outro, toda formação social tem formas de controle da interpretação.

[...] há modos de se interpretar, não é todo mundo que pode interpretar de acordo com sua vontade, há especialistas, há um corpo social a quem se delegam poderes de interpretar (logo de “atribuir” sentidos), tais como o juiz, o professor, o padre, etc. Os sentidos estão sempre “administrados”, não estão soltos (ORLANDI, 2007a, p.10).

³⁷ Considerando-se todo receptor, independentemente do veículo, como “leitor”, e a leitura como um ato de produção de sentidos.

O sujeito enuncia a partir de um determinado lugar e este lugar é um distintivo para o que ele diz. A construção dos sentidos, portanto, está intimamente relacionada aos interlocutores do discurso. Os sentidos se dão de acordo com as posições ideológicas que estão em jogo no processo de produção das palavras.

No caso específico do discurso jornalístico, Mariani (1998) explica que a produção de sentidos das notícias se dá a partir de um jogo de influências no qual estão presentes as impressões do próprio jornalista (que são sujeitos históricos), dos leitores e, também, da linha política do jornal.

Mariani (1998) classifica o discurso jornalístico como um *discurso sobre*, pois tem potencialidade de colocar o mundo à disposição do público, como objeto. “A imprensa não é o ‘mundo’, mas deve falar sobre esse mundo, retratá-lo, torná-lo compreensível para os leitores” (MARIANI, 1998, p.61). O discurso jornalístico retrata diariamente o cotidiano e a história e os leva até o público.

Mas, o discurso jornalístico não é neutro, ele produz leituras do mundo e apresenta interpretações dos acontecimentos. O modo como se dá a construção textual da notícia é fator importante na produção de sentidos. Há questões políticas e organizacionais envolvidas nas notícias veiculadas (MARIANI, 1999).

Cada leitura do cotidiano produzida pelos jornais correspondente à exclusão de parte da rede de pequenos e grandes acontecimentos que compõem a história de uma formação social. Não queremos dizer com isso que a completude em termos de relato da história seja possível. Não há como entender, captar e dizer toda a dinâmica de uma sociedade. Por outro, não estamos afirmando que haja necessariamente uma intenção enganosa – má fé – por parte daqueles que escrevem na imprensa em querer iludir o leitor, ocultando voluntariamente o relato de alguns acontecimentos. Além disso, para alguns teóricos da comunicação jornalística o inverso também é verdadeiro, ou seja, tanto certos acontecimentos podem virar notícia como determinadas notícias criam o acontecimento (p.110-111).

Para Mariani (1999), o relato dos acontecimentos pelo discurso jornalístico tanto pode resultar na produção de leituras singulares, que sejam atuais e relacionadas com discursos anteriormente já ditos, como implicar a organização, direcionamento e agendamento da leitura que o público vai realizar.

O discurso jornalístico tem sua construção em condições históricas de confronto, alianças e adesões, que são fundamentais no gerenciamento das interpretações e da produção de sentidos (MARIANI, 1999).

Na concepção de Mariani (1999), o discurso jornalístico trabalha com o inesperado, no sentido de inusitado; com o que é possível, tratando-se da vida cotidiana em relação a suas dimensões políticas, sociais, econômicas, culturais, esportivas etc e com o que é previsível, no caso dos acontecimentos futuros. A autora ressalta que o discurso jornalístico, pelo seu poder de instituir alguns sentidos na sociedade em detrimento de outros, tem um forte caráter ideológico.

4.1.1 Interdiscurso e memória

A memória, quando pensada em relação ao discurso, é tratada como um interdiscurso. Orlandi (2007a) caracteriza o interdiscurso como uma memória discursiva, como aquilo que fala antes, em um outro lugar anteriormente. O interdiscurso é um conjunto de formulações que foram feitas e já foram esquecidas, as quais determinam o que dizemos. Segundo Orlandi, “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2007a, p.31).

Falar em interdiscurso e memória é fundamental neste trabalho, porque a discussão da morte tem como base uma série de discursos que estão engajados em bases culturais anteriores, mas que se tornam atuais nos discursos dos sujeitos que falam e dos sujeitos que lêem. E, também, porque o discurso jornalístico remete a acontecimentos precedentes.

Há uma relação entre o já-dito e o que está se dizendo. O sujeito, ao se manifestar, emite marcas da língua e da história. O sujeito não tem total controle sobre a forma como os sentidos se constituem. “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas” (ORLANDI, 2007a, p.32).

O interdiscurso é constitutivo do discurso. Brandão (2004) explica que o estudo da especificidade de determinado discurso se dá na sua relação com outros discursos. Como um discurso sempre se remete a outros discursos, ele não tem

autonomia e suas possibilidades de relações se realizam em um espaço de troca, mas nunca como uma identidade fechada.

No caso do discurso jornalístico, Mariani (1998) salienta que, no jornalismo, há um processo de discursivização do cotidiano. Essa se relaciona com uma institucionalização dos dizeres que devem ser ditos/repetidos. Conforme a autora, “Chamamos de narratividade ao processo que atua junto à memória discursiva, engendrando para a memória a ilusão da completude” (MARIANI, 1998, p.230). Ela salienta que é a narratividade que permite a recomposição interna dos discursos em função das variações e das mudanças históricas e que a narratividade funciona como um fio nos veículos de comunicação que conduz as marcas interdiscursivas, dando uma direção em relação ao significante.

A narratividade possibilita a reorganização imaginária do movimento histórico, é o que permite que fatos antes “descartados” passem a fazer sentido para a história. A narratividade, enfim, é o efeito que permite o contar uma história coerente, sem falhas, com estrutura temporal, com encadeamento de causas e conseqüências, com personagens e cenários explicativos (MARIANI, 1998, p.231).

Sendo assim, podemos dizer que, pela narratividade, o discurso jornalístico faz relatos coerentes, com delimitação temporal, com relação entre os fatos apresentados e as suas conseqüências sociais, com fontes adequadas. Pelo interdiscurso, um sujeito vai se relacionar com a língua e com a história. Através de noções das teorias discursivas que as condições de produção vão integrar a constituição discursiva e, assim, vão produzir efeitos de sentidos diferenciados.

4.1.2 Condições de produção do discurso

As condições de produção do discurso compreendem basicamente os sujeitos e as situações. Se formos tomar as condições de produção em um sentido mais restrito, chegamos ao contexto imediato; se as considerarmos em um sentido

mais amplo, elas englobam o contexto sócio-histórico, isto é, a memória, fator importante na produção de um discurso (ORLANDI, 2007a).

As condições de produção vão implicar o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (que é a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Tal mecanismo produz imagem do sujeito e do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Em análise do discurso, a imagem tem papel importante na constituição do dizer. O imaginário é constituinte do funcionamento da linguagem, é eficaz e não se constitui do nada; ele é baseado no modo como as relações sociais estão inscritas na história e são regidas pelas relações de poder (ORLANDI, 2007a). Pêcheux (1969) afirma que um discurso vai ser sempre pronunciado a partir de condições de produções dadas.

Para a reflexão da produção de sentidos sobre a morte no telejornalismo, é pertinente questionar: quais as condições de produção que envolvem a constituição do discurso do texto jornalístico de TV sobre a morte?

Primeiramente, é importante retomar o fato de que o discurso sobre a morte na mídia televisiva se inscreve num espaço discursivo no qual estão implicadas quatro diferentes ordens de constituição: a ordem do saber sobre a morte, da mídia televisiva, do jornalismo e do leitor. Tais ordens apontam para a inserção da apresentação da morte no jornalismo televisivo tanto em uma formação social como em uma formação ideológica.

Por isso, para falar em analisar a produção de sentidos sobre a morte no jornalismo televisivo implica ter conhecimento da história da morte em determinados períodos históricos (como já apresentamos anteriormente), para assim entender como ela produz sentidos na sociedade atual, que mecanismos são usados para ser amplamente divulgada nos meios de comunicação.

A morte tem espaço nas mais variadas mídias. É relevante destacarmos a apresentação da morte na televisão por estarmos tratando de um espaço de ampla visibilidade. O Jornal Nacional e o Jornal da Band, que constituem o *corpus* deste estudo, têm, na sua pauta cotidiana, espaço para cobertura de fatos que envolvem mortes ou que têm a morte como foco.

A partir de tais condições de produção, alguns questionamentos foram levantados. Esses, apresentados a seguir, servirão como eixo norteador para realização da análise do corpus:

- Que saberes sobre a morte o jornalismo televisivo ativa na memória do sujeito?

- O cotidiano midiático é marcado pela presença da espetacularização. No jornalismo televisivo, há exploração das emoções de pessoas impactadas pela ocorrência da morte. De que forma essas emoções são exploradas?
- Que lógicas discursivas e enunciativas se sobressaem nos dois telejornais no momento em que a morte é apresentada e espetacularizada?
- Quais são os principais sentidos instituídos sobre a morte no Jornal Nacional e no Jornal da Band?

4.2 O JORNAL NACIONAL

Rezende (2000, p.109) destaca que o Brasil, em janeiro de 1969, estava ingressando na era da comunicação espacial:

As ligações por microondas e as transmissões via satélite possibilitavam a integração nacional e a aproximação com o restante do mundo. Tornava-se, enfim, viável a formação de redes de TV, considerada pelo então diretor da Globo, Walter Clark, solução para a permanente crise que atormentava a televisão brasileira.

A circunstância descrita por Rezende deu bases para que o Jornal Nacional pudesse ser colocado no ar. O JN foi o primeiro telejornal a ser transmitido em rede nacional. Foi ao ar pela primeira vez no dia 1º de setembro de 1969, e foi transmitido ao vivo, simultaneamente, para algumas capitais de estados brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

O telejornal foi uma estratégia da Rede Globo para competir com o *Repórter Esso*, da Tupi. Pouco tempo após entrar no ar, o JN já era líder em audiência no seu horário e maior destaque da programação jornalística brasileira. Fazia parte de um projeto de Walter Clark e de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho para fazer com que a Globo se tornasse a principal rede de televisão do Brasil (MEMÓRIA GLOBO, 2005).

O Jornal Nacional foi criado em um período conturbado da história brasileira: a ditadura militar. Rezende (2000) aponta que o JN, já de início, enfrentou a marca,

que acompanhou a Rede Globo por muito tempo, de ter afinidade ideológica com o Regime Militar.

Ao refletir sobre o início do Jornal Nacional, Golembiewski (2007) assinala que ele foi o primeiro espaço público eletrônico brasileiro, onde ocorreu uma junção de interesses: entre a Rede Globo e os militares. A Globo tinha interesses em ter abrangência nacional e para isso precisava de estrutura. Já os militares precisavam de um espaço nacional para ter voz sobre a população. “Por isso, o JN noticiava aquilo que interessava aos militares no poder” (GOLEMBIEWSKI, 2007, p.44)

A obra *Jornal Nacional: a notícia que faz história*, que relata a posição da Rede Globo, sustenta que o JN sofreu a ação da censura por parte dos militares. O controle sobre o telejornal aumentava na proporção da elevação de sua audiência. Os métodos de censura podiam ser desde comunicados oficiais até ligações telefônicas (MEMÓRIA GLOBO, 2005).

Com o decreto do Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968, o Brasil enfrentou o período mais repressor do regime militar e a pressão sobre as mídias foi intensa. Já na edição de estréia, o JN foi censurado. A censura só começou a diminuir com o governo Geisel, iniciado em 1974(MEMÓRIA GLOBO, 2005).

Com a abertura política, iniciada com Geisel e intensificada com Figueiredo, ocorreu uma reestruturação interna do jornalismo praticado na Rede Globo. A partir desse momento, o diálogo entre as afiliadas e a Central Globo de Jornalismo passou a ser mais livre, o que resultou em um número maior de informações e de reportagens em disponibilidade para o Jornal Nacional (MEMÓRIA GLOBO, 2005).

Silva (1985) salienta que se a censura não ocorria por parte do governo, ela ia acontecer na própria casa, através da ação de diretores, repórteres, copidesques e editores. Roberto Marinho se focava amplamente no telejornalismo, onde tinha ação direta.

O JN tem um formato padrão desde que iniciou suas transmissões. É apresentado em uma bancada, por dois jornalistas sentados. Os primeiros apresentadores foram Hilton Gomes e Cid Moreira. No ano de 1972, Sérgio Chapelin substituiu Hilton Gomes. No ano de 1983, Celso Freitas foi para o lado de Cid Moreira na apresentação. Em 1989, Sérgio Chapelin voltou a fazer dupla com Cid Moreira, que só foi desfeita em 1996, dando lugar a William Bonner e Lillian Witte Fibe. Em 1998, Fátima Bernardes assume o lugar de Witte Fibe. Bernardes e Bonner são os âncoras do JN até hoje. Inicialmente, o programa tinha 15 minutos de

duração. Ele era transmitido de segunda a sábado, como acontece atualmente; porém, agora o programa fica quase uma hora no ar.

Atualmente, apresentação do Jornal Nacional tem como fundo uma redação. Ao analisar o cenário atual de apresentação do JN, Gutmann (2009) descreve que ele é constituído por uma bancada construída em uma estrutura metálica e transparente, onde estão fixados dois computadores; por uma imagem de globo terrestre, que é organizada atrás e acima da bancada; e, também, ao fundo é visível uma redação, com computadores, mesas, televisores e com jornalistas trabalhando. Concordamos com a autora quando ela diz que a imagem da ambientação do público com o processo de produção de notícias vai reforçar a idéia de tempo presente, de atualidade das notícias.

Sérgio Chapelin e Cid Moreira foram considerados ícones do JN por muito tempo. Porto (2002) faz uma reflexão sobre o significado da saída de Moreira e de Chapelin do Jornal Nacional, em 1996:

Mas a partir de abril de 1996 o principal telejornal do país se transformou. Cid Moreira estava ausente das telas dos aparelhos de TV dos brasileiros quando o noticiário de maior audiência do país foi ao ar. Essa inovação foi importante porque, entre outros motivos, significou a substituição de profissionais que se limitavam a ler as notícias por jornalistas que também atuavam como editores. Depois da mudança, Bonner passou a atuar como editor do noticiário nacional e Witte Fibe, do noticiário econômico, aproximando-os do estilo dos âncoras do telejornalismo norte-americano (PORTO, 2002, p.11).

A mudança de âncoras representou uma alteração na “filosofia” do JN. Saíram apresentadores que se restringiam a fazer o papel de locutores e entraram profissionais que passaram a participar ativamente da produção das notícias.

Ao elencar as possíveis razões que levaram a Rede Globo a tirar Cid Moreira do comando do JN, Porto salienta que competição com outros telejornais e fatores de natureza política são importantes para que a modificação seja entendida. “[...] a substituição de Cid Moreira seria parte de uma nova estratégia da Rede Globo que teria como objetivo o desenvolvimento de um jornalismo mais ativo e ‘independente’, buscando assim construir uma nova imagem para a emissora” (PORTO, 2002, p.14). O autor aponta que para que uma nova imagem fosse construída, era importante mostrar para a audiência a implementação de um novo

jornalismo. E para a sinalização de novidades no telejornal, a troca de âncoras se tornou um passo importante. Para Porto, a substituição de apresentadores do Jornal Nacional não significou apenas uma alteração de formato, ela teve implicações no conteúdo.

Analisando o tempo em que o JN fica no ar na atualidade, Bonner (2009) ressalta que é variável de acordo com cada dia. As oscilações se dão em virtude de mudanças de extensão dos programas diários da grade de programação da Rede Globo e no volume de comerciais. O autor salienta que cada edição do telejornal tem, em média, trinta e três minutos líquidos (o que significa um tempo sem incluir os intervalos comerciais).

Ao explicar os temas que ancoram a pauta diária do JN, o atual editor-chefe William Bonner (2009, p.19, grifo do autor) descreve que o telejornal “**deve mostrar o que de mais importante aconteceu num determinado dia**”. Tal colocação evidencia a ênfase dada aos temas factuais. O programa se ancora em dois pilares: o dos temas factuais e o dos temas de atualidades.

Os temas factuais representam a “perna” mais forte do JN. Os temas de atualidade são um apoio muito bem-vindo – e a importância deles reside no fato de permitirem que o espectador compreenda fenômenos, acontecimentos contemporâneos, dentro do contexto em que se dão. Reportagens sobre esses assuntos permitem ao público enxergar mais amplamente o momento que o país e o mundo atravessam, compará-lo com acontecimentos passados, intuir tendências, formar opinião sobre esses assuntos (BONNER, 2009, p.19).

No olhar de Coutinho (2009), com a proposta do JN de mostrar o que ocorreu de mais importante no Brasil e no mundo, ele vai levar aos espectadores micro-narrativas de caráter privado, que são partilhadas a partir de supostas semelhanças com vivências do grande público.

Mais do que configurar-se como um efetivo serviço público do qual os telespectadores poderiam participar como cidadãos, com possibilidade de exercer o seu direito à comunicação, o programa se estrutura como uma forma de consumo , privado, de modelos e estratégias para a (com)vivência em uma sociedade capitalista (COUTINHO, 2009, p.77-78).

É objetivo do Jornal Nacional, segundo Bonner (2009), a antecipação dos assuntos que vão ter destaque nas principais páginas dos jornais impressos do dia seguinte. O autor destaca que um telejornal cumpre sua função quando adianta as principais notícias que vão fazer parte dos bons jornais da manhã seguinte para o público que os lê; e, também, quando leva aos que não acompanham os impressos uma espécie de balanço dos acontecimentos importantes.

Não há repórteres “fixos” do Jornal Nacional – eles são vinculados aos departamentos de jornalismo das emissoras locais da TV Globo ou afiliadas. Os profissionais locais têm a noção de questões geográficas, econômicas e culturais do lugar em questão. No caso das equipes internacionais, elas estão ligadas à Central Globo de Jornalismo e dão cobertura para todos os telejornais e programas de jornalismo da Rede Globo (BONNER, 2009).

Avaliando os temas que têm espaço no Jornal Nacional, Bonner (2009, p.96) salienta que quanto maior for a gravidade de um fato, maior será a probabilidade de ele ser levado ao ar no Jornal Nacional:

“[...] quanto maior o incêndio, quanto maior o número de desabrigados, quanto mais alta a inflação, quanto pior o desempenho dos estudantes no Enem. O público, em geral, se pergunta, frequentemente, por que diabos o jornalismo traz tantas notícias ruins. Infelizmente, na lista de temas publicados nos melhores órgãos de imprensa, elas são muito mais numerosas. Aos não jornalistas inconformados ou aborrecidos com esse fato, é preciso explicar que é da própria natureza do jornalismo apontar o que está errado para que seja corrigido.

Diferentes tipos de mortes estão presentes na rotina do JN. Na programação do telejornal há espaço para alguns dos principais tipos de morte elencados por Mouillaud (2002a) como presentes no jornalismo: os mortos acidentais; os mortos dos conflitos, das guerras; e os Grandes Mortos, que se destacam pela sua fama na sociedade.

A página do JN na rede mundial³⁸ de computadores destaca a cobertura do telejornal em dois eventos que tiveram um número de mortos significativo: - os atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, que rendeu ao Jornal

³⁸ www.globo.com/jornalnacional

Nacional indicação ao Prêmio Emmy; - e o acidente com Airbus da TAM, ocorrido em 2007, no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Nesta ocasião, William Bonner foi a São Paulo apresentar o JN, que teve participação ao vivo de repórteres da Rede Globo diretamente do local da tragédia.

4.3 O JORNAL DA BAND

Apesar de ser considerado um dos principais telejornais do país, há uma ausência de estudos acadêmicos sobre este programa³⁹. Por ter importância no cenário do jornalismo televisivo brasileiro, é pertinente apontar que o Jornal da Band é merecedor de mais atenção por parte dos pesquisadores da comunicação.

O Jornal da Band, antigo Jornal Bandeirantes, criado em 1967, entra no ar às 19h20min e sai imediatamente antes do início da exibição do Jornal Nacional. O telejornal tem em sua formação dois âncoras, um principal e um co-âncora, além de comentaristas presentes na bancada (GONÇALVES, 2007). O programa é apresentado por Ricardo Boechat e por Ticiania Villas Boas e tem comentários de Joelmir Beting⁴⁰.

De acordo com a definição do *site* da Rede Bandeirantes na Internet⁴¹, o jornalismo produzido pela emissora tem como características ser corajoso, objetivo e atento aos fatos. O *sítio virtual* também relata que o Jornal da Band tem uma forma imparcial, moderna, abrangente e variada de fazer jornalismo, o que faz dele a principal expressão da lógica de trabalho da emissora.

Ao falar sobre a forma como o Jornal da Band faz a cobertura no território brasileiro, Silva (2005) assinala que é perceptível que ele separa o país em zonas de importância. A autora destaca que quatro regiões se sobressaem na cobertura do JB. O Sudeste, pelas notícias dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, abarca a maior parte das matérias que entram no programa. No período em que Silva

³⁹ Em consulta feita a mecanismos de busca especializados (Banco de Teses e dissertações da Capes), não foram encontrados trabalhos sobre o Jornal da Band que apresentassem uma descrição da trajetória histórica do programa. Para ampliar a descrição do programa neste trabalho, tentamos contato com a sua produção, por telefone e email, solicitando entrevista, mas não obtivemos respaldo.

⁴⁰ Nas edições que compreendem o corpus desta pesquisa, o apresentador Ricardo Boechat estava em férias e foi substituído por Boris Casoy.

⁴¹ www.band.com.br/jornaldaband

observou o telejornal, o Sul recebeu atenção considerável, especialmente devido a sua produção agrícola; Brasília teve espaço por ser o centro do poder político; e a cidade de Salvador representou a região Nordeste na ancoragem do Jornal da Band.

O Jornal da Band se consolida como nacional pela sua abordagem em relação a assuntos locais das regiões. “É um telejornal que se faz nacional pela colagem de várias notícias locais [...]” (SILVA, 2005, p.147).

Silva (2005) caracteriza o jornalismo realizado na Band como destinado a guardar os direitos dos cidadãos e da justiça:

Diferentemente do JN que procurava mostrar um jornalismo voltado para a cidadania através da informação dos direitos e dos deveres dos brasileiros, o *Jornal da Band* traz outro tipo de jornalismo e outra forma de fazer justiça. No período analisado, percebemos matérias que faziam denúncias (fraude contra a Receita Federal, empresário acusado de enviar verba ilegalmente para o exterior em nome de cartolas e jogadores de futebol, morte de bebês em hospital de Salvador), mas sobretudo, matérias e reportagens que tinham como objetivo divulgar os erros cometidos pelo poder judiciário. É desse caráter que tiramos a principal característica do jornalismo da Band: o telejornal se posiciona como um promotor da justiça (SILVA, 2005, p.148).

Em relação à temática da morte, que é foco deste estudo, ela é presença constante na pauta do Jornal da Band. Da mesma forma que no Jornal Nacional, no JB é possível identificar alguns dos principais tipos de morte que foram enumerados por Mouillaud (2002a) como presentes no jornalismo (os mortos acidentais; os mortos dos conflitos, das guerras; e os Grandes Mortos, que se destacam pela sua fama na sociedade).

4.4 APRESENTAÇÃO DO CORPUS

O corpus é composto por seis edições do Jornal Nacional e seis edições do Jornal da Band, as quais foram ao ar nos dias 20, 21, 22, 23, 24 e 25 de outubro de 2008. São focos deste estudo todos os casos de morte apresentados nos telejornais que compõe o corpus. As edições têm como caso principal a cobertura do desfecho do seqüestro de Santo Andre, interior de São Paulo, onde Lindemberg Alves, 22

anos, manteve a ex-namorada Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, como sua refém por mais de 100 horas. O final do episódio resultou na morte de Eloá, no dia 18 de outubro de 2008, depois de ter sido alvejada por Lindemberg⁴².

Para auxiliar na compreensão do corpus de pesquisa, mostraremos, a seguir, uma síntese das reportagens sobre morte apresentadas em cada edição dos telejornais analisados:

- A primeira edição do Jornal da Band integrante do corpus do estudo foi ao ar no dia 20 de outubro de 2008. Tratou de diversos pontos referentes ao caso Eloá e noticiou o falecimento do empresário do setor de supermercados Arthur Sendas. Referente à Eloá, o telejornal abordou a doação dos órgãos da adolescente, enfocando um pouco da vida de cada uma das pessoas receptoras e dando destaque à idéia das mudanças positivas que os órgãos proporcionaram nestas pessoas. A edição também salientou a tristeza da estudante Nayara (que foi seqüestrada junto com Eloá e também foi alvejada por Lindemberg) ao saber da morte da amiga; e discutiu a atuação da polícia durante o período do seqüestro e no seu desfecho. O luto pela morte da adolescente de 15 anos é abordado pelo Jornal da Band. O enterro de Eloá tem grande destaque, com proporções de funeral de uma pessoa famosa. A cobertura do falecimento do empresário Arthur Sendas salienta que ele foi morto com um tiro na cabeça e que o motorista da família é tido como suspeito.

- A edição do Jornal Nacional do dia 20 de outubro de 2008, ao levar ao ar episódios de morte, deu destaque à cobertura do episódio Eloá Pimentel. A grande proporção do velório e do funeral; a doação dos órgãos da adolescente morta; o luto na escola onde Eloá estudava; a recuperação de Nayara Silva; a análise de peritos sobre a ação da polícia durante o período de seqüestro e no seu desfecho; além do lamento dos parentes de Lindemberg sobre o fato ocorrido, fizeram parte dos assuntos abordados pelo JN. Outros dois casos de morte foram apresentados nesta edição do Jornal Nacional, mas foram explorados de forma mais "simples". Foi noticiada a prisão de um jovem acusado de matar a ex-namorada, de 16 anos, em frente ao filho do casal. Também foi noticiada a morte do empresário Arthur Sendas.

⁴² Além do caso "Eloá", outras mortes foram apresentadas no período correspondente ao corpus deste estudo.

Foi mostrado o velório do empresário e depoimentos de pessoas reiterando o quanto ele era bom e importante para a sociedade.

- Em 21 de outubro, o Jornal da Band prosseguiu as discussões acerca do desfecho do seqüestro de Santo André. Neste dia, o telejornal continuou apresentando o velório e o enterro da adolescente Eloá e mostrando os benefícios proporcionados pela doação de seus órgãos. Foi noticiado o enterro do empresário Arthur Sendas, a morte de um garoto de 17 anos em frente à escola onde estudava, em Goiânia, baleado pelo segurança do local, e também, o assassinato de um vereador ameaçado pelo tráfico no Rio de Janeiro.

- O Jornal Nacional do dia 21 de outubro continuou discutindo o falecimento de Eloá Pimentel. Ganharam destaque: o enterro da adolescente; as pessoas que receberam os órgãos da garota; e o “bom” estado de saúde de Nayara Silva. O JN fez um confronto de versões de policiais que estiveram envolvidos no caso. A morte do empresário Arthur Sendas também fez parte desta edição do telejornal.

- A edição do Jornal da Band do dia 22 de outubro deu ênfase à Nayara Silva, que recebeu alta do hospital em Santo André, São Paulo. Também foi salientado que a polícia perseguiu um carro roubado, em São Paulo, e encontrou o corpo de uma adolescente de 15 anos no banco traseiro.

- No dia 22 de outubro, o Jornal Nacional também deu destaque ao fato de Nayara Silva ter dado alta do hospital. O JN enfatizou que Nayara deu seu depoimento à polícia. Também foi ressaltado pelo telejornal que vizinhos do local onde ocorreu o seqüestro de Eloá e Nayara falaram sobre o período de cativeiro e sobre o trabalho da polícia.

- O Jornal da Band do dia 23 de outubro deu ênfase a alguns aspectos do caso Eloá, como à advogada de Lindemberg dando informações sobre o suspeito e à síntese dos principais pontos do depoimento de Nayara Silva. Um episódio envolvendo morte foi divulgado: um jovem de 19 anos confessou ter atirado e matado uma adolescente de 15 anos com quem queria namorar.

- A edição do Jornal Nacional do dia 23 de outubro continuou a debater sobre o seqüestro de Santo André. A ênfase do programa ficou na apresentação de um relato dos principais pontos do depoimento da sobrevivente, Nayara Silva.

- No dia 24 de outubro, o Jornal da Band noticiou a conclusão do inquérito que apurou o seqüestro e a morte de Eloá Pimentel. Foi destacado também que o

pai de Eloá é indiciado por falsidade ideológica e que há suspeitas de que ele possa ter assassinado sua ex-mulher.

- A edição do Jornal Nacional do dia 24 de outubro também anunciou a conclusão da investigação policial do seqüestro de Santo André e salientou que Lindemberg Fernandes foi acusado por vários crimes, entre eles o homicídio de Eloá.

- O Jornal da Band do dia 25 de outubro apresentou, na perspectiva da morte, uma entrevista com a mãe de Eloá, que afirmou tristeza pela morte da filha; um crime ocorrido em um posto de gasolina, que resultou na morte de um jovem; e a notícia do assassinato da mãe e do irmão da atriz norte-americana Jennifer Hudson.

- O Jornal Nacional de 25 de outubro, no contexto da temática da finitude humana, enfocou o assassinato dos parentes de Jennifer Hudson; e, também, a morte de 64 pessoas em inundações no lêmén.

É interessante ressaltar que as agendas dos dois telejornais, ao tratarem da temática do fim da vida, são coincidentes nos mesmos dias em quase todos os momentos. Na maior parte dos dias estudados, o caso Eloá se sobressaiu na discussão dos dois telejornais e episódios paralelos que fizeram parte da pauta de um, geralmente pertenceram à pauta do outro.

4.5 CORPUS DISCURSIVO

O *corpus* discursivo deste trabalho é constituído por seqüências discursivas (SD) retiradas do *corpus* empírico. Na Análise de Discurso de linha francesa, o *corpus* empírico é constituído por todo o material usado no estudo, isto é, todo o material lido, coletado, anexado faz parte do *corpus* empírico; o *corpus* discursivo é constituído pelo conjunto dos discursos selecionados pelo analista e utilizado na análise propriamente dita. As seqüências discursivas não compreendem necessariamente uma oração ou um período, conforme determina a gramática normativa. Seqüências discursivas são recortes que “significam”, isto é, “pedacinhos de linguagem” nos quais possam ser identificados “pontos de vista” de um sujeito (PÊCHEUX, 1997).

Como a AD trabalha no âmbito das relações entre o lingüístico e o ideológico (ORLANDI, 2001), em nossa investigação, selecionamos a palavra “morte” como uma SDR (sequência discursiva de referência) e, na leitura do *corpus*, optamos pelo processo de paráfrase.

Na análise serão usadas as SDR e as paráfrases. No caso do Jornal Nacional e o Jornal da Band, que têm um discurso notadamente polifônico, é relevante falar em paráfrase – compreendendo a paráfrase como a repetição, ao longo de um texto, de um mesmo sentido. Diferentes formulações para um mesmo dizer caracterizam a paráfrase. Também podemos dizer que é paráfrase a constante repetição dos sentidos de um enunciado principal. Nos processos de paráfrase, em todo enunciado sempre há características que se mantêm (ORLANDI, 2007a). A paráfrase representa a retomada dos mesmos lugares do dizer. A tendência à constante repetição de sentidos, caracterizada pela paráfrase, pode levar à redundância.

É coerente, tratando do discurso do Jornal Nacional e do Jornal da Band, falarmos também em polissemia, que é tratada por Orlandi (2007a) como a simultaneidade de movimentos de sentidos em um mesmo dizer.

Leite (2001, p.112) faz uma distinção entre paráfrase e polissemia, referindo-se que é na tensão dialógica entre o mesmo e o diferente, entre o estável e a instabilidade, que há a produção, a movimentação de sentidos e a (re)significação de sentidos:

Na paráfrase, são produzidas diferentes formulações de um mesmo dizer. É o primado do mesmo. Na polissemia, há uma ruptura com um dizer estabilizado, sedimentado pela memória social; provocando um deslocamento de sentido(s) e instaurando o diferente, cuja primazia se acentua. (LEITE, 2001, p. 112).

No caso deste trabalho, a SDR é a identificação da palavra “morte”, mas outras sequências discursivas serão escolhidas a partir dela. Essas foram tomadas como efeitos de paráfrase, marcados pela repetição com sentidos que se propagam. Em nosso entender, as paráfrases evidenciam a lógica reforçada pelo Jornal Nacional e pelo Jornal da Band sobre a finitude humana.

Para fazer a análise, o primeiro passo foi a gravação das edições selecionadas para comporem a amostra. Depois foi feita a transcrição de cada um dos programas. O corpus foi estudado minuciosamente em busca de sentidos dominantes sobre a morte. A partir da verificação dos principais sentidos sobre a finitude humana, emitidos nas falas dos locutores do JN e do JB, traçou-se os eixos de análise do discurso dos telejornais:

- 1 - a marca do espetáculo: construindo o cenário da morte;
- 2 - os convidados a morrerem no telejornalismo;
- 3 - a lógica maniqueísta: morto virtuoso X criminoso mau;
- 4 - o risco de morte: a sociedade em perigo;
- 5 – o telejornal como um palco para o choro da morte e para demonstração de sofrimentos;
- 6 – a amenização da dor;
- 7 - a responsabilidade do Estado;

Por opção metodológica, os discursos de todos os locutores⁴³ que se manifestaram sobre a temática da morte, nas edições do JN e do JB que fazem parte do *corpus* deste estudo, foram ser levados em consideração. Também por opção metodológica, grifamos em negrito, nas seqüências discursivas, as passagens que se referem aos sentidos em questão.

Observamos, para fins de análise da produção de sentidos sobre a morte, o discurso dos locutores do JN e do JB em todos os formatos⁴⁴ que a notícia assume no decorrer dos telejornais. Começamos a verificar o discurso dos apresentadores nas escaladas⁴⁵. A partir daí, o foco foi para as reportagens⁴⁶. Deixamos claro que

⁴³ O termo “locutores” está sendo usado para abarcar todas as pessoas que se pronunciaram durante os telejornais. Não estão sendo levadas em consideração as discussões sobre locutores de Ducrot (1987).

⁴⁴ Não é objetivo deste trabalho traçar uma discussão sobre gêneros e formatos de telejornais. Os pontos que estamos abordando são para deixar clara a forma como foi delineado o estudo do *corpus*.

⁴⁵ Yorke (2006) trata a escalada como conjunto de frases, que podem vir combinadas ou não com imagens de impacto, colocadas na abertura do telejornal para apresentar as matérias do dia e chamar a atenção do público espectador

⁴⁶ Rezende (2000) define reportagem como a matéria jornalística que fornece um relato ampliado de um determinado acontecimento, mostrando as suas causas, as suas correlações e as suas repercussões. O autor acrescenta que a reportagem é composta por cinco partes: cabeça (corresponde ao *lead* – é lida pelo apresentador), *off* (narração fazendo “cobertura” à exibição de imagens), boletim (apresentação de uma informação pelo próprio repórter diretamente do local ela onde ocorreu), sonoras (são as entrevistas realizadas pelo repórter) e o pé (finalização da

todas as inserções dos locutores nos telejornais, desde que se referindo à temática da finitude humana, foram analisadas – notas⁴⁷ também foram levadas em consideração⁴⁸.

O foco deste estudo é no discurso verbal das edições do JN e do JB que compõem o *corpus* de pesquisa. Mas, o fluxo televisivo não permite que se ignore o texto imagético. Desta forma, tomamos algumas imagens como forma ilustrativa e complementar.

Salientamos que apenas os textos verbais foram verificados a partir da metodologia da Análise do Discurso de linha francesa. Quanto às imagens, elas foram observadas com caráter descritivo e com comparações às falas dos locutores⁴⁹. Não foram analisados os planos de enquadramento de imagem utilizados em telejornalismo.

reportagem; é lido pelo apresentador; tem função de finalização e de fornecimento de informações complementares). Mas, a reportagem pode vir sem uma ou mais destas partes.

⁴⁷ Para Rezende (2000, p.157) nota: “é o relato mais sintético e objetivo de um fato, que, no telejornalismo, pode assumir, duas formas, a *nota simples*, formada apenas pelo texto falado lido pelo apresentador, sem imagens e a *nota coberta*, com imagens do acontecimento e narração em *off* do apresentador”.

⁴⁸ Salientamos que, por opção metodológica, não foi feita distinção em relação ao momento do telejornal que a sequência discursiva em análise está “inserida”. O objetivo deste estudo é verificar a produção de sentidos acerca da finitude humana no contexto de toda a produção dos dois telejornais; é observar os noticiários como um todo.

⁴⁹ Fizemos a comparação do discurso imagético com o discurso verbal (texto equivalente ao *off* do repórter que “cobriu” estas imagens). Observamos a equivalência de sentidos.

5 A ESPETACULARIZAÇÃO DA MORTE: EM BUSCA DE CONSTATAÇÕES EMPÍRICAS

Ao levar ao ar as notícias sobre a morte, o Jornal Nacional e o Jornal da Band, em alguns casos, especialmente os de grande repercussão nacional, exploram os sentimentos das pessoas ligadas às vítimas. No compartilhamento de anseios frente à finitude humana, visualiza-se a encenação e a teatralidade, que marcam a espetacularização.

Assim, a televisão faz a articulação entre o individual e grupos coletivos (FECHINE, 2006). A dor de grupos individuais é dividida com a sociedade, o choro é repartido com um público de grandes proporções, e a televisão, atuando como um espaço para dar visibilidade à morte, transforma-se no meio de união para o choro e para a contemplação perante a lógica do fim da vida.

Nesse espaço, os locutores do JN e do JB (apresentadores, repórteres e entrevistados) acabam tendo um “objetivo” comum: advertir sobre o risco de morte, do qual todos os telespectadores podem ser vítimas em potencial.

Ao mesmo tempo em que o discurso dos dois telejornais reitera constantemente os perigos de morte, leva ao espectador a idéia de que há a possibilidade de vida por detrás deste fim. Ao analisarmos o caso Eloá, que é o principal deste estudo, é perceptível que o JN e o JB conduzem um jogo entre a dor da morte e a contrapartida da vida, que resulta da doação dos órgãos.

O que torna a apresentação da morte no Jornal Nacional e no Jornal da Band uma temática de pesquisa sedutora e intrigante é a “semelhança no foco das coberturas” feitas pelos dois programas a acontecimentos sobre a temática, além da afinidade entre as agendas deles, quando se trata do mesmo período de observação. O eixo condutor é repetitivo. Normalmente, há a evidenciação para os sentimentos das pessoas que têm relações afetivas com os que morreram, para as características que tornam a morte espetacular, para as virtudes dos mortos e, em casos de assassinatos, para os defeitos dos algozes – fixando-se, assim, uma lógica maniqueísta. Claro que não podemos desconsiderar que cada episódio tem as suas peculiaridades. Para ser convidada a “morrer na televisão” e a fazer parte de um

interessante espetáculo midiático, a pessoa tem que ser incomum ou falecer em uma situação que “mereça” espaço nos telejornais.

Assim, mesmo que estejamos tratando de telejornais considerados de referência no cenário nacional, não podemos desconsiderar a discussão sobre espetacularização quando abordamos a apresentação de notícias que envolvam a mortalidade. Os pilares teóricos deste estudo, que foram apresentados anteriormente, perpassam discussões sobre a morte, em diversos âmbitos; sobre o campo jornalístico; e reflexões específicas sobre a televisão e o jornalismo televisivo. A construção do referencial teórico ocorreu buscando um embasamento para que fosse possível realizar uma análise discursiva de edições do Jornal Nacional e do Jornal da Band - com um olhar voltado para fazer um paralelo entre a notícia sobre a morte e a sua apresentação espetacularizada. Tais discussões se mostram fundamentais para que se possa refletir a visibilidade que é dada ao tema do fim da vida no jornalismo televisivo.

5.1 ANÁLISE DO CORPUS

A intenção deste estudo é a discussão de uma temática complexa ao ser humano, que é a sua finitude, no contexto de uma de suas fontes de informações diárias: o telejornalismo.

O Jornal Nacional, da Rede Globo, possui um discurso que se configura com muita riqueza de detalhes e pode ser considerado um objeto com interessantes aspectos para análise. O programa tem ampla credibilidade entre o público brasileiro e tem o respaldo dos apresentadores, Fátima Bernardes e William Bonner, para apresentar temáticas polêmicas como a morte. No caso “Eloá”, que é o evento de morte principal das edições em estudo, o telejornal destinou boa parte do tempo que ficou no ar para relatar minuciosamente os principais detalhes do acontecimento. A cobertura ao enterro foi digna do funeral de uma celebridade. E a sobrevivente do seqüestro, Nayara Silva, esteve na mira das câmeras como se fosse uma pessoa famosa.

Da mesma forma, o Jornal da Band, da Rede Bandeirantes, também possuiu um discurso com características interessantes para serem analisadas. O programa,

no período correspondente ao *corpus* desta pesquisa, também fez uma exploração minuciosa dos detalhes do caso “Eloá”. É pertinente destacar a exploração das emoções dos envolvidos, que culminou com uma entrevista com a mãe de Eloá demonstrando sua tristeza frente às câmeras.

Como já falamos, a questão da repetição de sentidos no JN e no JB torna este estudo interessante e intrigante. A observação da reprodução de determinados sentidos, o que é característica da paráfrase, vai nos permitir delinear a análise das matérias sobre a finitude humana no jornalismo televisivo, com foco no Jornal Nacional e no Jornal da Band.

A seguir, passaremos à apresentação e à discussão do *corpus* a partir dos sete eixos já identificados na seção anterior.

Vamos nos deter, usando a metodologia da AD francesa, no estudo do texto verbal dos locutores das seis edições do Jornal Nacional e das seis edições do Jornal da Band que fazem parte do *corpus* deste estudo. Quanto ao texto imagético, faremos apenas uma “observação” de algumas imagens das edições do JN e do JB que foram ao ar no dia 21 de outubro de 2008, relacionando-as com o texto verbal⁵⁰. Neste dia, tanto o Jornal Nacional como o Jornal da Band deram ênfase à cobertura jornalística do enterro de Eloá Pimentel. As considerações sobre as imagens serão feitas a partir dos sete eixos que vão nortear a análise do texto verbal.

Apesar de termos como foco todas as situações sobre o fim da vida que foram abordadas pelo JN e pelo JB no período do *corpus* deste estudo, as reflexões sobre cada um dos sete eixos de análise vão ser baseadas principalmente nos casos da morte de Eloá Pimentel e do empresário Arthur Sendas.

⁵⁰ Optou-se por selecionar discursos imagéticos das edições do dia 21 de outubro de 2008 do JN e do JB porque, nesta data, os telejornais fizeram significativa cobertura ao enterro de Eloá Pimentel e de Arthur Sendas. Também, trataram da doação dos órgãos da adolescente e questionaram a participação da polícia no caso. Desta forma, proporcionaram uma diversidade de textos imagéticos (de caráter espetacular) e deram várias possibilidades a um analista do discurso.

5.1.1 A marca do espetáculo: construindo o cenário da morte

Nos discursos do Jornal Nacional e do Jornal da Band sobre a morte, há grande recorrência de itens lexicais que indicam a tendência espetacular do telejornalismo.

Essa espetacularização, identificada na linguagem, tem seu sentido nas condições de produção históricas na Idade Média. Como já discutimos, Ariès (2003) explica que era comum, naquele período da história, as despedidas de um moribundo ocorrerem em forma de cerimônias abrangentes. O quarto do doente terminal ficava cheio de gente, inclusive de desconhecidos. Muitos se juntavam ao padre, que ia levar os sacramentos finais, para contemplar as cenas da mortalidade. Naquela conjuntura, o homem (moribundo) era senhor absoluto da situação final de sua vida e comandava com habilidade a “cerimônia” de sua despedida. Atitudes como o pedido de perdão dos pecados a Deus e a reconciliação com os parentes e amigos eram comuns.

Com a interdição da morte do cotidiano das sociedades ocidentais urbanas, que foi ocorrendo no decorrer do processo histórico, houve um deslocamento do local de contemplação do “espetáculo” da morte. E o telejornalismo aparece, na atualidade, como uma alternativa de encontro coletivo para contemplação da temática e das questões que a envolvem.

Assim, tratando-se de espetacularização da morte, a sua visualização no Jornal Nacional e no Jornal da Band é permeada a partir de discussões teóricas sobre a temática que traçamos anteriormente. É válido retomar alguns pontos.

Como diz Canavilhas (2001), o espetáculo tem como exigência a apresentação da realidade “dura, nua e crua”. Neste contexto, na perspectiva do autor, o real é levado ao público de forma completa, global e natural, o que fará com que ocorra a captação de audiência.

Rezende (2000) discute a produção telejornalística espetacularizada como um casamento de imagens atraentes com notícias sobre fatos diversos, que abarcam a morte e a violência. Szpacenkopf (2003) concorda com a lógica de Rezende de que a espetacularização em um telejornal está ligada à discussão na pauta de temas de sofrimento e de violência.

Para Martin-Barbero e Rey (2004), a informação espetáculo rompe limites e utiliza artifícios na apresentação da realidade. Guy Debord (1997) traz importantes considerações para o estudo da apresentação espetacularizada da morte no jornalismo televisivo quando salienta que o espetáculo tem como foco o seu desenrolar, o seu enredo. O meio da cena espetacularizada é tudo, é ali que o público deve se prender. O espetáculo tem caráter tautológico. As repetições são marcas constantes.

Com o objetivo de discutir este primeiro eixo - a espetacularização da morte no jornalismo televisivo -, dividimo-lo em quatro momentos (que serão verificados separadamente no JN e no JB) : a) vida x morte; b) destaque às emoções dos envolvidos nos casos; c) novelização; d) apresentação da morte de forma “dura”, “nua” e “crua”.

Jornal Nacional

No Jornal Nacional, notícias sobre morte são levadas ao ar indo ao encontro de discussões de Guy Debord (1997) sobre o espetáculo: marcadas pelo caráter repetitivo e tendo foco no seu desenrolar.

Há um foco na demonstração de emoções e a realidade é demonstrada com detalhes “picantes”. Ao tratar do caso Eloá Pimentel, o JN formou um “enredo” para levar ao ar os pontos mais específicos do acontecimento. O assunto é tratado como uma espécie de novela. E o público é convidado a acompanhar as cenas dos próximos capítulos. Em alguns momentos, fica visível que a realidade está sendo retratada com diversos “artifícios espetaculares”. As Sequências Discursivas reunidas a seguir mostram, através do efeito de paráfrase, a espetacularização.

a) vida X morte

A espetacularização no JN se evidencia na discussão do contraponto entre a vida e a morte. Ao mesmo tempo em que o telejornal se apresenta como espaço para o choro diante da finitude humana, discute os “ganhos” proporcionados por algumas mortes. No caso de Eloá, o JN enfatiza que os seus órgãos proporcionaram mudanças na rotina de várias pessoas. E a sua mãe, Cristina, mostra-se, na SD 166, aberta a conhecer os que receberam os órgãos da filha. O coração da vítima de

Lindemberg foi transplantado em uma paciente no dia em que ela estava fazendo aniversário, como mostram as SDs 23 e 24.

SD23- Geane Rodrigues Teixeira (prima de transplantada) - Ela sempre falava, desde o ano passado: “Deus vai me dar um coração no dia do meu aniversário”.

SD24- Repórter Fabio Turci- O aniversário de 39 anos começou na sala de cirurgia do hospital Beneficência Portuguesa em São Paulo. De presente, Maria Augusta ganhou a chance de recomeçar a viver, estudar, trabalhar, se casar.

SD25- Estenio Lima (noivo de transplantada) - Com certeza a gente vai se casar, já começou a ter um final feliz.

SD26- Repórter Fabio Turci - Perto da 1h, no mesmo hospital, começou uma segunda operação. Um transplante duplo. Um homem de 25 anos veio receber o pâncreas e um dos rins de Eloá.

SD28- Repórter Fabio Turci - Ambulâncias levaram os órgãos a vários hospitais de São Paulo, onde os pacientes já estavam sendo preparados. A vida contra o relógio.

SD30- Repórter Fabio Turci - Por isso a equipe do Incor teve pressa. No fim da madrugada os pulmões de Eloá foram transplantados em uma jovem de 18 anos. Fazia dois anos que ela esperava pela cirurgia.

SD31- Repórter Fabio Turci - Na Santa Casa de São Paulo, o fígado foi para uma menina de 12 anos, que tinha um tipo grave de hepatite.

SD32- Repórter Fabio Turci - O gesto da família de Eloá pode transformar a vida de outras sete famílias.

SD33- Geane Rodrigues Teixeira (prima de transplantada) - Eu agradeço a generosidade, a solidariedade da família de ajudar não só a mim, mas outras pessoas que precisam de órgãos.

SD35- Repórter Monalisa Perrone - O rapaz de 25 anos que recebeu um dos rins e o pâncreas de Eloá saiu da mesa de cirurgia no começo da noite desta segunda-feira. Foram quase oito horas para transplantar os dois órgãos.

SD37- Repórter Monalisa Perrone- Maria Augusta da Silva, que recebeu o coração, passou por um eletrocardiograma agora há pouco e, segundo os médicos, o funcionamento do coração é muito bom, o que superou todas as expectativas.

SD160- Repórter Fabio Turci- Na UTI do Incor, em São Paulo, uma jovem de 18 anos respira novos ares. Ela ainda está sedada e ligada a equipamentos que ajudam a poupar os pulmões que eram de Eloá. Em dois dias, deve acordar.

SD164 – Repórter Fabio Turci- Na Santa Casa, a menina de 12 anos que recebeu o fígado também passa bem. O coração bate forte no peito de Maria Augusta, 39 anos, que já respira sem ajuda de aparelhos. Estas são as primeiras imagens dela na UTI.



Figura 1: Imagem de Maria Augusta, receptora Do coração de Eloá

O texto imagético (FIGURA 1), referente à receptora do coração de Eloá, amplia o sentido do texto verbal (SD164). Fábio Turci, em reportagem sobre a doação dos órgãos de Eloá Pimentel, manifesta que o coração da adolescente assassinada está “batendo forte” no peito de Maria Augusta e que ela já respira sem aparelhos – passando a idéia de que a transplantada está bem. A imagem mostra uma mulher com aparência sorridente e demonstrando possibilidade de diálogo com as duas pessoas que estão junto a ela – o que configura que ela está com “bom estado de saúde” (condição possibilitada pelo novo coração). Assim, a imagem dá ênfase à lógica de “vida nova”, complementando o sentido do texto verbal de que “o coração bate forte”

SD166- Ana Cristina Pimentel (Mãe de Eloá)- Eu quero que ela seja muito feliz e se um dia ela quiser me conhecer, eu estou aqui de braços abertos para recebê-la, assim como os outros que receberam (órgãos de Eloá).

b) destaque às emoções dos envolvidos nos casos

Os anseios dos envolvidos nos casos de morte são explorados de forma contundente no JN. Os sentimentos são ritualizados. E os detalhes que compõem o cenário onde a morte está inserida são descritos.

SD9- Repórter Neide Duarte- O carro prata da prefeitura trazia o caixão branco e dourado de Eloá. Centenas de pessoas esperavam por ela. Na falta de outra reação, aplaudiram.

SD10- Repórter Neide Duarte- Depois tentaram enxergar, através do vidro, o inexplicável da morte. Os amigos de Eloá ficaram juntos, abraçados, como se assim a tragédia pudesse ser menor.

SD11- Amiga de Eloá - Nós somos amigos de vida, amigos que nunca sairão de nossas vidas.

SD12- Amigo de Eloá - Amigos de infância, amigos de coração.

SD13- Repórter Neide Duarte- Depois, cantaram a música preferida de Eloá. Uma música que fala sobre o pouco tempo que a gente tem para todas as coisas da vida.

SD14- Amigo de Eloá- Uma pessoa super legal, não tinha tempo ruim e não merecia.

SD16- Repórter Neide Duarte - A mãe de Eloá chegou depois dos amigos. Ainda assustada, perplexa, sem caber direito no estranho e irreversível papel de perder um filho.

SD17- Repórter Neide Duarte - As pessoas passam uma a uma, deixando para Cristina, a mãe, abraço, choro, solidariedade. Mas cada vez que olha para a filha, não pode esquecer, sem Eloá, está muito mais sozinha no mundo.

SD39- Apresentadora Fátima Bernardes – Eloá era uma amiga muito querida. Uma das mais populares da turma. Hoje não houve aula na escola que ela estudava.

SD40- Repórter Ernesto Paglia - Quando se tem 15 anos, a escola é a vida. Mas os alunos de um colégio de periferia do ABC Paulista, nesta segunda-feira, tiveram de enfrentar a morte.

SD41- Repórter Ernesto Paglia - Os portões estavam abertos. Mas ninguém quis entrar nem na sala onde estudava Eloá, nem nas outras classes.

SD42- Roberta Soares (Amiga de Eloá) - A gente estava na expectativa de ele soltar ela e não acontecer nada com ela e nem com a Nayara, mas infelizmente...,

SD43- Repórter Ernesto Paglia - Olhos vermelhos. Abraços apertados. Dor que comoveu a direção.

SD45- Milma Carneira (Diretora de Escola) - A situação com os alunos continua delicada e com os professores também, porque é uma comoção muito grande. Então, essa retomada vai ser muito dolorosa.

SD46- Repórter Ernesto Paglia - Logo depois os portões já foram trancados. Só que os alunos não voltaram para casa.

SD47- Repórter Ernesto Paglia - Hoje, não podia ser dia de aula, era dia de luto. E vários colegas de Eloá deixaram por um instante a escola onde a conheceram para juntar saudades e tristezas no velório da jovem assassinada.

SD48- Repórter Ernesto Paglia - Uma perda trágica, uma lição duríssima, especialmente quando se tem apenas 15 anos e, quem morreu era uma das amigas mais populares do grupo.

SD49- Jéssica Martins (Estudante)- Ela morreu ainda muito cedo, tinha muitos planos para a vida dela e era para ela estar aí, com nós, indo para a escola entrando normal.

SD50- Repórter Ernesto Paglia - Alegre, comunicativa, romântica. Apesar de ter crescido num dos bairros mais violentos de Santo André, Eloá tinha as fantasias de qualquer jovem de 15 anos. Gostava de navegar na internet, participar de sites de relacionamento, ouvir música

SD65- Secretário de Saúde Homero Duarte - Na hora que ela recebeu, ela ficou muito triste, chorou, disse que isso não poderia ter acontecido. Mas ao mesmo tempo depois ela falou também que “eu já esperava por isso, infelizmente isso aconteceu”.

SD82- Repórter Eduardo Tchao- No velório, o caixão foi coberto com a bandeira do Vasco. A família estava muito emocionada.

SD83- Repórter Eduardo Tchao- Centenas de pessoas prestaram homenagens e fizeram orações. O prefeito do Rio e o governador estiveram na capela.

SD107- Repórter César Galvão- Há um mês, a avó, Francisca Batista Fernandes, esteve em São Paulo. O neto disse que estava apaixonado.

SD157- Helena Góis (Prima de Eloá) - A lembrança de uma pessoa alegre, descontraída, vaidosa, eu quero ficar com a lembrança de como ela era viva.

SD158- Repórter José Roberto Burnier- A dor e a saudade dos colegas. Ao redor do túmulo, uma família em choque. O caixão desce sob aplausos. A mãe se despede da filha com flores e são as flores que cobrem o túmulo. Desenhos, mensagens e um adeus: “Eloá, descanse em paz”.



Figura 2: Imagem do enterro de Eloá Pimentel

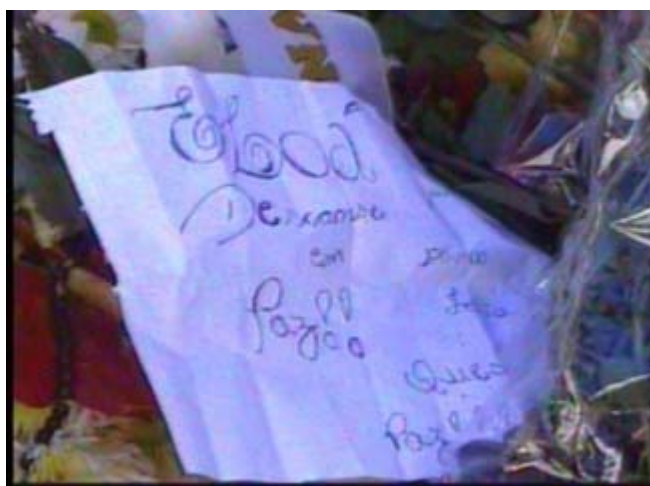


Figura 3: Imagem de mensagem de despedida à adolescente morta

As imagens (FIGURA 2 e FIGURA 3) reiteram o sentido passado pelo texto verbal (SD158), construído com “características espetaculares”, narrado pelo repórter José Roberto Burnier. O discurso verbal (SD158) enfoca a dor e a saudades deixadas por Eloá entre colegas e amigos. Há destaque também para as cerimônias de despedida da adolescente, que foram marcadas por manifestações de aplausos e por flores, desenhos e mensagens.

O bilhete (FIGURA 3), com desejos de descanso eterno à falecida, materializa ao público espectador do telejornal a dimensão de saudades por parte dos que estavam no enterro. Fica visível na imagem que o bilhete está em meio a uma quantidade grande de flores e faixas com mensagens, o que enfatiza a dimensão do caso Eloá.

Já a imagem do caixão (FIGURA 2) sendo colocado no túmulo [na televisão com o som de palmas] confirma a idéia de fim, de despedida, de saudades, que está

sendo narrada por Burnier na SD158. O caixão sendo colocado no túmulo simboliza uma “confirmação absoluta” da despedida de Eloá.

É interessante ressaltar que não só as emoções de pessoas ligadas às vítimas são demonstradas no JN, mas também as aflições de parentes de criminosos.

SD105- Repórter César Galvão- Maria Rita Fernandes da Silva, **tia de Lindemberg**, conta que o sobrinho morou até os 12 anos em Cuiabá, com a mãe, faxineira. O pai, paraibano, não reconheceu o filho. **A tia, que ajudou a criar o menino, não se conforma com o seqüestro.**

SD106- Maria Rita (tia de Lindemberg Alves) - Eu acho que ele errou, era para ele ter se entregado. Não era para ele ter feito isso. Deixava a menina viver.

SD108- Vó de Lindemberg Alves - Ele queria casar com ela. Ele dizia para mim: “Vó, estou me arrumando para casar”. Eu não sei que desespero que foi esse.

Um momento que pode ser considerado “marcante” na cobertura do Jornal Nacional ao caso Eloá Pimentel, em termos de exploração das emoções dos envolvidos, ocorreu na edição de 21 de outubro de 2008. Neste dia, em reportagem de José Roberto Bournier, foi dado destaque à mãe da vítima, Ana Cristina, ao lado do caixão da filha, dizendo perdoar o assassino.

SD 152- Ana Cristina Pimentel (Mãe de Eloá) - Eu consigo perdoar o Lindemberg de todo o meu coração, mas que a justiça seja feita.

SD154- Ana Cristina Pimentel (Mãe de Eloá)- A polícia não teve culpa de nada, porque eles lutaram como eu lutei. **Eles choraram comigo, como eu chorei. E eu quero agradecer a todos.**

c) **novelização**

Ao analisar a cobertura do Jornal Nacional ao *caso Pedrinho* (garoto localizado em 2002, dezesseis anos após ter sido sequestrado da maternidade em Brasília), Sousa Júnior (2006) elencou elementos nas reportagens que poderiam ser encontrados em narrativas de ficção televisiva:

As semelhanças com a narrativa de teleficção, entretanto, não são aparentes e nem superficiais. Entre elas estão: a história contada aos

pedaços (seriação); o envolvimento do narrador/repórter na própria narrativa; o registro de muitos personagens [...] e de diversos núcleos narrativos; a importância e o teor dos diálogos (geralmente editados e montados), que criam certo nível de tensão narrativa e possibilitam que a história seja contada não por meio de documentação, mas pela subjetividade dos personagens das reportagens (SOUSA JÚNIOR, 2006, p.1998).

As discussões de Sousa Júnior podem ser estendidas para as edições do Jornal Nacional que fazem parte do corpus deste estudo, principalmente para observar a cobertura ao falecimento de Eloá Pimentel. Como podemos verificar a seguir, essa cobertura ao caso da adolescente de Santo André se deu em “capítulos”, que foram delineados durante a semana que seguiu à morte da adolescente; as reportagens foram veiculadas seguindo uma espécie de narrativa e envolvendo diversos personagens (Eloá, Nayara, Lindemberg, família de Eloá, vizinhos, polícia, pessoas que receberam os órgãos da vítima, etc).

É possível identificar que o JN apresentou alguns assuntos sobre a morte de Eloá Pimentel com uma narrativa em forma de novela, com estilo espetacularizado. E, desta forma, chamou o público para o acompanhamento do caso. É pertinente destacar que o telejornal fez cobertura em sequência: às cerimônias de despedida de Eloá; à doação de órgãos da adolescente; à polêmica sobre um tiro que teria sido disparado por Lindemberg Alves antes da invasão da polícia ao cativado onde ele manteve Eloá e Nayara.

A cobertura às cerimônias de despedida da adolescente se deu em uma sequência, que começou com a apresentação aos telespectadores das dimensões do velório, no dia 20 de outubro. Ficou “em aberto” a ideia de que haveria uma continuação e que o enterro seria noticiado (SD20). Desta forma, o público é convidado ao acompanhamento.

SD1- Apresentadora Fátima Bernardes- A família da adolescente Eloá decide abrir o velório ao público e uma multidão homenageia as vítimas do seqüestro em Santo André.

SD8- Apresentadora Fátima Bernardes: Boa Noite! O velório da adolescente morta na semana passada foi aberto ao público em Santo André e uma multidão foi prestar homenagem a Eloá Pimentel.

SD9- Repórter Neide Duarte- O carro prata da prefeitura trazia o caixão branco e dourado de Eloá. Centenas de pessoas esperavam por ela. Na falta de outra reação, aplaudiram.

SD19- Repórter Renato Biazzi- O corpo de Eloá começou a ser velado às 4 da tarde. Segundo a Polícia Militar, 7 mil pessoas já haviam passado por lá para prestar homenagens.

SD20- Repórter Renato Biazzi- Logo mais, a movimentação será interrompida e parentes pretendem fazer uma oração a sós, diante do corpo. O velório será reaberto ao público, em seguida. O enterro está marcado para às 9 da manhã desta terça-feira.

Já no dia 21, o enterro tem cobertura “significativa” no JN. Nas palavras do apresentador William Bonner (SD 146), é destacado que o evento teve a participação de milhares de pessoas – muitas delas “convidadas” pela própria mídia.

SD146- Apresentador William Bonner – Boa noite. Milhares de pessoas acompanharam o enterro de Eloá Cristina, assassinada pelo ex-namorado.

SD148- Repórter José Roberto Burnier- Quinze horas depois do início do velório, as filas ainda pareciam intermináveis.

SD149- Entrevistado (não identificado) - Primeira vez que eu vejo desse jeito. Mais gente que Dia de Finados.

SD 150- Repórter José Roberto Burnier- A maioria, gente que só conheceu Eloá pela TV, quando ela já vivia o maior drama de sua vida.

SD155- Repórter José Roberto Burnier- Às 9h, começou a cerimônia da última despedida de Eloá: o cortejo acompanhado pela multidão. Foram várias as palmas, foram vários os elogios para Eloá de amigos.



Figura 4: Imagem de fila para o velório de Eloá Pimentel



Figura 5: Imagem de multidão no funeral de Eloá

Os textos imagéticos (FIGURA 4 E FIGURA 5) confirmam a lógica dos textos verbais (SDs 146, 148, 149, 150 e 155), os quais se referem ao grande número de pessoas presentes nas cerimônias de despedida de Eloá Pimentel. A imagem de uma extensa fila (FIGURA 4) e a visualização aérea de uma multidão (FIGURA 5) denotam a perspectiva de que milhares de pessoas acompanharam o enterro de Eloá – muitas delas foram “convidadas” para o evento pelo telejornalismo (as narrativas das reportagens em forma de novela acabaram chamando o público para o enterro). Tais imagens remetem à idéia de evento grandioso, demonstrando que a adolescente, depois de ter morrido, teve seu “tempo de celebridade”.

A doação dos órgãos da adolescente morta também rende “capítulos” do Jornal Nacional. No dia 20 de outubro, o telespectador é introduzido no “drama” da vida das pessoas que tinham problemas de saúde e que poderão ter melhoras com os órgãos de Eloá. Neste dia, a condição da ocorrência dos transplantes dos órgãos doados pela adolescente (SD21; SD22; SD26) é abordada.

SD21- Apresentador William Bonner – A família de Eloá decidiu ajudar outras pessoas. Depois que foi diagnosticada a morte cerebral da adolescente, os órgãos foram doados. **Os transplantes começaram já de madrugada.**

SD22- Repórter Fabio Turci- O coração de Eloá bate agora no peito de Maria Augusta Silva dos Anjos. Uma paraense que nasceu com um problema cardíaco grave e, há um ano, se mudou para São Paulo para esperar por um transplante.

SD26- Repórter Fabio Turci - Perto da 1h, no mesmo hospital, começou uma segunda operação. **Um transplante duplo. Um homem de 25 anos veio receber o pâncreas e um dos rins de Eloá.**

SD27- Repórter Fabio Turci - A retirada dos órgãos de Eloá foi de madrugada em Santo André. Médicos e enfermeiros usaram caixas térmicas para manter a temperatura em 4°C.

No dia 21, os transplantes continuam em evidenciam. A situação dos transplantados é enfocada de forma “espetacular”:

SD160- Fabio Turci- Na UTI do Incor, em São Paulo, **uma jovem de 18 anos respira novos ares.** Ela ainda está sedada e ligada a equipamentos que **ajudam a poupar os pulmões que eram de Eloá.** Em dois dias, deve acordar.

SD162- Repórter Fabio Turci- Já as córneas de Eloá **não tinham para quem ir.** Há dois meses, não há fila de espera para esse tipo de transplante na Grande São Paulo. Por isso, elas ficaram no banco de olhos da Santa Casa. **Mas no fim da tarde, apareceram dois pacientes, que devem ser operados nas próximas horas.**

SD163 - Fabio Turci- O mecânico Emerson Gentil, de 25 anos, **acordou sem dor depois de receber o pâncreas e um dos rins,** o esquerdo. **O outro rim está num rapaz de 15 anos,** que deve ter alta do hospital em uma semana.

SD164 – Repórter Fabio Turci- Na Santa Casa, a menina de 12 anos que recebeu o fígado também passa bem. **O coração bate forte no peito de Maria Augusta,** 39 anos, que já respira sem ajuda de aparelhos. Estas são as primeiras imagens dela na UTI.

O debate em torno da existência ou não de um disparo⁵¹ de arma de fogo por parte de Lindemberg Alves, que teria motivado a invasão da polícia ao cativeiro onde as duas adolescentes foram mantidas, foi apresentado pelo JN durante vários “capítulos”. O primeiro deles foi no dia 20 de outubro. Neste dia, a ação da polícia foi “contestada” por um perito independente (chamado pelo JN).

⁵¹ De acordo com a versão dos policiais que comandaram a operação de resgate das reféns, a invasão ao apartamento onde Lindemberg Alves mantinha Eloá Pimentel e Nayara Silva por mais de cem horas teve como “estopim” um tiro no interior do local tido como cativeiro. O Jornal Nacional levou ao ar o trabalho do perito independente Ricardo Molina para mostrar que não ocorreu nenhum disparo, momentos antes da invasão policial, no interior do local onde as adolescentes eram mantidas.

SD109- Apresentador William Bonner – O comandante do GAT, o grupo de elite da PM de São Paulo falou hoje ao Jornal Nacional. **Ele afirmou que a polícia só invadiu o apartamento depois que um tiro foi disparado lá dentro. Mas, não soube precisar o momento exato desse disparo. O perito independente Ricardo Molina analisou as gravações do desfecho do seqüestro. Nos 70 segundos que antecedem a ação, ele não identificou nenhum disparo. Quatro tiros são ouvidos, mas apenas depois da explosão da porta e antes da entrada dos policiais.**

SD110- Repórter Cesar Tralli – Estas imagens vão ajudar a Polícia Civil na reconstituição do crime. **De um ângulo, o som é mais nítido, o que permitiu ao perito Ricardo Molina ampliar a análise e identificar o quarto disparo de arma, o quarto disparo depois da explosão e antes da entrada da polícia.**

SD111- Ricardo Molina (perito) - Nós vimos que existe um quarto disparo, que é um disparo com características acústicas levemente diferentes dos anteriores.

SD117- Ricardo Molina (perito) - Repentinamente, uma explosão. Quatro segundos depois, o primeiro tiro e depois os outros. Os policiais ainda não entraram.

No dia 21 de outubro, o JN continua os questionamentos sobre a existência do tiro que a polícia alega que Lindemberg disparou momentos antes da invasão ao apartamento onde reféns eram mantidas.

SD236- Repórter Cesar Tralli- O perito Ricardo Molina foi informado de que o tenente que decidiu pela invasão ouviu disparo por volta das 18h, cerca de oito minutos antes da explosão, e reitera o resultado da análise que ele fez no novo áudio ininterrupto captado a um quarteirão e meio do prédio de Eloá.

SD237- Ricardo Molina (perito) - Não há nenhum indício, nem remoto, de qualquer som que pudesse parecer um disparo nestes 12 minutos que antecedem a explosão.

A “novela sobre o tiro” tem mais um capítulo no dia 22. Desta vez, o seu ponto forte é através das palavras de Naya Silva⁵², que foi refém de Lindemberg junto com Eloá Pimentel. A adolescente deu seu depoimento à polícia e o JN relatou aos telespectadores esse momento:

SD277- Repórter Maurício Ferraz- Reinaldo contou que, do apartamento, pôde ver e ouvir as vezes em que Lindemberg disparou o revólver, durante

⁵² Naya Silva, a segunda refém do seqüestro de Santo Andre – junto com Eloá Pimentel, havia sido libertada pelo seqüestrador, mas na tentativa de negociação da libertação da amiga, acabou voltando ao cativo. Esse ponto rendeu muitas críticas ao trabalho da polícia. Naya também foi alvejada por Lindemberg. Ela foi atingida por um tiro na boca.

a semana do seqüestro. **E a parte mais importante do depoimento: já se aproximava das 18h de sexta-feira, quando ele ouviu um disparo de arma de fogo. O barulho vinha de dentro do apartamento de Eloá. E ele ressalta: o estampido era mais baixo, diferente dos outros que ele tinha ouvido.**

SD284- Repórter Maurício Ferraz- Mas o tempo foi passando. Até que por volta de 18h, quando estava de frente para o apartamento de Eloá, junto da garagem, ouviu um estampido, similiar ao de um tiro.

SD289- Repórter Rodrigo Bocardi - Nayara disse que não ouviu nenhum disparo pelos menos nas duas horas que antecederam a explosão da porta do apartamento feita pela polícia. Isso quem diz é a própria polícia após ouvir Nayara e a mãe dela num depoimento que começou às 15h e durou aproximadamente cinco horas.

d) apresentação da morte de forma “dura”, “nua” e “crua”

Além da apresentação de reportagens como capítulos de uma novela, o detalhamento da informação sobre a mortalidade, com a explicitação de minúcias de como a morte ocorreu, também é uma forma espetacular de chamar a atenção do público.

SD71- Apresentador William Bonner - Segundo a polícia, Daniel invadiu a casa de Camila Silva Araújo ontem à noite. O rapaz atirou na cabeça da jovem na frente do filho deles, de um ano. A família de Camila diz que ela e Daniel tiveram um relacionamento durante três anos e que há quatro meses ela rompeu o namoro.

SD73- Repórter Eduardo Tchao- Câmeras de segurança do prédio onde morava o empresário Arthur Sendas, na Zona Sul do Rio, podem revelar detalhes que envolvem o crime.

SD76- Repórter Eduardo Tchao- Pouco depois, a empregada ouviu o som do disparo.

SD94- Lindemberg Alves (para a polícia - em gravações)- “Sabe o por quê, mano? Muita gente aí fora vai pagar por isso. Muita gente vai sofrer e vai chorar”.

SD318- Apresentadora Renata Vasconcellos – 64 pessoas morreram em inundações pelas chuvas que atingiram o lêmen e dezenas estão desaparecidas. 1700 casas foram destruídas, 20000 pessoas estão desabrigadas. A região leste do país foi declarada zona de desastre pelas autoridades. O lêmen fica a extremo sul da Península Arábica.

Jornal da Band

No Jornal da Band, a espetacularização da morte tem uma configuração muito similar a que é trabalhada no Jornal Nacional. Há um destaque para as emoções dos envolvidos nos casos; o desenrolar dos acontecimentos é esmiuçado de forma repetitiva; e fica evidente o caráter de novelização.

a) vida X morte

O contraponto entre a vida e a morte também é realizado pelo Jornal da Band. Tratando-se do caso Eloá, pelo discurso do telejornal, fica denotado que a morte da adolescente trouxe vida para as pessoas que receberam os seus órgãos em transplantes. A possível melhoria na qualidade de vida da mulher de 39 anos, que, no dia de seu aniversário, recebeu o coração de Eloá, foi destaque no JB.

E a repórter Eleonora Paschoal (SD 346) fez uma analogia interessante para ligar a doadora à menina que recebeu o seu fígado: ela destacou que a receptora do órgão tinha doze anos no momento do transplante, mesma idade da refém quando conheceu Lindemberg. O discurso da repórter transmite a idéia de que a receptora do fígado ganhou vida nova aos 12 anos, enquanto que Eloá, com esta idade, conhece a pessoa a levaria para a finitude.

SD321- Apresentador Boris Casoy – No dia de seu aniversário, mulher na fila do transplante recebe o coração da adolescente assassinada.

SD339- Apresentadora Ticiano Villas Boas- No dia de seu aniversário, uma mulher de 39 anos, que estava na fila do transplante, recebeu hoje o coração de Eloá. Mais seis pessoas vão ser beneficiadas com os órgãos doados pela família da adolescente.

SD340- Repórter Eleonora Paschoal - Beneficência Portuguesa, região central de São Paulo. [batidas de coração] Aqui o coração da menina Eloá agora bate no peito de uma mulher de 39 anos. Maria Augusta deixou Belém do Pará, em janeiro de 2007, na esperança de conseguir um transplante na capital paulista. O namorado conta que ela tomava muitos remédios e tinha dificuldades para quase todas atividades do dia-a-dia.

SD342- Repórter Eleonora Paschoal - Maria Augusta, que tem problemas cardíacos desde que nasceu, sempre acreditou que o novo coração iria chegar no dia do aniversário.

SD343- Geane Carla Rodrigues (prima de transplantada) - Ela sempre falava desde o ano passado: Deus vai me dar um coração no dia do meu aniversário.

SD344- Repórter Eleonora Paschoal - A retirada dos órgãos de Eloá começou ontem à noite, logo após a autorização da família. **As ambulâncias com a esperança de uma vida melhor para pelo menos outras seis pessoas saíram de Santo André pela madrugada. No mesmo hospital que foi feito o transplante de coração, um homem de 25 anos está recebendo pâncreas e rim.**

SD345- Repórter Eleonora Paschoal - Os pulmões vieram para o Hospital das Clínicas e ali, no Incor, foram colocados no peito de uma garota de 18 anos, que há dois espera por um transplante. Ela é vítima de fibrose cística, uma doença que reduz e muito a capacidade respiratória.

SD346- Repórter Eleonora Paschoal - Na Santa Casa de Misericórdia, de São Paulo, nesta geladeira, vão ficar armazenadas até os médicos decidirem quem vai receber as duas córneas de Eloá. **É aqui também na Santa Casa que desde as 8h25min da manhã os médicos estão transplantando o fígado em uma garota de 12 anos. A mesma idade que Eloá tinha quando conheceu Lidemberg. Com o novo fígado, a menina, que não teve o nome divulgado, vai ter a oportunidade de planejar o futuro. Futuro que Maria Augusta, que ganhou o coração, já planejou.**

SD347- Geane Carla Rodrigues (prima de transplantada)- Quando ela ficar boa, ela vai praticar esportes radicais, que ela gosta destas coisas de enduro, rapel, trilha. E ela sempre fala: quando ficar boa, eu quero fazer estas coisas, eu quero estudar, trabalhar.

SD433- Repórter Eleonora Paschoal - Em [inaudível], na região metropolitana de Belém, a família de Maria Augusta dos Anjos ainda está emocionada. Maria Augusta nasceu com problemas cardíacos e há dois anos esperava, em São Paulo, um novo órgão. Ontem ela recebeu o coração da garota Eloá.

SD434- Matilde Nazaré da Silva (Mãe de Maria Augusta - transplantada) - Me sinto muito feliz, muito feliz. Me sinto abalada também por causa da moça, né. Pelo que tá acontecendo, pelo que já aconteceu com ela.

SD438- Repórter Eleonora Paschoal - Os pulmões foram transplantados em uma garota de 18 anos que ainda está na UTI do INCOR. Só daqui a dois dias a paciente deve respirar sem ajuda de equipamento. Ela estava na fila há dois anos.



Figura 6: Imagem do transplante dos pulmões de Eloá em garota de 18 anos

O discurso verbal, demarcado na SD438, refere-se à cirurgia de transplante dos pulmões de Eloá Pimentel em uma garota de 18 anos. A repórter Eleonora Paschoal destaca que, após o procedimento cirúrgico, a moça permanece na Unidade de Tratamento Intensivo do Hospital, o que remete à lógica de que a intervenção foi “delicada”. A repórter destaca também que a jovem esperava pelo órgão há dois anos. A imagem (FIGURA 6) complementa o verbal (SD348) ao mostrar uma equipe de profissionais da saúde atuando na realização de um procedimento cirúrgico de forma compenetrada, o que transparece a idéia de uma cirurgia “complicada”, mas que pode dar vida nova à paciente. A partir da intervenção cirúrgica, a moça não fará mais parte dos que estão na fila esperando por órgãos.

SD439- Repórter Eleonora Paschoal - No primeiro semestre deste ano, pouco mais de oito mil e trezentos transplantes foram realizados no país e 70 mil pessoas ainda aguardam na fila. E a alegria de quem recebe um órgão é tão grande, que o pai de Maria Augusta, seu Benedito, planeja viajar a São Paulo para encontrar a família de Eloá.



Figura 7: Imagem de Maria Augusta (receptora do coração de Eloá)

O discurso imagético (FIGURA 7) está explicitando o “retrato” de uma transplantada sorrindo ao lado de um rapaz (no caso, Maria Augusta, que recebeu o coração de Eloá). A imagem faz uma complementação ao discurso verbal narrado por Eleonora Paschoal (SD439), que enfatiza que no primeiro semestre de 2008 (ano que ocorreu o caso Eloá) pouco mais de oito mil e trezentos transplantes foram realizados no Brasil inteiro e setenta mil pessoas ficaram aguardando na fila; e destacou a alegria dos receptores de órgãos e o engajamento da família com eles. Fica evidente que os sentidos do verbal e do imagético estão se complementado na perspectiva de “vida X morte”: o sorriso de Maria Augusta, representado na FIGURA7, está ancorado na lógica de ela não fazer mais parte dos que estão na fila de espera por órgãos e de ter possibilidades de uma vida nova após o transplante.

SD440- Benedito dos Anjos (pai de Maria Augusta - transplantada) - Tenho fé e vou fazer tudo para ver se eu consigo encontrar esta família que teve este ato de caridade.

b) destaque às emoções dos envolvidos nos casos

Com base na repercussão da morte de Eloá entre amigos, familiares e entre a sociedade em geral, o Jornal da Band fez um “recorte” da comoção gerada por um seqüestro longo seguido de morte. A mesma “fórmula” foi utilizada com os outros casos de morte levados ao ar no telejornal no período observado.

Choros, demonstrações de tristezas e de luto são enfatizados e mostrados ao público de forma repetitiva. É pertinente lembrar-se das colocações de Debord (1997) de que o espetáculo tem o foco no seu desenrolar, no decorrer da cena.

SD324- Repórter Kiko Ribeiro- Flores para Eloá, pedidos de justiça, um apelo para o fim da violência contra a mulher.

SD325- Entrevistado (não identificado) - Quem ama não mata.

SD326- Repórter Kiko Ribeiro - Um sentimento de comoção e revolta tomou conta das pessoas que vieram ao cemitério de Santo André.

SD327- Entrevistado (não identificado) - Vamos todos ser fortes e agüentar a perda de alguém querido.

SD328- Repórter Kiko Ribeiro - Os colegas de sala de Eloá trouxeram rosas e muitas lembranças da menina de 15 anos, que era considerada a conselheira da turma.

SD329- Priscila Takeda (Amiga de Eloá) - Ela era a que tinha mais cabeça, que dava conselho para cada um de nós conforme... [Suspiro]. Agente vai sentir falta de tudo, muita, muita falta.

SD333- Repórter Kiko Ribeiro - Às três horas da tarde, o corpo de Eloá chegou ao cemitério de Santo André. Momento de dor e emoção para familiares, amigos e para quem veio prestar a última homenagem à garota.

SD334- Repórter Kiko Ribeiro - Aplausos [som dos aplausos], uma oração dos colegas de sala [trecho da oração]. Foi difícil organizar a fila com tanta gente tentando entrar.

SD335- Repórter Kiko Ribeiro - Algumas pessoas passaram mal e foram socorridas. No fim da tarde, a família de Eloá teve alguns minutos de privacidade. Ao lado do caixão dona Cristina, a mãe, recebeu apoio dos parentes e da família de Nayara, a amiga de Eloá, sobrevivente da tragédia.

SD400- Repórter Sérgio Costa - No Instituto Medico Legal, a emoção de um amigo que esteve com empresário horas antes do crime.

SD410 - Repórter Mariana Machado - Boa noite Boris! Um grupo de amigos compareceu ao centro hospitalar de Santo André, mas não pode entrar para visitar Nayara. Em compensação, a família continua o dia todo aqui no quarto acompanhando ela, que está numa unidade semi-intensiva, mas só para precaução para ela ter um pouco mais de liberdade. Enquanto isso, o dia foi de luto na Escola de Eloá. Na lousa, os recados de adeus provam que a perda da menina é uma ferida que vai demorar para cicatrizar. Os 600 alunos do período da manhã não foram à aula em respeito ao luto. Na internet, ela recebeu mensagens de todo o Brasil em um site de relacionamentos, e mais de mil comunidades foram criadas em homenagem à menina.

SD426- Repórter Márcio Campos - Quase 40 mil pessoas passaram pelo velório, segundo a guarda municipal de Santo André. Só nesta terça-feira 12 mil estiveram no cemitério. O corpo de Eloá foi sepultado num jazido doado pelo cemitério de Santo André. Durante o cortejo, a multidão aplaudia a passagem do caixão.



Figura 8: Imagem da multidão no funeral de Eloá



Figura 9: Imagem da concentração de público no enterro da adolescente.

Os textos imagéticos (FIGURA 8 e FIGURA 9) confirmam a idéia do texto verbal (SD426), expressado pelo repórter Márcio Campos, quando este destaca a quantidade de pessoas que estiveram presentes no funeral de Eloá Pimentel e que estas pessoas aplaudiram a passagem do caixão da adolescente.

Campos dá o dado de que quase 40 mil pessoas passaram pelo velório da adolescente. As imagens aéreas, visualizadas na FIGURA 8 e na FIGURA 9, mostram multidões em um local arborizado, que remete a um cemitério. Há um toldo, com uma concentração maior de pessoas – passando a perspectiva de ser o local do enterro. Assim, as imagens reforçam que o caso Eloá gerou forte comoção no público (muitos nem conheciam a adolescente, mas por terem acompanhado o período em que ficou seqüestrada, foram ao seu funeral prestar homenagens).

SD427- Repórter Márcio Campos - Quase sempre abraçados e chorando, amigos usavam camisetas com o rosto de Eloá e carregavam faixas em homenagem à amiga.

SD429- Repórter Márcio Campos - Um cordão humano, formado por policiais, isolava a família da multidão. O tempo todo, a mãe foi amparada por um dos irmãos de Eloá.

SD461- Repórter Sérgio Costa - Na cerimônia, a emoção da irmã.

SD462- Repórter Sérgio Costa - O presidente do Vasco, Roberto Dinamite, trouxe a última recordação.

SD464- Repórter Sérgio Costa - A cerimônia foi marcada por depoimentos emocionados. Incomum a revolta sobre a indefinição do motivo do crime. Arthur Sendas foi apontado pelos amigos como patrão solidário.

Da mesma forma que o Jornal Nacional, o Jornal da Band, na edição do dia 21 de outubro, salientou o discurso da mãe de Eloá exclamando perdoar o algoz de sua filha, mas aclamando por justiça.

SD419- Apresentador Boris Casoy - Mãe da jovem morta pelo ex-namorado, diz que perdoa assassino.

SD423- Apresentador Boris Casoy – Boa noite! O enterro da jovem Eloá atraiu mais de 10 mil pessoas hoje cedo em Santo André, na grande São Paulo. Durante o velório, a mãe da adolescente morta pelo ex-namorado disse que perdoa o assassino.

SD424- Repórter Márcio Campos - Ainda durante o velório, a mãe de Eloá falou sobre o desfecho trágico do sequestro da filha. Afirmou que a polícia não teve culpa e disse que perdoa Lindemberg Alves.

SD425- Ana Cristina Pimentel (mãe Eloá) - Eu consigo perdoar o Lindemberg. Eu consigo perdoar ele, de todo o meu coração. Mas, que a justiça seja feita.

c) novelização

O acompanhamento da apresentação de alguns casos de morte nos telejornais permite verificar a estruturação em capítulos. Há uma “novelização” e o espectador pode se sentir convidado a contemplar o que vai acontecer na próxima edição.

Referente à cobertura da morte de Eloá Pimentel, da mesma forma que no Jornal Nacional, as discussões de Sousa Júnior (2006) sobre as semelhanças do jornalismo com a narrativa de teleficção também podem ser aplicadas ao Jornal da

Band. No caso da adolescente de Santo André, o JB “contou” a história através de capítulos, os quais tiveram diversos personagens e deram suporte para que vários pontos sobre o tema fossem desenvolvidos em sequencia, como: o velório e o enterro da adolescente, a comoção gerada pelo falecimento de uma garota popular entre os seus colegas de aula, a doação de órgãos de órgãos e o envolvimento da polícia no desfecho do caso.

A cobertura às “cerimônias de despedida” de Eloá ocorre com uma sequencia no Jornal da Band. Há uma narrativa em forma de novela. No JB do dia 20 de outubro é feita a cobertura do velório, mas fica “em aberto” aos espectadores que o telejornal estará presente no enterro (SD338)

SD323- Apresentador Boris Casoy – Boa noite! Milhares de pessoas já foram ao cemitério de Santo André, na grande São Paulo, para se despedir de Eloá Cristina. A adolescente foi morta pelo ex-namorado na sexta-feira, depois que a polícia invadiu o apartamento onde ela era mantida como refém com uma amiga.

SD332- Repórter Kiko Ribeiro - No início da tarde, pelo menos duas mil pessoas já aguardavam a chegada do corpo da menina assassinada pelo ex-namorado. As duas e quarenta o cortejo fúnebre deixou o IML de Santo André.

SD338- Repórter Márcio Campos- Olha Boris, a expectativa é que toda a madrugada o velório fique aberto para que as pessoas passem por dentro deste prédio e não parem em frente onde está o corpo de Eloá. Até agora, **quatro mil pessoas entraram no cemitério,** de acordo com a administração. **A expectativa é que sete mil pessoas venham até o local até amanhã pela manhã, quando acontece o enterro, a partir das 9h da manhã.** Daqui a pouco, a pedido da família, a imprensa vai precisar sair daqui, para mais uma vez essa área ficar restrita, de uso exclusivo dos parentes e amigos de Eloá, que querem fazer uma oração ainda à noite.

No dia 21, a “novela” das despedias à adolescente morta teve sequencia com notícias sobre o enterro:

SD423- Apresentador Boris Casoy – Boa noite! O enterro da jovem Eloá atraiu mais de 10 mil pessoas hoje cedo em Santo André, na grande São Paulo. Durante o velório, a mãe da adolescente morta pelo ex-namorado disse que perdoa o assassino.

SD424- Repórter Mário Campos - Ainda durante o velório, a mãe de Eloá falou sobre o desfecho trágico do sequestro da filha. Afirmou que a polícia não teve culpa e disse que perdoa Lindemberg Alves.

SD426- Repórter Mário Campos - Quase 40 mil pessoas passaram pelo velório, segundo a guarda municipal de Santo André. Só nesta terça-feira 12 mil estiveram no cemitério. O corpo de Eloá foi sepultado num

jazido doado pelo cemitério de Santo André. Durante o cortejo, **a multidão aplaudia a passagem do caixão.**

SD427- Repórter Mário Campos - Quase sempre abraçados e chorando, amigos usavam camisetas com o rosto de Eloá e carregavam faixas em homenagem à amiga.

A doação dos órgãos da adolescente morta também teve destaque na pauta do JB. O tema foi abordado com continuidade. No dia 20 de outubro foi o primeiro capítulo:

SD340- Repórter Eleonora Paschoal - Beneficência Portuguesa, região central de São Paulo. [batidas de coração] Aqui o coração da menina Eloá agora bate no peito de uma mulher de 39 anos. Maria Augusta deixou Belém do Pará, em janeiro de 2007, **na esperança de conseguir um transplante na capital paulista. O namorado conta que ela tomava muitos remédios e tinha dificuldades para quase todas atividades do dia-a-dia.**

SD344- Repórter Eleonora Paschoal - A retirada dos órgãos de Eloá começou ontem à noite, logo após a autorização da família. As ambulâncias com a esperança de uma vida melhor para pelo menos outras seis pessoas saíram de Santo André pela madrugada. No mesmo hospital que foi feito o transplante de coração, um homem de 25 anos está recebendo pâncreas e rim.

SD345- Repórter Eleonora Paschoal - Os pulmões vieram para o Hospital das Clínicas e ali, no Incor, foram colocados no peito de uma garota de 18 anos, que há dois espera por um transplante. Ela é vítima de fibrose cística, uma doença que reduz e muito a capacidade respiratória.

SD346- Repórter Eleonora Paschoal- Na Santa Casa de Misericórdia, de São Paulo, nesta geladeira, vão ficar armazenadas até os médicos decidirem quem vai receber as duas córneas de Eloá. É aqui também na Santa Casa que desde as 8h25min da manhã os médicos estão transplantando o fígado em uma garota de 12 anos. A mesma idade que Eloá tinha quando conheceu Lidemberg. Com o novo fígado, a menina, que não teve o nome divulgado, vai ter a oportunidade de planejar o futuro. Futuro que Maria Augusta, que ganhou o coração, já planejou.

A doação dos órgãos de Eloá foi abordada novamente no dia 21:

SD432- Apresentadora Ticiano Villas Boas - As córneas doadas por Eloá podem ser transplantadas ainda hoje em São Paulo. As cinco pessoas que receberam os outros órgãos da garota assassinada em Santo André passam bem.

SD436- Repórter Eleonora Paschoal - O garoto de 15 anos que recebeu um rim de Eloá está em observação no hospital do rim, também na capital paulista.

SD438- Repórter Eleonora Paschoal - Os pulmões foram transplantados em uma garota de 18 anos que ainda está na UTI do INCOR. Só daqui a dois dias a paciente deve respirar sem ajuda de equipamento. Ela estava na fila há dois anos.

O JB também fez cobertura em capítulos a vários pontos envolvendo o desfecho do seqüestro de Santo André, como a questionamentos sobre a atuação policial no caso e a discussões sobre a existência ou não de um tiro antes da invasão da polícia ao cativeiro onde as adolescentes Eloá e Nayara foram mantidas como reféns. A novelização começou no dia 20 de outubro:

SD357- Apresentador Boris Casoy - O comandante do grupo de ações táticas especiais da PM vai prestar depoimento sobre a invasão do apartamento, que terminou na morte da jovem Eloá, de 15 anos, assassinada pelo ex-namorado.

SD363- Repórter Rodrigo Hidalgo - A polícia civil vai esperar a adolescente Nayara receber alta dos médicos para marcar a reconstituição para o desfecho do caso. Além da garota, vão estar presentes os cinco PMs que invadiram o apartamento. Lindemberg só participará da reconstituição se quiser, já que por lei ninguém é obrigado a produzir provas contra si. **O principal objetivo é descobrir se o tiro foi disparado ou não momentos antes da invasão da polícia militar.**

No dia 21, dando continuidade à edição anterior, as discussões do JB se focaram nas investigações da polícia acerca do desfecho do seqüestro. Neste dia, foi abordado o estado de saúde de Nayara Silva, a sobrevivente do seqüestro, na expectativa do seu depoimento:

SD444- Repórter Rodrigo Hidalgo - A polícia civil deve concluir o inquérito sobre a morte de Eloá até o início da semana que vem. O ministério público já adiantou que vai denunciar Lindemberg por duas tentativas de homicídios, cárcere privado, disparos de arma de fogo e homicídio duplamente qualificado, por motivo torpe e impossibilidade de defesa da vítima. A pena mínima do caso condenação é de 25 anos.

SD445- Antonio Nobre (Promotor de justiça criminal) - O causador da morte foi Lindemberg. Demonstrou intenção, premeditou o crime. Antes mesmo de invadir o apartamento já havia demonstrado aos amigos, dizendo que iriam ouvir falar dele.

SD457- Repórter Kiko Ribeiro - Os médicos confirmaram hoje que Nayara vai mesmo receber alta amanhã, mas antes o aparelho ortodôntico que a menina está usando será substituído por outro mais prático e menor. E Nayara ainda será avaliada por uma equipe de psicólogos e psiquiatras antes de deixar o hospital. A diretora do centro hospitalar disse que assim que receber alta, Nayara poderá prestar depoimento à polícia e até mesmo participar da reconstituição dos últimos momentos do seqüestro de Santo André.



Figura 10: Imagem de Lindemberg Alves com Eloá – durante o seqüestro de Santo André



Figura 11: Imagem de Lindemberg Alves rendido pela polícia

É destacado na SD457 que a sobrevivente do seqüestro de Santo André, Nayara Silva, vai dar seu depoimento à polícia e tem a possibilidade de participar na reconstituição dos últimos momentos do cativo. Os discursos imagéticos, representados pela FIGURA 10 e pela FIGURA 11 (Lindemberg com a vítima na janela e Lindemberg rendido pela polícia), evidenciam momentos polêmicos que marcaram o seqüestro e que podem ser retomados pelo depoimento de Nayara. Esses momentos fizeram parte de uma “novela”, que foi narrada pelo telejornalismo

e que foi acompanhada pelo público. Assim, o discurso imagético amplia o sentido do discurso verbal do repórter Kiko Ribeiro, pois remete o espectador aos momentos de seqüestro e à sua finalização.

Na edição do Jornal da Band do dia 22 de outubro continuaram as discussões sobre o desfecho do seqüestro. Neste dia, foi muito questionado o fato de a polícia ter deixado Nayara, mesmo depois de já ter sido libertada, voltar à condição de refém.

SD496- Angelo Carbone (advogado) - Levaram uma menina adolescente pro lugar, pra cova do leão e entregaram ela de novo lá. Não tem autorização da família coisa nenhuma e nem se tivesse, isso não existe. É menor de idade e não pode ser colocada em risco. É culpa do Estado sim de colocar ela lá.

SD497- Repórter Rodrigo Hidalgo - Até agora a polícia ainda não sabe como Lindemberg conseguiu a arma usada no crime. O revolver calibre 32 é antigo, tem numeração, mas não foi registrado em São Paulo. Por isso, os investigadores vão tentar descobrir para quem a arma foi vendida, a partir de informações dos fabricantes.

SD498- Apresentador Boris Casoy - Devolver esta menina pro seqüestrador foi de uma burrice inominável.

SD520- Repórter Fernanda Bak – Bem! Agora nós entramos no Hospital Municipal de Santo André, na grande São Paulo, onde daqui a pouco, a qualquer momento, Nayara e a mãe Andréia chegam para conversar com a imprensa. Nayara não vai falar nada, a mãe dela já adiantou. Já a mãe de Nayara, Andréia, deve pronunciar algumas palavras sobre o estado da filha, sobre os procedimentos adotados e, também, sobre o depoimento. **O que todo mundo quer saber são os detalhes dos momentos que antecederam a invasão da polícia ao apartamento em Santo André, que acabou com a morte de Eloá, amiga de Nayara, e com Nayara com ferimento no maxilar com um tiro.**

No dia 23 de outubro, outro capítulo sobre o desfecho do caso Eloá foi apresentado pelo JB. Nesta edição, o destaque foi o depoimento de Nayara Silva à polícia.

SD525- Repórter Rodrigo Hidalgo – Seis dias depois do desfecho do seqüestro em Santo André, que terminou com a morte de Eloá, o comandante da tropa de choque de São Paulo voltou a dar entrevista, a quarta desde a tragédia. Pela primeira vez, ele admitiu que os policiais podem ter se enganado em relação ao disparo antes da invasão.

SD536- Apresentador Boris Casoy - Ainda nesta edição você vai ouvir trechos inéditos do depoimento de Nayara à polícia. A ex-refém revela detalhes dos dias de cativo e diz que Eloá chegou a se desesperar.

SD558- Apresentador Boris Casoy- Depoimento de Nayara à polícia revela que Eloá teve ataque de desespero e destruiu objetos no cativo.

SD564- Apresentador Boris Casoy- Exclusivo! O Jornal da Band teve acesso ao depoimento de Nayara à polícia. A sobrevivente do seqüestro em Santo André disse que Eloá se desesperou no cativo.

SD571- Repórter Rodrigo Hidalgo – Em seguida, Nayara ouviu um barulho, que não parecia uma explosão, mas sim um chute na porta. E até aquele momento, Lindemberg não havia efetuado nenhum disparo. Eloá deu um grito quando a porta foi arrombada e Nayara cobriu o rosto com um edredom. A sobrevivente da tragédia se recorda de ouvir dois estampidos e sentir um impacto em seu rosto.

d) apresentação da morte de forma “dura”, “nua” e “crua”

Na configuração de uma transmissão com características espetacularizadas, a manifestação da realidade “dura, nua e crua” é destaca por Canavilhas (2001) como uma forma de atração de público. No caso da morte, a demonstração ao espectador de detalhes de como ela ocorreu pode ser verificada no Jornal da Band.

SD421- Apresentador Boris Casoy - Vereador ameaçado pelo tráfico é executado no Rio com tiros na cabeça.

SD474- Apresentador Boris Casoy - Um vereador ameaçado pelo tráfico foi executado no Rio com três tiros na cabeça. Durante a campanha ele foi proibido pelos criminosos de subir os morros.

SD475- Repórter Lorena Ribeiro - O crime aconteceu por volta das 10 da manhã. O vereador estava em um carro oficial parado em um sinal. Um homem teria descido de outro carro, obrigado o vereador a baixar o vidro e disparado três tiros.

SD476- Repórter Lorena Ribeiro - O motorista José Natalino da Silva tentou fugir e acabou baleado nas costas. Ambos foram socorridos na emergência de um hospital público. Alberto Salles morreu poucas horas depois.

SD480- Carlos Nogueira (Delegado) - Tudo indica que é execução, nada indica que é roubo.

SD517- Apresentadora Ticiano Villas Boas – A polícia persegue um carro roubado em São Paulo e encontra um corpo no banco traseiro.

SD518- Apresentadora Ticiano Villas Boas – A vítima é uma adolescente de quinze anos. O corpo foi encontrado pela polícia depois da perseguição ao carro que tinha sido roubado na zona norte da cidade. O motorista foi preso e está prestando depoimento na delegacia.

SD523- Apresentador Boris Casoy – Jovem confessa, em São Paulo, assassinato de adolescente de 15 anos com quem queria namorar.

SD547- Apresentador Boris Casoy- Um jovem de 19 anos confessou em São Paulo que atitou e matou uma adolescente de 15 anos com quem queria namorar. Ele disse à polícia que o disparo foi acidental.

SD549- Repórter Marcio Campos – No início da tarde de quarta-feira, a adolescente de 15 anos foi para a casa de Orlando Henrique Fernando de Jesus, jovem com quem ela saía escondido há duas semanas. Orlando queria que os dois namorassem, Monique não. Para pressioná-la, ele teria pego um revólver e arma disparado acidentalmente.

SD552- Repórter Marcio Campos – Mas, ele acabou parado pela polícia e foi preso. A mãe da menina passou mal ao reconhecer o corpo. Monique Almeida estuda à tarde e, pela manhã, trabalhava nesta perfumaria.

SD585- Apresentador Fernando Vieira de Melo – Em Brasília, circuito interno de um posto de gasolina grava execução de um jovem.

SD603- Apresentador- Fernando Vieira de Melo- Uma discussão num posto de gasolina terminou num assassinato dum jovem, perto de Brasília. O crime foi gravado pelo circuito interno.

SD604- Repórter Fernanda Soares – Era madrugada da última quinta-feira. As imagens do circuito interno mostram os jovens reunidos em frente à loja de conveniência do posto, que fica no Núcleo Bandeirantes, cidade Satélite de Brasília. De repente começa uma briga. Esse rapaz de casaco vermelho parece nervoso, entra e sai da loja, uma garota o abraça, ele entra no carro e deixa o local.

SD605- Repórter Fernanda Soares – Horas depois já com o dia claro ele retorna, sai do carro com uma escopeta nas mãos e atira contra as pessoas que estavam no local, em seguida entra no carro e foge. Repare que ele faz vários disparos. Um jovem morreu e outro ficou ferido. Minutos depois, uma viatura da polícia aparece. As imagens internas da loja mostram com detalhes o rosto do atirador, o que ajudou na identificação.

SD 610- Apresentadora Ticiano Villas Boas - Jennifer Hudson, de 27 anos, não estava na casa da família em Chicago, onde os crimes aconteceram. Os corpos da mãe e do irmão da atriz foram encontrados com marca de tiros na sala e no quarto. O sobrinho de Hudson, de sete anos, está desaparecido.

Considerações sobre “a marca do espetáculo: construindo o cenário da morte”

Após uma análise metódica das seqüências discursivas (SD) e das imagens, fica evidente que o cenário da morte no Jornal Nacional e no Jornal da Band tem sua construção abarcada na espetacularização.

Há uma repetição de sentidos. Por mais que mudem os locutores e que as situações se diversifiquem, são utilizados, frequentemente, recursos que levem à

maximização de determinados sentidos. Fica evidente que há uma demarcação exagerada dos detalhes das “cenas que envolvem a morte”, levando ao apelo emocional do espectador. Ao tratar do enterro de Eloá, o JN reiterou a dimensão de público no velório, enfatizou a cor do carro fúnebre, deu destaque a expressões e evidências corporais de sofrimentos de familiares e de amigos e, também, trabalhou sobre a lógica do “sonho destruído”, investindo nos sentidos da interrupção das aspirações de uma adolescente que foi morta tão cedo. Os sentimentos da mãe de Eloá são “traduzidos” com riqueza de detalhes. A cena do enterro foi descrita com minúcia - da mesma forma que as atitudes de muitos dos presentes neste “evento”. O Jornal da Band, na temática do funeral da adolescente, enfatizou as tristezas de familiares e amigos - destacando que algumas pessoas chegaram a passar mal e apresentando depoimentos emocionados de colegas da garota. O JB também explorou as emoções da mãe da adolescente morta. As homenagens de despedida foram salientadas e o numeroso público presente no evento foi ressaltado. Assim, a teatralidade ficou evidente: o JN e o JB prezaram pelas reflexões de Guy Debod sobre a sociedade do espetáculo.

Ao mesmo tempo em que o Jornal Nacional e o Jornal da Band assumem a posição de um laço social (WOLTON, 1996) para o choro da morte e que são um espaço de visibilidade para a temática, eles mostram aos espectadores a contrapartida que o morrer pode dar. Na lógica da espetacularização, o JN e o JB destacaram, na cobertura do caso Eloá, que a morte pode ter como contrapartida a vida: os discursos dos dois telejornais evidenciaram que os órgãos da adolescente trouxeram oportunidades de “vida nova” para os receptores.

5.1.2 Os convidados a morrerem no telejornalismo

É evidente que no cotidiano das sociedades ocorre um grande número de mortes. Mas, nem todas as pessoas que morrem vão ter espaços nos veículos de comunicação.

Como já foi colocado anteriormente, Mouillaud (2002a), falando do jornalismo impresso, situa que há diferentes tipos de mortos nos jornais. Segundo o autor, há os mortos de serviço, que compõem a necrologia; os mortos acidentais; os

mortos nos conflitos, nas guerras e nas revoluções, que passam a fazer parte da história; e o Grande Morto, que se destaca pelo seu nome, pela sua fama.

A morte faz parte da pauta cotidiana dos meios de comunicação. O tratamento do tema se dá de acordo com normas editoriais e com características singulares do sujeito em relação ao esquema-padrão do veículo de comunicação. Assim, como na rotina das mídias são evidenciadas diferentes mortes, o tratamento dado a elas está relacionado com a posição que o morto ocupa no sistema social (FAUSTO NETO, 1991).

No caso do Jornal Nacional e do Jornal da Band, as mortes que têm espaço são aquelas “diferenciadas”, que fogem da normalidade cotidiana, que têm detalhes picantes e espetaculares, e que podem chamar a atenção do público – aquelas que podem ser consideradas acontecimentos jornalísticos, de acordo com a discussão de Rodrigues (1993).

Para ilustrar a perspectiva dos convidados a morrerem no telejornalismo, é pertinente reiterar que os dois principais episódios de falecimento do corpus deste estudo são: a morte da adolescente Eloá Pimentel e a morte do empresário Arthur Sendas. O caso Eloá mostra o drama vivido por uma adolescente seqüestrada pelo ex-namorado por mais de cem horas; o empresário Arthur Sendas era dono de umas das principais redes de supermercados do Brasil e vice-presidente do Conselho da Associação Brasileira de Supermercados – no seu velório estiveram o prefeito e o governador do Rio de Janeiro. Estamos diante da visibilidade pública dos últimos dias da vida de uma menina que foi assassinada de forma trágica pelo ex-namorado e seqüestrador. No caso do empresário, ele tinha destaque entre os membros do setor, o que fez com que ganhasse retrospecto na cena midiática.

Então, para ter espaço no Jornal Nacional e no Jornal da Band, a morte tem que ter suas características próprias, suas singularidades. Ela não pode ser comum, banalizada e corriqueira. Neste caso, não reunirá as características necessárias para receber a cobertura dos telejornais.

Jornal Nacional

Nas seis edições do Jornal Nacional que observamos, os casos⁵³ de morte que tiveram destaque foram: Eloá, a jovem assassinada pelo ex-namorado depois

⁵³ Descrição mais detalhada desses casos pode ser verificada no item “apresentação do corpus” – no capítulo “Os discursos do Jornal Nacional e do Jornal da Band”.

de ficar mais de cem horas mantida em cativeiro; Arthur Sendas, um empresário conhecido, que morreu assassinado pelo motorista, em seu apartamento; a jovem de 16 anos que foi morta pelo ex-namorado, em frente ao filho do casal; a morte de parentes de uma atriz norte-americana famosa; e o falecimento de 64 pessoas em inundações por chuvas no lêmén.

SD6- Apresentador William Bonner - Veja também: o **empresário Arthur Sendas é assassinado no Rio.**

SD68- Apresentador William Bonner- E, daqui a pouco, o **empresário Artur Sendas é morto no Rio.**

SD69- Apresentador William Bonner - Foi preso em Sorocaba, no interior de São Paulo, o **jovem acusado de matar a ex-namorada de 16 anos.**

SD71- Apresentador William Bonner - Segundo a polícia, Daniel invadiu a casa de Camila Silva Araújo ontem à noite. O rapaz atirou na cabeça da jovem na frente do filho deles, de um ano. A família de Camila diz que ela e Daniel tiveram um relacionamento durante três anos e que há quatro meses ela rompeu o namoro.

SD72- Apresentadora Fátima Bernardes - Foi assassinado, no Rio, o **empresário Arthur Sendas, dono de uma rede de supermercados.** Um dos motoristas da família é o principal suspeito

SD80- Repórter Eduardo Tchao- Arthur sendas tinha 73 anos e era dono de uma das maiores redes de supermercados do país. Em 2003, vendeu metade das ações da empresa para o Grupo Pão de Açúcar. **Ele era vice-presidente do Conselho da Associação Brasileira de Supermercados.**

SD81- Empresário Humberto Motta - Foi inovador do comércio brasileiro, no shopping center, nos supermercados. E tinha, além da grande dimensão empresarial, uma dimensão humana enorme.

SD87- Apresentador William Bonner - O seqüestrador e assassino da adolescente Eloá, Lindemberg Fernandes, foi transferido no início da noite para o presídio de Tremembé, no interior de São Paulo. A repórter Fernanda Cesaroni tem as informações.

SD103- Repórter César Galvão- A polícia ainda não sabe como Lindemberg conseguiu o revólver calibre 32, usado para atirar nas reféns. **Com a arma que não está registrada e a bala retirada da cabeça de Eloá, os peritos terão mais uma prova de que Lindemberg matou a ex-namorada.**

SD194- Apresentadora Fátima Bernardes - A seguir: A morte do empresário Artur Sendas.

SD318- Apresentadora Renata Vasconcellos – 64 pessoas morreram em inundações pelas chuvas que atingiram o lêmén e dezenas estão desaparecidas. 1700 casas foram destruídas, 20000 pessoas estão desabrigadas. A região leste do país foi declarada zona de desastre pelas autoridades. O lêmén fica a extremo sul da Península Arábica.

SD319- Apresentadora Renata Vasconcellos – Dois parentes de uma ganhadora do Oscar foram assassinados. Jennifer Hudson recebeu o prêmio de melhor coadjuvante ano passado por "Dreamgirls - Em busca de um sonho".

Jornal da Band

No caso do Jornal da Band, nas seis edições observadas, foram enfocados⁵⁴: o caso da adolescente Eloá; a morte de Arthur Sendas; o garoto de 17 anos morto em frente à escola por um segurança do estabelecimento; a morte de um vereador que estava recebendo ameaças por traficantes; a adolescente de 15 anos que foi encontrada morta em porta-malas de carro; a morte dos parentes da atriz Jennifer Hudson; e um crime, em um posto de gasolina, que resultou na morte de um jovem.

SD322- Apresentador Boris Casoy – NO RIO: Motorista da família suspeito do assassinato do empresário Artur Sendas, de 73 anos.

SD323- Apresentador Boris Casoy – Boa noite! Milhares de pessoas já foram ao cemitério de Santo André, na grande São Paulo, para se despedir de Eloá Cristina. A adolescente foi morta pelo ex-namorado na sexta-feira, depois que a polícia invadiu o apartamento onde ela era mantida como refém com uma amiga.

SD328- Repórter Kiko Ribeiro - Os colegas de sala de Eloá trouxeram rosas e muitas lembranças da menina de 15 anos, que era considerada a conselheira da turma.

SD330- Repórter Kiko Ribeiro - Paulo era o melhor amigo. Conta que depois de terminar o namoro com Lidemberg, Eloá passou a ser ameaçada.

SD398- Apresentador Boris Casoy - Motorista da família suspeito do assassinato do empresário Artur Sendas no Rio de Janeiro.

SD399- Apresentador Boris Casoy - O dono da rede de supermercados Sendas foi morto com um tiro na cabeça dentro do apartamento onde morava no Rio de Janeiro. O principal suspeito do assassinato de Artur Sendas, de 73 anos, é o motorista da família, que está foragido.

⁵⁴Descrição mais detalhada desses casos pode ser verificada no item “apresentação do corpus” – no capítulo “Os discursos do Jornal Nacional e do Jornal da Band”.

SD407- Repórter Sérgio Costa - Artur Sendas tinha 73 anos, foi presidente da associação comercial do Rio e comandava uma rede de supermercados. Artur Sendas será sepultado amanhã.

SD411- Apresentadora Ticiania Villas Boas - E mais informações sobre o velório de Eloá, a jovem morta pelo ex-namorado em Santo André.

SD421- Apresentador Boris Casoy - Vereador ameaçado pelo tráfico é executado no Rio com tiros na cabeça.

SD422- Apresentador Boris Casoy – Empresário Arthur Sendas é enterrado no Rio. Assassino diz que disparou por acidente, mas será indiciado por homicídio intencional.

SD424- Repórter Márcio Campos - Ainda durante o velório, a mãe de Eloá falou sobre o desfecho trágico do sequestro da filha. Afirmou que a polícia não teve culpa e disse que perdoa Lindemberg Alves.

SD474- Apresentador Boris Casoy - Um vereador ameaçado pelo tráfico foi executado no Rio com três tiros na cabeça. Durante a campanha ele foi proibido pelos criminosos de subir os morros.

SD482- Apresentadora Ticiania Villas Boas – um aluno morreu depois de ser baleado na porta de uma escola estadual em Goiânia. Kelson, de 17 anos, tentava acabar com uma briga entre colegas e levou um tiro no peito. O disparo foi feito pelo segurança do colégio, Daniel Moraes Jesus, que está foragido.

SD517- Apresentadora Ticiania Villas Boas – A polícia persegue um carro roubado em São Paulo e encontra um corpo no banco traseiro.

SD518- Apresentadora Ticiania Villas Boas – A vítima é uma adolescente de quinze anos. O corpo foi encontrado pela polícia depois da perseguição ao carro que tinha sido roubado na zona norte da cidade. O motorista foi preso e está prestando depoimento na delegacia.

SD523- Apresentador Boris Casoy – Jovem confessa, em São Paulo, assassinato de adolescente de 15 anos com quem queria namorar.

SD547- Apresentador Boris Casoy- Um jovem de 19 anos confessou em São Paulo que atitou e matou uma adolescente de 15 anos com quem queria namorar. Ele disse à polícia que o disparo foi acidental.

SD549- Repórter Marcio Campos – No início da tarde de quarta-feira, a adolescente de 15 anos foi para a casa de Orlando Henrique Fernando de Jesus, jovem com quem ela saía escondido há duas semanas. Orlando queria que os dois namorassem, Monique não. Para pressioná-la, ele teria pego um revólver e arma disparado acidentalmente.

SD585- Apresentador Fernando Vieira de Melo – Em Brasília, circuito interno de um posto de gasolina grava execução de um jovem.

SD586- Apresentador- Fernando Vieira de Melo- Mãe e irmão de atriz ganhadora do Oscar são assassinados nos Estados Unidos

SD603- Apresentador- Fernando Vieira de Melo- Uma discussão num posto de gasolina terminou num assassinato dum jovem, perto de Brasília. O crime foi gravado pelo circuito interno.

SD609- Apresentadora Ticiano Villas Boas - A polícia americana prendeu hoje o suspeito de ter matado a mãe e o irmão da atriz americana Jennifer Hudson, vencedora do Oscar em 2006.

SD612- Apresentadora Ticiano Villas Boas – Jennifer Hudson ficou conhecido em 2005, ao participar de um concurso de música de grande sucesso nos Estados Unidos. No ano seguinte, ela levou o Oscar de melhor atriz coadjuvante por sua atuação em DreamGirls. O último trabalho da atriz no cinema foi em Sex and the city.

Considerações sobre “os convidados a morrerem no telejornalismo”

Com uma análise das seqüências discursivas do Jornal Nacional e do Jornal da Band, é pertinente reiterar que os convidados a morrerem no telejornalismo são “distintos”, com “singularidades”. Não é qualquer morto que vai ser “visível” na TV. Têm espaço no meio televisivo aqueles mortos que, quando vivos, tiveram destaque no sistema social (FAUSTO NETO, 1991) ou que tiveram seu fim em situações peculiares, espetaculares e que merecem destaque.

Cabe apontar, a partir de Fausto Neto (1991), quando ele diz que o destaque no sistema social dá lugar a um morto na mídia, que o empresário Arthur Sendas e os familiares da atriz norte-americana Jennifer Hudson ganharam espaço no telejornalismo por posição social. Na cobertura do JN à morte de Sendas é destacado, na SD72, que ele era dono de uma rede de supermercados; na SD80 é evidenciado que ele era proprietário de uma das maiores redes de supermercados do Brasil e que ele era vice-presidente do Conselho da Associação Brasileira de Supermercados. O telejornal ressalta, na SD319, que Jennifer Hudson foi vencedora do Oscar e que recebeu o prêmio de melhor atriz coadjuvante. No caso do Jornal da Band, na SD399 é enfatizado que Sendas era proprietário de rede de supermercados; na SD407 foi relatado que foi presidente do Conselho da Associação Brasileira de Supermercados. O JB dá destaque, na SD586, que parentes de ganhadora do Oscar foram assassinados.

É possível assinalar que situações de morte que se repetem nos programas estudados são a de jovens assassinadas por namorados após o término de relacionamentos. É constatável que o Jornal Nacional e o Jornal da Band “convidam”

para morrer no seu espaço moças que foram vítimas de crimes passionais. No JN, na SD69, é evidenciado que foi preso um jovem acusado de matar a ex-namorada de 16 anos; na SD71 é narrado que ele invadiu a casa da ex e deu um tiro na cabeça dela, em frente ao filho do casal. Na SD 87 é salientado que o seqüestrador e assassino de Eloá Pimentel foi para um presídio de segurança máxima. Os dois casos apresentados pelo JN remetem a crimes passionais contra jovens garotas. O Jornal da Band, na SD523, salienta que jovem confessa que matou adolescente de 15 anos, com quem queria namorar. E, na SD424, demonstrou que o caso Eloá foi trágico. Os dois casos mostrados pelo JB têm como afinidade a violência contra jovens praticada por homens que elas tinham algum tipo de relação. Esses assassinatos de garotas, com motivação de ordem passional (cada caso com desenrolar específico e com detalhes diversificados), reiteram a argumentação de que a morte, para ganhar a cena do telejornal, precisa ser diferenciada e ter suas peculiaridades.

Concordamos com Rodrigues (1983) quando ele diz que as mortes que têm visibilidade nos meios de comunicação (as mortes excepcionais, violentas, acidentais, catastróficas, criminosas, que atingem pessoas famosas ou que são excepcionais) são simplesmente mortes que ocorrem na tela da televisão ou sobre um papel de jornal, mas que elas não perturbam o ritmo da vida cotidiana dos espectadores. Essas mortes são distantes do cotidiano das pessoas e não levam o homem a pensar na sua finitude e a fazer reflexões sobre a sua existência.

5.1.3 A lógica maniqueísta: morto virtuoso X criminoso mau

O Jornal Nacional e o Jornal da Band, na transmissão de mortes por criminalidades, ao retratarem o criminoso⁵⁵ e a vítima⁵⁶, apresentam uma construção

⁵⁵ “Geralmente, diz-se *criminoso*, a pessoa que pratica ato condenado pela lei ou pela moral. Mas, a rigor, entende-se criminoso toda pessoa a quem se imputa a prática de um crime, como tal qualificado em lei. A qualificação ou definição legal do fato como crime e a imputação a certa pessoa, como agente de sua prática, é que caracteriza a qualidade de criminoso” (SILVA, 1998b, p. 232 - 233).

⁵⁶ “Geralmente entende-se por *vítima* toda pessoa que é sacrificada em seus interesses, que sofre um dano ou é atingida por qualquer mal. E, sem fugir ao sentido comum, na linguagem penal designa

discursiva baseada em lógicas de simplificação e de redução. Geralmente, não demonstram os seres humanos como transitando entre tensões e contradições, mas como pessoas que são “isto ou aquilo”. É uma fórmula superficial. Ela dá bases para que seja mantida a visão de que a sociedade é formada pelos totalmente maus e pelos totalmente bons, estando estes expostos à maldade daqueles.

Os dois telejornais têm uma tendência ao maniqueísmo. Mostram o criminoso como tendo múltiplos defeitos e a vítima como portadora de inúmeras qualidades. A descrição do criminoso está associada a uma visão plana, sem complexidade e não problematizada, de um indivíduo essencialmente mau. Já a vítima tem uma construção distinta, demarcada como alguém com virtudes, com destaque no meio social e com características de bondade.

Jornal Nacional

As Seqüências Discursivas reunidas a seguir mostram a caracterização da vítima como plena de virtudes e como alguém que vai fazer falta no seu meio de convívio.

No caso Eloá Pimentel, é verificável no discurso do JN a caracterização da vítima como alguém que gera benefícios à sociedade, inclusive depois do falecimento. Tal constatação se dá pela ênfase à doação dos órgãos da adolescente.

SD14- Amigo de Eloá- Uma pessoa super legal, não tinha tempo ruim e não merecia.

SD15- Outro Amigo de Eloá- Se a gente precisava dela para alguma coisa, ela sempre estava ali para ajudar.

SD21- Apresentador William Bonner – A família de Eloá decidiu ajudar outras pessoas. Depois que foi diagnosticada a morte cerebral da adolescente, os órgãos foram doados. Os transplantes começaram já de madrugada.

SD22- Repórter Fabio Turci- O coração de Eloá bate agora no peito de Maria Augusta Silva dos Anjos. Uma paraense que nasceu com um problema cardíaco grave e, há um ano, se mudou para São Paulo para esperar por um transplante.

SD32- Repórter Fabio Turci - O gesto da família de Eloá pode transformar a vida de outras sete famílias.

SD33- Geane Rodrigues (prima de transplantada) - Eu agradeço a generosidade, a solidariedade da família de ajudar não só a mim, mas outras pessoas que precisam de órgãos.

SD39- Apresentadora Fátima Bernardes – Eloá era uma amiga muito querida. Uma das mais populares da turma. Hoje não houve aula na escola que ela estudava.

SD48- Repórter Ernesto Paglia - Uma perda trágica, uma lição duríssima, especialmente quando se tem apenas 15 anos e, quem morreu era uma das amigas mais populares do grupo.

SD49- Estudante Jéssica Martins - “Ela morreu ainda muito cedo, tinha muitos planos para a vida dela e era para ela estar aí, com nós, indo para a escola entrando normal”.

SD50- Repórter Ernesto Paglia - Alegre, comunicativa, romântica. Apesar de ter crescido num dos bairros mais violentos de Santo André, Eloá tinha as fantasias de qualquer jovem de 15 anos. Gostava de navegar na internet, participar de sites de relacionamento, ouvir música.

SD51- Bruno Barisan (Amigo de Eloá) - Ela não brigava com ninguém, uma menina calma, bonita, bastante bonita, eu achava ela uma das mais bonitas da escola.

SD53- Professora de Eloá - Eu tenho nítido aquele momento tanto da Nayara quanto da Eloá. Elas falando comigo felizes pela nota que elas tiraram. Você não via ela de mal humor, chateada, era sempre aquilo.

SD81- Empresário Humberto Motta - Foi inovador do comércio brasileiro, no shopping center, nos supermercados. E tinha, além da grande dimensão empresarial, uma dimensão humana enorme.

SD84- Olavo Monteiro (Presidente da Associação Comercial do RJ) - Todos nós temos que lamentar profundamente que o nosso estado, nosso país, nossa cidade ficou mais pobre sem uma criatura tão importante como Arthur Sendas.

SD155- Repórter José Roberto Burnier- Às 9h, começou a cerimônia da última despedida de Eloá: o cortejo acompanhado pela multidão. Foram várias as palmas, foram vários os elogios para Eloá de amigos.

SD156- Entrevistado (não identificado)- A rua toda brincando, ela sempre feliz, sempre alegre.

SD157- Helena Góis (Prima de Eloá) - A lembrança de uma pessoa alegre, descontraída, vaidosa, eu quero ficar com a lembrança de como ela era viva.

As Seqüências Discursivas seguintes mostram a caracterização do criminoso como necessariamente mau.

SD71- Apresentador William Bonner- Segundo a polícia, **Daniel invadiu a casa de Camila Silva Araújo ontem à noite. O rapaz atirou na cabeça da jovem na frente do filho deles, de um ano.** A família de Camila diz que ela e Daniel tiveram um relacionamento durante três anos e que há quatro meses ela rompeu o namoro.

SD88- Repórter Fernanda Cesaroni- Lindemberg Fernandes chegou por volta das 20h, escoltado por três carros da Polícia Militar. Ele passa por uma revista e, na seqüência, ele deve ser atendido por um psiquiatra. Só depois, Lindemberg Fernandes vai ser encaminhado para a Penitenciária 2 de Tremembé. **Ele deve passar a madrugada em uma cela individual.**

SD94- Lindemberg Alves (para a polícia - em gravações)- “Sabe o porquê, mano? Muita gente aí fora vai pagar por isso. Muita gente vai sofrer e vai chorar”.

SD96- Lindemberg Alves (para a polícia - em gravações) - “Minha cabeça está a um milhão”.

SD98- Lindemberg Alves - Não tenho expectativa de vida mais não, mano. Dá um tempo para mim que estou precisando ficar sozinho. Não quero ver ninguém.

SD102- Repórter César Galvão - Lindemberg vai ser processado por: cárcere privado, disparo de arma de fogo, tentativa de homicídio e homicídio qualificado. A polícia já ouviu pelo menos 19 pessoas. Nesta segunda, foi a vez do irmão mais velho de Eloá.

SD106- Maria Rita Silva (tia de Lindemberg)- Eu acho que ele errou, era para ele ter se entregado. Não era para ele ter feito isso. Deixava a menina viver.

SD136- Policial Adriano Giovaninni- O Gate não errou, quem errou foi o Lindemberg. Ele errou de ter procurado uma arma, premeditado o seqüestro, ficar lá cinco dias e fazer o que fez no final. A única pessoa que errou foi ele.

SD143- Apresentador William Bonner – E o assassino Lindemberg passará dez dias isolado na cadeia de Tremembé.

SD144- Apresentadora Fátima Bernardes – Veja também: o homem que matou Artur Sendas diz que o tiro foi acidental.

SD145- Apresentador William Bonner – E é desmentido pela polícia.

SD195- Apresentador William Bonner - O assassino diz que o tiro foi acidental e é desmentido pela polícia.

SD196- Apresentadora Fátima Bernardes - O corpo do empresário Arthur Sendas foi enterrado nesta terça no Rio. A polícia vai indiciar o motorista que cometeu o crime por homicídio com intenção de matar.

SD197- Repórter Eduardo Tchao- O motorista Roberto Costa Júnior entregou a pistola à polícia e disse que o tiro que matou Arthur Sendas

foi acidental. Ele contou que procurou o empresário para resolver problemas, mas não explicou por que levava uma arma e nem o motivo da discussão.

SD198- Roberto Costa Júnior - A arma escorregou e caiu no chão. Ele segurou a arma junto comigo e eu fiquei tentando tirar a arma e no que eu puxei a arma, a arma disparou.

SD200 – Repórter Eduardo Tchao- A polícia informou ainda que com base no laudo do instituto médico legal **já é possível afirmar que o disparo não foi acidental. Segundo os peritos, o tiro foi dado à curta distância e Arthur Sendas tentou se defender levantando uma das mãos na frente do rosto.**

SD202- Delegado Rafael Menezes- As investigações já estão concluídas, ele vai responder por homicídio doloso, pelo motivo fútil, que é considerado crime hediondo.

SD214 – Repórter Maurício Ferraz - Lindemberg disparou várias vezes contra os policiais. Quando a munição acabou, ele jogou a arma e levantou as mãos para o alto. **Imagens mostram que Lindemberg resistiu à prisão.**

SD243- Apresentador William Bonner – A seguir: o assassino Lindemberg é isolado por dez dias.

SD247- Repórter Karen Schimidt - Lindemberg está em uma cela de seis metros quadrados e dorme em um colchão no chão. Ele só pode receber a visita da advogada, que não veio aqui hoje. Nesta penitenciária, estão presos envolvidos em casos de grande repercussão, como Alexandre Nardoni, acusado de matar a filha Isabella, e os irmãos Cravinhos, condenados em 2006 pela morte do casal Richthofen. Lindemberg está em regime de observação e ficará isolado durante dez dias.

SD275- Repórter Maurício Ferraz- Uma das testemunhas ouvidas pela polícia é o vizinho que mora logo acima do apartamento da família de Eloá. No depoimento, **Reinaldo Pereira de Souza, disse que, na madrugada de segunda para terça-feira da semana passada, segundo dia do seqüestro, ouviu Eloá dizendo: “Pára, Liso, pára, Liso”, enquanto Lindemberg mandava Eloá calar a boca.**

SD301- Repórter Maurício Ferraz - Lindemberg então agarrou o pescoço de Nayara e apontou a arma para a cabeça dela, como forma de pressionar Eloá a parar de gritar.

SD302- Repórter Maurício Ferraz - Na sexta-feira, Lindemberg passou a acusar Nayara de ser a conselheira sentimental de Eloá e a responsável pela separação dos dois. Lindemberg disse, então, que iria matar Nayara.

SD310- Apresentadora Fátima Bernardes - Até a edição desta quinta-feira do Jornal Nacional, 24 pessoas prestaram depoimento à polícia em Santo André. Só Lindemberg Alves se recusou a depor.

Jornal da Band

A demonstração da imagem da vítima, no Jornal da Band, como uma pessoa dotada de qualidades pode ser confirmada nas Seqüências Discursivas a seguir.

Da mesma forma que no Jornal Nacional, no Jornal da Band, Eloá Pimentel tem suas qualidades enfatizadas, inclusive após o seu falecimento tendo em vista o destaque à doação de órgãos da garota.

SD327- Entrevista (não há identificação da pessoa)- Vamos todos ser forte e agüentar a perda de alguém querido.

SD328- Repórter Kiko Ribeiro - Os colegas de sala de Eloá trouxeram rosas e muitas lembranças da menina de 15 anos, que era considerada a conselheira da turma.

SD329- Priscila Takeda (Amiga de Eloá) - Ela era a que tinha mais cabeça, que dava conselho para cada um de nós conforme... [Suspiro]. Agente vai sentir falta de tudo, muita, muita falta.

SD339- Apresentadora Ticiano Villas Boas- No dia de seu aniversário, uma mulher de 39 anos, que estava na fila do transplante, recebeu hoje o coração de Eloá. Mais seis pessoas vão ser beneficiadas com os órgãos doados pela família da adolescente.

SD344- Repórter Eleonora Paschoal - A retirada dos órgãos de Eloá começou ontem à noite, logo após a autorização da família. As ambulâncias com a esperança de uma vida melhor para pelo menos outras seis pessoas saíram de Santo André pela madrugada. No mesmo hospital que foi feito o transplante de coração, um homem de 25 anos está recebendo pâncreas e rim.

SD345- Repórter Eleonora Paschoal - Os pulmões vieram para o Hospital das Clínicas e ali, no Incor, foram colocados no peito de uma garota de 18 anos, que há dois espera por um transplante. Ela é vítima de fibrose cística, uma doença que reduz e muito a capacidade respiratória.

SD346- Repórter Eleonora Paschoal - Na Santa Casa de Misericórdia, de São Paulo, nesta geladeira, vão ficar armazenadas até os médicos decidirem quem vai receber as duas córneas de Eloá. É aqui também na Santa Casa que desde as 8h25min da manhã os médicos estão transplantando o fígado em uma garota de 12 anos. A mesma idade que Eloá tinha quando conheceu Lidemberg. Com o novo fígado, a menina, que não teve o nome divulgado, vai ter a oportunidade de planejar o futuro. Futuro que Maria Augusta, que ganhou o coração, já planejou.

SD410 - Repórter Mariana Machado - Boa noite Boris! Um grupo de amigos compareceu ao centro hospitalar de Santo André, mas não pode

entrar para visitar Nayara. Em compensação, a família continua o dia todo aqui no quarto acompanhando ela, que está numa unidade semi-intensiva, mas só para precaução para ela ter um pouco mais de liberdade. **Enquanto isso, o dia foi de luto na Escola de Eloá. Na lousa, os recados de adeus provam que a perda da menina é uma ferida que vai demorar para cicatrizar. Os 600 alunos do período da manhã não foram à aula em respeito ao luto. Na internet, ela recebeu mensagens de todo o Brasil em um site de relacionamentos, e mais de mil comunidades foram criadas em homenagem à menina.**

SD464- Repórter Sérgio Costa - A cerimônia foi marcada por depoimentos emocionados. Incomum a revolta sobre a indefinição do motivo do crime. **Arthur Sendas foi apontado pelos amigos como patrão solidário.**

SD465- Antonio Lopes (ex-presidente do Vasco) - Um homem que só fez o bem durante toda sua vida.

SD552- Repórter Marcio Campos – Mas, ele acabou parado pela polícia e foi preso. A mãe da menina passou mal ao reconhecer o corpo. **Monique Almeida estuda à tarde e, pela manhã, trabalhava nesta perfumaria.**

SD553- Elza Yoshida (dona de loja) - Uma menina super responsável, disposta a aprender, sempre procurando saber, anotava todas as coisas

Nas edições do Jornal da Band em análise, foi verificado, no dia 25 de outubro de 2008, em notícia sobre crime em posto de gasolina, que a construção da imagem da vítima fugiu ao “habitual” no telejornal. Neste caso, ela foi caracterizada como tendo passagem pela polícia:

SD606- Repórter Fernanda Soares - Drogas e mulheres foram os motivos da briga que acabou em morte. Segundo a polícia, **a vítima já tinha passagem pela polícia e estava em liberdade provisória.** Pessoas que estavam no posto no momento do crime já começaram a ser ouvidas. Mas, o atirador continua foragido.

A caracterização, no Jornal da Band, do criminoso como alguém com muitos defeitos pode ser evidenciada nas Sequencias Discursivas:

SD330- Repórter Kiko Ribeiro - Paulo era o melhor amigo. **Conta que depois de terminar o namoro com Lidemberg, Eloá passou a ser ameaçada.**

SD331- Paulo Henrique Monteiro (amigo de Eloá) - Ela já tinha avisado para a mãe dela, para o pai dela. Só que tipo eles iam conversar com ele. **Ele chorava, negava assim.** Eles gostavam dele, os pais dela. **Então ninguém acreditava, tipo ninguém ia imaginar que ele ia ter essa atitude.**

SD362- Repórter Rodrigo Hidalgo - Lindemberg está preso no centro de detenção provisória de Pinheiros, em São Paulo. **Ele permanece**

em uma sela isolada de nove metros quadrados. Como está em período de adaptação, só pode receber visitas da advogada.

SD403- Bianca Araújo (Delegada) - O viram subindo e descendo, né. Além dele continuar evadido, já não voltou à sua residência, seus parentes não sabem dele.

SD404- Repórter Sérgio Costa - A polícia tem informação que Roberto sabia que seria demitido por que o neto do empresário foi morar nos Estados Unidos. A justiça decretou a prisão temporária do acusado. A polícia trabalha com a hipótese que Roberto foi pedir dinheiro emprestado para pagar uma dívida.

SD405- Repórter Sérgio Costa - Era meia noite quando Roberto chegou ao apartamento. Ele foi recebido pela empregada. O motorista disse que precisava falar com o patrão porque o pai dele teria sofrido um acidente. O encontro durou menos de 10 minutos. Houve discussão e um disparo foi ouvido.

SD418- Apresentadora Ticiano Villas Boas- O suspeito de matar o empresário Artur Sendas, no Rio de Janeiro, acaba de se entregar à polícia. O motorista Roberto Costa Júnior, de 28 anos, foi flagrado pelas câmeras de segurança do prédio onde morava o empresário, no Leblon. E já teve a prisão temporária decretada.

SD444- Repórter Rodrigo Hidalgo - A polícia civil deve concluir o inquérito sobre a morte de Eloá até o início da semana que vem. O ministério público já adiantou que vai denunciar Lindemberg por duas tentativas de homicídios, cárcere privado, disparos de arma de fogo e homicídio duplamente qualificado, por motivo torpe e impossibilidade de defesa da vítima. A pena mínima do caso condenação é de 25 anos.

SD445- Antonio Nobre (Promotor de justiça criminal) - O causador da morte foi Lindemberg. Demonstrou intenção, premeditou o crime. Antes mesmo de invadir o apartamento já havia demonstrado aos amigos, dizendo que iriam ouvir falar dele.

SD446- Repórter Rodrigo Hidalgo - Lindemberg foi transferido de presídio na tarde de segunda-feira por razões de segurança. Ele foi retirado do Centro de Detenção Provisória de Pinheiros, em São Paulo, e levado para Penitenciária de Segurança Máxima em Tremembé, interior do Estado. O preso continua isolado, agora em uma sela menor, de seis metros quadrados. O Ministério Público vai investigar porque a polícia não impediu que a adolescente Nayara retornasse ao cativo.

SD468- Repórter Sérgio Costa - Roberto Costa Júnior foi transferido para uma delegacia no subúrbio do Rio. Ele vai responder por homicídio doloso qualificado, por motivo fútil, que prevê trinta anos de prisão. Ontem o motorista se entregou à polícia no início da noite.

SD471- Rafael Menezes (Delegado) - Os fatos comprovam que houve um disparo intencional e não acidental, como supostamente ele está alegando.

SD472- Repórter Sérgio Costa - A pistola usada estava registrada no nome do motorista, que não tinha porte de armas.

SD475- Repórter Lorena Ribeiro - O crime aconteceu por volta das 10 da manhã. O vereador estava em um carro oficial parado em um sinal. Um homem teria descido de outro carro, obrigado o vereador a baixar o vidro e disparado três tiros.

SD494- Repórter Rodrigo Hidalgo - A polícia civil deve concluir até sexta-feira o inquérito e enviá-lo ao Ministério Público. Lindemberg será denunciado por homicídio duplamente qualificado, duas tentativas de homicídio, cárcere privado e disparo de arma de fogo. Vinte e quatro pessoas já foram ouvidas entre vizinhos, familiares das vítimas e policiais que participaram da ação. Os PMs que invadiram o apartamento disseram que só explodiram a porta após ouvir o tiro disparado pelo seqüestrador.

SD547- Apresentador Boris Casoy- Um jovem de 19 anos confessou em São Paulo que atitou e matou uma adolescente de 15 anos com quem queria namorar. Ele disse à polícia que o disparo foi acidental.

SD549- Repórter Marcio Campos – No início da tarde de quarta-feira, a adolescente de 15 anos foi para a casa de Orlando Henrique Fernando de Jesus, jovem com quem ela saía escondido há duas semanas. **Orlando queria que os dois namorassem, Monique não. Para pressioná-la, ele teria pego um revólver e arma disparado acidentalmente.**

SD550- Paulo Gasparoto (delegado) – Ela não queria nada com ele e aconteceu isso que ele disse que foi um acidente. O disparo foi certo, foi na cabeça.

SD551- Repórter Marcio Campos – Depois de matar de matar Monique, Orlando, de 19 anos, roubou um carro para tentar desaparecer com o corpo. O plano dele era colocar fogo no veículo com a garota dentro.

SD557- Repórter Marcio Campos – Orlando vai responder por homicídio qualificado e furto e pode pegar até trinta anos de prisão.

SD569 - Repórter Rodrigo Hidalgo - Momentos antes da invasão da polícia ao cativado, **Eloá disse a Lindemberg que o responsável pelo rompimento do namoro era o ciúme, o gênio e algumas atitudes dele;** que momentos antes do término do cárcere, Lindemberg recebeu um telefonema, uma longa conversa. Nayara acha que do outro lado da linha estava Adriano Giovaninni, negociador da polícia.

SD574- Repórter Rodrigo Hidalgo – No final da tarde, o delegado que investiga a morte de Eloá entregou o inquérito concluído ao Ministério Público. O promotor tem cinco dias para oferecer à justiça denúncia contra Lindemberg Alver. **Ele foi indiciado por homicídio qualificado, duas tentativas de homicídio, cárcere privado e disparo de arma de fogo.**

SD587- Apresentador Fernando Vieira de Melo- Boa noite! A mãe de Eloá revela que a filha já tinha sido agredida pelo namorado. Mas, o marido, o foragido Everaldo, impediu que ela o denunciasse.

SD591- Repórter Kiko Ribeiro – Dona Ana Cristina diz que acreditava no amor de Lindemberg por Eloá, **mesmo com demonstrações de ciúme incontrolável.**

SD593- Repórter Kiko Ribeiro – A mãe confirma que a filha foi agredida pelo menos uma vez por Lindemberg, mas o pai a convenceu de não procurar a polícia.

SD594- Ana Cristina Pimentel (mãe de Eloá) – Quando eles acabaram, ele ficou seguindo ela. E ele agrediu ela no ponto de ônibus. Tanto é que na outra semana eu fui levar ela no ponto. Ela estava com medo. Ela queria que a gente abrisse um BO . Mas daí o meu marido conversou com ele e ele falou que não, que não ia fazer nada, que estava nervoso.

SD600- Marcílio Barrenco (Delegado) – Há suspeitas concretas que o Lindemberg e ele faziam parte de um grupo criminoso de Santo André. O Lindemberg não era só namorado da filha dele.

SD605- Repórter Fernanda Soares – Horas depois já com o dia claro, ele retorna, sai do carro com uma escopeta nas mãos e atira contra as pessoas que estavam no local, em seguida entra no carro e foge. Repare que ele faz vários disparos. Um jovem morreu e outro ficou ferido. Minutos depois, uma viatura da polícia aparece. As imagens internas da loja mostram com detalhes o rosto do atirador, o que ajudou na identificação.

SD 611- Apresentadora Ticiano Villas Boas – O suspeito pelos crimes é William Balfour, de 27 anos, que já está preso. Ele foi casado com a irmã da atriz e passou sete anos na cadeia por tentativa de homicídio e roubo de carro.

Cabe a observação de que o Jornal da Band se focou, na edição do dia 20 de outubro de 2008, na análise do comportamento e de “traços de psicológicos” de Lindemberg Alves, o que acentuou a caracterização do caráter mau e perturbado do criminoso.

SD375- Apresentadora Ticiano Villas Boas - As imagens da negociação entre a polícia e Lindemberg mostram a agressividade do assassino e a tentativa das famílias de convencer o seqüestrado a se entregar. Dois especialistas analisaram as gravações.

SD376- Lindemberg Alves- Tô precisando ficar sozinho. Não quero ver ninguém.

SD381- Lindemberg Alves - “Eu vou matar ela e você nem vai saber. Eu vou amarrar ela e esfaquear ela e me esfaquear”.

SD382- Luiza Nagib Eluf (Procuradora de SP) - O homem mata a mulher para se vingar de uma rejeição e ele mata porque ele acha que aquela mulher é um objeto dele.

SD383- Repórter Fernanda Bak - O fornecimento de água e luz é cortado, Lindemberg reivindica o restabelecimento de energia.

SD386- Jacob Goldemberg (Psicólogo) - O tempo todo ele fica entre a impotência e a onipotência. Eu quero que a outra menina volte. Agora eu quero que ascenda a luz.

SD390- Lindemberg Alves - Não quero mais ela. Nunca mais na minha vida. Estou com ódio dela.

SD391- Luiza Nagib Eluf (Procuradora de SP) - É passional, é cruel e ele tem um ódio imenso dentro de si, ele é destruidor.

SD395- Lindemberg Alves - Eu só quero ter espaço. Quero pensar...Ter um caminho. Um caminho que estou pensando. Quero ficar sozinho. Não quero ver ninguém.

SD396- Luiza Nagib Eluf (Procuradora de SP) - Não há uma especialidade para casos de crime passional.

SD397- Jacob Goldemberg (Psicólogo) - É obvio, é evidente, que o comportamento execrável é o comportamento do criminoso.

Por outro lado, na edição do dia 23 de outubro de 2008, o JB apresenta uma espécie de complexificação na personalidade de Lindemberg Alves. O assassino, que até então foi completamente caracterizado como frio, tem o seu lado sentimental demonstrado ao ficar sabendo do falecimento de Eloá.

SD535- Ana Lúcia Assad (advogada de Lindemberg) – Ele ficou muito chocado, ficou muito triste, muito emocionado.

O pai de Eloá Pimentel

Dentro da “moldura” apresentada pelos dois telejornais de que as vítimas são pessoas dotadas de qualidades, houve uma “brecha” na imagem de Eloá Pimentel: a sua constituição familiar. O pai da moça foi identificado, durante o seqüestro – quando passou mal e foi atendido por um serviço de saúde, como foragido da polícia, como pertencente a um extinto esquadrão da morte no estado de Alagoas e como acusado de vários crimes. Ele fugiu e não chegou a participar de enterro de Eloá.

Nas Sequencias Discursivas a seguir, a discussão do Jornal da Band sobre o pai da vítima de Lindemberg Alves:

SD441- Apresentador Boris Casoy- E a polícia de Alagoas pede a prisão do pai de Eloá, suspeito de ser um foragido da justiça, acusado de integrar o esquadrão da morte. Ele estaria envolvido no assassinato, em 91, do delegado Ricardo Lessa, irmão do ex-governador do Estado.

SD442- Repórter Rodrigo Hidalgo - Aldo José da Silva, como é conhecido em São Paulo, pode ser na verdade Everaldo Pereira dos

Santos, ex-cabo da polícia militar de Alagoas. Ele teria feito parte da Gangue fardada, um grupo de extermínio responsável por assaltos e homicídios no Estado, na década de 90. Estas fotos mostram a semelhança entre os dois. Já estes documentos, obtidos com exclusividade pela Band, revelam que Everaldo aparece como réu em vários processos por homicídio doloso na justiça de Alagoas. Uma das vítimas é Ricardo José Lessa Santos, assassinado em 91. Ele era irmão ex-governador do Estado Ronaldo Lessa.

SD443- Repórter Rodrigo Hidalgo - Aldo, que não compareceu ao enterro da filha Eloá, só foi visto durante o caso quando passou mal e teve que ser atendido com uma crise de hipertensão. O mandado de prisão já foi decretado e policiais foram até o hospital onde ele estava internado, mas não o encontraram. Para a polícia de São Paulo, o pai da garota assassinada pelo ex-namorado é um foragido.

SD485- Apresentador Boris Casoy- Policiais de Alagoas ajudam nas buscas ao pai de Eloá, acusado de ter participado de grupo de extermínio.

SD502- Apresentadora Ticiania Villas Boas- Policiais de Alagoas viajam a São Paulo para ajudar nas buscas ao pai de Eloá. Desaparecido desde a morte da filha, Everaldo Pereira dos é acusado de ter pertencido a um grupo de extermínio.

SD503- Repórter Arnaldo Ferreira - Era nesta casa em Maceió onde o ex-cabo da polícia militar, Everaldo Pereira dos Santos, vivia antes de virar Aldo José da Silva. Ele fazia parte de um grupo de extermínio acusado de diversos assassinatos, entre eles o do delegado Ricardo Lessa, irmão do ex-governador Ronaldo Lessa, em 1991.

SD504- Repórter Arnaldo Ferreira - Everaldo fugiu para São Paulo depois da prisão do líder do bando. Ele nega a autoria do crime, mas diz que estava marcado para morrer porque sabia demais.

SD505- Repórter Arnaldo Ferreira - Só foi reconhecido agora por causa destas imagens, feitas quando passou mal durante o seqüestro da filha. Para a polícia, a prisão dele é fundamental para esclarecer dezenas de assassinatos.

SD506- Marcílio Barenco (Delegado Geral de Alagoas)- Como ele próprio afirmou, ele é um arquivo vivo, porque ele pertencia a este grupo de extermínio e algumas pessoas remanescentes ainda estão foragidas.

SD537- Apresentadora Ticiania Villas Boas- A justiça de Alagoas atribui pelo menos quatro mortes ao pai de Eloá, que continua foragido. Ele é acusado de fazer parte da gang fardada, um grupo de extermínio, formado por policiais, que atuou durante vinte anos no estado.

SD546- Apresentadora Ticiania Villas Boas- Depois da descoberta da verdadeira identidade do pai de Eloá, a polícia de Alagoas passou a investigar se ele está envolvido na morte de sua ex-mulher, esfaqueada e enforcada em 92.

SD578- Repórter Rodrigo Hidalgo – O pai de Eloá continua foragido. Ele é acusado de fazer parte de um grupo de extermínio formado por policiais em Alagoas. Everaldo Pereira dos Santos é procurado há 17 anos pelo assassinato de quatro pessoas. Entre elas, o delegado Ricardo Lessa, irmão do ex-governador Ronaldo Lessa. Agora, a família de Marta Vieira, afirma que ele também assassinou a ex-mulher em abril de 92. Marta viveu cinco anos com Everaldo e foi encontrada morta em um canavial. Por telefone, a irmã dela conversou com o repórter Marcio Campos e disse porque Everaldo teria cometido o crime.

SD584- Apresentador Boris Casoy – No mesmo inquérito entregue hoje pelos policiais, o pai de Eloá foi indiciado por falsidade ideológica, uso de documento falso e porte ilegal de arma.

No contexto da caracterização do pai de Eloá como mau, o JB faz uma vinculação dele com Lindemberg Alves.

SD599- Repórter Kiko Ribeiro – A polícia de Alagoas investiga uma possível ligação de Everaldo Pereira dos Santos, pai de Eloá, e Lindemberg Fernandes com o crime organizado. Segundo o delegado que investiga o caso, os dois atuariam na região do ABC.

SD600- Marcílio Barrenco (Delegado) – Há suspeitas concretas que o Lindemberg e ele faziam parte de um grupo criminoso de Santo André. O Lindemberg não era só namorado da filha dele.

Uma possível ligação entre Lindemberg e o pai de Eloá pode ser verificada na entrevista da Ana Cristina, mãe da adolescente assassinada, ao Jornal da Band do dia 25 de outubro de 2008:

SD587- Apresentador Fernando Vieira de Melo- Boa noite! A mãe de Eloá revela que a filha já tinha sido agredida pelo namorado. Mas, o marido, o foragido Everaldo, impediu que ela o denunciasse.

SD593- Repórter Kiko Ribeiro – A mãe confirma que a filha foi agredida pelo menos uma vez por Lindemberg, mas o pai a convenceu de não procurar a polícia.

SD594- Ana Cristina Pimentel (mãe de Eloá) – Quando eles acabaram, ele ficou seguindo ela. E ele agrediu ela no ponto de ônibus. Tanto é que na outra semana eu fui levar ela no ponto. Ela estava com medo. Ela queria que a gente abrisse um BO. Mas daí o meu marido conversou com ele e ele falou que não, que não ia fazer nada, que estava nervoso.

O Jornal Nacional também fez uma discussão sobre a vida criminosa do pai de Eloá:

SD248- Apresentadora Fátima Bernardes – O seqüestro e a morte de Eloá revelaram o paradeiro de um foragido da Justiça. O pai da jovem é suspeito de participar de um grupo de extermínio em Maceió.

SD250- Repórter Cesar Galvão - Ele revelou a dois policiais de Alagoas o lugar onde estava Everaldo Pereira dos Santos, que usava outro nome em Santo André. O homem que era procurado pela Justiça havia 17 anos.

SD251- Repórter Cesar Galvão - Pouco antes do velório de Eloá começar, na segunda-feira à tarde, Everaldo Pereira dos Santos teve nova crise de hipertensão. Ele foi levado para um hospital de Santo André e, quando recebia atendimento, soube que a verdadeira identidade dele havia sido descoberta.

SD252- Repórter Cesar Galvão - Enquanto o corpo da filha seguia para o cemitério, Everaldo fugia mais uma vez. Quatro mandados de prisão já estão nas mãos da polícia de São Paulo. Everaldo Pereira dos Santos é acusado de envolvimento em vários assassinatos, cometidos por um grupo de extermínio formado por militares.

SD253- Repórter Cesar Galvão - Em 1991, a vítima foi Ricardo Lessa, irmão do ex-governador Ronaldo Lessa. Em Santo André, o pai de Eloá era conhecido como Aldo José da Silva, nome que aparece nos documentos, mas que não bate com a certidão feita em um cartório em Maceió, quando Eloá nasceu. Nós confirmamos as informações também por telefone.

Depois de mostrar o histórico criminoso do pai de Eloá, o JN mostra a versão dele:

SD256- Repórter Cesar Galvão - No fim da tarde desta terça-feira, conseguimos falar por telefone com o pai de Eloá. Ele disse que é inocente e explicou porque trocou de nome:

SD257- Pai de Eloá - “Para sobreviver, se não eles me matavam, eu sou um arquivo vivo. Não estou envolvido na morte do delegado e das outras pessoas de jeito nenhum. Eu tinha vontade de me entregar para me defender, mas eu tinha medo de morrer, como estou com medo agora de morrer”.

SD258- Apresentadora Fátima Bernardes - Em Alagoas, a polícia informou que já houve um contato telefônico da defesa do pai de Eloá. Para se apresentar espontaneamente, ele pede garantias de vida.

Considerações sobre “a lógica maniqueísta: morto virtuoso X criminoso mau”

É pertinente dizer que os programas estão longe de retratar a morte com objetividade jornalística e de levar em consideração a velha idéia da imparcialidade. A opinião dos telejornais sobre os criminosos e vítimas fica visível a quem analisar os discursos deles de forma minuciosa.

Na análise do corpus deste estudo, é válido destacar que o JN e o JB fogem do seu “tratamento habitual” aos criminosos e vítimas em raras situações. Carece destacar a SD606, que está relacionada à cobertura de um crime em um posto de gasolina e mostra a vítima como tendo passagem pela polícia (desta forma, não sendo completamente virtuosa), e a SD535, que mostra uma complexificação no comportamento do criminoso Lindemberg Alves (neste momento ele é apresentado, através da sua advogada, como alguém que sofre e que se emociona – fugindo da idéia do criminoso frio e calculista). É válido realçar que a discussão sobre o histórico de crimes do pai de Eloá fez com que a imagem de vítima completamente boa pudesse ser “abalada”, mas o JN e o JB não descaracterizam a bondade da garota por motivos do passado de seu pai: a construção da personalidade “boa” de Eloá se dá em torno de seu vínculo social.

Assim, os dois telejornais, na maioria das vezes, conforme foi verificado nas sequencias discursivas, fazem uma construção da imagem da pessoa que faleceu associada ao bem e do criminoso ao mal. Isso produz entre o público uma espécie de endeusamento do morto e da morte. É possível retomar que Eloá Pimentel foi retratada pelo JN como uma amiga querida (SD39), como uma pessoa super legal (SD14), que ajudava os outros (SD15), que era alegre, comunicativa e romântica (SD50), que era calma e bonita (SD51) e que era uma das pessoas mais populares da escola onde estudava (SD48). E pelo JB como a conselheira da turma (SD328), como uma menina com a cabeça no lugar (SD329) e como uma garota que recebeu muitas homenagens (SD410).

Já o criminoso Lindemberg tem sua imagem, no JN, associada ao desequilíbrio (SD94; SD96; SD98). É tratado como alguém que errou (SD136), como uma pessoa perigosa (SD143; SD214; SD247) e como violento (SD301). No JB, Lindember também é apresentado como perigoso (SD362; SD446), como tendo cometido vários crimes (SD444) e como ciumento e desequilibrado (SD569).

5.1.4 O risco de morte: a sociedade em perigo

A transmissão da morte no telejornalismo está ligada a um trabalho de comoção social. Muitas vezes, mais forte que a discussão televisiva sobre a finitude humana é o debate sobre o risco iminente de ela ocorrer. A televisão, através da visibilidade que dá para as pautas relacionadas ao fim da vida, mostra-se como um instrumento de vigilância.

O clima de insegurança em que as sociedades vivem, o assombro, o medo e os conflitos: tudo isso é condição para demonstrar que o público está constantemente exposto ao perigo da finitude. Há a exploração excessiva da sensibilização das pessoas. É causada a sensação⁵⁷ de insegurança diante do risco de morte.

Os discursos dos dois telejornais reiteram que qualquer um pode morrer a todo o momento. Esta lógica está implícita: da mesma forma em que “os personagens” das reportagens, que são caracterizados como pessoas cheias de qualidades, atravessaram determinadas situações, o público também pode passar por momentos semelhantes.

Jornal Nacional

O discurso do Jornal Nacional demonstra que a falta de segurança está presente no contexto social. É trabalhado com a lógica de que a sociedade corre riscos e de que qualquer pessoa pode ter a vida interrompida por seqüestros – seguidos de morte, mortes acidentais, passionais, enfim por mortes de ordens distintas.

⁵⁷ O sensacionalismo é caracterizado pelo pensador Ciro Marcondes Filho como um nutriente psíquico e como um desviante ideológico. “No fundo a imprensa sensacional trabalha com as emoções, da mesma forma que os regimes totalitários trabalham com o fanatismo, também de natureza puramente emocional” (MARCONDES FILHO, 1986, p. 90). Angrimani Sobrinho (1995) analisa que o sensacionalismo movimentava as emoções do público espectador, investindo na exploração de suas fantasias. Ele complementa dizendo que notícias com apelo sensacionalista transformam os acontecimentos em diversão. O autor acrescenta: “O jornal sensacionalista difere dos outros informativos por uma série de motivos específicos, entre os quais a valorização editorial da violência. O assassinato, o suicídio, o estupro, a vingança, a briga, as situações conflitantes, as diversas formas de agressão sexual, tortura e intimidação ganham destaque e merecem ser noticiadas no jornal sensação” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 56-57).

Desta forma, o JN, no período analisado, mostrou-se vigilante para os perigos que a sociedade corre em relação ao fim da vida e discutiu de forma “considerável” o tema em sua pauta. Pelo discurso do telejornal, fica implícito que qualquer espectador pode ser vítima de um criminoso desequilibrado (SD94; SD98), de um jovem que mata por estar apaixonado e ser rejeitado (SD107; SD274); de um empregado mal intencionado (SD196) ou de fenômenos da natureza (SD318).

SD42- Roberta Soares (Amiga de Eloá) - A gente estava na expectativa de ele soltar ela e não acontecer nada com ela e nem com a Nayara, mas infelizmente....

SD49- Jéssica Martins (Estudante) - Ela morreu ainda muito cedo, tinha muitos planos para a vida dela e era para ela estar aí, com nós, indo para a escola entrando normal.

SD71- Apresentador William Bonner- Segundo a polícia, Daniel invadiu a casa de Camila Silva Araújo ontem à noite. O rapaz atirou na cabeça da jovem na frente do filho deles, de um ano. A família de Camila diz que ela e Daniel tiveram um relacionamento durante três anos e que há quatro meses ela rompeu o namoro.

SD94- Lindemberg (para a polícia - em gravações)- Sabe o por quê, mano? Muita gente aí fora vai pagar por isso. Muita gente vai sofrer e vai chorar.

SD98- Lindemberg (para a polícia - em gravações) - Não tenho expectativa de vida mais não, mano. Dá um tempo para mim que estou precisando ficar sozinho. Não quero ver ninguém.

SD107- Repórter César Galvão- Há um mês, a avó, Francisca Batista Fernandes, esteve em São Paulo. O neto disse que estava apaixonado.

SD 150- Repórter José Roberto Burnier- A maioria, gente que só conheceu Eloá pela TV, quando ela já vivia o maior drama de sua vida.

SD196- Apresentadora Fátima Bernardes - O corpo do empresário Arthur Sendas foi enterrado nesta terça no Rio. A polícia vai indiciar o motorista que cometeu o crime por homicídio com intenção de matar.

SD274- Apresentadora Fátima Bernardes: Exclusivo: o Jornal Nacional teve acesso ao depoimento de dois moradores do prédio onde morava Eloá, a jovem de 15 anos assassinada pelo ex-namorado, em Santo André, no ABC paulista.

SD318- Apresentadora Renata Vasconcellos – 64 pessoas morreram em inundações pelas chuvas que atingiram o lêmén e dezenas estão desaparecidas. 1700 casas foram destruídas, 20000 pessoas estão desabrigadas. A região leste do país foi declarada zona de desastre pelas autoridades. O lêmén fica a extremo sul da Península Arábica.

Jornal da Band

O Jornal da Band, da mesma forma que o Jornal Nacional, tem um discurso voltado para reforçar ao público a questão da falta de segurança no cotidiano.

É perceptível que o telejornal enfatiza ao espectador o tema do risco constante de morte e das problemáticas sociais. Em comparação com o Jornal Nacional, o Jornal da Band tem um discurso mais contundente quanto à abordagem do risco de morte, o que é possível verificar nas SDs 324, 430 e 431, que dão uma saliência à presença da violência na sociedade brasileira, e nas SDs 382, 386, 391, 396 e 397, que mostram uma análise do comportamento de um criminoso passional, apontando que esse tipo de crime pode se configurar em diversas situações nas relações amorosas frustradas.

SD323- Apresentador Boris Casoy – Boa noite! Milhares de pessoas já foram ao cemitério de Santo André, na grande São Paulo, para se despedir de Eloá Cristina. A adolescente foi morta pelo ex-namorado na sexta-feira, depois que a polícia invadiu o apartamento onde ela era mantida como refém com uma amiga.

SD324- Repórter Kiko Ribeiro - Flores para Eloá, pedidos de justiça, um apelo para o fim da violência contra a mulher.

SD382- Luiza Nagib Eluf (Procuradora de SP) - O homem mata a mulher para se vingar de uma rejeição e ele mata porque ele acha que aquela mulher é um objeto dele.

SD386- Jacob Goldemberg (Psicólogo) - O tempo todo ele fica entre a impotência e a onipotência. Eu quero que a outra menina volte. Agora eu quero que ascenda a luz.

SD391- Luiza Nagib Eluf (Procuradora de SP) - É passional, é cruel e ele tem um ódio imenso dentro de si, ele é destruidor.

SD396- Luiza Nagib Eluf (Procuradora de SP) - Não há uma especialidade para casos de crime passional.

SD397- Jacob Goldemberg (Psicólogo) - É obvio, é evidente, que o comportamento execrável é o comportamento do criminoso.

SD422- Apresentador Boris Casoy – Empresário Arthur Sendas é enterrado no Rio. Assassino diz que disparou por acidente, mas será indiciado por homicídio intencional.

SD430- Repórter Márcio Campos - Representando o governador José Serra, o secretário estadual de justiça, Luiz Antonio Marrey, disse que haverá uma investigação profunda sobre o desfecho do seqüestro. Após o enterro, Marrey classificou a sociedade brasileira como violenta.

SD431- Luiz Antônio Marrey (Secretário de Justiça de São Paulo)- Infelizmente, numa sociedade difícil e ainda violenta como a sociedade brasileira, é difícil que outros episódios não ocorram. Portanto, nós temos que estar preparados para fazer intervenções e tentar salvar as vidas.

SD474- Apresentador Boris Casoy - Um vereador ameaçado pelo tráfico foi executado no Rio com três tiros na cabeça. Durante a campanha ele foi proibido pelos criminosos de subir os morros.

SD481- Repórter Lorena Ribeiro - Durante a campanha, Salles foi ameaçado por traficantes de uma favela do subúrbio, que pediam armas e dinheiro para permitir que ele circulasse na área. Apesar de ter comentado que estaria sofrendo ameaças, a polícia federal nega que ele tenha pedido escolta.

SD482- Apresentadora Ticiania Villas Boas – um aluno morreu depois de ser baleado na porta de uma escola estadual em Goiânia. Kelson, de 17 anos, tentava acabar com uma briga entre colegas e levou um tiro no peito. O disparo foi feito pelo segurança do colégio, Daniel Moraes Jesus, que está foragido.

SD517- Apresentadora Ticiania Villas Boas – A polícia persegue um carro roubado em São Paulo e encontra um corpo no banco traseiro.

SD518- Apresentadora Ticiania Villas Boas – A vítima é uma adolescente de quinze anos. O corpo foi encontrado pela polícia depois da perseguição ao carro que tinha sido roubado na zona norte da cidade. O motorista foi preso e está prestando depoimento na delegacia.

SD585- Apresentador Fernando Vieira de Melo – Em Brasília, circuito interno de um posto de gasolina grava execução de um jovem.

SD607- Repórter Fernanda Soares - No posto, os frentistas dizem que confusões entre jovens acontecem diariamente. O motivo: bebida em excesso.

Considerações sobre o “o risco de morte: a sociedade em perigo”

Nessa lógica, é possível retomar uma discussão que apresentamos anteriormente sobre visibilidade. Na medida em que os telejornais tornam os fatos que envolvem a morte visíveis e destacados aos olhos do público, proporcionam a ocorrência da comoção social e de uma constante vigilância para o assunto.

A partir da análise das sequências discursivas do Jornal Nacional e do Jornal da Band, é plausível inferir que os dois telejornais trabalham com a lógica de que a morte pode ocorrer em qualquer lugar (como num posto de gasolina (SD585; SD607), na escola (SD482) ou em casa (SD71)) e que a sociedade é violenta

(SD324; SD340; SD431). Ela atinge pessoas de todas as idades e de todas as classes sociais: um empresário, de 73 anos, foi morto dentro de seu apartamento (SD196; SD422) e um vereador foi executado por traficantes (SD474; SD481); já uma jovem foi morta, dentro de casa, pelo seu ex-namorado, com um tiro na cabeça, em frente ao filho do casal (SD71).

Assim, é possível concluir, a partir do discurso dos dois telejornais, que eles podem deixar os espectadores “apreensivos” para o risco cotidiano de morte e que a sociedade tende a ficar vigilante para a violência social.

5.1.5 O telejornal como um palco para o choro da morte e para demonstração de sofrimentos

Com uma observação dos discursos dos dois telejornais em análise, fica evidente que o jornalismo televisivo tem se mostrado como um espaço para o choro da morte atualmente.

Como já discutimos neste trabalho, em um longo período da história, da Idade Média até o final do século XIX, a morte era contemplada e chorada em âmbito familiar e envolvendo o meio social em que o falecido estava inserido. O quarto de um moribundo, na Idade Média, era repleto de gente. Ariès (2003) ressalta que o hábito do luto era tão acentuado no período da Alta Idade Média, que alguns guerreiros choravam de forma desesperada diante dos corpos de seus amigos. A partir do século XIII, os funerais contavam com a presença de carpideiras, que davam ênfase ao ar dramático da despedida.

No período que equivalia ao final da Idade Média até o século XVIII, o luto era praticado para dar oportunidade à família de manifestar os sentimentos diante da perda de uma pessoa querida. Em período de luto, as pessoas próximas aos parentes do falecido iam visitá-los, e estes podiam chorar e liberar suas tristezas.

Com o decorrer da história, as manifestações de sofrimento foram sendo amenizadas. Ariès (2003) salienta que o luto praticado no século XIX hoje é visto como demasiado. Naquela época, choros, desmaios, desfalecimentos e jejuns faziam parte dos rituais diante da morte. Entre 1930 e 1950, ocorrem mudanças nos

costumes e práticas diante da morte e do morrer. Deixa de ser comum as pessoas demonstrarem publicamente que estão sofrendo pela morte de alguém próximo.

Como o choro perante a morte foi perdendo evidência no cotidiano das sociedades ocidentais no decorrer da história, é pertinente, na atualidade, identificar na televisão um lugar público para demonstração de sentimentos de dor diante da perda. Como exemplo, pode-se tomar todas as manifestações de tristeza levadas ao ar no caso Eloá Pimentel. Foi explorado, de forma minuciosa, desde a emoção da mãe da adolescente até o choro da sociedade em geral pela morte de uma jovem que, embora desconhecida, ganhou muito espaço na mídia durante o período em que ficou seqüestrada e, desta forma, gerou comoção em um grande público. No pensamento de Fecine (2006), a TV consegue fazer a articulação entre a lógica individual e a coletiva: a televisão acaba sendo um ponto de encontro para o choro da morte.

Jornal Nacional

Observando-se a SD141 (que relata que milhares de pessoas acompanharam o enterro de Eloá Pimentel), a SD151 (que se refere ao sofrimento da mãe de Eloá e ao perdão dela ao criminoso Lindemberg) e a SD204 (que evidencia o sofrimento do filho do empresário Arthur Sendas com a morte do pai), é perceptível que o Jornal Nacional tem um espaço evidente para o choro da morte. Também merecem destaque as SDs 11, 12 e 14, que demonstram o sofrimento dos amigos de Eloá.

Com um olhar sobre a SDs 11, 12, 14, 141, 151 e 204, é interessante destacar o deslocamento da reunião de pessoas em torno da morte da cena privada - do quarto do doente terminal (como ocorria na Idade Média), para a cena pública - para o espaço do telejornal.

A SD16, a SD17, a SD165 e a SD166 podem ser tomadas como exemplos específicos da espetacularização dos sentimentos e da dor no Jornal Nacional. A mãe de uma morta (de Eloá Pimentel) é descrita como estando: “[...] ainda assusta, perplexa, sem caber direito no estranho e irreversível papel de perder um filho” (SD16) e tem seus anseios traduzidos: “[...] cada vez que olha para a filha, não pode esquecer, sem Eloá, está muito mais sozinha no mundo” (SD17). Mas, apesar de

estar ocupando o “papel⁵⁸” de presenciar a filha morta, esta mãe, ainda no enterro, narrou como seria o encontro com os que receberam os órgãos da falecida (SD165). E desejou felicidade aos transplantados: “Eu quero que ela seja muito feliz e se um dia ela quiser me conhecer, eu estou aqui de braços abertos para recebê-la [...]”.

As Sequencias Discursivas a seguir também demonstram a coerência do telejornalismo como um local para se chorar a finitude humana:

SD10-Repórter Neide Duarte- Depois tentaram enxergar, através do vidro, o inexplicável da morte. **Os amigos de Eloá ficaram juntos, abraçados, como se assim a tragédia pudesse ser menor.**

SD11- Amiga de Eloá (não identificado) - Nós somos amigos de vida, amigos que nunca sairão de nossas vidas.

SD12- Amigo de Eloá (não identificado) - Amigos de infância, amigos de coração.

SD14- Amigo de Eloá (não identificado)- Uma pessoa super legal, não tinha tempo ruim e não merecia.

SD16- Repórter Neide Duarte - A mãe de Eloá chegou depois dos amigos. Ainda assustada, perplexa, sem caber direito no estranho e irreversível papel de perder um filho.

SD17- Repórter Neide Duarte - As pessoas passam uma a uma, deixando para Cristina, a mãe, abraço, choro, solidariedade. Mas cada vez que olha para a filha, não pode esquecer, sem Eloá, está muito mais sozinha no mundo.

SD42- Roberta Soares (Amiga de Eloá) - A gente estava na expectativa de ele soltar ela e não acontecer nada com ela e nem com a Nayara, mas infelizmente....

SD43- Repórter Ernesto Paglia - Olhos vermelhos. Abraços apertados. Dor que comoveu a direção.

SD44- Funcionária de escola (não identificada) - Quem não quiser entrar a diretora falou que vai respeitar esse momento.

SD45- Milma Carneiro (Diretora de escola) - A situação com os alunos continua delicada e com os professores também, porque é uma comoção muito grande. Então, essa retomada vai ser muito dolorosa.

SD47- Repórter Ernesto Paglia - Hoje, não podia ser dia de aula, era dia de luto. E vários colegas de Eloá deixaram por um instante a

⁵⁸ Cabe retomar que, para Debord (1997) na sociedade do espetáculo, a teatralidade e a representação ocuparam totalmente a vida social. Desta forma, as relações entre as pessoas são de aparências e as pessoas assumem papéis em dado momento na sociedade.

escola onde a conheceram para juntar saudades e tristezas no velório da jovem assassinada.

SD63- Homero Duarte (Secretário de Saúde) - Quem deu a notícias foram os médicos psiquiatras e eles foram contando pra ela a história, até que sentiram que ela estava preparada para receber a notícia e deram a notícia.

SD65- Homero Duarte (Secretário de Saúde) - Na hora que ela recebeu, ela ficou muito triste, chorou, disse que isso não poderia ter acontecido. Mas ao mesmo tempo depois ela falou também que “eu já esperava por isso, infelizmente isso aconteceu”.

SD82- Repórter Eduardo Tchao- No velório, o caixão foi coberto com a bandeira do Vasco. A família estava muito emocionada.

SD84- Olavo Monteiro (Presidente da Associação Comercial do RJ)- Todos nós temos que lamentar profundamente que o nosso estado, nosso país, nossa cidade ficou mais pobre sem uma criatura tão importante como Arthur Sendas.

SD141- Apresentador William Bonner– Em Santo André comoção. Milhares de pessoas acompanham o enterro de Eloá.

SD151- Repórter José Roberto Burnier - Com a foto de Eloá no peito, a mãe, Ana Cristina, sofre, mas perdoa.

SD152- Ana Cristina Pimentel (Mãe de Eloá) - Eu consigo perdoar o Lindemberg de todo o meu coração, mas que a justiça seja feita.



Figura 12: Imagem do velório de Eloá

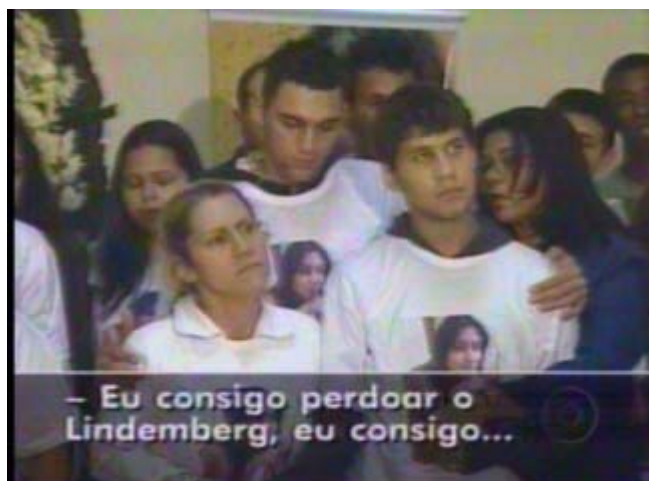


Figura 13: Imagem do velório de Eloá



Figura 14: Imagem do velório de Eloá



Figura 15: Imagem do velório de Eloá

As imagens do velório de Eloá Pimentel (FIGURA 12, FIGURA 13, FIGURA 14 e FIGURA 15) remetem a sentimentos de sofrimento e de tristezas diante da morte de uma adolescente, que foi assassinada de forma brutal (a mãe de Eloá e as

outras pessoas presentes nas FIGURAS 12, 13, 14 e 15 aparentam angústia e desgosto). Estes textos imagéticos confirmam os sentidos do texto verbal da SD151, que evidencia que a mãe de Eloá tem foto da filha no peito, que sofre muito e que, mesmo nesta situação, manifesta perdão ao criminoso.

A reprodução das falas da mãe de Eloá em caracteres no vídeo (FIGURA 13, FIGURA 14 e FIGURA 15) reforça que, apesar do contexto em que está vivendo, ela está afirmando perdão a Lindemberg, o que confirma a SD152.

SD154- Ana Cristina Pimenete (Mãe de Eloá) - A polícia não teve culpa de nada, porque eles lutaram como eu lutei. **Eles choraram comigo, como eu chorei. E eu quero agradecer a todos.**

SD155- Repórter José Roberto Burnier- Às 9h, começou a cerimônia da última despedida de Eloá: **o cortejo acompanhado pela multidão. Foram várias as palmas, foram vários os elogios para Eloá de amigos.**

SD158- Repórter José Roberto Burnier- A dor e a saudade dos colegas. Ao redor do túmulo, uma família em choque. O caixão desce sob aplausos. A mãe se despede da filha com flores e são as flores que cobrem o túmulo. Desenhos, mensagens e um adeus: “Eloá, descanse em paz”.



Figura 16: Imagem de abraço entre a mãe e o irmão de Eloá Pimentel

O texto imagético (FIGURA 16) destaca o abraço carinhoso entre a mãe e o irmão da adolescente Eloá, morta em Santo André, e remete ao sofrimento e à dor que eles estão tendo no momento do enterro de uma pessoa querida. A visualização da cena remete a sentidos de que aquela família está passando por um momento de “luto” e, desta forma, ressalta a parte do texto verbal da SD158, que diz: “Ao redor do túmulo, uma família em choque”.



Figura 17: Imagem de jovens emocionados no enterro de Eloá

A imagem (FIGURA 17) confirma o texto verbal dito por José Roberto Bournier (SD158) na passagem: “na dor e na saudade do colegas”. O texto imagético mostra jovens chorando e demonstrando sofrimento, evidenciando a dor diante da finitude humana.

O texto verbal dá a idéia de que Eloá (descrita pelo telejornal como uma pessoa virtuosa) deixou um espaço vago no seu grupo e que vai deixar saudades. As imagens, que tem como centralidade moças chorando com a foto de Eloá na camiseta, reiteram a perspectiva de que a morte da adolescente gerou comoção e tristeza.

A visualização do choro dos presentes no enterro de Eloá, através do texto imagético, legitima a perspectiva de que a televisão pode ser considerada um espaço para o choro da morte e para demonstração de sofrimentos.

SD165 – Repórter Fabio Turci- Ontem, no velório, a mãe de Eloá contou como reagiria se encontrasse Maria Augusta e os outros pacientes que receberam órgãos da filha.

SD166- Ana Cristina Pimentel (mãe de Eloá) - Eu quero que ela seja muito feliz e se um dia ela quiser me conhecer, eu estou aqui de braços abertos para recebê-la, assim como os outros que receberam (órgãos de Eloá).

SD203- Repórter Eduardo Tchao- No enterro de Arthur Sendas, o filho caçula estava inconsolável.



Figura 18: Imagem do enterro de Arthur Sendas

O texto do repórter Eduardo Tchao, na SD203, tem complementação pela imagem do enterro do empresário Arthur Sendas (FIGURA 18): o texto verbal dá ênfase para a tristeza do filho do empresário Arthur Sendas em virtude da perda do pai; e o discurso imagético, com a demonstração de um enterro, remete aos sentidos de consternação e de sofrimento que a morte pode causar.

SD204- Nelson Sendas (Filho de Arthur Sendas) - Meu pai era uma pessoa extremamente boa, extremamente justa. Não dá para entender, é o tempo que vai ajudar a gente.

Jornal da Band

Com um rastreamento minucioso do discurso do Jornal da Band, com o intuito de ilustrar a perspectiva do “telejornal como um palco para o choro da morte e para demonstração de sofrimentos”, foram se manifestando sentidos que remetem à espetacularização. Da mesma forma que o Jornal Nacional, o JB acaba servindo como um palco para o extravasamento de emoções frente à finitude humana.

Cabe comentário sobre as SDs 326, 327, 335 e 427. Estas sequencias têm os seus conteúdos baseados nos sentimentos dos locutores⁵⁹. Elas retratam as emoções causadas pelo fim da vida e mostram a visualização do choro e da morte na televisão.

No Jornal da Band, assim como no Jornal Nacional, há demonstração exagerada dos sentimentos e da dor dos envolvidos com pessoas que morreram.

⁵⁹ Como já falamos anteriormente, o termo “locutores” está sendo usado neste trabalho para abarcar todas as pessoas que se pronunciaram durante os telejornais.

Tratando-se do caso Eloá Pimentel, chama a atenção que a SD425, referente ao discurso do JB, é coincidente com a SD152, que é alusiva ao discurso do Jornal Nacional. As duas sequências, que tem o mesmo conteúdo, destacam uma mãe, diante do caixão da filha, dizendo perdoar o assassino.

O discurso do Jornal da Band (SD429) destacou que mesmo conseguindo perdoar o criminoso, a mãe da vítima continuava sofrendo: “[...] O tempo todo, a mãe foi amparada por um dos irmãos de Eloá”. E, também, mesmo estando ao lado do caixão (SD335): “recebeu apoio dos parentes e da família de Nayara, a amiga de Eloá, sobrevivente da tragédia”.

Houve uma espetacularização sobre a comoção social gerada por uma morte que ganhou “considerável” espaço na cena televisiva (SD 427): “Quase sempre abraçados e chorando, amigos usavam camisetas com o rosto de Eloá e carregavam faixas em homenagem à amiga”.

A cobertura do Jornal da Band à morte de Arthur Sendas também foi marcada pela lógica de destaque às emoções das pessoas com ligação com o falecido (SD 464): “A cerimônia foi marcada por depoimentos emocionados. Incomum a revolta sobre a indefinição do motivo do crime”.

Nas Sequências Discursivas a seguir, pode-se evidenciar, no discurso do Jornal da Band, a demonstração do sofrimento diante da morte:

SD323- Apresentador Boris Casoy – Boa noite! Milhares de pessoas já foram ao cemitério de Santo André, na grande São Paulo, para se despedir de Eloá Cristina. A adolescente foi morta pelo ex-namorado na sexta-feira, depois que a polícia invadiu o apartamento onde ela era mantida como refém com uma amiga.

SD326- Repórter Kiko Ribeiro - Um sentimento de comoção e revolta tomou conta das pessoas que vieram ao cemitério de Santo André.

SD327- Entrevista (não há identificação da pessoa)- Vamos todos ser forte e agüentar a perda de alguém querido.

SD329- Priscila Takeda (Amiga de Eloá) - Ela era a que tinha mais cabeça, que dava conselho para cada um de nós conforme... [Suspiro]. Agente vai sentir falta de tudo, muita, muita falta.

SD333- Repórter Kiko Ribeiro - Às três horas da tarde, o corpo de Eloá chegou ao cemitério de Santo André. Momento de dor e emoção para familiares, amigos e para quem veio prestar a última homenagem à garota.

SD334- Repórter Kiko Ribeiro- Aplausos [som dos aplausos], uma oração dos colegas de sala [trecho da oração]. Foi difícil organizar a fila com tanta gente tentando entrar.

SD335- Repórter Kiko Ribeiro - Algumas pessoas passaram mal e foram socorridas. No fim da tarde, a família de Eloá teve alguns minutos de privacidade. **Ao lado do caixão dona Cristina, a mãe, recebeu apoio dos parentes e da família de Nayara, a amiga de Eloá, sobrevivente da tragédia.**

SD400- Repórter Sérgio Costa - No Instituto Medico Legal, a emoção de um amigo que esteve com empresário horas antes do crime.

SD410 - Repórter Mariana Machado - Boa noite Boris! Um grupo de amigos compareceu ao centro hospitalar de Santo André, mas não pode entrar para visitar Nayara. Em compensação, a família continua o dia todo aqui no quarto acompanhando ela, que está numa unidade semi-intensiva, mas só para precaução para ela ter um pouco mais de liberdade. **Enquanto isso, o dia foi de luto na Escola de Eloá. Na lousa, os recados de adeus provam que a perda da menina é uma ferida que vai demorar para cicatrizar. Os 600 alunos do período da manhã não foram à aula em respeito ao luto. Na internet, ela recebeu mensagens de todo o Brasil em um site de relacionamentos, e mais de mil comunidades foram criadas em homenagem à menina.**

SD423- Apresentador Boris Casoy – Boa noite! O enterro da jovem Eloá atraiu mais de 10 mil pessoas hoje cedo em Santo André, na grande São Paulo. Durante o velório, a mãe da adolescente morta pelo ex-namorado disse que perdoa o assassino.

SD424- Repórter Márcio Campos - Ainda durante o velório, a mãe de Eloá falou sobre o desfecho trágico do sequestro da filha. Afirmou que a polícia não teve culpa e disse que perdoa Lindemberg Alves.

SD425- Ana Cristina Pimentel (mãe de Eloá) - Eu consigo perdoar o Lindemberg. Eu consigo perdoar ele, de todo o meu coração. Mas, que a justiça seja feita.



Figura 19: Imagem do velório da adolescente assassinada por Lindemberg Alves



Figura 20: Imagem do velório da adolescente assassinada por Lindemberg Alves

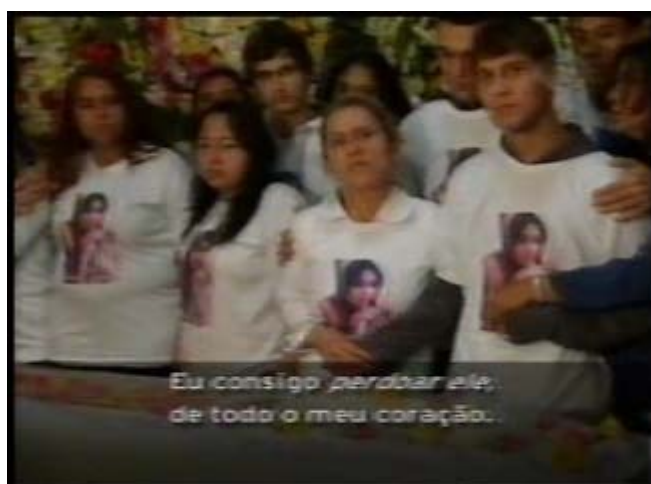


Figura 21: Imagem do velório da adolescente assassinada por Lindemberg Alves



Figura 22: Imagem do velório da adolescente

assassinada por Lindemberg Alves

Da mesma forma que ocorreu no Jornal Nacional, o Jornal da Band mostrou imagens do velório de Eloá Pimentel (FIGURA19, FIGURA20, FIGURA21 e FIGURA22) e, nesse contexto, a mãe da garota assassina afirmando perdoar o “carrasco” da filha (SD424, SD425).

O discurso imagético (FIGURA19, FIGURA20, FIGURA21 e FIGURA22) situa o espectador em um recinto funerário, dando elementos a ele para entender o sofrimento da mãe de Eloá e dos outros presentes no velório. Estas imagens dão destaque ao discurso de Márcio Campos, na SD424 (que diz que a mãe de Eloá está no velório da filha e, neste local, consegue dar o seu perdão ao assassino), e ao discurso da própria Ana Cristina, mãe de Eloá, na SD425 (dizendo perdoar Lindemberg e pedindo justiça). As imagens “dão bases” para se possa inferir que a mãe se dispõe a perdoar mesmo estando sofrendo.

SD427- Repórter Márcio Campos - Quase sempre abraçados e chorando, amigos usavam camisetas com o rosto de Eloá e carregavam faixas em homenagem à amiga.



Figura 23: Imagem de amigas de Eloá emocionadas em seu funeral

O texto imagético (FIGURA 23) confirma o texto verbal (SD427) manifestado por Márcio Campos. O repórter enfatiza as emoções dos amigos da adolescente assassinada. A imagem destaca duas moças abraçadas, vestindo camisetas brancas, demonstrando estarem tristes. Assim, a imagem (FIGURA 19) complementa o texto verbal (SD427), pois remete à mesma perspectiva de sentidos que está sendo evidenciada pelo repórter: a do sofrimento e do choro.

SD428- Denise dos Santos (amiga de Eloá) - Eu não me conformo que aconteceu isso com justo com ela, porque ela era uma pessoa maravilhosa. Ela era uma aluna dedicada, estudiosa, sabe...

SD429- Repórter Márcio Campos - um cordão humano formado por policiais, isolava a família da multidão. O tempo todo, a mãe foi amparada por um dos irmãos de Eloá.

SD434- Matilde Nazaré da Silva (Mãe de Maria Augusta) - Me sinto muito feliz, muito feliz. Me sinto abalada também por causa da moça, né. Pelo que tá acontecendo, pelo que já aconteceu com ela.

SD462- Repórter Sérgio Costa - O presidente do Vasco, Roberto Dinamite, trouxe a última recordação.

SD461- Repórter Sérgio Costa - Na cerimônia, a emoção da irmã.



Figura 24: Imagem de momento de emoção da irmã de Arthur Sendas

O discurso verbal (SD461), narrado pelo repórter Sérgio Costa, refere-se ao choro da irmã do empresário Arthur Sendas no seu funeral. O discurso imagético (FIGURA 24) acentua o verbal: é mostrada uma senhora, vestindo roupas pretas e usando óculos escuros, chorando sobre um caixão. Esse “casamento” entre o texto verbal (SD461) e o imagético (FIGURA 24) confirma a lógica que estamos trabalhando, neste eixo, de que o telejornalismo tem se mostrado como um local para o choro da morte.

SD464- Repórter Sérgio Costa - A cerimônia foi marcada por depoimentos emocionados. Incomum a revolta sobre a indefinição do motivo do crime. Arthur Sendas foi apontado pelos amigos como patrão solidário.

SD552- Repórter Marcio Campos – Mas, ele acabou parado pela polícia e foi preso. A mãe da menina passou mal ao reconhecer o corpo. Monique Almeida estuda à tarde e, pela manhã, trabalhava nesta perfumaria.

Na edição do Jornal da Band do dia 25 de outubro de 2008, ocorreu um momento interessante em relação ao destaque da dor e da demonstração das emoções. O telejornal apresenta uma entrevista com Ana Cristina, mãe de Eloá Pimentel, que afirma abalo e tristeza.

SD590- Ana Cristina Pimentel (mãe de Eloá) – Estou muito triste, eu fiquei muito abalada, é difícil. Mas, eu tenho meu marido, né. Sei lá. Agora eu estou só. Tô tomando medicamento, porque eu não como, eu não durmo.

SD589- Repórter Kiko Ribeiro – Encontramos uma mãe arrasada por duas semanas de acontecimentos que destruíram a família dela.

SD592- Ana Cristina Pimentel (mãe de Eloá) – Era um amor obcecado, mas que ele fosse chegar a esse ponto, não. Porque todo tempo ele falava que jamais ele fazia nada com ela.

SD595- Repórter Kiko Ribeiro – Para ela, a polícia deveria ter atirado em Lindemberg durante o seqüestro.

SD596- Ana Cristina Pimentel (mãe de Eloá) – Depois que eu que ele não cedia, não fazia nada, passou em um momento na minha cabeça que a polícia devia ter matado ele.

Considerações sobre “o telejornal como um palco para o choro da morte e para demonstração de sofrimentos”

O telejornalismo acaba servindo como um espaço de visibilidade para as angústias diante da finitude humana. Atos, como chorar demasiadamente a perda de um parente e extravasar as emoções em tal situação, que acabam ocorrendo com certa discrição no cotidiano da cultura ocidental urbana atual, têm evidência, em alguns casos, no telejornalismo.

Ocorre um movimento interessante no telejornalismo em relação à ênfase do choro e das emoções. A TV dá espaço para os “eventos de grande porte que envolvem mortes”, “chama” o público a comparecer até eles e a contemplá-los. E, a partir daí, destaca o extravasamento da dor e a demonstração de angústias dos que estão presentes. Como já afirmamos, grande parte da multidão que foi até o enterro da jovem Eloá ficou sabendo de seu seqüestro e de sua morte pelos meios de comunicação.

Assim, podemos retomar discussões apresentadas em eixos anteriores, e dizer que, nesta lógica, a TV pode servir como um ponto de encontro (FECHINE, 2006) para o choro da morte, ou como um laço (WOLTON, 1996) entre as pessoas para a contemplação do tema.

5.1.6 A amenização da dor

Os discursos do JN e o do JB levam ao ar o sofrimento que a morte gera. São destacadas as dificuldades encontradas pelos enlutados em conviver com os momentos que seguem a perda. “Alternativas” de amenização da dor também são evidenciadas pelos dois telejornais. O jornalismo televisivo dá uma contrapartida ao público, mostrando possibilidades de diminuição da agonia causada pela finitude.

Normalmente, no cotidiano, entre as formas de minimização para os sentimentos diante da morte, a religião (independente da crença) aparece como uma forte aliada. Mas, parece surpreendente aos olhos de um analista do discurso que este “recurso” tenha sido pouco usado pelo JN e pelo JB, os quais normalmente fazem coberturas aos casos com enfoques voltados para a espetacularização.

Os dois telejornais salientam a idéia de que o “retorno positivo” proporcionado pela morte pode ser obtido pela doação de órgãos. Referindo-se ao caso Eloá Pimentel, os “receptores” tiveram destaque e as mudanças na vida deles, após os transplantes, foram corroboradas.

Jornal Nacional

O Jornal Nacional deu evidências à doação de órgãos como uma lógica de generosidade por parte da família da adolescente Eloá Pimentel. O telejornal enfatiza que tal ato trouxe como contrapartida uma amenização do sentimento de perder um parente.

SD21- Apresentador William Bonner – A família de Eloá decidiu ajudar outras pessoas. Depois que foi diagnosticada a morte cerebral da adolescente, **os órgãos foram doados. Os transplantes começaram já de madrugada.**

SD22- Repórter Fabio Turci- O coração de Eloá bate agora no peito de Maria Augusta Silva dos Anjos. Uma paraense que nasceu com um problema cardíaco grave e, há um ano, se mudou para São Paulo para esperar por um transplante.

SD23- Geane Rodrigues (prima de transplantada) - Ela sempre falava, desde o ano passado: **“Deus vai me dar um coração no dia do meu aniversário”**.

As SDs 165 e 166 marcam a amenização da dor da mãe de Eloá, frente ao caixão da filha, ao falar dos pacientes que receberam os seus órgãos. A mãe, mesmo enlutada, deseja felicidades aos transplantados e se diz de braços abertos para conhecê-los – como se eles lembrassem a falecida.

SD165 – Repórter Fabio Turci- Ontem, no velório, a mãe de Eloá contou como reagiria se encontrasse Maria Augusta e os outros pacientes que receberam órgãos da filha.

SD166- Ana Cristina Pimentel (Mãe de Eloá)- Eu quero que ela seja muito feliz e se um dia ela quiser me conhecer, eu estou aqui de braços abertos para recebê-la, assim como os outros que receberam (órgãos de Eloá).

As SDs 24 e 25 mostram que o aniversário de 39 anos de uma mulher foi marcado pela recepção de um novo coração e que isso abriu as portas para a concretização de sonhos, como o do casamento.

SD24- Repórter Fabio Turci- O aniversário de 39 anos começou na sala de cirurgia do hospital Beneficência Portuguesa em São Paulo. De presente, Maria Augusta ganhou a chance de recomeçar a viver, estudar, trabalhar, se casar.

SD25- Estenio Lima (noivo de transplantada) - “Com certeza a gente vai se casar, já começou a ter um final feliz”.

As Sequencias Discursivas a seguir evidenciam a perspectiva de melhora de vida proporcionada pelos órgãos de Eloá aos transplantados:

SD26- Repórter Fabio Turci - Perto da 1h, no mesmo hospital, **começou uma segunda operação. Um transplante duplo. Um homem de 25 anos veio receber o pâncreas e um dos rins de Eloá.**

SD28- Repórter Fabio Turci - Ambulâncias levaram os órgãos a vários hospitais de São Paulo, onde os pacientes já estavam sendo preparados. **A vida contra o relógio.**

SD30- Repórter Fabio Turci - Por isso a equipe do Incor teve pressa. No fim da madrugada os pulmões de Eloá foram transplantados em uma jovem de 18 anos. Fazia dois anos que ela esperava pela cirurgia.

SD31- Repórter Fabio Turci - Na Santa Casa de São Paulo, o fígado foi para uma menina de 12 anos, que tinha um tipo grave de hepatite.

SD32- Repórter Fabio Turci - O gesto da família de Eloá pode transformar a vida de outras sete famílias.

SD33- Geane Rodrigues (prima de transplantada) - Eu agradeço a generosidade, a solidariedade da família de ajudar não só a mim, mas outras pessoas que precisam de órgãos.

SD35- Repórter Monalisa Perrone - O rapaz de 25 anos que recebeu um dos rins e o pâncreas de Eloá saiu da mesa de cirurgia no começo da noite desta segunda-feira. Foram quase oito horas para transplantar os dois órgãos.

SD36- Repórter Monalisa Perrone - E a operação que colocou o fígado de Eloá na menina de 12 anos estava terminando, também no início da noite.

SD37- Repórter Monalisa Perrone - Maria Augusta da Silva, que recebeu o coração, passou por um eletrocardiograma agora há pouco e, segundo os médicos, o funcionamento do coração é muito bom, o que superou todas as expectativas.

O discurso do JN praticamente ignora a questão da religiosidade como forma de amenização da dor frente à finitude humana. Somente na SD20 é mencionado que a família de Eloá Pimentel teve um momento para fazer orações à falecida e a SD83 faz referências às orações que os presentes no funeral da adolescente assassinada destinaram a ela. E, em outro momento, imagens do velório têm como som ambiente uma canção religiosa.

SD20- Repórter Renato Biazzi- Logo mais, a movimentação será interrompida e parentes pretendem fazer uma oração a sós, diante do corpo. O velório será reaberto ao público, em seguida. O enterro está marcado para às 9 da manhã desta terça-feira. Bonner.

SD83- Repórter Eduardo Tchao - Centenas de pessoas prestaram homenagens e fizeram orações. O prefeito do Rio e o governador estiveram na capela

Jornal da Band

Assim como o Jornal Nacional, o Jornal da Band enfocou a doação de órgãos como um ato de bondade da família de Eloá Pimentel, que vai contribuir com

a mudança de vida de outras pessoas e que poderá colaborar para que a dor da perda de um parente seja abrandada. A mudança de vida para a moça de 39 anos, receptora do coração de Eloá, foi o centro do olhar do JB para a doação dos órgãos da garota (SD339, SD340, SD433).

SD339- Apresentadora Ticiano Villas Boas- No dia de seu aniversário, uma mulher de 39 anos, que estava na fila do transplante, recebeu hoje o coração de Eloá. Mais seis pessoas vão ser beneficiadas com os órgãos doados pela família da adolescente.

SD340- Repórter Eleonora Paschoal- Beneficência Portuguesa, região central de São Paulo. [batidas de coração] Aqui o coração da menina Eloá agora bate no peito de uma mulher de 39 anos. Maria Augusta deixou Belém do Pará, em janeiro de 2007, na esperança de conseguir um transplante na capital paulista. O namorado conta que ela tomava muitos remédios e tinha dificuldades para quase todas atividades do dia-a-dia.

SD344- Repórter Eleonora Paschoal - A retirada dos órgãos de Eloá começou ontem à noite, logo após a autorização da família. As ambulâncias com a esperança de uma vida melhor para pelo menos outras seis pessoas saíram de Santo André pela madrugada. No mesmo hospital que foi feito o transplante de coração, um homem de 25 anos está recebendo pâncreas e rim.

SD345- Repórter Eleonora Paschoal - Os pulmões vieram para o Hospital das Clínicas e ali, no Incor, foram colocados no peito de uma garota de 18 anos, que há dois espera por um transplante. Ela é vítima de fibrose cística, uma doença que reduz e muito a capacidade respiratória.

SD346- Repórter Eleonora Paschoal - Na Santa Casa de Misericórdia, de São Paulo, nesta geladeira, vão ficar armazenadas até os médicos decidirem quem vai receber as duas córneas de Eloá. É aqui também na Santa Casa que desde as 8h25min da manhã os médicos estão transplantando o fígado em uma garota de 12 anos. A mesma idade que Eloá tinha quando conheceu Lidemberg. **Com o novo fígado, a menina, que não teve o nome divulgado, vai ter a oportunidade de planejar o futuro. Futuro que Maria Augusta, que ganhou o coração, já planejou.**

SD432- Apresentadora Ticiano Villas Boas - As córneas doadas por Eloá podem ser transplantadas ainda hoje em São Paulo. As cinco pessoas que receberam os outros órgãos da garota assassinada em Santo André passam bem.

SD433- Repórter Eleonora Paschoal - Em [inaudível], na região metropolitana de Belém, a família de Maria Augusta dos anjos ainda está emocionada. Maria Augusta nasceu com problemas cardíacos e há dois anos esperava, em São Paulo, um novo órgão. Ontem ela recebeu o coração da garota Eloá.

SD436- Repórter Eleonora Paschoal - O garoto de 15 anos que recebeu um rim de Eloá está em observação no hospital do rim, também na capital paulista.

SD438- Repórter Eleonora Paschoal - Os pulmões foram transplantados em uma garota de 18 anos que ainda está na UTI do INCOR. Só daqui a dois dias a paciente deve respirar sem ajuda de equipamento. Ela estava na fila há dois anos.

O JB ressalta a importância da doação de órgãos e a contribuição deste ato para a sociedade em geral. Na doação, há a contrapartida, para a família enlutada, da possibilidade do encontro com a família do receptor.

SD439- Repórter Eleonora Paschoal - No primeiro semestre deste ano, pouco mais de oito mil e trezentos transplantes foram realizados no país e 70 mil pessoas ainda aguardam na fila. E a alegria de quem recebe um órgão é tão grande, que o pai de Maria Augusta, seu Benedito, planeja viajar a São Paulo para encontrar a família de Eloá.

Da mesma forma que ocorre no Jornal Nacional, o Jornal da Band não dá destaque à religiosidade como uma possibilidade de amenização da dor dos enlutados. Somente na SD 334 é feita referência à oração que os colegas de aula de Eloá Pimentel fizeram a ela; na SD 338 é demonstrado que a família da adolescente assassinada pelo ex-namorado teve um momento de reza durante o velório. E na SD548, que se refere ao caso da adolescente de 15 anos morta pelo rapaz de 19 com um tiro, é ressaltado que a família, cuja religião é evangélica, fez uma oração de despedida unida.

SD334- Repórter Kiko Ribeiro - Aplausos [som dos aplausos], uma oração dos colegas de sala [trecho da oração]. Foi difícil organizar a fila com tanta gente tentando entrar.

SD338- Repórter Márcio Campos- Olha Boris, a expectativa é que toda a madrugada o velório fique aberto para que as pessoas passem por dentro deste prédio e não parem em frente onde está o corpo de Eloá. Até agora, quatro mil pessoas entraram no cemitério, de acordo com a administração. A expectativa é que sete mil pessoas venham até o local até amanhã pela manhã, quando acontece o enterro, a partir das 9h da manhã. Daqui a pouco, a pedido da família, a imprensa vai precisar sair daqui, para mais uma vez essa área ficar restrita, de uso exclusivo dos parentes e amigos de Eloá, **que querem fazer uma oração ainda à noite.**

SD548- Repórter Marcio Campos – O corpo de Monique foi enterrado pela tarde. A família, que é evangélica, fez a última oração unida.

Considerações sobre “a amenização da dor”

A perspectiva da doação de órgãos tem abordagem consistente pelos dois telejornais. Há um detalhamento da vida privada dos transplantados.

Ilustrações de detalhes da vida particular dos transplantados, como o sonho da mulher de casar – que poderá, segundo os discursos dos dois telejornais, ser realizado graças ao coração que recebeu de Eloá Pimentel -, ou a informação de que o transplante ocorreu no dia do aniversário da receptora – deixando implícita a idéia de uma vida nova como presente -, remetem à lógica da espetacularização. O JN e o JB fizeram uma espécie de teatralização sobre a doação de órgãos de Eloá, que foi ancorada no desenrolar dos fatos. Podemos resgatar as discussões de Debord (1997) sobre a espetacularização quando ele diz que o espetáculo é repetitivo e focado no seu desenrolar.

5.1.7 A responsabilidade do Estado

É objetivo dos jornalistas a fiscalização do poder público e fazer valer os privilégios da mídia de acompanhar o trabalho desse poder. Mas, no caso dos telejornais em análise, ao fazerem a cobertura do seqüestro e da morte de Eloá Pimentel, evidencia-se a espetacularização noticiosa.

A existência ou não do disparo de um tiro por parte do seqüestrador, Lindemberg Alves, antes da invasão da polícia ao cativeiro onde a vítima Eloá era mantida, foi alvo de inúmeras discussões por parte do Jornal Nacional e do Jornal da Band⁶⁰. Os dois telejornais questionaram, de forma contundente, a legitimidade da atuação da polícia no decorrer do seqüestro de Santo André e no seu desfecho.

Jornal Nacional

O JN questionou completamente o papel do Estado no caso Eloá. Levou ao ar, nas reportagens, um perito independente que mostrou possibilidades de erros da polícia no seqüestro. Ele teve o papel de verificar se ocorreu um tiro antes do momento do estouro de arrombamento da porta do apartamento onde Lindemberg mantinha Eloá como refém.

⁶⁰ Na versão da polícia, a invasão foi motivada por um disparo do seqüestrador no interior do local.

Depoimentos confrontando a versão policial em relação ao desenrolar do acontecimento foram salientados. E os dois principais agentes, que conduziram a operação, tiveram as suas versões comparadas e os momentos em que elas não foram equivalentes foram destacados. Com um olhar minucioso à lógica do incisivo questionamento ao papel da polícia no desfecho do seqüestro de Santo André, feito Jornal Nacional, ficamos com a visibilidade da construção de uma nova perspectiva de vilania, além da de Lindemberg Alves, que é a atuação policial.

Na edição do Jornal Nacional do dia 20 de outubro de 2008, é visível o intuito do telejornal de contestar o trabalho dos agentes que atuaram no caso. Primeiramente, há a exposição de um “erro” por parte dos policiais em deixar a refém, já libertada por Lindemberg Alves, retornar ao cativo

SD58-Repórter Mariana Ferrão- Ontem, em uma conversa pelo telefone com a repórter Neide Duarte, **a mãe de Nayara disse que não deu autorização para que a filha voltasse até a porta do apartamento de Eloá.**

SD59 – Andréia Rodrigues (Mãe de Nayara) - A informação que me deram, quando ela saiu da minha casa, é de que ela ia negociar pelo telefone. Fiquei surpresa quando a vi subindo as escadas, porque ela não tinha minha autorização.

SD 60- Repórter Mariana Ferrão- A polícia diz que a mãe sabia que a filha iria falar com Lindemberg. Os policiais que participaram do primeiro dia de negociação foram até o hospital saber como Nayara está.

A questão sobre ter ocorrido ou não um tiro por parte de Lindemberg Alves, no cativo, antes da invasão da polícia, é intensamente debatida:

SD67- Apresentadora Fátima Bernardes - Ainda nesta edição. **A advogada diz que Lindemberg nega ter havido disparo antes da invasão da polícia.**

SD90- Repórter Fernanda Cesaroni- Lindemberg nega ter atirado antes da invasão policial.

SD91- Repórter Fernanda Cesaroni - A advogada que vai defender Lindemberg disse **que ele contou ter disparado contra as reféns somente depois da explosão que antecedeu a entrada da polícia no apartamento.**

O perito independente, a pedido do JN, faz uma análise sobre a existência ou não do tiro antes da entrada da polícia no cativo:

SD109- Apresentador William Bonner – O comandante do GAT, o grupo de elite da PM de São Paulo falou hoje ao Jornal Nacional. **Ele afirmou que a polícia só invadiu o apartamento depois que um tiro foi disparado lá dentro. Mas, não soube precisar o momento exato desse disparo. O perito independente Ricardo Molina analisou as gravações do desfecho do seqüestro. Nos 70 segundos que antecedem a ação, ele não identificou nenhum disparo. Quatro tiros são ouvidos, mas apenas depois da explosão da porta e antes da entrada dos policiais.**

SD110- Repórter Cesar Tralli – Estas imagens vão ajudar a Polícia Civil na reconstituição do crime. **De um ângulo, o som é mais nítido, o que permitiu ao perito Ricardo Molina ampliar a análise e identificar o quarto disparo de arma, o quarto disparo depois da explosão e antes da entrada da polícia.**

SD111- Ricardo Molina (perito) - Nós vimos que existe um quarto disparo, que é um disparo com características acústicas levemente diferentes dos anteriores.

A SD117 é fundamental para colocar em “xeque” o trabalho policial.

SD117- Ricardo Molina (perito) - Repentinamente, uma explosão. Quatro segundos depois, o primeiro tiro e depois os outros. Os policiais ainda não entraram.

SD118- Repórter Cesar Tralli- O perito explica porque o quarto e último tiro partiu da Polícia Militar:

SD119- Ricardo Molina (perito) - Nós vemos, em uma outra cena, um clarão vindo da porta exatamente no momento em que esse som ocorre. Além disso, em uma outra câmera que pega o movimento em perfil, **nós vemos o movimento do policial, aparentemente, disparando uma arma.**

SD120- Repórter Cesar Tralli- Uma imagem mostra o momento em que um policial pega uma espingarda calibre 12, pouco antes da invasão.

SD121- Ricardo Molina (perito)- Além disso, nós temos também uma imagem do local nas fotos onde se vê, na parede, uma marca negra que é típica de um balote de borracha, por exemplo, que teria se impactado naquele ponto. **Então, todo esse conjunto de fatos converge para a existência de uma explosão, três tiros de pequeno calibre, um tiro de calibre mais elevado que seria da Polícia Militar, com bala de borracha.**

A competência do trabalho da polícia é colocada em dúvida. Um dos comandantes da operação policial, em Santo André, é questionado:

SD126- Repórter Cesar Tralli- A decisão de invadir o apartamento partiu de um tenente que ocupava o imóvel vizinho ao de Eloá. Ele e mais quatro policiais participaram da ação. **Em depoimento na delegacia, todos confirmaram ter ouvido um tiro no apartamento. Só depois do**

disparo, segundo o comando da Polícia Militar, o tenente deu ordem para detonar o explosivo que estava na porta.

SD127- Repórter Cesar Tralli- O senhor só não sabe precisar em que momento foi esse disparo?

SD128- Policial Adriano Giovaninni - Isso não dá.

SD129- Repórter Cesar Tralli - Foi segundos antes?

SD130- Policial Adriano Giovaninni - Infelizmente, eu não vou responder nada sobre esse ponto para não ir de encontro ao laudo pericial.

SD131- Repórter Cesar Tralli - O capitão diz que os policiais não foram surpreendidos na invasão.

SD132- Policial Adriano Giovaninni - Tínhamos a idéia de que podia ter uma barricada, uma cadeira, um sofá atrás da porta, tanto é que a carga foi calculada para cortar a porta e já arrastar um pouco os móveis também. Tanto é que ela fez isso.

SD134- Policial Adriano Giovaninni - A opção de não atirar no Lindembreg foi tomada por não haver segurança suficiente para dar o disparo, de saber onde estavam as duas vítimas. Faltou oportunidade em razão da possibilidade de risco para as vítimas. Então, nós descartamos.

Apesar da visibilidade da perspectiva de dúvida à eficiência do trabalho da polícia no caso Eloá por parte do JN, é dada voz a um policial para defender a entidade:

SD136- Policial Adriano Giovaninni- O Gate não errou, quem errou foi o Lindemberg. Ele errou de ter procurado uma arma, premeditado o seqüestro, ficar lá cinco dias e fazer o que fez no final. A única pessoa que errou foi ele.

No dia 21 de outubro, o Jornal Nacional continua o “trabalho” de questionamento ao papel da polícia no caso Eloá.

SD138- Apresentadora Fátima Bernardes – O Jornal Nacional tem acesso aos depoimentos dos policiais que atuaram no desfecho do seqüestro de Santo André.

SD139- Apresentador William Bonner– Eles afirmam que ouviram um tiro antes de invadir o apartamento.

SD140- Apresentadora Fátima Bernardes – E um perito independente analisa uma gravação dos doze minutos que antecederam a ação policial.

SD180- Apresentadora Fátima Bernardes - Desde o desfecho do seqüestro, as autoridades policiais têm fornecido muitas explicações sobre o que aconteceu em Santo André, mas algumas dúvidas persistem.

O telejornal faz um confronto entre os depoimentos de dois dos principais policiais que estiveram no comando das operações do desfecho do episódio que levou ao falecimento da adolescente de Santo André. O repórter Ernesto Paglia ressaltou que houve discordância entre as versões dos entrevistados.

SD181- Repórter Ernesto Paglia- Dois oficiais. Dois policiais militares na linha de frente do seqüestro de Santo André. O comandante do batalhão de choque falou à imprensa no sábado. Seu subordinado, o chefe do Grupo de Ações Táticas Especiais (Gate), encarregado da negociação com o seqüestrador, deu entrevista exclusiva na segunda ao Jornal Nacional. E as versões não batem.

SD182- Repórter Ernesto Paglia- A primeira dúvida: a polícia sabia que a porta estava bloqueada por móveis?

SD 183- Eduardo Felix (Policial)- A gente passou lá uma semana, mas às vezes foge alguma coisa, por mais que a gente se prepare. Existia a possibilidade de ele ter colocado alguma coisa atrás da porta e a explosão não dá o efeito que nós queremos. Por exemplo, se a porta tivesse aberto com a explosão por inteira, hoje nós estaríamos aqui dando uma coletiva de outra forma. Com certeza, não daria tempo de ele reagir. Ocorre que a porta não abriu de uma vez. Tinha uma mesa atrás, um rack, e isso dificultou a entrada da equipe.

SD 184- Adriano Giovaninni (Policial) - É óbvio que tínhamos a idéia de que poderia ter alguma barricada, uma cadeira, um sofá, atrás da porta, tanto é que a carga foi calculada para cortar a porta e já arrastar um pouco os móveis também.

SD 185- Repórter Ernesto Paglia- Outra questão: por que a polícia não usou um atirador de elite para atingir Lindemberg?

SD 186- Eduardo Felix (Policial) - Se nós tivéssemos atingido com um tiro de comprometimento o Lindemberg, fatalmente os senhores hoje estariam questionando o Gate: por que não negociaram mais? Por que deram um tiro de comprometimento num jovem de 22 anos numa crise amorosa, que estava, num determinado momento da sua vida, fazendo algo que ele poderia se arrepender pelo resto da vida?.

SD 187- Adriano Giovaninni (Policial) - Faltou oportunidade. Ninguém tem a melhor visão que os policiais lá. Faltou oportunidade porque tinham obstáculos que poderiam desviar o projétil. Um deles era o próprio Lindemberg. O projétil o atingindo e transfixando é desviado.

SD 188- Repórter Ernesto Paglia- No inquérito da Polícia Civil, o capitão Giovannini deu uma terceira versão. Disse ter recebido expressas recomendações superiores para não aplicar determinadas ferramentas profissionais tais como o atirador de precisão.

A possibilidade de Lindemberg Alves ter feito ou não um disparo de arma de fogo antes da invasão da polícia (o que teria sido a motivação para a ação por parte dos agentes) continua sendo motivo de debate por parte do JN.

SD209- Apresentador William Bonner- Quatro dos cinco policiais que invadiram o apartamento dela afirmaram em depoimento que o que desencadeou a ação foi um tiro do seqüestrador.

SD211- Repórter Maurício Ferraz - Ao delegado, o sargento declarou que ficou combinado que, se houvesse algum disparo dentro do apartamento, a equipe entraria. **Quando houve o disparo dentro do apartamento, os policiais entraram.**

SD216 – Repórter Maurício Ferraz - O sargento Frederico Mastria, outro integrante da equipe, também disse que só entrou depois do disparo. O soldado Maurício Martins de Oliveira não cita nenhum tiro antes da invasão. A função dele, segundo disse ao delegado, era a de arrombar a porta, caso ela não abrisse. No depoimento, ele fala apenas de tiros depois que a porta foi forçada e não caiu. Em seguida, ele disse que ouviu disparos que vinham do interior do apartamento.

SD217 – Repórter Maurício Ferraz - O comando do grupo de invasão era do tenente Paulo Sérgio Schiavo. Ele declarou que ele foi o último a entrar e que foi ele quem tirou Nayara do apartamento. **Segundo o tenente, por volta das 14h de sexta-feira, Lindemberg disparou o revólver, depois de ter se desentendido com o negociador e que, por causa desse tiro, ficou acertado: se ele fizesse outro disparo, haveria a invasão.**

SD218- Repórter Maurício Ferraz - Pela primeira vez, se fala em horário aproximado do disparo, que teria havido antes que os policiais arrombassem a porta. O tenente afirma: **“O motivo principal da invasão foi o disparo de Lindemberg, por volta das 18h”.**

SD219- Repórter Maurício Ferraz - Quando os policiais militares prestaram depoimento, o objetivo não era questionar a invasão e sim determinar em que circunstâncias Eloá Pimentel foi assassinada. Para o delegado que apura o homicídio, não há dúvidas de que ela foi morta pelo ex-namorado, Lindemberg Fernandes, mas como é comum nesses casos, as armas dos policiais também foram recolhidas para análise: cinco pistolas, uma espingarda e uma metralhadora.

SD220- Apresentadora Fátima Bernardes - O depoimento dos policiais reforçou ainda mais a importância do testemunho da adolescente Nayara, porque quatro dos cinco policiais disseram ter ouvido um tiro. O outro não fala diretamente do tiro, mas repete o depoimento dos colegas: a ordem era invadir só depois de um tiro do seqüestrador. E o horário das seis da tarde foi mencionado pelo tenente.

A questão é encaminhada novamente para análise do perito Ricardo Molina, como explica a SD221:

SD221- Apresentadora Fátima Bernardes - A Rede Globo encaminhou ao perito independente Ricardo Molina uma gravação mais prolongada do que a que ele já tinha analisado, aquela era de uma

câmera ligada 70 segundos antes da explosão da porta. A gravação analisada hoje foi iniciada 12 minutos antes, cerca de quatro minutos antes das 18h. Também nela, o perito não identificou nenhum tiro antes da explosão.

SD230- Repórter Cesar Tralli - Imagens e sons captados pela câmera ainda não tinham sido analisados pelo perito independente Ricardo Molina. **Nas imagens mostradas no Jornal Nacional de sábado e no Fantástico de domingo, as câmeras tinham sido ligadas 70 segundos antes da explosão. Nesse tempo, não se ouve tiro algum disparado dentro do apartamento.**

SD231- Repórter Cesar Tralli- Outra câmera estava ligada 12 minutos antes do início da ação e, novamente, durante esse tempo, nenhum disparo pôde ser captado pelo microfone da câmera, como comprovaram testes de computador feitos pelo perito Ricardo Molina.

SD232- Repórter Cesar Tralli- Mas o microfone foi capaz de registrar os quatro tiros já detectados em outras imagens: todos disparados depois da explosão, mas antes de os policiais entrarem no apartamento.

SD233- Ricardo Molina (perito) - Neste intervalo de 12 minutos, não se percebe nenhum som que pudesse estar associado a um disparo de arma de fogo nem também qualquer reação de qualquer pessoa cuja voz estivesse sendo captada em relação ao possível tiro, como a gente observa após a explosão, quando os tiros realmente começam a ocorrer.

SD234- Repórter Cesar Tralli- Em entrevista ao Jornal Nacional na segunda-feira, o capitão da Polícia Militar que negociou o seqüestro, Adriano Giovaninni, confirmou que os comandados só decidiram pela invasão depois de ouvir um tiro no apartamento de Eloá.

SD235- Adriano Giovaninni (Policial) - Consigo dizer quando ocorre o disparo de Lindemberg antes que o Gate decidisse pela invasão. Esses pontos de tempo, quantidade, antes e depois da invasão estão sendo muito bem discutidos, tanto no inquérito da Polícia Militar quanto no da Polícia Civil. Traçar alguma verbalização, da minha parte agora, colocando questões muito pontuais, matemáticas, eu posso incorrer em erro.

Na sequencia da edição do JN do dia 21 de outubro, Molina confirma a sua versão, mas faz ponderações, que podem ser vistas na SD239.

SD236- Repórter Cesar Tralli- O perito Ricardo Molina foi informado de que o tenente que decidiu pela invasão ouviu disparo por volta das 18h, cerca de oito minutos antes da explosão, e reitera o resultado da análise que ele fez no novo áudio ininterrupto captado a um quarteirão e meio do prédio de Eloá.

SD237- Ricardo Molina (Policial) - Não há nenhum indício, nem remoto, de qualquer som que pudesse parecer um disparo nestes 12 minutos que antecedem a explosão.

SD239- Apresentadora Fátima Bernardes - Apesar de não identificar o tiro de que falaram os policiais, o perito Ricardo Molina frisou que o disparo pode ter ocorrido antes desse horário e isso só Nayara poderá esclarecer.

SD241- Repórter Renato Biasi- Já faz quatro horas que a polícia começou a ouvir dois vizinhos que moram no prédio de Eloá. Eles chegaram à delegacia, trazidos por investigadores em uma viatura da polícia. O delegado que comanda o caso quer saber o que os dois, que moram próximos ao apartamento de Eloá, ouviram algum barulho de tiro antes da invasão do apartamento.

Na edição do JN do dia 22, os vizinhos ao apartamento onde Eloá morava, que serviu como cativo, foram convidados a falar sobre a existência do polêmico tiro que teria desencadeado a invasão policial. Eles confirmam o que foi dito pela polícia.

SD260- Apresentadora Fátima Bernardes - O depoimento de vizinhos de Eloá coincide com o de policiais do GAT.

SD261- Apresentador William Bonner – Eles dizem ter ouvido o som de um tiro cerca de um minuto antes da invasão do apartamento.

SD278- Repórter Maurício Ferraz- Quanto tempo se passou entre o barulho do tiro lá dentro e a explosão na porta? Reinaldo diz: demorou um pouco. Ele não sabe precisar, mas acredita que um minuto tenha se passado até a explosão que provocou um clarão e estremeceu o bloco de apartamentos.

SD285- Repórter Maurício Ferraz- Segundo Marco Antonio, menos de um minuto depois do disparo, ele ouviu a explosão. Marco Antonio ainda reforça: ele estava a cerca de 15 metros das janelas do apartamento de Eloá. E completa: entre o disparo e a explosão, ele acredita que tenha passado menos de um minuto.

SD286- Repórter Maurício Ferraz- A pedido do Jornal Nacional, o perito independente Ricardo Molina analisou 12 minutos de gravação sem cortes, antes da invasão. E ele não identificou o ruído do tiro, mas frisou que o disparo pode ter ocorrido antes do início das gravações.

SD287- Repórter Maurício Ferrz - A versão dos dois vizinhos de que, de fato, houve um disparo antes da invasão, coincide com o depoimento da polícia. Quatro dos cinco PMs que entraram no apartamento disseram que ouviram um tiro disparado pelo seqüestrador e que, por isso, tomaram a decisão de resgatar as reféns.

A versão da sobrevivente do seqüestro, Nayara Silva, é levada ao ar. Ela contradiz polícia e vizinhos. E concorda com o perito Ricardo Molina.

SD288- Apresentador William Bonner – E esse depoimento de Nayara Rodrigues terminou agora há pouco e ela contradisse os depoimentos dos vizinhos e dos policiais que participaram da operação. Nayara disse que não ouviu nenhum tiro disparado no apartamento antes da explosão da porta.

SD289- Repórter Rodrigo Bocardi - Nayara disse que não ouviu nenhum disparo pelos menos nas duas horas que antecederam a explosão da porta do apartamento feita pela polícia. Isso quem diz é a própria polícia após ouvir Nayara e a mãe dela num depoimento que começou às 15h e durou aproximadamente cinco horas.

SD291- Repórter Rodrigo Bocardi- Em seguida, veio o delegado, que abriu a entrevista dizendo que Nayara não ouviu esse disparo e disse ainda que, ao ouvir a mãe de Nayara, ela afirmou que sabia que a filha iria ao apartamento, mas não tinha autorizado e nem sabia que ela iria entrar no apartamento. Sabia apenas que ela iria até o prédio para ajudar na investigação.

SD292- Luis Carlos dos Santos (delegado) - O Lindemberg, segundo a versão da Nayara, não deu o tiro antes da explosão. O que ela informa é que ele deu o tiro por volta de 15h, 16h, num momento de nervosismo, para o teto. Efetivamente já foi constatado que esse tiro existiu. Ela disse que estranhou que ninguém fez contato. Esse é o depoimento dela.

No dia 23 de outubro, o Jomal Nacional discute outra polêmica que surge em torno da atuação da polícia no episódio Eloá Pimentel: o retorno de Nayra Silva ao cativo, como refém, após já ter sido libertada pelo seqüestrador. Foi enfatizado que adolescente não tinha autorização da família para voltar ao local.

SD291- Repórter Rodrigo Bocardi- Em seguida, veio o delegado, que abriu a entrevista dizendo que Nayara não ouviu esse disparo e disse ainda que, ao ouvir a mãe de Nayara, ela afirmou que sabia que a filha iria ao apartamento, mas não tinha autorizado e nem sabia que ela iria entrar no apartamento. Sabia apenas que ela iria até o prédio para ajudar na investigação.

SD295- Repórter Maurício Ferraz - Quando deixou o hospital, na quarta-feira à noite, Nayara já havia contado à polícia como voltou a ser refém. Ela disse que, na quinta-feira, foi acordada pela avó. Dois policiais militares esperavam para levá-la à escola, onde estava o negociador.

SD296- Repórter Maurício Ferraz - Em coletiva, Andréia Araújo, a mãe de Nayara, disse que pensou que a filha negociaria com o seqüestrador por telefone, à distância, e que não autorizou a volta dela para o prédio.

SD297- Andrea Rodrigues (Mãe de Nayara) - Se eu soubesse que tinha essa possibilidade de ela entrar, em momento algum eu ia permitir.

SD298- Repórter Maurício Ferraz - Nayara declarou que o celular que ela usava naquele momento foi dado por um policial militar. Nayara supôs que estivesse sendo observada por Lindemberg pelo olho mágico da porta. Ela conta que, pelo celular, ele pediu para ela se aproximar e esticar o braço, quando Eloá daria as mãos para ela.

Neste dia, também foi retomado o assunto referente à polêmica em relação à existência ou não do tiro por parte de Lindemberg antes da invasão da polícia.

SD303- Repórter Maurício Ferraz - Por fim, Nayara descreve os últimos momentos do seqüestro. Ela diz: “Lindemberg não havia efetuado qualquer disparo com a arma de fogo em seu poder e a porta começou a ser arrombada”.

SD305- Repórter Maurício Ferraz - A pedido do Jornal Nacional, o perito Ricardo Molina já analisou uma gravação com 12 minutos anteriores à explosão e não detectou o ruído de um tiro.

SD 306- Repórter Maurício Ferraz - O coronel que chefiava a operação de resgate, Eduardo Félix, prestou depoimento no inquérito que apura o assassinato de Eloá Pimentel. Ele sempre disse que o seqüestrador disparou a arma e, por isso, policiais invadiram o apartamento. Nesta quinta-feira, ele admitiu outra hipótese.

SD307- Eduardo Felix (Policial) - Eu tenho que acreditar na minha equipe. Pode ter havido outro barulho e a equipe ter interpretado como tiro? Pode. Não vamos dizer que não. Mas, por enquanto, a equipe e as testemunhas afirmam que o barulho partiu do interior do apartamento. Agora, se esse disparo partiu de dentro ou de fora do apartamento ou se foi um rojão, o laudo técnico vai dar. Da mesma forma que a Nayara pode ter se confundido, os policiais também.

SD309- Eduardo Felix (Policial)- Ela me aparenta ser uma menina de 15 anos segura, responsável nas suas ações. Agora, após o ambiente fechado, uma explosão, automaticamente eu acredito que ela pode ter se confundido sim. Não estou desqualificando o depoimento dela não. Só estou dizendo que, de repente, ela pode ter se confundido sim.

Jornal da Band

O Jornal da Band também questionou a atuação da polícia no desfecho do seqüestro de Santo André. Isso tem visibilidade na SD323, onde o apresentador Boris Casoy salienta que Eloá foi morta após a invasão da polícia.

SD323- Apresentador Boris Casoy – Boa noite! Milhares de pessoas já foram ao cemitério de Santo André, na grande São Paulo, para se despedir de Eloá Cristina. A adolescente foi morta pelo ex-namorado na sexta-

feira, depois que a polícia invadiu o apartamento onde ela era mantida como refém com uma amiga.

O Jornal da Band discute a questão da existência ou não do tiro, que teria sido disparado por Lindemberg Alves, antes da invasão da polícia ao cativado onde ele manteve as reféns Eloá e Nayara. É apontado pelo JB, no dia 20 de outubro, que o depoimento de Nayara Silva é decisivo para que a polêmica seja resolvida. O telejornal busca respostas com uma vizinha do cativado e ouve autoridades, mas, em momento algum, busca a opinião de peritos para confrontar a opinião dos policiais – como fez o Jornal Nacional.

SD356- Repórter Lucas Martins - Mesmo em casa, a adolescente terá acompanhamento psicológico. Ainda não se sabe quando ela irá prestar depoimento à polícia. **Nayara pode esclarecer em que momento foram dados os tiros no cativado.**

SD357- Apresentador Boris Casoy - O comandante do grupo de ações táticas especiais da PM vai prestar depoimento sobre a invasão do apartamento, que terminou na morte da jovem Eloá, de 15 anos, assassinada pelo ex-namorado.

SD360- Repórter Rodrigo Hidalgo - Dezenove pessoas já foram ouvidas pela polícia civil, entre elas vizinhos, policiais e familiares das vítimas. **Eduardo Félix, comandante da tropa de choque, responsável pela operação, também foi intimado a depor.**

SD361- Ricardo Balestreri (Secretário Nacional de Segurança Pública) - Os manuais internacionais de policiais desse campo indicam que, possivelmente, em algum momento daqueles, este rapaz deveria ter ser almejado pelo atirador de elite.

SD363- Repórter Rodrigo Hidalgo - A polícia civil vai esperar a adolescente Nayara receber alta dos médicos para marcar a reconstituição para o desfecho do caso. Além da garota, vão estar presentes os cinco PMs que invadiram o apartamento. Lindemberg só participará da reconstituição se quiser, já que por lei ninguém é obrigado a produzir provas contra si. **O principal objetivo é descobrir se o tiro foi disparado ou não momentos antes da invasão da polícia militar.**

SD365- Repórter Rodrigo Hidalgo – a senhora escutou um tiro antes da explosão?

SD366- Vizinha - Antes não. Eu escutei depois da porta ...depois do estouro, o estrondo da porta foi que “veio” os tiros. Todos aqueles tiros.

O Jornal da Band questionou se a equipe da polícia civil que atuou no seqüestro de Santo André foi o grupo mais adequado para esse tipo de operação.

SD368- Repórter Marcio Campos - O grupo de ações táticas especiais, o GATE, é um setor da polícia militar criado para agir em situações graves, como por exemplo, conter rebeliões em presídios. **Em 20 anos de trabalho, conseguiu libertar três mil reféns, mas no episódio de Santo André, a promotora de justiça, Eliana Passarelli, descorda da posição do GATE.** Em entrevista ao PRIMEIRO JORNAL, ela defendeu a ação do GER.

SD370- Repórter Marcio Campos - O grupo especial de resgate, que pertence à polícia civil, teria passado por uma crise interna. É o que denuncia um ex-integrante.

SD371- Ex-integrante do Grupo de Ações e Resgate da Polícia (por telefone) – Hoje, nenhum mais desses policiais trabalha em uma equipe tática ou em numa equipe operacional. Todos estão trabalhando em delegacias de polícia, onde eles trabalham normalmente. Porém, combater o crime tecnicamente como eles sempre fizeram, eles foram afastados.

SD380- Repórter Fernanda Bak - O trabalho de negociação, as tentativas de convencer o rapaz a libertar as reféns e se integrar, envolveram policiais treinados para isso, gestores de crise, a família dele e também a de Eloá. Você vê agora trechos das conversas analisados por dois especialistas.

Da mesma forma que o Jornal Nacional, o Jornal da Band discutiu o retorno de Nayara Silva ao cativeiro após já ter sido libertada. Como se pode verificar nas SDs 446 e 447, que fizeram parte da edição do dia 21 de outubro:

SD446- Repórter Rodrigo Hidalgo- Lindemberg foi transferido de presídio na tarde de segunda-feira por razões de segurança. Ele foi retirado do Centro de Detenção Provisória de Pinheiros, em São Paulo, e levado para Penitenciária de Segurança Máxima em Tremembé, interior do Estado. O preso continua isolado, agora em uma cela menor, de seis metros quadrados. **O Ministério Público vai investigar porque a polícia não impediu que a adolescente Nayara retornasse ao cativeiro.**

SD447- Ricardo Florno (Promotor da Infância e Justiça – sonora) - No nosso entendimento havia o dever legal de não permitir que uma adolescente retornasse a uma situação de risco. Eu, como promotor da infância de Santo André, estou expedindo um ofício à Justiça Militar e para promotores que atuam junto à Justiça Militar, para analisarem a conduta dos policiais militares.

No dia 22 de outubro, o Jornal da Band evidenciou a versão da polícia sobre a discussão em torno da existência do tiro por parte de Lindemberg antes da invasão ao cativeiro onde Eloá e Nayara eram mantidas.

SD494- Repórter Rodrigo Hidalgo- A polícia civil deve concluir até sexta-feira o inquérito e enviá-lo ao Ministério Público. Lindemberg será

denunciado por homicídio duplamente qualificado, duas tentativas de homicídio, cárcere privado e disparo de arma de fogo. Vinte e quatro pessoas já foram ouvidas entre vizinhos, familiares das vítimas e policiais que participaram da ação. **Os PMs que invadiram o apartamento disseram que só explodiram a porta após ouvir o tiro disparado pelo seqüestrador.**

As discussões sobre o retorno de Nayara ao cativo continuaram na edição do dia 22 de outubro.

SD484- Apresentador Boris Casoy- Família da ex-refém diz que polícia pôs adolescente em risco e quer indenização do Estado.

SD492- Apresentadora Ticiano Villas Boas - O depoimento de Nayara já dura quatro horas. O advogado da família da ex-refém diz que a polícia pôs a adolescente em risco e quer uma indenização de dois milhões e meio de reais.

SD496- Angelo Carbone (advogado) - Levaram uma menina adolescente pro lugar, pra cova do leão e entregaram ela de novo lá. Não tem autorização da família coisa nenhuma e nem se tivesse, isso não existe. É menor de idade e não pode ser colocada em risco. É culpa do Estado sim de colocar ela lá.

SD498- Apresentador Boris Casoy - Devolver esta menina pro seqüestrador foi de uma burrice inominável.

O Jornal da Band, no dia 23 de outubro, segue o debate sobre a ocorrência ou não do tiro por parte do seqüestrador Lindemberg antes da invasão da polícia ao local onde ele mantinha as duas adolescentes.

O apresentador Boris Casoy salienta que membro da PM admite que pode ter havido engano e não ter ocorrido o polêmico tiro por parte do seqüestrador e ter sido outro barulho que motivou a invasão ao local.

SD522- Apresentador Boris Casoy – Coronel da PM admite que pode não ter sido tiro barulho que levou polícia a invadir apartamento em Santo André.

SD524- Apresentador Boris Casoy – Boa noite! O coronel da PM que comandou a ação em Santo André prestou um novo depoimento hoje. E pela primeira vez admitiu que os policiais podem ter se confundido com o barulho que levou à invasão do cativo onde eram mantidas Nayara e Eloá.

SD525- Repórter Rodrigo Hidalgo – Seis dias depois do desfecho do seqüestro em Santo André, que terminou com a morte de Eloá, o comandante da tropa de choque de São Paulo voltou a dar entrevista, a quarta desde a tragédia. Pela primeira vez, ele admitiu que os policiais podem ter se enganado em relação ao disparo antes da invasão.

SD526- Policial Euardo Felix – Da mesma forma que a Nayara pode ter se confundido, os policiais também. Se esse disparo partiu de dentro do apartamento ou de fora do apartamento, se foi um rojão, o laudo técnico vai dar.

SD527- Repórter Rodrigo Hidalgo – Ontem, logo após o depoimento de Nayara à polícia civil, o coronel Eduardo Félix garantiu que ocorreu um tiro antes da entrada da PM.

SD528- Euardo Felix (Policial) – A atuação do GAT, ela foi necessária, ela foi em legítima defesa e provocada por um disparo. O tiro houve, houve.

O telejornal apresentou a posição da sobrevivente Nayara Silva, que afirmou que não ocorreu um disparo por parte de Lindemberg momentos antes da invasão da polícia ao cativeiro. E, também houve a reiteração de que as palavras da adolescente contradizem a versão policial. Desta forma, fica evidente a deslegitimação do trabalho do estado.

SD529- Repórter Rodrigo Hidalgo - A sobrevivente da tragédia contou à polícia civil que Lindemberg não deu nenhum tiro antes da explosão provocada pelos homens do GAT. A versão contradiz os depoimentos dos cinco PMs que participaram da ação. Eles disseram que só entraram no cativeiro após ouvir um disparo .

O posicionamento de uma vizinha do local do seqüestro é coincidente com a versão dos membros da polícia. Este momento não teve destaque no telejornal.

SD530- Repórter Rodrigo Hidalgo - A polícia militar apresentou o relato de uma vizinha de apartamento onde tudo aconteceu. No vídeo, a testemunha garante que também ouviu um tiro.

SD531- Testemunha (com caracteres no vídeo) – Estava aqui. Aí escutei o estampido . Em seguida a explosão. Eu olhei . Ai fez pá, pá, pá. Com certeza eu escutei o estampido. Estão falando que não houve estampido. Lógico que houve.

No dia 24 de outubro, permanece a reflexão sobre a existência ou não do tiro no cativeiro antes da invasão da polícia.

SD575- Repórter Rodrigo Hidalgo – A principal testemunha, Nayara Silva, que também ficou refém de Lindemberg, contou em depoimento que o seqüestrador só atitou depois que o GAT invadiu o apartamento. PMs que participaram da ação e testemunhas dizem o contrário.

SD576- Repórter Rodrigo Hidalgo – O laudo técnico que pode indicar se houve ou não o tiro dentro do apartamento momentos antes da invasão da PM deve ser concluído em até vinte dias. O principal material para análise dos peritos é o conteúdo das gravações feitas pelas emissoras de TV, no local, pouco depois das seis da tarde de sexta-feira da semana passada.

E no dia 25, novamente a polêmica, sobre o tiro ter sido ou não o motivador da invasão da polícia ao local onde as reféns eram mantidas, é retomada.

SD588- Apresentador Fernando Vieira de Melo- E o negociador do GAT declarou em depoimento à polícia que após um telefonema ao seqüestrador, às seis horas da tarde, deixou a equipe pronta para invasão.

SD602- Repórter Kiko Ribeiro – Em depoimento à polícia, o capitão do GAT Adriano Giovaninni, que conduziu as negociações, não deixa claro que foi um tiro dentro do apartamento que fez com que a polícia se mobilizasse para a invasão. O capitão afirma apenas que percebeu que algo não iria dar certo durante a última conversa com Lindemberg. Já Nayara disse que após a ligação Lindemberg arrastou a mesa de jantar até a porta de entrada do apartamento e que não ouve qualquer tiro antes da invasão da polícia. O laudo técnico que vai indicar se houve ou não o disparo deve ser concluído em vinte dias.

Considerações sobre “a responsabilidade do Estado”

É pertinente retomar que é papel dos jornalistas a fiscalização dos poderes públicos. No entanto, o fato de um dos focos principais da cobertura de um caso tão polêmico, em que duas adolescentes foram mantidas por mais de cem horas em cativeiro e foram alvejadas pelo criminoso no desfecho do sequestro, ser “provar que a polícia falhou” remete muito mais à lógica da espetacularização do que do jornalismo.

No Jornal Nacional a discussão sobre a legitimidade da atuação da polícia durante o episódio Eloá e no seu desfecho foi intensa. Cabe ressaltar que depoimentos de policiais que cuidaram do caso foram confrontados e que um perito teve espaço nas reportagens do telejornal para provar que a versão da polícia sobre o polêmico tiro, que desencadeou a invasão policial ao cativeiro onde Lindemberg Alves manteve as reféns, estava equivocada. No JN, o foco da discussão da atuação da polícia no seqüestro de Eloá e de Nayara se deu nas quatro primeiras edições (20, 21, 22 e 23 de outubro de 2008). E Lindemberg teve a sua responsabilidade dividida.

O Jornal da Band trabalhou de forma mais “branda” com os questionamentos acerca do papel da polícia no caso, se for comparado com o Jornal Nacional. A atuação do estado foi refletida em todas as edições que fizeram parte do corpus deste estudo. Mas, em nenhum momento o JB levou ao ar algum tipo de perito para “analisar” a autenticidade da versão policial.

No “trabalho” de questionamento do JN e do JB à atuação policial no caso Eloá, os dois telejornais assumiram papéis de juízes, tentando avaliar de quem seria a culpa para o trágico desfecho do seqüestro. É plausível inferir também que o telejornalismo, nesta situação, acabou adentrando nas funções da polícia: fez investigações, buscou culpados e confrontou versões. Assim, os dois telejornais acabaram proporcionando a deslegitimação da ação policial e a criação da perspectiva de não haver um único vilão.

O questionamento à atuação policial no desfecho do seqüestro de Santo André por parte do JN e do JB remete a algumas idéias de Debord (1997) sobre a espetacularização: tem caráter repetitivo e não apresenta novidades ao espectador. O espetáculo está valendo pelo seu desenrolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mostra-se impossível a realização de uma síntese sobre a riqueza de uma experiência de pesquisa sobre a construção da notícia acerca da finitude humana na cena do jornalismo televisivo. Resta-nos, então, o reconhecimento de que há uma complexidade intrínseca ao discurso do telejornalismo e à sua demonstração no formato espetacularizado. Cremos que o desafio supremo deste percurso esteve ligado à tentativa de desvendar os sentidos associados ao discurso do telejornal e que não se mostravam evidentes. Como diz Machado (2000, p.203):

O discurso pode revelar muito mais do que parece evidente. É preciso observá-lo detida e não superficialmente, prescrutá-lo, ouvi-lo, deixar que se esgueire e se mostre. O analista do discurso é um ouvinte paciente que se debruça sobre os textos escolhidos para deles retirar o movimento, congelando, em um reforço metodológico, o que se sobressai como essencial. Nesse movimento, são necessárias muitas escolhas, e o analista se depara a todo instante com um leque variado de possibilidades. Seguir uma trilha significa abandonar outras, e a decisão tomada nem sempre parecerá, a outros analistas, a melhor.

Estudar o discurso televisivo significa descobrir elementos que estão muito além do que parece óbvio aos olhos do telespectador. O analista do discurso tem a tarefa de buscar detalhes e sentidos muitas vezes ocultos nas entrelinhas dos enunciados e nas mais diversas imagens.

Nosso esforço foi concentrado na busca de indícios sobre os principais sentidos instituídos sobre a morte no espaço do telejornalismo. A discussão sobre a finitude humana é permeada de polêmicas, as quais foram se manifestando e deixando pistas e impressões no desafio do estudo empírico.

Nesta pesquisa, observamos seis edições do Jornal Nacional e seis edições do Jornal da Band, que foram ar no período de 20 a 25 de outubro de 2008. Para fins de análise do discurso, nos ancoramos em sete eixos: 1 - a marca do espetáculo: construindo o cenário da morte; 2 - os convidados a morrerem no telejornalismo; 3 - a lógica maniqueísta: morto virtuoso X criminoso mau; 4 - o risco de morte: a sociedade em perigo; 5 – o telejornal como um palco para o choro da

morte e para demonstração de sofrimentos; 6 – a amenização da dor; 7 - a responsabilidade do Estado;

Com a análise dos discursos do JN e do JB a partir do primeiro eixo, “a marca do espetáculo: construindo o cenário da morte”, reunimos indícios de que os dois telejornais, no período verificado, apresentam a narrativa das reportagens com uma linha condutora repetitiva, demonstram uma reiteração de sentidos e fazem uma demarcação exagerada de determinadas situações que envolvem a morte e os mortos. Há um foco na manifestação das emoções dos envolvidos nos casos e a realidade é retratada com detalhes “picantes”. Alguns assuntos relacionados à finitude humana são apresentados em forma de novela, sendo levados ao ar em seqüência, durante vários dias, e o espectador é convidado a acompanhar os capítulos.

Há a evidenciação de que o espetáculo da morte no telejornalismo está abarcado no seu desenrolar (DEBORD, 1997), no desenvolvimento da história. Toda a cobertura ao caso Eloá Pimentel, que foi o principal evento de morte do corpus desta pesquisa, foi ancorada na teatralidade e na evidenciação do lado emocional dos “personagens” do episódio. Tanto o JN como o JB se fixaram no destaque ao choro dos parentes, dos amigos e de desconhecidos da adolescente morta. Também salientaram pontos como: as filas imensas para participar do velório de Eloá; as multidões que se aglomeraram no enterro; a cor do carro fúnebre que carregou o corpo da adolescente assassinada; a história de vida das pessoas que receberam os seus órgãos. Esse tipo de cobertura evidencia que o jornalismo está fugindo do seu papel de informar e partindo para a encenação.

Gostaríamos de enfatizar que a análise dos discursos do Jornal Nacional e do Jornal da Band, a partir do segundo eixo, “os convidados a morrerem no telejornalismo”, leva-nos a inferir que podem ser caracterizados como mortos com espaços no telejornal aqueles que têm “individualidades”. Vale retomar que a morte de Eloá Pimentel teve significativa cobertura televisiva. Ela é uma “morta” completamente singular: uma adolescente, caracterizada pelos telejornais como cheia de sonhos, assassinada em crime passional e vítima de seqüestro.

A reflexão dos discursos do JN e do JB a partir do terceiro eixo, “a lógica maniqueísta: morto virtuoso X criminoso mau”, leva à visualização de que os dois telejornais tendem ao maniqueísmo. Não há uma problematização e uma complexificação da imagem da vítima e do criminoso. A vítima geralmente é

mostrada como uma pessoa inocente e que teve a sua vida configurada pela bondade, pela alegria e sempre foi bem aceita no grupo social. Já o criminoso normalmente é retratado como alguém que fez mal à vítima e entrou na vida dela para estragá-la. Aqueles que cometeram crimes são caracterizados como repletos de defeitos e, dessa forma, acabam representando problemas para a sociedade.

Com a análise dos discursos do Jornal Nacional e do Jornal da Band a partir do quarto eixo, “o risco de morte: a sociedade em perigo”, chegamos a sentidos que remetem à lógica de que a transmissão da morte no telejornalismo está ligada a um trabalho de comoção social. Os discursos do JN e do JB demonstram que o espectador está sujeito a um risco de morte iminente (da mesma forma que os mortos apresentados no telejornal passaram por determinada situação, qualquer pessoa que esteja assistindo o telejornal pode acabar em circunstância semelhante).

A reflexão dos discursos do JN e do JB a partir do quinto eixo, “o telejornal como um palco para o choro da morte e para demonstração de sofrimentos”, leva-nos a inferir que o telejornal, nos dias de hoje, tem se mostrado como um local para o choro da morte. Já discutimos amplamente, no decorrer do trabalho, que a morte, na Idade Média, era uma cerimônia pública e que no quarto do moribundo, que estava cheio de gente, ocorriam rituais de despedida, que tinham o próprio doente como “regente”. Este momento era basicamente um espetáculo.

Com o decorrer do processo histórico e com os costumes de despedida irem ficando mais “brandos”, chegamos, na atualidade, nas sociedades ocidentais urbanas aos tempos de morte interdita (utilizando a denominação de Philippe Ariès). Nesse contexto, em que a demonstração exagerada de emoções diante do fim da vida não faz mais parte dos costumes, identificamos nesse estudo que a televisão tem se mostrado como um espaço para o choro da morte e para a demonstração da dor da perda de uma pessoa querida. Hoje, é no espaço televisivo que se faz “um grande espetáculo” em torno da temática da finitude humana.

Da mesma forma que o telejornalismo se apresenta como um espaço para o choro da morte, ele evidencia que a dor da perda pode ser amenizada. É perceptível, com a análise dos discursos do JN e do JB a partir do sexto eixo, “a amenização da dor”, que a doação de órgãos é enfocada como uma alternativa de “retorno positivo” proporcionado pela finitude humana. Na análise do corpus desta pesquisa foi observada a exaltação, de forma espetacularizada, da doação de órgãos. Foram salientados: as expectativas de mudanças de vida que os receptores

dos órgãos da adolescente Eloá Pimentel tiveram antes dos transplantes, os anseios de familiares e os seus sonhos.

É pertinente destacar, com a análise discursiva do JN e do JB a partir do sétimo eixo, “a responsabilidade do Estado”, que eles se mostraram como contundentes espaços para questionamentos sobre atuação da polícia na sociedade. Esta inferência é baseada nas avaliações constantes feitas pelos dois telejornais à ação da polícia no caso Eloá Pimentel e no seu desfecho. Os telejornais se posicionaram como juízes, hábeis a julgar o que foi certo e o que foi errado na ação da polícia durante o caso. Houve a confrontação de versões de agentes. Um perito independente foi levado ao Jornal Nacional para avaliar a versão da polícia. E os telejornais acabaram se colocando na posição de investigadores, tentando achar culpados para a morte de Eloá. A partir dessa postura do JN e do JB, ocorreu uma deslegitimação do papel policial.

Assim, conforme o estudo do corpus discursivo, podemos reiterar que a morte apresentada pelos dois telejornais tem condições de produção históricas lá na Idade Média, quando ocorriam as cerimônias de despedidas no quarto do moribundo e ali pessoas se reuniam para contemplar o “fim da vida”. Hoje, a finitude humana no espaço do telejornalismo tem uma configuração que remete à espetacularização: ela é um espetáculo (como na Idade Média), só que é visualizada por um público com proporções “gigantescas” e que, na maioria das vezes, não costuma falar sobre a morte de pessoas de sua proximidade.

É pertinente retomarmos novamente que a partir da análise verificamos que o telejornalismo tem se mostrado como um espetacular espaço para o choro da morte. Vamos resgatar o Caso Eloá: Cristina, a mãe da falecida, teve todas as suas emoções acompanhadas no Jornal Nacional e no Jornal da Band e os amigos da garota puderam ir aos telejornais para dizer o quanto ela era fabulosa e o espírito de liderança que ela exercia no grupo. Vale resgatar Barbosa (2004), quando ela diz que, na contemporaneidade, a representação que temos da morte é guiada pelos veículos de comunicação. Os meios levam a morte até a casa dos espectadores, mesmo que ela seja interdita.

Assim, a construção do discurso sobre a morte no JN e no JB remete a sentidos de que ela está vinculada ao espetáculo. E o telejornal, como instituição, participa deste contexto dando espaço para vinculação do *show* e fazendo a construção das cenas da morte com formato espetacular.

Como já discutimos durante o trabalho, há uma complexidade ligada às reflexões sobre a temática da finitude humana. Ela é um assunto com diversas interpretações, as quais são particulares de cada cultura, e está intimamente ligada com as formas com que o homem transmite a sua cultura às outras gerações. Dastur (2002) situa que a relação que os seres humanos têm com a morte é fundamental para delinear o seu viver. E Morin (1988) complementa dizendo que é na morte que se conhece o homem e é nela que ele se revela, pois é neste momento que as atitudes humanas exaltam suas diferenças sobre os outros animais. Com este estudo, verificamos que a morte no telejornalismo é tratada sem uma complexificação, é abordada, na maioria das vezes, de forma teatralizada. Os dois telejornais analisados, que são de abrangência nacional, espetacularizam a morte e fazem uma grande propagação em torno dela, sem levar em consideração que o público receptor é formado por pessoas com visões distintas sobre a temática. Assim, infere-se que abordar a morte precisa ir além da simples transmissão detalhada de imagens violentas e com ingredientes espetaculares. É tratar de um elemento que, muitas vezes, é de difícil aceitação pelo ser humano, que é visto na atualidade, nas culturas urbanas ocidentais como interdito.

O Jornal Nacional e o Jornal da Band, ao abordarem a finitude humana, rumam para condutas similares. A partir do discurso, verificou-se que há um padrão de “comportamento” na narrativa deles. Encontramos elementos para sustentar que os critérios dos jornalistas, ao construírem o discurso do JN e do JB sobre a morte, levam mais em conta as características da espetacularização do que de bases conceituais da prática cotidiana do jornalismo, como as idéias sobre a objetividade e sobre a imparcialidade. Ao refletirmos a apresentação nos dois telejornais de mortes provenientes de crimes, como foram os casos Eloá Pimentel e Arthur Sendas, fica evidente, quando se faz uma análise mais aprofundada dos discursos, que eles estão muito longe de retratar os crimes com objetividade e de levar em consideração a velha idéia da imparcialidade jornalística.

Podemos retomar o pensamento de Melo (2006), que diz que a objetividade jornalística não está ultrapassada e que está relacionada com a apresentação da pluralidade de versões na cobertura de um fato. Essa variação de versões tem vinculações com uma pluralidade de observações, de relatos e de fontes. A partir das considerações do autor, afirma-se que os relatos sobre a finitude humana no JN e no JB não apresentam a realidade de forma plural. Muitas vezes são

manifestadas, mas elas enunciam sob a mesma perspectiva: na demarcação de uma cena que remete ao *show* e na evidenciação das boas características das vítimas e das más do criminoso. E a opinião dos programas e seus objetivos se tornam nítidos a quem observar os seus discursos mais nitidamente.

É interessante acrescentar que, no período analisado, as agendas dos dois telejornais, em relação à temática da morte, foram similares. Vale retomar que Coutinho (2005) ressalta que os estudiosos do *agenda-setting* chamam atenção para a relação existente entre as agendas. Neste caso, como o nosso foco está voltado para a pauta de dois telejornais que vão ar no horário nobre e que são veiculados por emissoras concorrentes, é pertinente afirmar a possibilidade de um ter influenciado a agenda do outro. No estudo constatou-se que o caso Eloá foi visualizado nas quatro primeiras edições do Jornal Nacional verificadas; e ganhou espaço em todas as edições do Jornal da Band. No decorrer dos dias, as coberturas dos dois telejornais andaram com pautas afins e com focos similares em relação a este evento: destacaram a morte, fizeram significativa cobertura ao velório e ao enterro (destacando às emoções de parentes e dos presentes), salientaram a questão da doação dos órgãos da adolescente, acompanharam as investigações policiais ao caso e questionaram, de forma polêmica, a atuação da polícia no episódio. Em relação ao falecimento de Arthur Sendas, os dois telejornais deram espaço mais modesto ao caso, mas também tiveram suas agendas focalizadas de forma semelhante. O JN e o JB se focaram principalmente na apresentação do crime e do criminoso, na demonstração da importância de Sendas para a sociedade, na investigação policial e na demonstração do enterro. Os outros casos que receberam espaço nas agendas do Jornal Nacional e do Jornal da Band na semana de 20 a 25 de outubro de 2008 foram de menor proporção e ganharam abordagens mais singelas. Vale ressaltar que o assassinato dos parentes da atriz norte-americana Jeniffer Hudson ganhou espaço nos dois telejornais do sábado, dia 25 de outubro. Lembramos que eles são pessoas (como Arthur Sendas) com destaque no sistema social.

O Jornal Nacional e o Jornal da Band não demonstram estar tendo como eixo condutor de suas coberturas a mortes os princípios bases do jornalismo⁶¹ e

⁶¹ Aqui, nos referimos que, com a realização da análise do discurso, constatamos que o foco da cobertura televisiva às mortes não tem sido norteado pelo papel social do jornalismo, que é dar ao público informações contextualizadas. Lembramos que Mello (2006) diz que o jornalista, ao assumir o

parecem estar dando vazão, no espaço televisivo, ao lado festivo da finitude humana. Desta forma, se mostra essencial a “mobilização” da sociedade em relação a este tipo de atitude midiática. Um modo que o público teria de demonstrar a necessidade de mudança da postura televisiva é não dar audiência a coberturas com focos festivos, pois estamos discutindo emissoras privadas, que são mantidas pela lógica capitalista. Mas, as pesquisas comprovam que o público aprova tal tipo de espetáculo: o Jornal Nacional fechou o ano de 2009 com uma média de audiência de 31 pontos⁶² e a edição do dia seguinte ao falecimento do cantor Michael Jackson⁶³ chegou a 34,5 pontos⁶⁴.

Após observação minuciosa da forma como o Jornal Nacional e o Jornal da Band se posicionaram frente à finitude humana e a transmitiram para os espectadores, cabe enfatizar que para que ocorra uma cobertura “ideal” para a morte no telejornalismo⁶⁵, no contexto da cultura ocidental, é preciso que se volte às bases do jornalismo, levando em conta pontos como a clareza da informação, a objetividade jornalística e o papel social do jornalismo⁶⁶. Podemos comentar que as coberturas que são comuns, que fazem a demonstração de filas esperando para poder ver um caixão ou de multidões acompanhando um enterro, têm muito mais apelo emocional do que valor informativo: tais coberturas remetem ao espetáculo e à ficção.

A volta para os princípios dos manuais de redação jornalística, que dão pistas dos caminhos a serem seguidos em coberturas televisivas, pode ser uma alternativa plausível ao contexto das redações. Bonner (2009, p.93), na obra *Jornal*

papel de um agente social, passa a ter a função de um mediador entre os fatos, o interesse público e a cidadania. Como vimos, as transmissões do caso Eloá foram focadas no destaque ao choro de multidões e às emoções de familiares.

⁶² Informação retirada do site: <http://noticias.uol.com.br/ooops/ultnot/2009/12/08/ult2548u814.jhtm>

⁶³ Como já mencionamos anteriormente, a morte do cantor Michael Jackson teve amplo retrospecto no espaço midiático.

⁶⁴ Informação retirada do site: <http://blogs.abril.com.br/antenaparabolica/2009/06/com-cobertura-morte-michael-jackson-jornais-elevam-audiencia.html>

⁶⁵ Quando falamos em cobertura ideal para a morte, lembramos o pensamento de Traquina (2004) de que o jornalista tem um *ethos*, que conduz o trabalho e orienta os membros da comunidade acerca da sua missão social de resguardo à cidadania.

⁶⁶ É claro que temos em mente que a mudança na forma de cobertura midiática às mortes envolve diversas “instâncias”. Traquina (1993) salienta que o processo de produção de notícias só pode ser entendido se for observado no contexto da organização em que o jornalista está fixado. Como já discutimos anteriormente, a apresentação de forma espetacularizada da finitude humana no espaço televisivo pode ser explicada pela teoria organizacional. Muitas vezes, o jornalista acaba se inserindo no contexto da organização e trabalha de acordo com a postura da empresa. Vamos retomar o pensamento de Pena (2008) que aponta que, pela teoria organizacional, a atuação dos profissionais das redações tem completa vinculação com os “meios” utilizados pela organização que está situado e, nesta perspectiva, o fator econômico condiciona o trabalho.

Nacional: modo de fazer, dá algumas dicas⁶⁷ em relação ao foco que os envolvidos na elaboração de um telejornal devem ter (voltadas ao JN, mas que são válidas para outros jornais): “mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia, com clareza, correção, isenção e pluralidade”. Barbeiro e Lima (2005, p.69) complementam: “A busca constante da isenção jornalística é a melhor forma de passar as informações para que o telespectador possa tirar suas próprias conclusões sobre o fato relatado”.

Por fim, achamos frutífera, para o campo da comunicação e para o contexto do mundo contemporâneo – que está cercado por uma lógica individualista, a realização de uma pesquisa que tem como foco a reflexão sobre a divulgação da temática da finitude humana. O estudo da apresentação da morte na televisão, sabiamente conduzido pelas leituras específicas e verificado a partir da pesquisa empírica, ofereceu pistas para um maior entendimento de que esta temática tem uma complexidade e que sua transmissão no cenário televisivo é bastante polêmica, pois apesar de estarmos vivendo em tempos em que a morte é considerada interdita, ela tem espaço garantido nos meios de comunicação e entre os receptores (estamos tratando de emissoras privadas, movidas pela lógica comercial, que dão respaldo a assuntos que são “consumidos”). Assim, a pesquisa deixa espaço aberto para que seja averiguada a apresentação da morte no telejornalismo no âmbito do receptor. É relevante a verificação aprofundada dos reais motivos de contemplação da finitude humana na cena midiática e do entendimento das razões que levam a televisão a conseguir se materializar como uma espécie de laço social para o choro da morte.

⁶⁷ Tais observações nem sempre foram constatadas na análise do discurso do JN em relação à cobertura de pautas sobre a morte.

REFERÊNCIAS

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARISTÓTELES. **Poética**. Porto Alegre: Globo, 1966.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo**: os segredos da notícia na TV. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

BARBOSA, Marialva. **A morte imaginada**. In: GT Comunicação e Sociabilidade na XIII Compós. UMESP: São Paulo, 2004.

BARROS, Diana Luz Pessoa. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto (org). **Diálogos com Bakhtin**. 2 ed. Curitiba: UFPR, 1999.

BAYARD, Jean-Pierre. **Sentidos ocultos dos ritos mortuários**: morrer é morrer? São Paulo: Paulus, 1996.

BECKER, Ernest. **A negação da morte**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976

BERGER, Christa. Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica. In: MOUILLAUD, Maurice, PORTO, Sérgio Dayrell (org). **O jornal**: Da forma ao sentido. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

BREED, Warren. Controle social na redação. Uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

BONNER, William. **Jornal Nacional**: modo de fazer. São Paulo: Globo, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRANDÃO, Helena H. Negamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

BRUM, Juliana. **A hipótese do agenda setting: estudos e perspectivas**. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n35/jbrum.html>. Acesso em: 25 de novembro de 2003.

BRUSTOLIN, Leomar Antonio. Apresentação. In BRUSTOLIN, Leomar Antonio (org). **Morte: uma abordagem para a vida**. Porto Alegre: EST Edições, 2007

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

BUCCI, Eugênio. A crítica da televisão. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004a.

BUCCI, Eugênio. Como a violência na TV alimenta a violência real – da polícia. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004b.

BUCCI, Eugênio. Ainda sob o signo da Globo. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004c.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CADIMA, Francisco Ruy. **Videocultura, memória e esquecimento**. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/cadeiras/httv/artigos/Videocultura.pdf>>. Acesso em: 04 de agosto de 2009.

CANAVILHAS, João. **Televisão: o domínio da informação-espetáculo**. In: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 10 de dezembro de 2001.

CHIAVENATO, José Júlio. **A morte: uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Moderna, 1998.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto. Introdução: em torno do conceito de sociedade do espetáculo. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José (org). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

COUTINHO, Iluska. Telejornalismo como serviço público no Brasil: reflexões sobre o exercício do direito à comunicação no Jornal Nacional/TV Globo. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **40 anos de telejornalismo em rede nacional: olhares críticos**. Florianópolis: Insular, 2009.

COUTINHO, Iluska. **A aplicação da Agenda Setting em conteúdos ficcionais:** notas sobre o papel da telenovela na constituição da pauta do telejornalismo. Disponível em: <http://64.233.161.104/search?q=cache:YpEk5aJx7EQJ:intercom.org.br/papers/x-xiii-ci/gt21/gt21b6.pdf+agenda-setting+defini%C3%A7%C3%A3o&hl=pt-BR&lr=lang_pt>. Acesso em: 10 de outubro de 2005.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia no telejornalismo brasileiro:** a estrutura narrativa das notícias em televisão. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, 2003.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua:** espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DASTUR, Françoise. **A morte:** ensaio sobre a finitude. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

DEBORD, GUY. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEJAVITE, Fábila Angélica. O poder do *fait-divers* no jornalismo: humor, espetáculo e emoção. In: BARBOSA, Marialva (org). **Estudos de Jornalismo I**. Edições do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação da UFF. Campo Grande: Intercom, 2001.

DINIZ, José Alencar. **A recriação dos gêneros eletrônicos analógicos-digitais:** radionovela, telenovela e webnovela. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FAUSTO NETO, Antonio. **Mortes em derrapagem**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

FÉRRES, Joan. **Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FECHINE, Yvana. **Uma proposta de abordagem do sensível na TV**. In: XV Encontro da Compôs, 2006, Bauru. Anais. Bauru: Compôs, 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. **O som do silêncio: isolamento e sociabilidade no trabalho do luto**. Natal: EDUFRN, 2006.

FREIRE FILHO, João. A sociedade do espetáculo revisitada. **Revista Famecos**. Porto Alegre. N. 22, p.33-46, dezembro de 2003.

FREITAS, Verlaine. **Catarse, narcisismo e cultura de massa**. Disponível em: <<http://72.14.209.104/search?q=cache:wcEK3GUJzg0J:www.fafich.ufmg.br/~verlaine/catarsenarcisismo+catarse+arist%C3%B3teles&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=14>>. Acesso em: 22 de setembro de 2006.

FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. Trad. Jayme Salomão. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas e técnicas para o trabalho científico: elaboração e formatação**. Explicitação das normas da ABNT. 14 ed. Porto Alegre: s.n., 2007.

GABLER, Neal. **Vida, o filme**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Recitações de mitos: a história na lente da mídia. In: GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise (org). **Filigramas do discurso: as vozes da história**. Araraquara: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000.

GOLEMBIEWSKI, Carlos. **Comunicação e pós-modernidade no Jornal Nacional e RBS Notícias: uma abordagem compreensiva**. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar**. São Paulo: Edusp, 2003.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e filosofia da comunicação**. São Paulo: Escrituras, 2004.

GONÇALVES, Carina Valente. Construção discursiva do Jornal Nacional e do Jornal da Band na cobertura da eleição presidencial de 2006 no Brasil. In: XXX Congresso Brasileiro de ciência da Comunicação, 2007, Santos. **Anais**. Santos: Intercom, 2007.

GUTMANN, Juliana Freire. Articulação entre dispositivos televisivos e valores jornalísticos na cena de apresentação do Jornal Nacional. In: VIZEU, Alfredo, PORCELLO, Flávio, COUTINHO, Iluska (orgs.). **40 anos de telejornalismo em rede nacional: olhares críticos**. Florianópolis: Insular, 2009.

HACKETT, Robert. Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objetividade nos estudos dos media noticiosos. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

HALL, Stuart; CHRITCHER, Chas; JEFFERSON, Tony; CLARKE, John; ROBERTS, Brian. A produção social da notícia: O *mugging* nos *media*. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

INDURSKY, Freda. **Discurso, memória e identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto**. Petrópolis: Vozes, 2003.

KEHL, Maria Rita. O espetáculo como meio de subjetivação. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004a.

KEHL, Maria Rita. Fetichismo. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004b.

KEHL, Maria Rita. Visibilidade e espetáculo. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004c.

KOVÁCS, Maria Júlia. Morte, separação, perdas e o processo de luto. In: KOVÁCS, Maria Júlia (coordenadora). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: Norte e Sul**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

LEITE, Maria Regina Baracuhy. Bombril e Ratinho: as vozes da sedução. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos: Claraluz, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultural liberal: ética, mídia e empresa**. Porto Alegre: Sulina, 2004a.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004b.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MACHADO, Marcia B. **DEUS VENCE O DIABO: o discurso dos testemunhos da Igreja Universal do Reino de Deus**. Tese de Doutorado defendida no programa de

Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

MACHADO, Márcia Benetti, JACKS, Nilda. **O discurso jornalístico**. In: X Compôs - Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2001, Brasília. Anais. Brasília: Compôs, 2001.

MAIA, Rousiley C. M. Dos dilemas da visibilidade midiática para a deliberação pública. In: XXV Congresso Brasileiro de ciência da Comunicação, 2002, Salvador. **Anais**. Salvador: Intercom, 2002.

MANNOMI, Maud. **O nomeável e o inominável**: a última palavra da vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MARANHÃO. José Luiz de Souza. **O que é morte**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Campinas: UNICAMP, 1998.

MARIANI, Bethania. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999.

MARTIN-BARBERO, Jesus, REY, Germán. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. 2ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

MARTINS, José de Souza. Introdução. In: MARTINS, José de Souza (org). **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. Editora Hucitec: São Paulo, 1983a.

MARTINS, José de Souza. A morte e o morto: o tempo e o espaço nos ritos fúnebres da roça. In: MARTINS, José de Souza (org). **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. Editora Hucitec: São Paulo, 1983b.

MAZZARINO, Jane Márcia. **O** agendamento na perspectiva das fontes do campo jornalístico: observando fazeres do movimento socioambiental. **Revista Fronteira (UNISINOS)**, v. IX, p. 53-63, 2007.

MELO, Jose Marques de. **Teorias do jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MONTEIRO, Dalva de Andrade. Guerras: Freud explica?. **Cogito**, 2002, vol.4, p.33-39.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Portugal: Publicações Europa-America, 1988.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

MORIN, Edgar. **O método 6**: ética. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, Maurice, PORTO, Sérgio Dayrell (org). **O jornal**: Da forma ao sentido. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002a.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Ideologia e processos de seleção de notícias. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (coord.). **Imprensa e poder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002b.

MOTTA, Luiz Gonzaga. O jogo entre intencionalidades e reconhecimentos: pragmática jornalística e construção de sentidos. **Comunicação e Espaço Público**, ano 6, n. 1 e 2. Brasília, 2003.

MOUILLAUD, Maurice. As grandes mortes na mídia. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 2002a.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 2002b.

NODARI, Paulo César. Breves considerações filosóficas acerca da morte. In: BRUSTOLIN, Leomar Antonio (org.). **Morte: uma abordagem para a vida**. Porto Alegre: EST Edições, 2007

NOVAES, Sylvia Caiuby. Tranças, cabeças e couros no funeral Bororo – a propósito de um processo de constituição de identidade. In: MARTINS, José de Souza (org.). **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. Editora Hucitec: São Paulo, 1983.

OLIVA -AUGUSTO, M. H. O moderno e o contemporâneo: reflexões sobre os conceitos de indivíduo, tempo e morte. **Tempo Social**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 105-119, 1995.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7 ed. Campinas: Pontes, 2007a.

ORLANDI, Eni. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5 ed. Campinas: Pontes, 2007b.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD – 69). In: GARDET, F., HAK, T. (orgs). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PENA, Felipe. **Teoria da jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Ivonete. **A dramatização no telejornalismo**. – Caras e bocas fazendo a notícia. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-RS, 1998.

PORCELLO, Flavio. Mídia e poder: os dois lados de uma mesma moeda. A influência política da TV no Brasil. In: VIZEU, Alfredo (org). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PORTO, Mauro. Novos apresentadores ou novo jornalismo? O Jornal Nacional antes e depois da saída de Cid Moreira. **Comunicação e Espaço Público**. Brasília, Ano V, n. 1 e 2, p. 9-31, 2002.

QUEIROZ, Renato da Silva. A morte e a festa dos vivos. In: MARTINS, José de Souza. **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1983.

REQUENA, Jesus González. **El discurso televisivo: espetáculo de la posmodernidad**. Madrid: Catedra, 1988.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Edições Achiamé Ltda: Rio de Janeiro, 1983.

ROTTENSTEIN, Annie. **O sentido da vida e da morte através dos tempos**. In: 1º Congresso Brasileiro de Tanatologia e Bioética. **Anais**. Belo Horizonte: 2003

RUFFIÉ, Jacques. **O sexo e a morte**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SCZPACENKOPF, Maria Izabel. **O Olhar do poder: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SCHLESINGER, Philip. Os jornalistas e a sua máquina do tempo. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

SCHARTZENBERG, Roger-Gérard. **O estado espetáculo**. São Paulo: Difel, 1978.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Carlos Eduardo Lins. **Muito além do jardim botânico**: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores. São Paulo: Summus, 1985.

SILVA, Marconi Oliveira. **O mundo dos fatos e a estrutura da linguagem**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 1998a.

SILVA, Oscar José de Plácido e . **Vocabulário Jurídico**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1998b.

SILVA, Juremir Machado da. O pensamento contemporâneo francês sobre a comunicação. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; e FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, Fernanda Maurício da. **Dos telejornais aos programas esportivos**: gêneros televisivos e modos de endereçamento. Dissertação de mestrado defendida no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, 2005.

SILVA, Juremir Machado. Depois do espetáculo (reflexões sobre a tese 4 de Guy Debord). In: SILVA, Juremir Machado, FREITAS, Cristiane. **Guy Debord**: antes e depois do espetáculo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

SILVA, Cristiane Valéria ; BRAGA, Claudia Mariza . Tele-dramaturgia: reflexões acerca dos elementos dramáticos na telenovela brasileira. In: II Colóquio de Psicologia da Arte: a correspondência das artes e a unidade dos sentidos, 2007, São Paulo. **Anais**. São Paulo : IP-UPS, 2007.

SIMMEL, George. A metafísica da morte. Trad. Simone Carneiro Maldonado. **Política & Trabalho**, ano 14, n. 14, João Pessoa, PPGS-UFPB. Setembro 1998, pp. 177-182.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalísticos. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

SOUSA JUNIOR, Walter. Apropriações melodramáticas: o caso Pedrinho no Jornal Nacional e em Senhora do Destino. **Comunicação & Educação**. Ano XI, n.2, p.197-206, maio/agosto 2006.

TAVARES, Olga. **Fernando Collor: o discurso messiânico, o clamor ao sagrado.** São Paulo: Annablume, 1998.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, Nelson. O paradigma do “Agenda-setting” – redescoberta do poder do jornalismo. In: MESQUITA, Mário (org.). **Revista Comunicação e Linguagem: comunicação e política.** N.21-22. Lisboa: Cosmo, 1995. p.189-221.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo.** A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como um ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** Lisboa: Vega, 1993.

VIDAL, Lux. A morte entre os índios Kayapó. In: MARTINS, José de Souza (org.). **A morte e os mortos na sociedade brasileira.** Editora Hucitec: São Paulo, 1983.

VIERTLER, Renata. Implicações adaptativas do funeral ao processo de mudança social entre os Bororo de Mato Grosso. In: MARTINS, José de Souza (org.). **A morte e os mortos na sociedade brasileira.** Editora Hucitec: São Paulo, 1983.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo (org.). **A sociedade do telejornalismo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WAINBERG, Jacques A. **Mídia e terror: comunicação e violência política.** São Paulo: Paulus, 2005.

WEAVER, Paul. As notícias de jornal e as notícias de televisão. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

YORKE, Ivor. **Telejornalismo**. São Paulo: Roca, 2006.